

VENCEDOR DO  
WORLD FANTASY AWARD

# REVIVENTE

"REPLAY"

## KEN GRIMWOOD

E SE VOCÊ VIVESSE SUA VIDA MAIS UMA VEZ?  
E MAIS UMA? E MAIS UMA...

 GUTENBERG

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**REVIVENTE** "REPLAY" **KEN GRIMWOOD**

TRADIÇÃO Rodrigo Seabra

**E SE VOCÊ VIVESSE SUA VIDA MAIS UMA VEZ?  
E MAIS UMA? E MAIS UMA...**

  
GUTENBERG

Copyright © 1986 Ken Grimwood  
Copyright © 1988 William Morrow Endeavour Entertainment  
Copyright © 2014 Editora Gutenberg

Título original: *Replay: What If You Could Live Your Life Over Again? And Again? And Again?*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL  
*Alessandra J. Gelman Ruiz*

EDITOR ASSISTENTE  
*Denis Araki*

ASSISTENTES EDITORIAIS  
*Carol Christo*  
*Felipe Castilho*

PREPARAÇÃO  
*Otacílio Nunes*

REVISÃO  
*Raquel Fernandes*  
Cecília Martins

CAPA  
*Rafael Nobre – Babilônia Editorial*

DIAGRAMAÇÃO  
*Christiane Moraes*

PRODUÇÃO DO E-BOOK  
*Schaffer Editorial*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil**

---

Grimwood, Ken

Revivente : e se você vivesse sua vida mais uma vez? E mais uma? E mais uma... -- / Ken Grimwood ; tradução Rodrigo Seabra. -- Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.  
Título original: *Replay: What If You Could Live Your Life Over Again? And Again? And Again?*

ISBN 978-85-8235-154-3

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

14-01017

CDD-813

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

**EDITORA GUTENBERG LTDA.**

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2.301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214 5700

Teleendas: 0800 283 13 22

[www.editoragutenberg.com.br](http://www.editoragutenberg.com.br)

*Para minha mãe e meu pai.*

# Sumário

Um  
Dois  
Três  
Quatro  
Cinco  
Seis  
Sete  
Oito  
Nove  
Dez  
Onze  
Doze  
Treze  
Catorze  
Quinze  
Dezesseis

Dezessete  
Dezoito  
Dezenove  
Vinte  
Vinte e um  
Epílogo

## Um

Jeff Winston estava ao telefone com a mulher quando morreu.

– Nós precisamos... – ela disse, mas ele nunca chegou a ouvir do que eles precisavam, porque teve a sensação de alguma coisa pesada se chocar contra seu peito, arrancando-lhe o fôlego. O telefone caiu de sua mão e quebrou o peso de papel de vidro que estava na mesa.

Ainda na semana anterior, ela tinha dito algo parecido:

– Sabe do que precisamos, Jeff? – e então houve uma pausa. Não infinita, não definitiva, como esta pausa mortal de agora, mas ainda assim um intervalo significativo. Ele estava sentado à mesa da cozinha, no lugar que Linda gostava de chamar de “cantinho do café”, ainda que não fosse exatamente um cantinho separado, só uma mesa de fórmica com duas cadeiras, o conjunto disposto de maneira desajeitada entre o lado esquerdo da geladeira e a frente da secadora de roupas. Linda estava cortando cebolas no balcão quando disse aquilo, e talvez tenham sido as lágrimas

nos cantos de seus olhos que o puseram a pensar, dando àquela pergunta uma importância maior do que a pretendida.

– Sabe do que precisamos, Jeff?

Presume-se que ele deveria ter respondido algo como “Do quê, querida?”, de um jeito distraído e desinteressado, ao mesmo tempo em que lia a coluna de Hugh Sidey sobre a presidência na *Time*. Mas Jeff não estava distraído; não estava nem aí para as bobagens que Sidey escrevera. Estava, na verdade, mais focado e atento àquele momento do que estivera nos últimos tempos. Ficou então calado por longos segundos, somente encarando as falsas lágrimas nos olhos de Linda e pensando em coisas de que eles precisavam, ele e ela.

Para começo de conversa, precisavam sumir dali, pegar um avião e ir para algum lugar quente e exuberante, talvez a Jamaica ou Barbados. Não tiravam férias de verdade desde aquela muito planejada – mas meio frustrante – turnê pela Europa cinco anos antes. Jeff não estava contando as viagens anuais à Flórida para ver seus pais, em Orlando, e os de Linda, em Boca Raton; aquelas eram somente visitas a um passado cada vez mais remoto e nada mais. Não, eles precisavam era de uma semana ou um mês em alguma decadente ilha estrangeira; fazer amor em praias desertas intermináveis; e, à noite, sentir o ar tomado por reggae como se fosse o perfume de flores de vermelho intenso.

Uma casa decente também seria bom, talvez uma daquelas antigas e imponentes na estrada de Upper Mountain em Montclair, na frente das quais eles já haviam passado de carro em tantos domingos melancólicos. Ou um lugar em White Plains, em estilo Tudor e com doze cômodos, na avenida Ridgeway, próximo aos campos de golfe. Não que ele estivesse interessado em começar a jogar golfe. É que talvez aqueles longos campos verdes, com nomes do tipo Maple Moor e Westchester Hills, formassem uma vizinhança mais agradável do que os acessos à via expressa Brooklyn-Queens e a área de aproximação de pouso do Aeroporto LaGuardia.

Eles também precisavam de uma criança em casa, embora Linda provavelmente sentisse essa necessidade de maneira mais contundente do que Jeff. Ele sempre imaginava seu filho ainda não nascido com oito anos

de idade, tendo pulado as trabalhosas primeiras fases da infância e ainda não alcançado os tormentos da puberdade. Uma criança boazinha, não especialmente linda ou precoce. Menino ou menina, isso nem importava; apenas uma criança que fosse dele e dela, que fizesse perguntas engraçadas, sentasse perto demais da televisão e mostrasse o brilho de sua individualidade em desenvolvimento.

Mas não haveria criança alguma. Já fazia anos que eles sabiam que era impossível, desde que Linda tinha passado por aquela gravidez ectópica em 1975. E também não haveria nenhuma casa em Montclair ou White Plains. O cargo de Jeff como diretor de jornalismo da rádio de notícias WFYI de Nova York, passava a imagem de mais prestígio e um salário melhor do que ele realmente tinha na prática. Talvez ele ainda conseguisse fazer a transição para a televisão, mas, aos quarenta e três anos, isso ficava cada vez mais improvável.

Nós precisamos... precisamos... conversar, ele pensou. Precisamos olhar bem nos olhos um do outro e somente dizer que não deu certo. Nada, nem o romance, nem a paixão, nem os planos gloriosos. Tudo ficou sem graça, e a culpa não é de ninguém. É só o jeito como as coisas aconteceram.

Mas é claro que eles nunca fariam aquilo. Aquela era a parte principal do grande problema: eles dificilmente conversavam a respeito de suas necessidades mais íntimas, nunca abordavam a pungente sensação de incompletude que se erguia o tempo inteiro entre eles.

Linda enxugou aquela lágrima descabida, induzida pela cebola, com as costas da mão.

– Está me ouvindo, Jeff?

– Sim, eu ouvi.

– Nós precisamos – ela disse, olhando na direção dele, mas não diretamente para ele – de uma nova cortina pro chuveiro.

Era bem possível que ela estivesse falando desse mesmo tipo de necessidade quando começou a falar aquela frase no telefone, no momento em que ele sentiu que morreria. O final da sentença poderia bem ser “...de uma dúzia de ovos”, ou então “...de filtros de café”.

Mas por que ele estava pensando em tudo aquilo, foi o que se perguntou. Afinal, pelo amor de Deus, ele estava morrendo. Será que seus últimos pensamentos não deveriam ser a respeito de algo mais profundo, mais filosófico? Ou talvez um *replay* acelerado dos pontos altos de sua vida, quarenta e três anos correndo como em uma fita de vídeo? Não era isso o que as pessoas viam quando se afogavam?

E a sensação era bem como a de um afogamento, ele pensou, enquanto os segundos dilatados se passavam com aquela terrível pressão no peito, o desespero infrutífero para respirar, a umidade pegajosa que tomava conta de seu corpo à medida que o suor salgado lhe corria pela testa e fazia arder seus olhos.

Afogando. Morrendo. Não, merda, essa palavra não é real, só é aplicável a flores ou bichos de estimação ou outras pessoas. A pessoas velhas ou doentes. Pessoas de má sorte.

Seu rosto caiu na escrivaninha, a bochecha direita pressionando a pasta de arquivos que ele estava prestes a estudar quando Linda ligou. A rachadura no peso de papel formava uma verdadeira caverna em frente ao seu único olho aberto. Era uma ruptura no próprio mundo, um reflexo irregular da agonia dilacerante dentro dele. Pelo vidro quebrado, ele podia ver os algarismos em vermelho brilhante no relógio digital que ficava em cima da mesa:

1:06 PM – 18 OUT 88

E então não havia mais nada em que ele deveria evitar pensar, porque o próprio ato de pensar já tinha deixado de existir.

Jeff não conseguia respirar.

Claro que ele não conseguia respirar. Estava morto.

Mas, se estava morto, como é que estava ciente do fato de que não conseguia respirar? Ou ciente de qualquer outra coisa, aliás?

Afastou a cabeça do cobertor embolado e respirou fundo. Era um ar estagnado, úmido, tomado pelo cheiro de seu próprio suor.

Então, ele não tinha morrido. Por alguma razão, perceber aquilo não o deixou extasiado, da mesma forma que não ficara aterrorizado antes, ao presumir que estava morrendo.

Talvez ele secretamente tenha aceitado bem o fim de sua vida. Agora, tudo só continuaria como antes: a insatisfação, a esmagadora ausência de ambição e esperança que foi a causa ou o resultado do fracasso de seu casamento – ele já não lembrava muito bem.

Jogou o cobertor para longe do rosto e chutou os lençóis amarfanhados. Uma música tocava quase inaudível em algum lugar do quarto escuro. Era das antigas: “Da Doo Ron Ron”, interpretada por um daqueles grupos femininos produzidos pelo Phil Spector.

Jeff procurou em volta um interruptor de abajur, completamente desorientado. Estaria em uma cama de hospital, recuperando-se do que lhe acontecera no escritório, ou em casa, acordando de um sonho pior que os de costume? Sua mão encontrou o abajur ao lado da cama e o acendeu. Estava em um quarto pequeno e bagunçado, com roupas e livros espalhados pelo chão, empilhados sem cuidado em duas escrivaninhas e cadeiras próximas. Não era nem um hospital nem seu quarto de casal, mas era de alguma forma familiar.

Uma mulher nua e sorridente olhava para ele de uma grande foto pregada na parede. Era um pôster de uma *Playboy* antiga. A morena voluptuosa estava deitada de bruços, timidamente, sobre um colchão de ar no convés de um barco, seu biquíni vermelho e branco de bolinhas amarrado na grade. Com seu estiloso quepe de capitão e o cabelo cuidadosamente arrumado e cheio de laquê, ela guardava semelhança nítida com Jackie Kennedy quando jovem.

As outras paredes, ele viu, tinham também decorações daquele tipo, datadas e juvenis: cartazes com toureiros, um gigantesco pôster de um Jaguar XK-E vermelho, a capa de um disco antigo de Dave Brubeck. Sobre uma das escrivaninhas, havia uma faixa azul, vermelha e branca com “FODA-SE O COMUNISMO” escrito em letras feitas de estrelas e listras.

Jeff deu um sorriso ao ver aquela faixa. Ele tinha encomendado uma igualzinha da então polêmica publicação *The Realist*, de Paul Krassner, quando estava na faculd...

Sentou-se abruptamente com os ouvidos pulsando.

Aquele abajur ajustável na mesa mais perto da porta sempre se soltava da base quando era movido, conforme se lembrava. E o tapete ao lado da cama de Martin tinha uma grande mancha vermelho-sangue – sim, bem ali! – daquela vez em que Jeff viera escondido com Judy Gordon e ela começara a dançar pelo quarto ao som dos Drifters e sem querer derrubara uma garrafa de Chianti.

A vaga confusão que Jeff sentira ao acordar deu lugar então a pura perplexidade. Ele jogou os cobertores, pulou da cama e andou tropeçadamente até uma das escrivaninhas. A dele. Deu uma olhada nos livros ali empilhados: *Padrões de cultura*; *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*; *Estatísticas populacionais*. Eram para a aula de Introdução à Sociologia, do doutor... o que mesmo? Danforth? Sanborn? Aquele que sempre tomava café depois da aula, às oito da manhã, que era dada em uma sala grande e embolorada em um dos extremos do *campus*. Jeff pegou o livro de Ruth Benedict e o folheou. Diversas partes estavam enfaticamente sublinhadas, com notas escritas nas margens com sua própria letra.

“...sucesso da semana na WQXI é das Crystals! E agora, essa próxima vai de Carol e Paula para o Bobby, em Marietta. As duas belezinhas mandam seu recado para Bobby nas palavras das Chiffons: ‘He’s soooo fine’...”

Jeff desligou o rádio e enxugou a película de suor que se formava em sua testa. Notou, com desconforto, que estava com uma bela ereção. Quanto tempo fazia que ele não ficava duro daquele jeito sem nem pensar em sexo?

Tudo bem, já estava na hora de entender o que estava acontecendo. Alguém estava fazendo alguma brincadeira extremamente bem elaborada com ele, mas ele não conhecia ninguém que gostasse de pregar peças. Mesmo que conhecesse, quem é que se disporia a ter tanto trabalho?

Aqueles livros com suas anotações já tinham sido jogados fora anos atrás, e ninguém poderia tê-los recriado com tanta precisão.

Havia um exemplar da *Newsweek* em sua mesa, com a matéria de capa falando da renúncia do chanceler da Alemanha Ocidental Konrad Adenauer. A data era 6 de maio de 1963. Jeff olhou fixamente para aqueles números, esperando que lhe ocorresse alguma explicação racional para tudo aquilo.

Não veio nada.

A porta do quarto se abriu e a maçaneta de dentro bateu em uma estante de livros. Como sempre acontecia.

– Ei, o que você ainda está fazendo aqui? Já são quinze pras onze! Achei que você tinha uma prova de Literatura Norte-Americana às dez da manhã.

Martin estava parado na porta com uma Coca na mão e uma pilha de livros na outra. Martin Bailey, colega de quarto de Jeff no primeiro ano de faculdade, seu amigo mais próximo nos anos de universidade e também nos seguintes.

Martin tinha se suicidado em 1981, logo depois de se divorciar e de falir em consequência disso.

– E aí, o que você vai fazer? – Martin perguntou. – Tirar zero?

Jeff olhou para o amigo, morto há tanto tempo, estarrecido e sem dizer uma palavra. A linha de seu cabelo grosso e escuro ainda não tinha começado a recuar, o rosto não tinha rugas, os olhos eram brilhantes e adolescentes, ainda não tinham conhecido a dor.

– Ei, o que há com você? Tudo bem, Jeff?

– Eu... não estou me sentindo muito bem.

Martin riu e jogou os livros na cama.

– Nem me fala! Agora eu sei por que meu pai me avisou para não misturar uísque escocês e *bourbon*. Mas olha, que broto que estava conversando com você ontem no Manuel, hein? Judy teria te matado se tivesse te visto lá. Qual era o nome dela?

– Hãã...

– Ah, que é isso, você não estava tão bêbado assim. Vai ligar pra ela?

Jeff se afastou em crescente pânico. Havia mil coisas que ele queria dizer a Martin, mas nenhuma delas faria sentido algum, assim como toda aquela situação insana.

– Ei, alguma coisa errada, cara? Você está com uma cara péssima.

– Eu... hã... preciso ir lá fora. Preciso tomar um ar.

Martin franziu a sobrancelha confuso.

– É, acho que precisa mesmo.

Jeff pegou sua calça chino que estava displicentemente jogada na cadeira à frente de sua mesa, abriu o armário próximo à cama e achou uma camisa de madras e um casaco de veludo cotelê.

– Passe na enfermaria – disse Martin. – Diga a eles que você está com um resfriado. Talvez o Garrett te deixe fazer a prova.

– É. Isso aí.

Jeff se vestiu com pressa e calçou um par de mocassins de couro. Já estava prestes a hiperventilar, então se forçou a respirar mais pausadamente.

– Não se esqueça de que hoje à noite tem *Os pássaros*, hein? A Paula e a Judy vão nos encontrar no Dooley às sete. Vamos comer alguma coisa antes.

– Certo. A gente se vê.

Jeff foi para o corredor e fechou a porta. Chegou à escada e desceu voando três lances, cumprimentando com um desleixado “Aê!” um dos jovens que passaram ao seu lado e o chamou pelo nome.

A entrada estava da forma como ele se lembrava: uma sala de TV à direita, vazia no momento, mas sempre lotada quando havia eventos esportivos ou algum informativo sobre coisas espaciais; um grupo de mocinhas que conversavam entre si à espera dos namorados, logo abaixo da escada que elas eram proibidas de subir; máquinas de refrigerante em frente aos quadros de avisos onde os estudantes pregavam anúncios de compra e venda de carros, livros, apartamentos e pedindo carona para Macon, Savannah ou Flórida.

Lá fora, os cornisos estavam em plena floração, inundando o *campus* com um brilho rosa e branco que parecia se refletir no polido mármore

branco dos majestosos prédios em estilo greco-romano. Sem dúvida, aquela era a Emory – entre as universidades do sul, a mais projetada para se parecer com uma instituição nos moldes Ivy League, mas que fosse bem própria daquela região. A atemporalidade almejada pela arquitetura era desorientadora. Ao correr pelo bloco e passar pela biblioteca e pelo prédio da escola de Direito, Jeff notou que poderia estar tanto em 1988 quanto em 1963. Não havia pistas mais contundentes da época, nem mesmo nas roupas e nos cabelos curtos dos estudantes que passeavam e se distraíam nos gramados. A moda jovem dos anos 1980, à parte o visual pós-apocalíptico *punk*, era virtualmente indistinguível daquela de seus primeiros dias na faculdade.

Meu Deus, quanto tempo ele passara neste *campus*, quantos sonhos formulara aqui e nunca se realizaram...? Havia ainda aquela pontezinha que levava à escola cristã – quantas vezes ele não passara por ela com Judy Gordon? E, mais à frente, perto do prédio de Psicologia, era onde ele se encontrara com Gail Benson na hora do almoço quase todos os dias do primeiro ano, em sua primeira e única amizade platônica verdadeira com uma mulher. Como é que ele não aprendera mais coisas em seu contato com Gail? Como é que ele podia ter se distanciado tanto, de tantas maneiras diferentes, dos planos e das aspirações que nasceram na tranquilidade destes jardins verdes, destas construções tão nobres?

Jeff já tinha corrido quase dois quilômetros quando chegou à entrada principal do *campus*, e imaginava que devia estar sem fôlego, mas não estava. Ficou parado na pequena elevação logo abaixo da igreja Glenn Memorial, olhando para a estrada norte de Decatur e para a vila Emory, o pequeno centro de negócios que atendia o pessoal do *campus*.

A fila de lojas de roupas e livrarias era mais ou menos familiar. Um lugar em especial, a Horton's Drugs, trouxe uma enxurrada de memórias. Ele se viu nas estantes de revistas, na máquina de refrigerantes branca e comprida, nos compartimentos forrados de couro vermelho com *jukeboxes* individuais. Pôde até ver o rosto jovem de Judy Gordon do outro lado da mesa em uma daquelas cabines e sentir o perfume de seus cabelos louros.

Balançou a cabeça e se concentrou na paisagem à sua frente. Mais uma vez, não tinha como distinguir ao certo que ano era aquele. Ele não tinha estado em Atlanta desde a conferência sobre terrorismo e mídia da Associated Press em 1983, e não tinha estado no *campus* da Emory desde... Deus, desde provavelmente um ou dois anos depois de se formar. Não tinha como saber se todas aquelas lojas continuavam as mesmas ou se tinham sido substituídas por arranha-céus ou talvez um shopping.

No entanto, era possível notar algo pelos carros: quando olhou em volta, percebeu que não havia nenhum Nissan ou Toyota à vista em toda a rua. Eram só modelos antigos, na maioria grandões, bebedores de gasolina, aqueles típicos de Detroit. E “antigos”, pelo que ele estava vendo, não significava somente do começo dos anos 1960. Passavam por ali muitos daqueles monstros rabos de peixe que datavam do meio dos anos 1950 – e é claro que haveria carros de seis ou oito anos de idade em 1963, da mesma forma que havia em 1988.

Mas nada ainda era conclusivo. Ele já estava até começando a imaginar se aquele breve encontro com Martin no alojamento não teria sido apenas um sonho mais vívido que o normal, no meio do qual ele acordara. Não havia dúvida de que estava com certeza acordado naquele momento, e de que estava em Atlanta. Talvez ele tivesse ficado bêbado demais tentando esquecer a bagunça monótona em que sua vida tinha se transformado, e acabara pegando um voo da meia-noite em um impulso momentâneo de nostalgia. Aquela predominância de carros antigos poderia ser uma coincidência. A qualquer momento, alguém passaria dirigindo um daqueles caixotes japoneses que ele já estava acostumado a ver em todo lugar.

Havia um jeito simples de resolver a questão de uma vez por todas. Ele trotou morro abaixo em direção ao ponto de táxi que ficava na estrada de Decatur e pegou o primeiro dos três carros azuis e brancos que estavam lá. O motorista era jovem, talvez até fosse um estudante também.

– Para onde, amigo?

– Hotel Peachtree Plaza, por favor – Jeff disse.

– Como?

– O Peachtree Plaza, no centro.

– Acho que eu não conheço esse lugar. Tem um endereço?

Deus, esses motoristas de hoje... Será que não deveriam fazer alguma prova, decorar os mapas da cidade, os marcos...?

– Você sabe onde é o Regency, não sabe? E o Hyatt House?

– Ah, sim, esses eu sei. É pra lá que você quer ir?

– É bem perto de lá.

– Então tudo bem, amigo.

O motorista seguiu na direção sul por alguns quarteirões e virou à direita na avenida Ponce de Leon. Jeff pôs a mão no bolso da calça e subitamente percebeu que poderia estar sem dinheiro algum naquelas roupas estranhas, mas achou no bolso de trás uma carteira marrom surrada que parecia não ser dele.

Pelo menos havia dinheiro dentro – duas de vinte, uma de cinco, algumas de um. Não precisava se preocupar com a corrida de táxi. Ele reembolsaria quem quer que fosse o dono da carteira quando a devolvesse junto com as roupas que tinha pegado... onde? De quem?

Abriu uma das pequenas divisões da carteira em busca de respostas. Encontrou uma carteirinha de identificação de estudante da Universidade Emory em nome de Jeffrey L. Winston. Um cartão da biblioteca também em seu nome. Um recibo de uma lavanderia em Decatur. Um guardanapo de papel dobrado com o nome de uma garota, Cindy, e um número de telefone. Uma fotografia de seus pais posando ao lado da antiga casa em Orlando, onde eles viviam antes de seu pai ficar doente. Uma foto colorida de Judy Gordon rindo e jogando uma bola de neve, seu rosto dolorosamente jovem e alegre emoldurado por um colarinho de pele branco virado para cima para proteger do frio. E uma habilitação expedida na Flórida para Jeffrey Lamar Winston, válida até 27 de fevereiro de 1965.

No topo do Hyatt Regency, Jeff se sentou sozinho a uma mesa para dois no bar Polaris, que tinha formato de disco voador, e ficou assistindo ao descoberto horizonte de Atlanta girar em torno dele uma vez a cada

quarenta e cinco minutos. O motorista do táxi não tinha sido tão ignorante assim; afinal, o enorme cilindro de setenta andares do Peachtree Plaza simplesmente não existia ainda. E também não estavam lá as torres do Omni International, o bloco de pedra cinza do Edifício Georgia Pacific e a enorme caixa preta do Equitable. A mais imponente estrutura em todo o centro de Atlanta era o próprio Hyatt, com seu tão copiado átrio no salão de entrada. Uma rápida conversa com a garçonete, entretanto, deixou claro que o hotel era novo e ainda sem par.

O momento mais difícil veio quando Jeff se olhou no espelho que havia no fundo do bar. Ele o fez de propósito, sabendo muito bem o que veria, mas ainda assim ficou chocado ao encarar seu próprio reflexo, um rapaz de dezoito anos pálido e longilíneo.

De um ponto de vista objetivo, o garoto no espelho parecia mais maduro do que se poderia supor; afinal, ele raramente tinha problemas ao pedir uma bebida com aquela idade, exatamente como tinha conseguido com a garçonete momentos antes. Mas Jeff sabia que aquilo era apenas uma ilusão causada por sua altura e seus olhos fundos. De seu próprio ponto de vista, aquela imagem no espelho era a de uma juventude ainda não calejada e castigada pela vida.

E era uma juventude que ele realmente tinha. Não era uma lembrança, era ali, naquela hora e lugar, as mãos sem rugas segurando sua bebida, os olhos aguçados e precisos que ele estava usando para enxergar.

– Gostaria de mais um, querido?

A garçonete sorriu simpaticamente para ele, com seus lábios em vermelho intenso, logo abaixo dos olhos pesadamente maquiados e do antiquado penteado colmeia. Ela usava uma roupa então tida como futurista, um minivestido azul iridescente do mesmo tipo que mocinhas de todos os cantos usariam dali a dois ou três anos.

Dois ou três anos depois de hoje. No começo dos anos 1960.

Jesus Cristo!

Não dava mais para negar o que tinha acontecido; ele não conseguiria racionalizar aquilo de qualquer forma que pudesse parecer outra coisa.

Estava morrendo de infarto, e então sobrevivera; estava em seu escritório em 1988 e agora se encontrava... aqui. Em Atlanta, 1963.

Jeff, sem sucesso, buscou em volta de si alguma explicação, alguma coisa que fizesse o mais vago sentido. Tinha lido uma boa quantidade de ficção científica quando adolescente, mas aquela situação não guardava nenhuma semelhança com qualquer trama de viagem no tempo que ele já tivesse visto. Não havia máquina do tempo nem cientista, louco ou não; e ainda, diferentemente dos personagens cujas histórias ele lera com tanto entusiasmo, seu corpo havia se regenerado para um estado mais remoçado. Era como se apenas sua mente tivesse dado um salto de anos para trás e apagado sua consciência anterior para então ocupar o cérebro do seu eu aos dezoito anos de idade.

Teria ele, então, se livrado da morte ou somente dado uma tapeada? Em algum futuro alternativo, seu corpo sem vida estaria jazendo em um necrotério de Nova York, sendo fatiado e dissecado pelo bisturi de um médico-legista?

Talvez ele estivesse em coma e seu estado de desesperança tivesse se transformado em uma nova vida imaginária sob as ordens de um cérebro moribundo e destruído. E ainda assim... ainda assim...

– Querido? – perguntou a garçonete. – Vai querer que eu encha seu copo de novo ou não?

– Eu, hã, acho que vou querer uma xícara de café, se não tiver problema.

– Claro. Talvez um café irlandês?

– Não, não. Só o café mesmo. Com um pouco de leite, sem açúcar.

A moça do passado trouxe seu café, e Jeff ficou encarando as luzes que se espalhavam naquela cidade ainda em construção, à medida que elas iam se acendendo sob o céu do crepúsculo. O sol já havia desaparecido atrás dos morros de terra vermelha que se estendiam até o Alabama, que se estendiam por anos de mudanças caóticas e radicais, cheios de tragédias e sonhos.

Ainda soltando fumaça, o café queimou seus lábios, e Jeff os resfriou com um gole de água gelada. O mundo além daquelas janelas não era de

sonho; era tão sólido quanto inocente, tão real quanto incorrigivelmente otimista.

Primavera de 1963.

Havia tantas escolhas a fazer.

## Dois

Jeff passou todo o fim de tarde andando pelas ruas do centro de Atlanta, com olhos e ouvidos atentos a todas as nuances daquele passado recriado: as placas indicando “pessoas brancas” e “pessoas de cor” nos banheiros públicos, mulheres usando chapéu e luvas, um anúncio de viagem do navio *Queen Mary* para a Europa na vitrine de uma agência de turismo, um cigarro na mão de quase todos os homens que passavam. Não sentiu fome até depois das onze da noite, quando pediu um hambúrguer e uma cerveja em uma pequena lanchonete perto de Five Points. Pensou se recordar vagamente daquele botequim genérico como sendo um lugar aonde ele e Judy iam vinte e cinco anos atrás para comer algo depois de assistir a um filme. Mas, naquele momento, Jeff estava tão confuso, tão exausto depois de ver aquela enxurrada de novos/velhos lugares e paisagens, que não podia afirmar com certeza. Cada fachada de loja e cada estranho que passava começaram a parecer perturbadoramente familiares, ainda que ele soubesse que não tinha como se lembrar de tudo o que já

vira antes. Tinha perdido a capacidade de distinguir as falsas memórias daquelas que eram reais além de qualquer dúvida.

Precisava desesperadamente dormir um pouco, isolar-se daquilo tudo por um tempo, e talvez então, contrariando todas as probabilidades, acordar novamente no mundo que deixara para trás. O que ele mais queria naquele momento era um quarto de hotel sem nenhum indício de época, anônimo e sem vista para o horizonte alterado da cidade, sem rádio nem televisão que pudessem lembrá-lo do que lhe havia acontecido. Contudo, não tinha dinheiro suficiente e, claro, nenhum cartão de crédito. A não ser que quisesse dormir no Parque Piedmont, a única alternativa para Jeff era voltar ao alojamento da Emory. Talvez Martin já estivesse dormindo.

Mas não estava. Seu colega de quarto se encontrava bem acordado, sentado à sua escrivaninha, folheando um exemplar da *High Fidelity*. Olhou para cima sem se alterar e pôs a revista de lado quando Jeff entrou no quarto.

– E aí...? – disse Martin. – Onde é que você se meteu?

– No centro. Só dando uma volta.

– E não te ocorreu dar uma volta pelo Dooley, não? Ou talvez dar uma passadinha no Cine Fox? Nós quase perdemos o começo da porcaria do filme esperando por você.

– Me desculpe. Eu... não estava me sentindo muito disposto. Não esta noite.

– O mínimo que você poderia ter feito era deixar uma porra de um recado ou algo do tipo. Você nem ligou para a Judy, pelo amor de Deus. Ela ficou louca, preocupada com você, imaginando que tinha acontecido alguma coisa.

– Olha, eu estou realmente exausto. Não estou muito a fim de conversar, tudo bem?

Martin riu sem convicção.

– Espero então que amanhã você esteja mais a fim de conversar, se quiser ver a Judy de novo. Ela vai ficar furiosa com você quando descobrir que você não morreu.

Jeff sonhou que estava morrendo e, ao acordar, se viu ainda naquele alojamento da faculdade. Nada havia mudado. Martin não estava lá, provavelmente tinha saído para a aula. Mas Jeff se lembrou de que era sábado de manhã. Será que tinha aula aos sábados? Ele não tinha certeza.

Em todo caso, estava sozinho no quarto e tirou vantagem daquela privacidade para vasculhar sem rumo sua mesa e seu armário. Os livros eram todos familiares: *Limite de segurança*; *Como se faz um presidente da República*; *Viajando com Charley*. Os discos, em suas capas novinhas, ainda não desbotadas ou danificadas, remetiam a centenas de imagens que apelavam a todos os sentidos, retratando os muitos dias e noites que ele passara ouvindo aquelas músicas: Stan Getz e João Gilberto, Kingston Trio, Jimmy Witherspoon, dezenas de outros, a maioria dos quais ele tinha perdido fazia tempo ou tocado até gastar.

Jeff ligou o toca-discos Harman Kardon que seus pais haviam lhe dado de Natal, pôs para tocar “Desafinado” e continuou a perscrutar seus pertences de jovem: cabides atulhados de calças com barra virada e jaquetas esportivas Botany 500, um troféu de tênis do colégio interno nos arredores de Richmond, em que ele tinha estudado antes de ir para a Emory, uma coleção cuidadosamente embalada de taças para Hurricane do bar Pat O’Brien, de Nova Orleans, pilhas bem organizadas de revistas *Playboy* e *Rogue*.

Encontrou ainda uma caixa cheia de cartas e fotografias. Puxou-a para fora e se sentou na cama para examinar o conteúdo. Havia imagens dele mesmo quando criança, retratos de garotas cujos nomes ele não lembrava mais, algumas tiras de cabines fotográficas com ele fazendo caretas e uma pasta menor cheia de fotos de família, com seu pai, sua mãe e sua irmã mais nova fazendo piquenique, ou na praia, ou em volta da árvore de Natal.

Em um impulso, ele enfiou a mão no bolso e tirou alguns trocados, procurou o telefone público que ficava no corredor e perguntou à telefonista qual era o número, há muito esquecido, de seus pais em Orlando.

– Alô? – disse sua mãe naquele tom distraído que só fez aumentar ao longo dos anos.

– Mãe? – ele disse, vacilante.

– Jeff! – sua voz ficou distante por um momento quando ela se afastou do bocal do telefone. – Querido, pegue o telefone aí na cozinha. É o Jeff.

E então continuou, mais claramente e discernível outra vez:

– E que negócio é esse de “mãe”? Você acha que já está velho demais pra me chamar de “mamãe”, é isso?

Ele não chamava sua mãe daquele jeito desde que tinha vinte e poucos anos.

– Como... Como vocês estão? – ele perguntou.

– Ah, não é a mesma coisa desde que você foi embora, você sabe. Mas estamos nos ocupando aqui. Fomos pescar em Titusville na semana passada. Seu pai pegou um pampo de treze quilos. Queria poder te mandar um pouco. É o peixe mais macio que você possa imaginar. Guardamos um bocado no freezer pra você, mas não vai ser a mesma coisa que comê-lo fresco.

Aquelas palavras trouxeram de volta à mente dele uma torrente de memórias, todas levemente ligadas umas às outras: fins de semana de verão no barco de seu tio no Atlântico, o sol brilhando no cais lustroso enquanto uma faixa de nuvens pesadas avançava no horizonte, as cidadezinhas mal-acabadas de Titusville e Cocoa Beach antes da instalação das dependências da NASA, o grande congelador branco que ficava na garagem de casa cheio de bifês e peixes, e em cima dele as prateleiras com caixas de revistas em quadrinhos antigas e romances de Heinlein.

– Jeff? Você está aí?

– Ah, estou. Desculpe... mamãe. Por um minuto, esqueci por que tinha ligado.

– Ah, meu querido, você sabe que não precisa de nenhum motivo especial para...

Fez-se um pequeno estalo na chamada e ele então ouviu a voz de seu pai.

– Mas olha, é só falar no diabo... Nós estávamos conversando a seu respeito agora mesmo, não estávamos, querida?

– Pois é – disse a mãe. – Não tem nem cinco minutos. Eu estava dizendo justamente que fazia muito tempo que você não telefonava.

Jeff não fazia ideia se aquilo significava uma semana ou um mês, e não queria perguntar.

– Oi, pai – ele respondeu rapidamente. – Ouvei falar que você pegou um pampo daqueles de ganhar prêmio.

– É, você deveria ter visto! – riu o pai. – O Bud não conseguiu nem uma fígada o dia todo e a única coisa que a Janet pegou foi queimadura de sol. Está descascando até hoje, parecendo um camarão que cozinhou demais.

Jeff se lembrou com dificuldade de que aqueles eram os nomes de um dos casais amigos de seus pais, mas não conseguiu associá-los a nenhum rosto. Ficou fascinado com a vitalidade e a energia que os dois exalavam. Seu pai tinha ficado muito doente de enfisema em 1982, e depois daquilo mal saía de casa. Só com muita dificuldade Jeff podia imaginá-lo indo para o mar e vencendo uma disputa de pescaria em águas profundas, com o cigarro Pall Mall no canto da boca já úmido com os respingos de água. Na verdade, pensou Jeff entorpecido, seus pais tinham naquele momento quase a mesma idade que ele – ou pelo menos a idade que ele tinha ontem.

– Ah – disse a mãe. – Encontrei com a Barbara outro dia. Ela está indo muito bem na Rollins e disse que Cappy conseguiu resolver aquele problema.

Barbara, conforme Jeff se lembrava vagamente, era uma garota com quem ele saía no colégio; mas o nome “Cappy” não o remetia a ninguém.

– Obrigado, mãe – disse Jeff. – Da próxima vez que você vir a Barbara, diga que eu fico feliz de saber disso.

– Você ainda está saindo com a Judy? – perguntou a mãe. – Que linda aquela foto que você nos mandou dela. Mal podemos esperar para conhecê-la. Como ela está?

– Ela está ótima – ele disse de maneira evasiva, quase desejando não ter feito aquele telefonema.

– E como está o Chevy? – interveio o pai. – Ainda queimando óleo do mesmo jeito?

Deus... Jeff nem pensava naquele carro havia anos.

– Tudo bem com o carro, papai – mas era só um chute. Ele nem sabia onde o carro estava parado. Aquele monstro fumacento tinha sido presente de formatura de seus pais, e ele o dirigira até o carro entregar os pontos no último ano da faculdade.

– E as suas notas aí? E aquele trabalho do qual você estava reclamando, aquele sobre... Sabe, aquele de que você falou na semana passada, que estava dando problemas. O que era aquilo, mesmo?

– Na semana passada? Ah, era... o de História. Eu terminei. Ainda não recebi a nota.

– Não, não. Não era de História. Você disse que era de Literatura Norte-Americana, eu acho. Era sobre o quê?

Uma voz de criança subitamente veio ao telefone, murmurando algo com excitação. Jeff tomou um susto ao perceber que aquela era sua irmã – uma mulher que já passara por dois divórcios e tinha uma filha prestes a entrar no ensino médio. Ao ouvir sua exuberância aos nove anos de idade, Jeff ficou tocado. A voz da irmã parecia a própria personificação da inocência perdida, do tempo que melancolicamente se dobrara sobre si mesmo.

A conversa com sua família tinha ficado sufocante e perturbadora, muito desconfortável. Ele a interrompeu ali mesmo e prometeu ligar dali a alguns dias. Quando desligou, sua testa estava úmida com o suor frio e sua garganta estava seca. Ele desceu a escada até a entrada, comprou uma Coca com uma moeda de vinte e cinco centavos e a esvaziou com somente três longos goles. Alguém estava na sala de TV assistindo à série *Sky King*.

Jeff procurou no outro bolso e puxou um chaveiro. Uma das seis chaves era a de seu quarto no alojamento, a que ele usara para entrar de volta na noite anterior. Havia outras três que ele não reconheceu e mais duas que

eram claramente uma chave de ignição e outra de porta-malas da General Motors.

Ele foi para fora, os olhos piscando sob o brilhante sol da Geórgia. Havia uma sensação de fim de semana no *campus*, uma distinta tranquilidade preguiçosa que Jeff reconheceu de imediato. Na ala das fraternidades, como ele já sabia, haveria grupos de aspirantes passando pano no chão das casas e pendurando enfeites de papel machê para as festas de sábado à noite. As garotas do prédio Harris e do novo alojamento feminino que ainda nem tinha nome estariam por ali usando bermuda e sandália, à espera dos namorados, que passariam à tarde e as levariam para passear em Soap Creek ou Stone Mountain. À sua esquerda, Jeff ouvia os cânticos do pessoal do CPOR da aeronáutica fazendo suas manobras sem dizer ironias ou palavras de protesto. Ninguém estava jogando *frisbee* na grama e não havia nenhum cheiro de maconha no ar. Aqueles estudantes não poderiam imaginar as mudanças pelas quais o mundo estava prestes a passar.

Ele deu uma olhada geral para o estacionamento em frente ao prédio Longstreet em busca de seu Chevy 58 azul e branco. Não havia sinal do carro. Então, andou pela rua Pierce e fez a longa volta na Arkwright depois do prédio Dobbs até atrás do outro bloco de alojamentos masculinos. O carro também não estava lá.

Ao caminhar em direção à estrada de Clifton, ouviu novamente os comandos e respostas entoados aos gritos vindo do campo do CPOR. Esse som de alguma forma provocou um estalo em sua cabeça, e ele então virou à esquerda em uma pontezinha que ficava em frente ao posto dos correios, e dali subiu com dificuldade a rua que vinha depois da fraternidade médica Phi Chi. A área do *campus* terminava ali, e apenas um quarteirão adiante ele foi encontrar seu carro. Como ele era calouro, não tinha direito ainda ao adesivo que liberava o estacionamento, só no outono seguinte. Tinha de parar o carro fora do *campus* durante aquele primeiro ano. E, mesmo assim, havia um bilhete de multa preso no para-brisa. Ele deveria ter mudado o carro de lugar naquela manhã, de acordo com a placa que estava logo à sua frente.

Sentou-se ao volante, e então o cheiro e o toque no carro evocaram um inebriante amontoado de sensações. Ele havia passado centenas, talvez milhares de horas naquele banco puído, em filmes nos *drive-ins* e em restaurantes com Judy, em viagens com Martin ou outros amigos ou mesmo sozinho – para Chicago, para a Flórida, e uma vez durante todo o percurso até a Cidade do México. Tinha deixado de ser adolescente e se transformado em adulto dentro daquele carro, muito mais do que em qualquer quarto ou apartamento ou mesmo cidade. Naqueles bancos, tinha feito amor, tinha ficado bêbado, tinha ido ao enterro precoce de seu tio preferido; já tinha usado aquele motor V8 temperamental, porém forte, para expressar raiva, alegria, depressão, tédio, remorso... Nunca havia dado um nome ao carro, porque considerava a ideia muito infantil. Mas então percebeu como aquela máquina tinha sido importante para ele, quanto sua própria identidade estava mesclada à personalidade cheia de manias do velho Chevy.

Jeff enfiou a chave na ignição e deu partida. O motor primeiro deu uma tossida e então rugiu com vida. Ele virou o carro e pegou a direita na Clifton, depois do bloco semiconstruído do Centro de Doenças Transmissíveis. Eles ainda o chamavam de “o Centro” nos anos 1980, mas o nome havia mudado para Centro de Controle de Doenças. Aquele lugar ficaria famoso no mundo todo pelos estudos em moléstias que futuramente causariam pânico generalizado, como legionelose e aids.

O futuro: pragas horríveis, uma revolução dos hábitos sexuais que tinha acontecido e depois sido revertida, o triunfo e a tragédia no espaço, as ruas das grandes cidades assombradas por *punks* de olhar vazio usando couro, correntes e cabelos espetados cor-de-rosa, raios da morte orbitando o planeta poluído e congestionado... “Meu Deus”, Jeff pensou com um calafrio. Sob aquele ponto de vista, o mundo em que ele vivia se assemelhava ao pior dos pesadelos da ficção científica. Em muitos aspectos, a realidade com a qual ele se acostumara tinha mais em comum com filmes como *Blade Runner* do que com a ingenuidade ensolarada do começo de 1963.

Ele ligou o rádio, que tinha somente AM, em mono e cheio de estática, sem nenhuma transmissão em FM. Ruby and the Romantics cantavam para ele “Our day will come”, e Jeff soltou uma risada.

Na estrada de Briarcliff, virou à esquerda e dirigiu sem destino pela arborizada área residencial que ficava a oeste do *campus*. A rua se transformou na avenida Moreland, depois de certa distância, e ele continuou em frente, passando pelo Parque Inman e pela Penitenciária Federal onde Al Capone cumprira sua pena. A sinalização das ruas desapareceu quando ele já estava na rodovia de Macon, indo para o sul.

O rádio foi lhe fazendo companhia com sua inesgotável coleção de sucessos pré-Beatles: “Surfin’ USA”, “I will follow him”, “Puff, the magic dragon”. Jeff cantou junto com todas elas, fazendo de conta que estava ouvindo uma estação de músicas antigas. Convenceu-se de que só precisava apertar outro botão e aí ouviria Springsteen ou Prince, ou talvez uma rádio de jazz tocando o último lançamento de Pat Metheny em CD. Por fim, o sinal começou a falhar e com ele foi-se sua fantasia. E bem que ele procurou, mas não conseguia achar mais nada que não fosse somente mais e mais daquela música antiquada. Mesmo as rádios country jamais tinham ouvido falar de Willie ou Waylon; era só Ernest Tubbs e Hank Williams, não tocavam nenhum fora da lei.

Nos arredores de McDonough, passou por uma banquinha de beira de estrada que vendia pêssegos e melancias. Ele e Martin tinham parado em uma banca muito parecida em uma de suas viagens à Flórida, mas fizeram isso especialmente por causa da mocinha fazendeira de longas pernas e short branco que estava vendendo as frutas. Junto dela estava um pastor alemão. Depois de muita conversinha besta contrapondo meninos da cidade e meninas do campo, ele e Martin acabaram comprando a maior cesta de pêssegos que ela tinha. Eles nem estavam interessados nas frutas e enjoaram do cheiro depois de uns cinquenta quilômetros, e então começaram a usá-las para treinar tiro ao alvo nas placas da estrada, comemorando com ridículo entusiasmo cada bom lançamento.

Aquilo tinha sido, sei lá, no verão de 1964 ou talvez 1965? Isso seria dali a um ou dois anos. Ou seja, ele e Martin ainda não tinham feito

aquela viagem, não tinham comprado os pêssegos, não tinham manchado ou deformado metade das placas de limite de velocidade no caminho até Valdosta. E o que isso significava? Se Jeff ainda estivesse preso nesta reconstrução do passado quando aquele dia de junho chegasse de novo, será que ele faria a mesma viagem? Ele e Martin contariam as mesmas piadas e jogariam aqueles mesmos pêssegos maduros nas mesmas placas? E se ele resolvesse que não, que ficaria em Atlanta naquela semana, ou então se simplesmente passasse sem parar pela mocinha das pernas compridas e das frutas... como ficariam suas lembranças daquele episódio? De onde elas teriam vindo e o que aconteceria com elas?

Em certo sentido, tudo indicava que ele estava revivendo sua vida, como se estivesse revendo um vídeo; mas não parecia que estivesse limitado pelo que de fato acontecera antes, pelo menos não inteiramente. Até onde podia afirmar, ele havia retornado àquele ponto de sua vida repetindo as mesmas circunstâncias de outrora – matriculado na Emory, dividindo o quarto com Martin, cursando as mesmas matérias de um quarto de século atrás. Entretanto, nas vinte e quatro horas desde que tinha acordado ali outra vez, ele já tinha começado sutilmente a se desviar dos caminhos que percorrera originalmente.

Faltar ao encontro com Judy na noite anterior havia sido a maior e mais óbvia mudança, ainda que isso não fosse necessariamente afetar nada no quadro geral. Eles só namoraram por mais seis ou oito meses, pelo que ele se recordava, até perto do Natal seguinte. Ela o deixara por um cara “mais velho”, lembrou-se com um sorriso, um aluno mais avançado que fazia Medicina em Tulane. Jeff tinha ficado magoado e deprimido por algumas semanas, mas então começara a sair com várias outras garotas: teve uma morena magrinha chamada Margaret, durante um tempo, e depois outra de cabelo escuro cujo nome começava com D ou V, e aí uma loura que conseguia dar um nó em um cabinho de cereja com a língua. Ele só conheceria Linda, a mulher com quem se casaria, depois de ter saído da faculdade e começado a trabalhar na rádio de West Palm Beach. Ela era aluna da Universidade Florida Atlantic. Eles se conheceram na praia em Boca Raton e...

Deus, onde estaria Linda naquele momento? Dois anos mais nova que ele, ela ainda frequentava o colégio e vivia com os pais. Jeff teve uma súbita vontade de ligar para ela, ou talvez continuar dirigindo rumo ao sul até Boca Raton e então vê-la, conhecê-la... Não, aquilo de jeito nenhum poderia acontecer. Seria muito esquisito. Fazer uma coisa dessas seria sair perigosamente do curso normal das coisas, poderia criar algum paradoxo terrível.

Será que criaria? Será que ele precisava mesmo se preocupar com paradoxos, com aquela velha teoria de “e se você matasse o seu avô”? Talvez aquela não fosse uma preocupação legítima de jeito nenhum. Ele não era um forasteiro que estava se intrometendo naquela época, temeroso de encontrar a si mesmo em versão mais jovem. A versão mais jovem era ele próprio, um componente integral daquele mundo. Só sua mente é que vinha do futuro – e o futuro existia só em sua mente.

Jeff teve de parar o carro no acostamento por uns minutos, com as mãos na cabeça, tentando entender as implicações daquilo. Ele já tinha se perguntado antes se estaria sonhando com aquela existência prévia. No entanto, e se o contrário é que fosse a verdade? E se toda a complexidade das próximas duas décadas e meia – tudo, da queda de Saigon à *new wave* na música e aos computadores pessoais – é que fosse a ficção, que teria de alguma forma surgido inteirinha em sua cabeça, do dia para a noite, ali, no mundo real de 1963, do qual ele nunca tinha saído? Fazia tanto sentido quanto – ou talvez até mais que – qualquer outra explicação envolvendo viagem no tempo, o pós-vida ou perturbações dimensionais.

Jeff ligou novamente o Chevy e entrou de volta nas duas pistas da US 23. Locust Grove, Jenkinsburg, Jackson... as negligenciadas e sonolentas cidadezinhas do interior da Geórgia iam passando como cenas de um filme da época da Depressão. Talvez fosse aquilo mesmo o que o tinha levado a dirigir sem destino, ele pensou: a atemporalidade da zona rural além de Atlanta, a completa falta de pistas que indicassem que ano ou década eram aqueles. Celeiros curtidos pelo tempo com “Só Jesus salva” pintado em letras colossais, restos das placas de propaganda de creme de barbear colocadas em sequência criando rimas, um senhor negro

conduzindo uma mula... Até a Atlanta de 1963 parecia futurista se comparada àquilo.

Em Pope's Ferry, ao norte de Macon, ele parou em um pequeno posto de gasolina com uma lojinha. A bomba não era *self-service*, a gasolina tinha chumbo; a Gulf *premium* custava só trinta e três centavos o galão, enquanto a normal era vinte e sete. Pediu ao garoto que estava do lado de fora para completar com a *premium* e olhar o óleo, acrescentando um pouco se estivesse baixo.

Comprou dois cigarros Slim Jims e uma lata de Pabst na loja e tentou por um momento, sem sucesso, puxar a argolinha da cerveja, antes de perceber que ainda não existia aquele tipo de lacre.

– Você deve estar mesmo com muita sede, querido – riu a velha senhora do outro lado do balcão –, tentando abrir essa coisa só com as mãos desse jeito...

Jeff sorriu timidamente. A mulher apontou o abridor de latas à moda antiga pendurado em um cordão ao lado da caixa registradora, e ele então abriu dois buracos em forma de V no topo da lata. O menino nas bombas de gasolina gritou lá de fora pela portinha esburacada de tela da loja.

– Senhor, parece que o senhor vai precisar de uns dois litros e meio de óleo.

– Tudo bem, pode colocar quanto precisar. E olhe a correia da ventoinha também, por favor.

Jeff deu um longo gole na cerveja e pegou uma revista que estava em uma estante. Havia um artigo sobre a nova mania da *pop-art*: Lichtenstein e suas ampliações de cenas saídas diretamente das revistas em quadrinhos, e os enormes e flexíveis hambúrgueres de vinil de Oldenburg. Engraçado, ele achava que isso tinha vindo um pouco depois, em 1965 ou 1966. Teria encontrado uma discrepância? Seria este mundo ligeiramente diferente daquele que ele pensava conhecer?

Ele precisava conversar com alguém. Martin transformaria tudo aquilo numa grande piada, e seus pais ficariam preocupados com seu estado mental. Talvez fosse isso, talvez ele precisasse consultar um psiquiatra. Um médico pelo menos ouviria o que ele teria a dizer e ainda manteria a

conversa confidencial; mas tal consulta poderia levar à suposição de algum problema mental, a um “desejo de ser curado” de alguma coisa.

Não, realmente não havia ninguém com quem ele pudesse discutir o assunto, pelo menos não abertamente. Entretanto, ele não podia simplesmente continuar evitando todo mundo, com medo de que aquilo escapulisse; seria provavelmente mais estranho do que se ele deixasse escapar algum dito ou frase de outra época. E, diabos, ele estava começando a se sentir sozinho. Mesmo que não pudesse contar a verdade, ou o que quer que pensasse ser a verdade, ele precisava do conforto de pelo menos uma companhia, depois de tudo aquilo por que tinha passado.

– Por favor, será que a senhora poderia trocar esse dinheiro para mim, pra eu poder usar o telefone? – Jeff pediu à senhora no caixa, estendendo uma nota de cinco.

– Se eu te der um dólar em moedas é suficiente?

– Bom, eu preciso ligar para Atlanta...

Ela assentiu, apertou a tecla para abrir a gaveta e puxou algumas moedas.

– Então um dólar vai ser o bastante, querido.

## Três

A moça na recepção do prédio Harris estava claramente aborrecida com o fato de ter sido designada para aquela tarefa em um sábado à noite, mas fazia o possível para tornar seu fim de semana divertido também, assistindo aos rituais de seus colegas. Ela lançou a Jeff um olhar de fria avaliação quando ele entrou, e sua voz continha uma ponta de sarcasmo quando ela ligou para Judy Gordon para avisar que seu namorado a esperava ali. Talvez ela soubesse que Judy tinha levado um bolo na noite anterior; talvez até tivesse ouvido a conversa quando Jeff ligou do posto de gasolina perto de Macon naquela tarde.

O meio sorriso enigmático da garota era um pouco enervante, então ele resolveu se sentar em um dos sofás desconfortáveis na sala ao lado, onde uma morena de rabo de cavalo e seu namorado estavam tocando “Heart and soul” em um velho piano Steinway perto da lareira. A moça sorriu e acenou para Jeff quando ele entrou na sala. Ele não fazia ideia de quem ela fosse, talvez alguma amiga de Judy da qual ele já se esquecera

havia muito tempo, mas retribuiu com um gesto da cabeça e um sorriso. Oito ou nove rapazes estavam sentados espalhados pela sala espaçosa, a uma distância respeitosa uns dos outros. Dois deles traziam buquês de flores colhidas e um tinha uma caixa de doces da Whitman em formato de coração. Estavam todos com expressões estoicas que pouco ajudavam a mascarar sua ansiedade e seu nervosismo. Eram os pretendentes às portas do templo de Afrodite, os ainda a ser testados solicitantes dos favores das ninfas que havia naquela fortaleza. Era noite dos encontros em 1963.

Jeff se lembrava muito bem da sensação. Na verdade, ele percebeu, com ironia, que as palmas de suas próprias mãos estavam suadas com a tensão daquele momento.

Uma risada em soprano veio da escada e flutuou pela entrada. Os rapazes ajustaram a gravata, olharam para o relógio e consertaram os tufo de cabelo que estavam fora de lugar. Duas garotas encontraram seus pares e foram-se porta afora rumo à noite misteriosa.

Passaram-se vinte minutos até Judy aparecer, seu rosto mostrando claramente uma expressão de pétrea determinação. Tudo o que Jeff pôde notar, entretanto, foi sua incrível juventude, uma suavidade primaveril que denunciava o fato de ela ainda não ter nem vinte anos. As garotas – as mulheres – daquela idade nos anos 1980 não tinham aquela aparência. Elas simplesmente não tinham mais aquele ar tão jovem e inocente; já era assim desde os dias de Janis Joplin, e as coisas com certeza só se agravaram depois de Madonna.

– Então... – disse Judy. – Fico feliz de você finalmente ter aparecido hoje.

Jeff desajeitadamente ficou de pé e deu um sorriso como que pedindo desculpa.

– Sinto muito mesmo por ontem à noite – ele disse. – Eu... não estava me sentindo bem. Estava estranho. Você não ia querer ficar perto de mim.

– Você poderia ter ligado – disse ela de maneira petulante. Seus braços estavam cruzados sob os seios, realçando os discretos volumes sob a blusinha comportada. Um suéter bege de *cashmere* estava dobrado sobre um braço, e ela usava uma saia de madras e um sapatinho boneca. Jeff

sentiu os aromas misturados de perfume Lanvin e do xampu floral e se viu hipnotizado pelas franjas louras que dançavam sobre os olhos azuis.

– É verdade – ele disse. – Eu queria ter feito isso.

A expressão dela então se suavizou e a confrontação se foi antes mesmo de começar. Ela nunca fora capaz de ficar zangada por muito tempo, pelo que Jeff se lembrava.

– Você perdeu um filme muito bom ontem à noite – ela disse, sem nem um traço de agressividade. – Começa com uma garota comprando pássaros numa pet shop, e Rod Taylor finge que trabalha lá, e aí...

Ela foi recontando a maior parte da trama enquanto eles se dirigiram para fora em direção ao Chevy de Jeff. Ele fingiu não estar familiarizado com os meandros e reviravoltas da história, ainda que tivesse visto o filme pouco tempo antes em uma das retrospectivas de Hitchcock na HBO. E, claro, assistira ao filme também na época em que ele havia estreado, e justamente com Judy. Aquilo havia ocorrido vinte e cinco anos atrás, completados na noite anterior, quando ele vivera a primeira versão de sua vida.

– ...então o moço vai acender o cigarro no posto de gasolina, mas... Bom, aí eu não quero te contar nada do que acontece depois dessa parte, que é para não estragar a surpresa. É um filme bem assustador. Eu não me importaria de ver de novo, se você quiser ir. Ou então poderíamos ir ver *Adeus, amor*. O que você prefere?

– Acho que eu só queria sentar em algum lugar e conversar – ele disse.  
– Tomar uma cerveja, talvez comer alguma coisa.

– Está certo – ela sorriu. – No Moe and Joe?

– Tudo bem. Fica na... Ponce de Leon, não é isso?

Judy franziu a sobancelha.

– Não, aquele é o Manuel. Nem me diga que você esqueceu... Vira à esquerda! Aqui mesmo! – e então se virou no banco e fez um olhar de estranhamento. – Ei, você realmente está agindo de maneira bem estranha. Tem alguma coisa errada?

– Não é nada sério. É o que eu te disse, estou me sentindo um pouco fora do prumo.

Ele reconheceu a entrada de seu velho reduto da época de faculdade e estacionou virando a esquina.

O interior não estava bem do jeito como Jeff se lembrava. Ele achava que o balcão estaria à esquerda de quem entrasse, não à direita; e as cabines também pareciam diferentes, talvez mais altas ou mais escuras. Conduziu Judy a uma cabine mais ao fundo e, conforme se aproximavam, um homem de mais ou menos a sua idade – não, ele teve de se corrigir; um homem de uns quarenta e poucos, ou seja, um homem “mais velho” – deu um tapinha amigável no ombro de Jeff.

– Jeff, como estão as coisas? E quem é a sua linda amiga?

Jeff olhou para o rosto daquele homem sem saber o que fazer: óculos, barba meio grisalha, um largo sorriso. Parecia vagamente familiar, mas nada além disso.

– Hã, esta é Judy Gordon. Judy, queria te apresentar ao...

– Professor Samuels – ela disse. – Minha colega de quarto tem aula de Literatura Medieval com o senhor.

– E qual é o nome dela?

– Paula Hawkins.

O sorriso do homem se abriu ainda mais e ele fez um gesto de aprovação com a cabeça.

– Excelente aluna! Brilhante, a jovem Paula. Creio então que minhas aulas chegam a você bem recomendadas, sim?

– Sim, senhor, com certeza – disse Judy. – Paula me contou tudo sobre o senhor.

– Então, quem sabe nós sejamos agraciados com sua adorável presença no próximo outono?

– Bem, não tenho como dizer no momento, professor Samuels. Ainda não decidi meus horários para o próximo ano.

– Apareça em minha sala e nós podemos discutir isso. E você, Jeff, ficou bom o seu trabalho a respeito de Chaucer, mas sou obrigado a lhe dar um conceito B por causa das citações incompletas. Fique de olho nisso na próxima, tudo bem?

– Sim, senhor. Vou me lembrar disso.

– Muito bom, muito bom. Nós nos vemos na aula, então.

O professor se despediu deles e voltou à sua cerveja.

Quando chegaram à cabine, Judy deslizou para o lado de Jeff e começou a dar risadinhas.

– Por que você está rindo?

– Você não conhece a fama dele? Do doutor Samuels?

Jeff nem mesmo conseguira se lembrar do nome do professor.

– Não, o que tem ele?

– Ele é um velho tarado, isso é o que ele é. Fica atrás das meninas que frequentam as aulas dele. Das mais bonitinhas, pelo menos. Paula disse que uma vez, depois da aula, ele pôs a mão na perna dela... desse jeito.

Ela então pôs seus dedinhos femininos na coxa de Jeff, esfregou-a e apertou.

– Dá pra imaginar? – ela sussurrou em tom conspiratório. – Ele é mais velho até que o meu pai. “Apareça em minha sala”, pois sim! Sei bem o que ele quer discutir. Não é a coisa mais nojenta que você já viu, um homem daquela idade agindo assim?

A mão dela ainda estava sobre a perna de Jeff, a dois ou três centímetros da ereção que se formava. Ele olhou para aqueles olhos redondos e inocentes, para aquela boca delicada e vermelha, e então fantasiou com Judy lhe fazendo sexo oral bem ali na cabine. “Velho tarado”, ele pensou, rindo.

– Qual é a graça? – ela perguntou.

– Nada.

– Você não acredita no que estou lhe contando sobre o doutor Samuels, não é?

– Não, não, eu acredito sim. É só que... eu e você e tudo. Eu tive de rir, só isso. O que você vai beber?

– O de sempre.

– Um coquetel zumbi triplo, não é isso?

A preocupação deixou o rosto dela e deu lugar a uma risada junto com ele.

– Seu bobo. Só quero uma taça de vinho tinto, como sempre. Você não está conseguindo se lembrar de nada hoje?

Os lábios de Judy contra os dele eram tão macios quanto ele imaginara que seriam, ou quanto ele se lembrava. O cheiro agradável dos cabelos dela, a suavidade tenra de sua pele o deixaram excitado de uma maneira tal que ele não sentia desde seus primeiros dias com Linda, antes de eles se casarem. As janelas do carro estavam abaixadas, e Judy descansava a cabeça na porta acolchoada enquanto Jeff a beijava. Andy Williams cantava “The days of wine and roses” no rádio, e a fragrância dos cornisos em flor se misturava ao perfume da pele suave de Judy. Eles tinham parado em uma rua arborizada a mais de um quilômetro do *campus*. Judy é quem tinha indicado o caminho depois que eles saíram do bar.

A conversa naquela noite tinha corrido melhor do que Jeff esperava. Ele basicamente foi acompanhando conforme Judy conduzia o papo, e a deixava mencionar os nomes, os lugares e os acontecimentos. Só reagia de acordo com o que se lembrava ou pelas pistas que ela dava em expressões faciais e tons de voz. Só cometeu um pequeno anacronismo: enquanto eles falavam sobre estudantes que conheciam e que planejavam se mudar do *campus* no ano seguinte, Jeff disse que talvez alugasse um “apê”. Ela nunca tinha ouvido aquela palavra antes, mas ele rapidamente emendou, explicando que era só como eles se referiam aos apartamentos na Califórnia, pelo que ele tinha lido, e pensou que aquilo logo pegaria em Atlanta também.

Conforme a noite avançava, ele foi ficando mais relaxado e começou a se divertir. As cervejas ajudaram, mas, acima de tudo, foi estar perto de Judy que acalmou sua mente pela primeira vez desde que tudo aquilo começara. Houve momentos em que ele nem mesmo estava pensando em seu futuro/passado. Sentia-se vivo, e era isso o que importava. Muito vivo.

Afastou os longos cabelos louros de Judy do rosto dela, deu um beijo do lado, depois no nariz e então beijou os lábios de novo. Ela soltou um gemido baixinho de prazer e ele correu os dedos do seio dela para os botões

no alto da blusa. Ela chegou a mão dele para o lado, de volta ao seio coberto. Eles se beijaram por muitos minutos, e então a mão de Judy, que estava na coxa dele, do mesmo jeito como estivera na cabine, começou a se mover, indo cada vez mais para o alto, até que os dedos delicados acariciaram e apertaram seu pênis firme. Ele alcançou as pernas dela, envoltas por náilon, e subiu a mão dentro da saia até sentir a pele suave no alto das meias.

Judy se desvencilhou do abraço e se sentou abruptamente.

– Me dá o seu lenço – ela sussurrou.

– O quê? Mas eu nem...

Ela puxou o lenço branco que estava no bolso da jaqueta de Jeff, onde ele o havia colocado automaticamente enquanto vestia suas roupas fora de moda naquela noite. Ele tentou agarrá-la de novo, trazê-la para mais perto dele, mas ela resistiu.

– Sssh... – ela sussurrou, e deu um sorriso gentil. – Só encoste no banco e feche os olhos.

Ele estranhou, mas fez conforme o pedido. De repente, ela já estava abrindo o zíper da calça dele e puxando para fora aquela ereção toda em um movimento preciso e calculado. Jeff abriu os olhos surpreso e a viu olhando para o lado de fora do carro enquanto seus dedos trabalhavam nele em ritmo constante. Ele pegou a mão dela e a parou.

– Judy... Não...

Ela olhou para ele com ar preocupado.

– Você não quer isso hoje?

– Não assim – e gentilmente afastou a mão dela, recolheu-se e fechou sua calça. – Eu quero você, quero estar com você. Mas não desse jeito. Nós podemos ir a algum lugar, achar um motel ou...

Ela se espremeu na porta do carro e lançou um olhar indignado.

– O que você quer dizer com isso? Você sabe que eu não sou dessas!

– Não, eu só quero dizer que quero que a gente fique junto, mas de um jeito mais amoroso. Eu quero te dar...

– Você não tem de me dar nada! – e ela franziu o rosto. Jeff ficou receoso de que ela fosse começar a chorar. – Eu só estava tentando aliviar

sua tensão, como a gente já fez antes, e de repente você leva tudo para o outro lado e quer me arrastar para algum motel barato e me tratar feito uma... uma prostituta!

– Judy, pelo amor de Deus, não tem nada disso! Você não entende? Eu só quero te fazer feliz também!

Ela tirou o batom da bolsa e torceu o retrovisor furiosamente para que pudesse se ver.

– Eu estou muito bem do jeito como a gente é hoje, muito obrigada. Ou pelo menos estava bem até agora.

– Olha, me desculpa por ter dito isso, está certo? Eu só pensei...

– Você fique com seus pensamentos pra você, e com a sua mão também.

Ela ligou a luzinha interna do carro e olhou para seu pequeno relógio de ouro.

– Eu não queria te chatear. Amanhã a gente conversa sobre isso.

– Eu não quero conversar sobre isso. Só quero voltar pro alojamento agora mesmo. Isso se você lembrar como se chega lá.

Depois de deixar Judy no alojamento, ele encontrou um bar na estrada de North Druid Hills, perto do novo shopping Lenox Square. Não parecia o tipo de estabelecimento em que ele veria algum conhecido da Emory. Era um bar de bêbados, um lugar de clientes mais velhos e sossegados que só queriam fugir por uma hora que fosse de suas preocupações com hipotecas e casamentos frustrados. Jeff se sentiu em casa, ainda que estivesse ciente de que não se encaixava no perfil. O *barman* pediu um documento para verificar sua idade, e Jeff conseguiu encontrar a identidade falsa que mantinha no fundo da carteira para essas raras ocasiões. Depois de soltar um grunhido dúbio, o homem deu a Jeff um Jack Daniel's duplo e se pôs a endireitar o suporte da TV em preto e branco que ficava no alto do bar.

Jeff deu um bom gole em sua bebida e desviou seu olhar vazio para o noticiário: ainda havia problemas em Birmingham, no Alabama; Jimmy

Hoffa havia sido acusado de intimidação de jurados em Nashville; o Telstar II estava para ser lançado. Jeff pensou em Martin Luther King sendo morto em Memphis, em Hoffa desaparecendo sem explicação da face da Terra, e na órbita do planeta completamente tomada por satélites de comunicação que saturavam o mundo inteiro com programação da MTV e reprises de *Miami Vice*. Oh, admirável mundo novo...

Sua noite com Judy tinha começado até bem prazerosa, mas aquela cena final no carro o deixara deprimido. Ele tinha se esquecido de como o sexo era artificial naqueles tempos. Não, “esquecido” não era bem a palavra; afinal, ele nunca tinha percebido isso, pelo menos não quando as coisas aconteceram com ele da primeira vez. A desonestidade de tudo aquilo tinha sido mascarada pelo brilho da emoção recém-descoberta, do ingênuo, porém irresistível, desejo sexual. O que em certo momento parecera incrivelmente erótico agora revelava sua vulgaridade essencial, uma vez que não estava mais obscurecido pelo passar do tempo: era só uma masturbação rapidinha no banco da frente de um Chevrolet, com música ruim tocando ao fundo.

E o que diabos então ele faria agora? Jogaria conforme o jogo? Mais carícias inadequadas com a lourinha inocente de outra época que nunca tinha ouvido falar de anticoncepcional? Voltar às aulas e às discussões adolescentes e aos bailes da primavera como se tudo aquilo fosse novo para ele? Memorizar tabelas de estatística que ele já tinha esquecido fazia tempo e para as quais nunca tinha visto utilidade, só para ser aprovado novamente em Introdução à Sociologia?

Talvez ele não tivesse escolha nenhuma, especialmente se esse grotesco fenômeno de deslocamento temporal fosse permanente. Talvez ele devesse mesmo passar por aquilo mais uma vez, por tudo aquilo, cada ano previsível e doloroso depois do outro. Aquela realidade alternativa ficava mais concreta a cada momento, cada vez mais arraigada. Aquele *alter ego* mais velho era uma mentira agora. Ele tinha de aceitar o fato de que era um calouro de faculdade de apenas dezoito anos, totalmente dependente dos pais e de sua capacidade de repetir com sucesso dezenas de disciplinas acadêmicas que agora o enchiam de tédio e desdém.

O jornal da TV já havia acabado, e um locutor esportivo agora lia monotonamente os placares da segunda divisão do beisebol. Jeff pediu outro drinque e, enquanto o *barman* pegava a garrafa, sua atenção subitamente se direcionou como um *laser* para as palavras que saíam da velha TV Sylvania.

*“...chega imbatível a Churchill Downs, mas ainda há dois ganhões da costa leste que podem dar muito trabalho ao alazão californiano. O treinador Woody Stephens traz seu Never Bend ao Derby logo em seguida a uma bela vitória nas preparatórias de Stepping Stone e com uma ficha impecável em 63. Stephens não canta vitória antes do tempo, mas...”*

O Kentucky Derby. Que diabos, por que não fazer isso? Se ele realmente tinha vivido os vinte e cinco anos seguintes, e não os imaginado ou sonhado, então uma coisa era certa: ele tinha uma vastidão de informações que poderiam ser extremamente úteis. Nada tão técnico assim – ele não sabia projetar um computador nem nada do tipo –, mas certamente tinha um conhecimento prático, jornalístico, de todas as tendências e eventos que iriam influenciar a sociedade daquele momento até o meio dos anos 1980. Poderia ganhar um bocado de dinheiro apostando em esportes e eleições presidenciais. Mas isso, claro, presumindo que soubesse mesmo, com certeza, o que iria acontecer no próximo quarto de século. Conforme tinha admitido antes, essa não era uma presunção necessariamente segura.

*“...diz que não está longe disso. O cavalo que pode estar gerando essa dúvida é o No Robbery, dos Estábulos Greentree, que detém o recorde de um minuto e trinta e quatro segundos para a milha mais rápida de um puro-sangue de três anos em Nova York... e que venceu o Wood Memorial uma semana depois de cravar...”*

Droga, quem foi mesmo o ganhador do Derby naquele ano? Jeff pelejou para lembrar. Os nomes Never Bend e No Robbery pareciam familiares, mas ainda não soavam corretos.

*“...ambos têm uma batalha pela frente contra a equipe de Willie Shoemaker e a maravilha do oeste, Candy Spots. Esse é o trio a ser batido, minha gente. E ainda que a ‘corrida pelas rosas’ este ano seja disputada*

entre esses três concorrentes, o consenso – um forte consenso, aliás – é de que *Candy Spots* vai sair com a guirlanda no próximo sábado.”

Aquele também não parecia ser o certo. Que cavalo teria sido? Northern Dancer? Ou talvez Kauai King? Jeff tinha certeza de que aqueles dois tinham vencido Derbies, mas em que ano?

– Aqui, amigo...

– Mais um?

– Não, eu estou bem. Mas você teria um jornal?

– Jornal?

– Um jornal local, de hoje ou de ontem, não importa.

– Quer o *Atlanta Journal* ou o *Atlanta Constitution*?

– Tanto faz. Tem a seção de esportes?

– Só está meio rabiscada. Os Braves vêm para a cidade no ano que vem, então eu estou acompanhando os resultados deles.

– Posso dar uma olhada?

– Claro.

O *barman* então pôs a mão embaixo do lugar onde deixava os enfeites de bebidas e tirou o caderno de esportes muito bem dobrado.

Jeff passou pelas páginas de beisebol e encontrou em seguida as informações sobre a grande corrida que se realizaria em Louisville. Deu uma olhada na lista de corredores. Havia os favoritos de que o locutor tinha falado, *Candy Spots*, *Never Bend* e *No Robbery*. E havia também *Royal Tower*, *Lemon Twist*... não, nenhum deles... *Gray Pet*, *Devil It Is*... nunca ouvi falar desses... *Wild Card*, *Rajah Noor*... não e não... *Bonjour*, *On My Honor*...

Chateaugay.

Era o Chateaugay, que estava pagando onze para um.

Ele vendeu o Chevy para uma concessionária de carros usados na estrada de Briarcliff por seiscentos dólares. Seus livros, seu aparelho de som e a coleção de discos trouxeram mais duzentos e sessenta de um sebo no centro. Em seu quarto no alojamento, ele encontrou um talão de cheques

e os dados de um fundo de investimentos em um banco que ficava próximo ao *campus*, e imediatamente sacou tudo o que tinha lá, com exceção de vinte dólares que deixou em cada uma das contas. Com isso, levantou outros oitocentos e trinta dólares.

Ligar para seus pais foi a parte mais difícil. Ficou óbvio quanto o seu pedido de “empréstimo de emergência” os deixara preocupados, e seu pai ficou bastante contrariado com a recusa de Jeff em explicar para que seria. Mas ele conseguiu uns duzentos dólares com aquilo, e a mãe ainda enviou mais quatrocentos que ela tinha guardados.

Agora, era a hora de fazer a aposta, uma bem substancial. Mas como seria? Primeiro, ele pensou em ir a Louisville e entrar com o dinheiro lá mesmo no local da corrida, mas um telefonema para um agente de viagens confirmou algo de que ele já suspeitava: os ingressos para o Derby estavam esgotados semanas antes.

Também havia o problema da idade. Ele até podia parecer velho o suficiente para pedir uma bebida em um bar, mas apostar uma quantia daquelas com certeza levantaria suspeitas. Precisava de um testa de ferro.

– Um agenciador? O que diabos você quer com agenciadores de apostas?

Aos olhos de Jeff, Frank Maddock, com seus vinte e dois anos, era também um garoto, mas, dado o contexto, o veterano aspirante à escola de Direito já era um “homem mais velho”, experimentado nas coisas do mundo, e claramente adorava interpretar esse exato papel.

– Quero fazer uma aposta – disse Jeff.

Maddock sorriu de maneira paternalista, acendeu um cigarro e fez um gesto para o garçom trazer outro jarro de cerveja.

– Em quê?

– No Kentucky Derby.

– Por que você não faz só um bolão no alojamento? Talvez você consiga um monte de caras para participar. Só tem de manter a discrição.

O veterano o estava tratando com uma condescendência até afável. Por dentro, Jeff deu uma risada daquele ar de sofisticação muito bem ensaiado mas certamente imerecido que o jovem tinha.

– A aposta que eu quero fazer é bem polpuda.

– É mesmo? De quanto?

O Manuel estava razoavelmente vazio naquela tarde de quinta-feira e não havia ninguém por perto que pudesse ouvir.

– Dois mil e trezentos dólares – Jeff disse.

Maddock franziu o cenho.

– Olha, você está falando de uma quantidade bem grande de dinheiro. Eu sei que o Candy Spots é praticamente uma barbada, mas...

– Não é no Candy Spots. É em um dos outros cavalos.

O mais velho riu alto enquanto o garçom trazia mais uma jarra de cerveja até a velha mesa desbotada de carvalho.

– Vai sonhando, garoto. O No Robbery não vale o risco, nem o Never Bend. Pelo menos não nessa corrida.

– O dinheiro é meu, Frank. Eu estava pensando em dividir os ganhos em setenta por cento para mim, trinta para você. Se eu estiver certo, você entra numa bolada sem arriscar um tostão.

Maddock serviu uma caneca para cada um, inclinando o copo para manter a espuma baixa. – Eu posso me enrascar um bocado por isso, sabe? E não quero fazer nada que me atrapalhe na faculdade de Direito. Um garoto como você e esse tanto de dinheiro... Como eu vou saber que você não vai chorar pro reitor Ward se perder uma quantia dessas?

Jeff deu de ombros.

– É aí que entra a sua vez de fazer uma aposta. Mas pode ter certeza de que eu não sou esse tipo de cara, e perder não está nos meus planos.

– Não está nos planos de ninguém.

Uma música mais estridente começou a tocar na *jukebox*, Jimmy Soul com “If you wanna be happy”. Jeff aumentou o tom de voz para se fazer ouvir.

– E aí, você conhece um agenciador ou não?

Maddock encarou-o longamente de forma curiosa.

– Setenta/trinta, então?

– Exato.

O veterano balançou a cabeça e deu um suspiro resignado.

– Você está com o dinheiro aí?

Naquela tarde de sábado, o bar na estrada de North Druid Hills estava lotado. O programa que introduzia a corrida, recheado de comerciais, soava alto na TV quando Jeff entrou; a Wilkinson Sword anunciava aos berros seu novo produto, a lâmina de barbear de aço inoxidável.

Jeff estava mais nervoso do que previra. Tudo aquilo parecera perfeito quando estava sendo planejado, mas e se algo desse errado? Até onde ele sabia, todos os acontecimentos da semana anterior tinham repetido o passado que ele conhecera; mas é claro que sua memória poderia falhar como a de qualquer outra pessoa, e depois de vinte e cinco anos ele não tinha como ter certeza de que umas mil coisas acontecidas em 1963 não teriam ocorrido de forma diferente do que ele se lembrava. Ele já havia notado que alguns detalhes pareciam um pouco alterados, e seus próprios atos, claro, tinham sido bastante diferentes. Aquela corrida poderia facilmente ter outro resultado.

Se tivesse, ele se veria completamente sem nada. Tinha inclusive faltado às provas de meio de semestre naquela semana, o que deixava seu futuro acadêmico em sério risco. Ele já poderia até mesmo não ter condições de se aplicar o suficiente para repetir seus êxitos anteriores na faculdade. Seria chutado da escola e ainda por cima estaria falido.

E com a Guerra do Vietnã prestes a acontecer.

– Ô Charlie! – alguém gritou. – Outra rodada dupla para a casa toda antes de eles largarem!

Fez-se um coro de saudações e risadas entre os presentes. Um dos amigos do homem que fizera o pedido ainda falou:

– Não está gastando um pouco antes da hora, não?

– Está no papo, rapaz! – disse o generoso. – Está no papo!

A tela da TV mostrava os cavalos sendo conduzidos e fechados em seus portões, revoltados e odiando o confinamento, loucos para correr, para fazer justamente o que foram criados para fazer.

– Tudo pode acontecer agora, Jimbo. Corrida de cavalos é assim.

O *barman* distribuiu a rodada dupla que aquele desconhecido pagara para todos. Antes que Jeff pudesse pegar seu copo, os cavalos foram soltos, com Never Bend largando na frente como se tivesse tomado um choque e No Robbery quase ao seu lado. Candy Spots, com Willie Shoemaker calmamente o montando, estava a uma distância de três corpos atrás na primeira volta.

Chateaugay estava em sexto. Com ainda uma milha pela frente, ele estava dez corpos atrás.

Jeff virou um gole de sua bebida e quase engasgou com o uísque quase puro.

Os que estavam na frente passaram da marca de meia milha. Chateaugay não tinha avançado nem um centímetro.

“Talvez uma escola menor...”, Jeff pensou. Mesmo que ele fosse expulso da Emory, alguma faculdade comunitária ainda o aceitaria. Ele poderia trabalhar meio período em alguma estação de rádio em uma praça pequena. Todos os seus anos de experiência não existiriam no papel, mas contariam bastante para arranjar um emprego.

A multidão no bar gritou para a TV como se os cavalos e os jóqueis pudessem ouvi-los, a mais de seiscentos quilômetros de distância. Jeff não se abalou. Chateaugay tinha ganhado um pouquinho no fim da reta de largada, mas aquilo já estava praticamente acabado. Era uma corrida entre os três favoritos, exatamente como previsto.

Shoemaker chegou Candy Spots para mais perto do trilho quando eles fizeram a curva em direção à chegada e então o ultrapassou para correr a reta. Chateaugay estava em quarto, três corpos atrás, e com uma concorrência daquelas na sua frente, ele nunca...

Na marca de um quarto, No Robbery pareceu se cansar e perder o entusiasmo pela batalha. Foi ficando para trás, e então eram Never Bend e

Candy Spots no páreo, mas Shoemaker não estava conseguindo o arranque final que ele precisava do alazão californiano.

Chateaugay passou o favorito e avançou, firme e com afinco, para cima de Never Bend.

A barulheira no bar aumentou para um nível próximo de uma revolta popular. Jeff permanecia calado, sem se mexer, sua mão quase congelada, ainda que ele nem tenha notado, ao agarrar o copo cheio de gelo.

Chateaugay ganhou a corrida com a vantagem de um corpo e um quarto em cima de Never Bend, com Candy Spots relegado ao terceiro lugar. No Robbery ficou em algum lugar lá atrás na pista, em quinto ou sexto, exausto.

Jeff tinha conseguido. Ganhara a aposta.

Os outros homens no bar, aos gritos e com raiva, começaram a analisar a corrida que tinham acabado de ver, com a maior parte das reclamações voltada para a tática de Willie Shoemaker no final da última milha. Jeff não ouviu uma palavra do que eles disseram. Ficou esperando os números aparecerem no grande placar.

A aposta de vencedor em Chateaugay era de 20,80 dólares para 1. Jeff, por hábito, foi logo fazer as contas em seu relógio-calculadora da Casio, e então riu ao se lembrar de que ainda levaria um tempo para inventarem aquilo. Pegou um guardanapo de papel no bar e pôs-se a escrever os valores com uma caneta.

Metade de 2.300 vezes 20,8, menos os 30% de Frank Maddock por fazer a aposta... Jeff tinha ganhado quase dezessete mil dólares.

E o principal: a corrida tinha terminado exatamente como ele se lembrava.

Ele tinha apenas dezoito anos de idade, mas sabia tudo de importante que aconteceria no mundo nas próximas duas décadas.

## Quatro

Jeff foi jogando as cartas, uma de cada vez, viradas para cima, na roupa de cama verde-escura do Holiday Inn. Ele as puxava do maço, que ia decrescendo tão rapidamente quanto seus dedos podiam se mover. Enquanto fazia isso, Frank ia repetindo em uma entonação quase hipnótica:

– Mais quatro, mais quatro, mais cinco, mais quatro, mais três, mais três, mais três, mais quatro, mais três, mais quatro, mais cinco... Parou! A carta de cima é um ás.

Jeff então virou devagar o ás de ouros e ambos abriram um sorriso.

– Caramba! – riu Frank, dando um tapa na cama e fazendo as cartas voar. – Nós somos um time, meu amigo, o time a ser batido!

– Vai uma cerveja?

– Mas com certeza!

Jeff descruzou as pernas e andou pelo quarto até o *cooler* que estava sobre a mesa. As cortinas do quarto térreo estavam abertas e, enquanto

abria as duas garrafas de Coors, Jeff parou para admirar seu novo Studebaker Avanti cinza parado lá fora, próximo ao meio-fio, brilhando sob as luzes do estacionamento do Motel Tucumcari.

O carro já tinha atraído olhares e comentários curiosos em todo o caminho desde Atlanta e provavelmente continuaria a fazê-lo no resto da viagem até Las Vegas. Jeff se sentia totalmente à vontade com ele e de certa forma ficou até confortado com seu *design* e instrumentação futuristas. A máquina de nariz longo com traseira abreviada teria sido considerada atraente e arrojada mesmo em 1988. Ele, aliás, se lembrava por alto de uma empresa independente que ainda fabricava Avantis em edição limitada durante os anos 1980. Para ele, ali, em 1963, o carro era um companheiro de viagem no tempo, um requintado casulo construído à imagem de sua própria era. Ainda que ele tivesse uma ligação emocional com o velho Chevy, aquela nova máquina evocava uma nostalgia inversa ainda mais forte.

– Ei, cadê a bebida?

– Chegando...

Ele estendeu a Frank a cerveja gelada e deu um bom gole na sua. Eles tinham partido logo depois da formatura de Maddock, no fim de maio. Jeff já tinha deixado de ir às aulas fazia tempo, estava prestes a tomar bomba, mas não estava nem aí. Frank só queria ir seguindo em direção ao sul e parar em Nova Orleans para festejar por uns dias, mas Jeff insistiu em que eles tomassem um rumo mais definido, margeando Birmingham, Memphis e Little Rock. Nos arredores das cidades, havia recém-abertos trechos de rodovias interestaduais a cada trezentos e poucos quilômetros, com limites de velocidade entre 110 e 120 km/h, e Jeff tinha usado o isolamento daquelas pistas largas e suaves para aproximar o Avanti de seu limite de 260 km/h.

A tristeza e a confusão que Jeff sentira depois daquela saída abortada com Judy Gordon já tinham sido largamente dissipadas pela vitória no Derby. Ele não havia visto a garota desde aquela noite, a não ser de passagem pelo *campus*. E também já tinha deixado de se imolar em busca de possíveis explicações para sua estranha condição, fora as vezes em que

acordara ao alvorecer com seu cérebro exigindo respostas que ele não sabia dar. Qualquer que fosse a verdade, pelo menos agora ele tinha provas de que sua consciência dos fatos futuros era mais do que mera fantasia.

Até o momento, Jeff tinha conseguido com sucesso se desvencilhar das perguntas de Frank a respeito de como ele tinha conseguido aquele palpite espetacular. Maddock simplesmente presumia que Jeff fosse um prodígio das estatísticas, detentor de algum método secreto. Aquela imagem só tinha se fortalecido com a recusa de Jeff em fazer uma nova aposta no Preakness, duas semanas depois do Derby. Ele tinha certeza de que Chateaugay tinha ganhado duas das três provas da Tríplice Coroa daquele ano, mas não conseguia se lembrar de qual ele tinha perdido. Então, a despeito dos protestos de Frank, Jeff insistira em ficar fora do Preakness. Candy Spots ganhou a prova por três corpos e meio de vantagem. Agora, não apenas Jeff estava certo de que se sairia vitorioso no Belmont Stakes como também o ressurgimento de Candy Spots tinha aumentado novamente os valores para Chateaugay.

A aposta tinha dado a Jeff um novo propósito e o distraído daquele atoleiro desesperançoso de metafísica e filosofia no qual repousavam as respostas para sua situação. Se ele já não estivesse totalmente louco, certamente mais um mês debruçado em cima daqueles pensamentos imponderáveis o teria levado a tal situação. As apostas eram uma coisa mais precisa, mais confortavelmente certa: era ganhar ou perder, débito ou crédito, certo ou errado. Ponto. Não havia ambiguidade nem desconfiança, não quando você sabia o resultado de antemão.

Frank havia juntado as cartas espalhadas e estava embaralhando a pilha.

– Ei – ele disse. – Vamos tentar com dois baralhos.

– Claro, por que não?

Jeff puxou uma cadeira para perto da cama. Pegou o maço, embaralhou mais um pouco e começou a mostrar as cartas.

– Mais um, mais um, zero, mais um, zero, menos um, menos dois, menos dois, menos três, menos dois...

Jeff ficava ouvindo satisfeito aquela ladainha já familiar, a contagem de ases e dez à medida que as cartas iam sendo mostradas. Frank vinha avidamente memorizando os gráficos e as tabelas de um novo livro chamado *Derrote o dealer*, um estudo de estratégias, feito por computadores, para se apostar no jogo de vinte e um. Jeff sabia, por ter lido o livro ele próprio, quão bem funcionava o método de contagem de cartas. No meio dos anos 1970, os cassinos começaram a barrar todo mundo que jogava usando aquela técnica. Mas, nos tempos em que estava vivendo, os *dealers* e os gerentes de jogo recebiam de braços abertos todos os jogadores que insistiam em usar algum sistema, considerando-os presas fáceis. Frank ficaria bem, ou pelo menos não sairia perdendo; e, enquanto estivesse absorto nas emoções de suas mesas de vinte e um, isso desviaria sua atenção da vitória ainda mais espetacular que Jeff pretendia alcançar no Belmont.

– ...menos um, zero, mais um... Parou! A carta de cima é um dez.

Jeff mostrou o valete de paus e eles se cumprimentaram batendo as mãos. Frank acabou sua cerveja e pôs a garrafa no criado-mudo junto com meia dúzia de outras vazias.

– Sabe... – ele disse. – Em um daqueles *drive-ins* pelos quais nós passamos na estrada estava passando *Dr. No*. Quer ir ver?

– Meu Deus, Frank, quantas vezes você já viu esse filme?

– Três ou quatro. Melhora a cada vez.

– Pra mim já é suficiente. Já tive uma *overdose* de James Bond.

Frank olhou para ele de maneira inquisitiva.

– Já teve o quê...?

– Ah, esquece. Eu não estou a fim de ir. Pode pegar o carro, as chaves estão em cima da TV.

– Qual é o problema? Está de luto pelo papa? Eu nem sabia que você era católico.

Jeff riu e foi buscar seus sapatos.

– Ah, que diabos... Tudo bem. Pelo menos não é Roger Moore.

– E quem diabos é Roger Moore?

– Ele vai ser “santo” um dia...

Frank balançou a cabeça e fez uma expressão confusa.

– Estamos falando do papa que morreu ou de James Bond ou de quem? Sabe, meu caro, às vezes eu não sei de que merda você está falando...

– Nem eu mesmo sei, Frank. Nem eu. Vamos, vamos ver o filme. Vamos fugir da realidade um pouco, é disso que nós precisamos.

Seguiram direto para Las Vegas no dia seguinte, revezando-se na direção do Avanti. Jeff nunca tinha ido a Nevada e achou que a Las Vegas Strip parecia mais vazia e menos horrivelmente vulgar do que ele se lembrava de filmes e programas de TV dos anos 1980. Era uma Las Vegas pré-Howard Hughes, ele pensou, de antes de a dinheirama do Hilton e do MGM construírem a enorme reputação “respeitável” dos hotéis-cassinos. Os que agora dominavam aquele pedaço surreal da rodovia estadual 604 de Nevada eram apenas os pungentes estabelecimentos ao rés do chão, remanescentes da época dos gângsteres do pós-guerra: o Dunes, o Tropicana, o Sands. Era a Vegas do Rat Pack, saída diretamente daqueles velhos filmes de assaltos que tinham trilhas sonoras de estalar os dedos, cheias de suingue. Ainda havia um quê de maldade provocadora no ar quente e seco da cidade.

Eles deram entrada no Flamingo e deixaram depositados dezesseis mil dólares em dinheiro no hotel-cassino. O auxiliar da gerência, todo sorrisos e autoconfiança, agraciou-os com uma suíte de três aposentos por conta da casa, além de toda a comida e bebida que eles desejassem durante sua estadia.

Frank passou o começo da noite estudando as mesas de vinte e um, a quantidade de baralhos que eram usados em cada uma, as regras para se dobrar ou dividir, a velocidade e a personalidade de cada *dealer*. Jeff o acompanhou, observando com ele por um tempo, mas então ficou entediado e foi vagar pelo cassino, tomando contato com a ambientação bizarra do lugar. Tudo parecia ilusório, das fichas de cores fortes que representavam grandes somas em dinheiro aos homens e mulheres vestidos

de maneira espalhafatosa, desesperados por manter uma aparência de poderio sexual e de ilimitada e displicente opulência.

Jeff voltou para o quarto ainda cedo e adormeceu assistindo ao *Jack Paar Show*. Quando acordou na manhã seguinte, viu Frank dando voltas na sala principal da suíte, murmurando coisas para si mesmo e periodicamente olhando as cartas de uma pilha.

– Vamos tomar café?

Frank fez que não com a cabeça.

– Quero repassar essas cartas uma última vez e então ir para as mesas ainda antes do meio-dia. Quero pegar os *dealers* no fim do turno da manhã, quando eles começam a bobear.

– Faz sentido. Bem, boa sorte pra você. Eu provavelmente vou ficar lá fora na piscina. Depois você me diz como foi.

Jeff tomou café sozinho em uma mesa para seis no restaurante do hotel, lendo o *Racing Form*. Os pontos de vantagem de Chateaugay para Belmont ainda estavam subindo, notou com satisfação. Mas nenhuma das outras dezenas de corridas que o jornal trazia significava coisa alguma para ele. Engoliu furiosamente uma porção dupla de ovos mexidos com uma grossa fatia de presunto, depois devorou uma bela pilha de panquecas e tomou um terceiro copo de leite. Nos últimos anos, Jeff tinha adquirido o hábito de não comer nada no café da manhã ou então só pegar um pãozinho e a primeira das várias xícaras de café antes de sair para o trabalho; mas aquele seu novo corpo cheio de juventude tinha um apetite muito próprio.

Frank já tinha descido para o cassino quando Jeff voltou ao quarto para trocar de roupa e vestir o calção de banho. Pegou uma toalha gigantesca e um exemplar da *V*, passou na lojinha do hotel para comprar um frasco de Coppertone (que ele percebeu ainda não ter indicadores de FPS no rótulo) e arranjou uma cadeira comprida à beira da piscina.

Logo de cara, ele a notou: cabelos pretos molhados, maçãs do rosto esculpidas, seios fartos mas firmes, barriga bem definida, pernas elegantes e bem torneadas. Ela se ergueu da piscina, sorrindo e brilhando sob o sol do deserto, e andou na direção de Jeff.

– Oi – ela disse. – Tem alguém usando esta cadeira?

Jeff balançou a cabeça fazendo um movimento como que convidando-a a se sentar ao lado dele. Ela se reclinou, posicionando o cabelo encharcado nas costas do assento para deixá-lo secar.

– Posso te pagar uma bebida? – ele perguntou, desejando que seus olhos não se demorassem demais ou muito obviamente naquele corpo cheio de pontos cintilantes.

– Não, obrigada – ela disse, sorrindo e olhando bem nos olhos dele, o que desfez a impressão causada pela recusa. – Acabei de tomar um bloody mary, e o calor está me deixando meio tonta.

– É o que faz um drinque quando você não está acostumada – ele concordou. – De onde você é?

– De Illinois, dos arredores de Chicago. Mas já estou aqui há uns dois meses e acho que vou ficar mais um pouco. E você?

– Estou vindo de Atlanta – ele disse. – Mas cresci na Flórida.

– Ah, então quer dizer que você já está acostumado com todo esse sol, hmm?

– É, com certeza – ele respondeu, dando de ombros.

– Já fui a Miami algumas vezes. É bacana, mas eu gostaria que a gente pudesse apostar por lá.

– Eu cresci em Orlando.

– Onde fica? – ela perguntou.

– É bem perto... – ele quase completou com “da Disney World”, mas parou a tempo, e então começou a dizer “do Cabo Kennedy”, mas sabia que aquele não era o nome real do lugar, mesmo em 1988. – ...do Cabo Canaveral – finalmente emendou. Sua hesitação a intrigou um pouco, mas o momento estranho logo passou.

– Já viu lançarem algum foguete lá? – ela perguntou.

– Claro – disse, lembrando-se da viagem que ele e Linda fizeram em 1969 para o lançamento da Apollo 11.

– Você acha que algum dia vão conseguir ir à Lua, como andam dizendo?

– Provavelmente vão – ele disse sorrindo. – Ah, meu nome é Jeff. Jeff Winston.

Ela estendeu a mão delgada sem nenhum anel e ele tocou os dedos dela por um instante.

– E eu sou Sharla Baker. – Ela recolheu a mão, correndo-a pelos cabelos lisos e molhados e depois pelo pescoço. – O que você faz lá em Atlanta?

– Bom, eu ainda estou na faculdade. Estou pensando em cursar Jornalismo.

Ela sorriu amigavelmente.

– Universitário, hein? Seu papai e sua mamãe devem ter muito dinheiro para te mandar para a faculdade e também para Las Vegas.

– Não – ele disse, apreciando a situação. Ela não tinha mais do que vinte e dois ou vinte e três anos, e ele já estava considerando a diferença de idade daquela perspectiva. – Eu mesmo paguei minha vinda para cá. Ganhei dinheiro no Kentucky Derby.

Ela levantou as sobrancelhas delicadas, impressionada.

– É mesmo? Ei, e você está de carro aqui?

– Estou, por quê?

Com os braços longos e bronzeados, ela fez um arco sobre a cabeça, apertando os seios contra o náilon do recatado maiô à moda antiga. O efeito, no entender de Jeff, foi o mesmo de que se ela estivesse usando um daqueles maiôs franceses arrojados dos anos 1980, ou mesmo usando nada.

– Só estava pensando se a gente deveria sair do sol um pouquinho – ela disse. – Talvez ir passear no lago Mead. Te interessa?

Sharla morava em um pequeno e bem arrumado duplex perto do Paradise e do Tropicana. Ela dividia o apartamento com uma garota chamada Becky, que trabalhava no turno das quatro da tarde até a meia-noite no balcão de informações do aeroporto. Sharla parecia não fazer nada, a não ser ficar nas piscinas dos hotéis à tarde e pelos cassinos à noite.

Ela não era prostituta, só uma daquelas garotas de Vegas que gostavam de se divertir e não se sentiam nada insultadas com um presentinho ou uma pilha de fichas de cassino uma vez ou outra. Jeff passou a maior parte dos quatro dias seguintes com ela e enquanto isso lhe comprou alguns agradinhos – uma tornozeleira de prata, uma bolsa de couro tingida para combinar com o vestido preferido –, mas ela nunca mencionou nada de dinheiro. Eles foram velejar no lago, dirigiram até a represa Boulder e viram o show de Sinatra no Desert Inn.

Mas, na maior parte do tempo, eles transaram. Com muita frequência e de maneira memorável, fosse no apartamento dela ou na suíte de Jeff no Flamingo. Sharla era a primeira mulher com quem ele tinha ido para a cama desde o começo daquela história toda, e a primeira, fora Linda, desde que ele tinha se casado. O desejo sexual de Sharla combinava maravilhosamente bem com o dele. Ela era tão libertina quanto Judy tinha sido pudica, e Jeff aproveitou para se refestelar naquele erotismo desenfreado.

Frank Maddock uma vez ou outra tirou vantagem das garotas interesseiras que eram uma constante em todos os saguões de hotéis e cassinos, mas passou a maior parte do tempo nas mesas de vinte e um. E ganhando. No dia do páreo de Belmont, ele já tinha aumentado sua fortuna em mais nove mil dólares, um terço dos quais ofereceu a Jeff por ter bancado todo aquele empreendimento. Os dois juntos agora tinham quase vinte e cinco mil dólares depositados no hotel; e Frank estava disposto, com algumas reservas, a concordar com os insistentes apelos de Jeff para que eles apostassem tudo em uma só corrida.

Quando chegou a hora da aposta no sábado, Jeff estava na piscina do Flamingo com Sharla.

– Você nem vai ver na TV? – ela perguntou, percebendo que ele não mostrava sinais de que iria se levantar da esteira.

– Não preciso. Sei como termina.

– Ah, você... – ela riu, dando um tapinha no traseiro dele. – Menininho rico da faculdade, acha que sabe tudo.

– Bom, eu não vou ser rico se estiver errado.

- Esse dia vai chegar – ela disse, ao pegar o frasco de Coppertone.
- Que dia? Em que eu vou estar errado ou em que vou ser pobre?
- Ah, seu bobinho, eu não sei. Aqui, passa atrás das minhas pernas.

Jeff estava meio grogue sob o sol, com a mão sobre a coxa nua de Sharla, quando Frank veio de dentro do hotel com uma expressão de choque no rosto. Jeff ficou logo de pé quando viu a cara do amigo. Deus, talvez eles não devessem ter apostado tudo aquilo.

- O que foi, Frank? – perguntou com firmeza.
- Todo aquele dinheiro – Frank balbuciou. – A dinheirama toda...

Jeff o segurou pelos ombros.

- O que aconteceu? Me diz o que aconteceu!

Os lábios de Frank se retraíram em um meio-sorriso abobalhado.

- Nós ganhamos – sussurrou.

- Quanto?

- Cento e trinta e sete mil dólares.

Jeff relaxou e soltou os ombros de Frank.

– Como é que você faz isso? – perguntou Maddock, olhando fundo nos olhos de Jeff. – Como diabos você faz isso? Três vezes seguidas você acertou direitinho.

- É só sorte.

– Sorte o caramba! Você só faltou empenhar as joias da sua mãe para apostar no Chateaugay no Derby. Você sabe de alguma coisa e não está querendo falar, não é?

Sharla mordeu o lábio inferior e olhou para Jeff pensativa.

- Você falou mesmo que sabia qual ia ser o resultado.

Jeff não gostava do rumo que a conversa estava tomando.

– Ei... – ele disse rindo. – Na próxima provavelmente a gente perde tudo.

Frank sorriu de novo e sua curiosidade aparentemente desapareceu.

– Com um histórico desses, eu te sigo pra qualquer lugar, garoto. Quando é que a gente volta à carga? Tem algum palpite bom aparecendo aí?

– Tenho – disse Jeff. – Tenho um palpite de que a colega de Sharla vai ligar pro trabalho e dizer que está doente, e nós quatro vamos sair para comemorar um bocado hoje à noite. É nisso que eu aposto no momento.

Frank riu e foi para o bar à beira da piscina buscar uma garrafa de champanhe, enquanto Sharla correu para o telefone para ligar para a amiga. Jeff se afundou de novo na esteira, furioso consigo mesmo por ter falado demais e se perguntando como diria a Frank que a parceria entre eles tinha chegado ao fim, pelo menos durante aquele verão.

Com toda certeza ele não iria admitir que eles não podiam apostar em nenhuma outra corrida naquele ano, pelo fato de ele não se lembrar dos ganhadores.

Jeff espalhou uma fina camada de geleia no *croissant* quente e mordeu uma das beiradas quebradiças. Da sacada sobre a avenida Foch, ele podia ver o Arco do Triunfo e o verdejante Bois de Boulogne, ambos a curta distância do apartamento.

Sharla sorriu para ele do outro lado da mesa de café coberta de linho. Pegou um grande morango vermelho de seu prato e o mergulhou primeiro em um recipiente com creme de leite e depois em açúcar, e então começou vagarosamente a sugar a fruta madura, com os olhos ainda fixos em Jeff enquanto os lábios contornavam a iguaria.

Ele deixou de lado seu exemplar do *International Herald-Tribune* e se pôs a assistir à apresentação improvisada com o morango. As notícias, de qualquer modo, eram deprimentemente familiares: Kennedy havia feito seu discurso “*Ich bin ein Berliner*” na cidade dividida que ficava a leste dali, enquanto, no Vietnã, monges budistas tinham começado a se imolar nas ruas em protesto contra o regime imposto por Diem.

Sharla mergulhou o morango mais uma vez no espesso creme e o ergueu sobre a boca aberta para ir lambendo as gotas brancas com a ponta da língua. Seu robe de seda estava transparente na luz da manhã e Jeff podia ver os mamilos eretos sob o fino tecido.

Ele alugara o apartamento de dois quartos no distrito de Neuilly, em Paris, por todo o verão, e eles haviam saído da cidade apenas para passar o dia em uma excursão ocasional a Versailles ou Fontainebleau. Era a primeira visita de Sharla à Europa, e Jeff queria apreciar Paris de uma maneira diferente de quando tinha ido com Linda em um pacote turístico. E ele certamente já tinha conseguido: a sensualidade exuberante de Sharla combinara como uma luva com a aura romântica da cidade. Em dias claros, eles passeavam pelas ruelas e pelos bulevares, parando para comer em qualquer bistrô ou café que atraísse seu interesse; quando chovia, como vinha acontecendo com frequência naquele verão, eles se aninhavam no confortável apartamento por longos dias fogosos e carnavais, com o clima parisiense frio, nublado e fora de estação formando um pano de fundo perfeito para toda aquela paixão. Jeff envolvia seus receios nos lustrosos cabelos pretos de Sharla e escondia sua irremediável confusão mental nas dobras daquele corpo ágil de aroma adocicado.

Ela olhou para ele do outro lado da mesa com um brilho lascivo nos olhos e devorou o morango carnudo em uma só mordida sensual. Um pequeno filete do suco vermelho ainda coloria seu lábio, e ela o enxugou lentamente com a longa unha de seu dedo esguio.

– Quero sair para dançar hoje à noite – ela anunciou. – Quero usar aquele vestido preto novo sem nada por baixo e ir dançar com você.

Jeff deixou seus olhos passearem pelo corpo dela, cujo contorno ele podia ver através do robe de seda.

– Sem nada por baixo, é...?

– Talvez eu use uma meia sete oitavos – ela disse em um tom mais baixo. – E nós vamos dançar do jeito que você me ensinou.

Jeff sorriu e correu as pontas dos dedos de leve pela coxa desnuda que ela deixara aparecer pelo robe entreaberto. Uma noite, três semanas antes, eles tinham ido dançar em uma das novas *discothèques* que então surgiam perto dali, e Jeff espontaneamente começou a conduzir Sharla com os passos sinuosos em estilo livre que evoluíram nos anos seguintes. Ela logo pegou o jeito e adicionou diversos detalhes sensuais por sua conta. Os outros casais, que estavam todos dançando o tuíste ou o watusi, se

afastaram um a um para assistir aos movimentos que Jeff e Sharla faziam. Então, timidamente no começo, mas com cada vez mais entusiasmo, começaram também a dançar de maneira mais solta e abertamente erótica.

Desde então os dois começaram a ir a lugares como New Jimmy e Le Slow Club quase todas as noites, e ela começou a escolher seus vestidos levando em conta o efeito hipnotizante que eles teriam ao se mover sobre o corpo na pista de dança. Jeff gostava de ficar assistindo e achava o máximo ver outros dançarinos cada vez mais imitar os passos dela, assim como suas roupas. Divertia-o o pensamento de que, ao sair uma noite com Sharla, ele poderia sem querer ter alterado a história da dança popular e até acelerado a libidinosa revolução na moda feminina que marcaria os meados dos anos 1960 até o fim da década.

Ela pegou a mão dele e a moveu entre suas pernas sob o robe. O *croissant* e o café com leite ficaram esfriando na mesa, esquecidos juntamente com os mistérios do tempo que o tinham preocupado tanto durante a primavera.

– E, quando a gente chegar em casa, eu não vou tirar as meias – ela sussurrou.

\* \* \*

– E então... – perguntou Frank. – Como estava Paris?

– Ah, muito boa, com certeza – disse Jeff, acomodando-se em uma das espaçosas poltronas do Oak Room no Plaza. – Era disso mesmo que eu precisava. E você, o que achou da Universidade Columbia?

Seu ex-parceiro deu de ombros e fez sinal para o garçom.

– Parece ser tão puxada quanto eu esperava. Você ainda bebe Jack Daniel's?

– Só quando consigo encontrar. Parece que os franceses nunca ouviram falar de *sour mash*.

Frank pediu o *bourbon* e um Glenlivet para ele mesmo. Notas veladas de uma música de violino entravam pela porta aberta do bar vindas do

Salão Palm, próximo à entrada do elegante e antigo hotel nova-iorquino. Por cima daquele pano de fundo tão sereno, ouviam-se o ocasional tilintar discreto de copos e um murmúrio ambiente das conversas, as palavras indecifráveis abafadas pelas cortinas grossas e pelo couro suntuoso do salão.

– Este não é o tipo de espelunca que eu esperava frequentar no meu primeiro ano na escola de Direito – Frank disse em meio a um largo sorriso.

– Bem, é um degrauzinho acima do Moe and Joe, não é? – concordou Jeff.

– Sharla está aqui com você?

– Ela foi ao teatro assistir a *Beyond the fringe*. Eu disse a ela que nós iríamos falar de negócios.

– Vocês dois estão se dando muito bem, pelo que eu vejo.

– É fácil estar com ela. É divertido.

Frank assentiu e mexeu a bebida que o garçom acabara de servir.

– Acho que então você não saiu mais com aquela mocinha da Emory de que tinha me falado.

– A Judy? Não, aquilo já tinha terminado mesmo antes de eu e você irmos para Las Vegas. Ela é uma boa moça, muito gentil e tudo mais, mas... é muito inocente. Jovem demais.

– Da mesma idade que você, não é?

Jeff olhou para ele com severidade.

– Você vai brincar de irmão mais velho de novo, Frank? Está querendo me dizer que a Sharla é muito para mim ou algo assim?

– Não, não! É que... Você nunca deixa de me surpreender, só isso. Da primeira vez que te vi, pensei que era só um garoto inexperiente qualquer, que tinha muito a aprender sobre corridas de cavalos, entre outras coisas. Mas aí você acabou me ensinando algumas coisas. Quer dizer, pelo amor de Deus, ganhar aquele dinheiro todo, desfilar com o Avanti e depois sumir para a Europa com uma mulher como a Sharla... Às vezes você parece ser bem mais velho do que realmente é.

– Acho que agora seria um bom momento para mudar de assunto – cortou Jeff.

– Olha, eu não quis insultar ninguém. Sharla é um tremendo achado e eu tenho inveja de você. Só fico com a sensação de que você... sei lá, cresceu mais rápido do que qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. Não é nenhum julgamento de valor. Caramba, eu acho até que você poderia encarar como elogio. Só é estranho para mim, só isso.

Jeff deixou esvaír a tensão em seus ombros e se recostou com sua bebida.

– Creio que eu tenho um enorme gosto pela vida – disse. – Quero fazer muitas coisas, e tenho pressa em fazê-las.

– Bom, então eu vou te dizer que você está bem à frente dos coitados deste mundo. Tudo de melhor para você. Espero que as coisas corram tão bem daqui por diante quanto vêm correndo até o momento.

– Obrigado. Um brinde a isso.

Ambos levantaram o copo e tacitamente decidiram ignorar o momento tenso que se passara entre eles.

– Bem, então você disse à Sharla que esta seria uma reunião de negócios – disse Frank. – Exato.

Frank deu um gole em seu *scotch*.

– E é?

– Isso depende – Jeff deu de ombros.

– De quê?

– De você estar ou não interessado no que eu tenho a te propor.

– Depois das coisas que você fez no verão? Você acha mesmo que eu não vou querer ouvir qualquer loucura que você tiver para falar?

– E essa de agora vai parecer mais louca ainda do que você imagina.

– Vamos ver.

– É a World Series. Daqui a duas semanas.

Frank levantou uma sobrancelha.

– Se eu te conheço bem, você vai querer apostar nos Dodgers.

Jeff fez uma pausa.

– Exatamente.

– Ei, espera aí, vamos falar a sério. Quer dizer, você fez uma coisa extraordinária prevendo o Derby e o Belmont, mas calma aí! Com Mantle

e Maris de volta e os dois primeiros jogos aqui em Nova York? Não vai dar, amigo. Não tem jeito nenhum de isso acontecer.

Jeff se inclinou para a frente e disse calmamente, mas com muita firmeza:

– E vai ser o seguinte: de lavada, com os Dodgers ganhando as quatro seguidas.

Frank o fitou com estranhamento.

– De verdade, você está louco!

– Não estou. Vai acontecer mesmo. Um, dois, três, quatro. Nós dois ficaríamos bem arrumados para o resto da vida.

– Nós vamos é voltar a beber no Moe and Joe, é isso que você está dizendo.

Jeff virou o final de sua bebida, recostou-se na cadeira e balançou a cabeça. Frank continuou a encará-lo como se estivesse procurando a origem da insanidade de Jeff.

– Talvez uma aposta baixa – consentiu Frank. – Algumas centenas, digamos, talvez até quinhentos, se você estiver mesmo com muita cisma nesse palpíte.

– Vai ser tudo – afirmou Jeff.

Frank acendeu um Tareyton sem arredar o olhar de Jeff.

– O que há com você, afinal? Está determinado a perder tudo, é isso? Sabe, existe um limite para a sorte.

– Mas eu não estou errado a respeito disso, Frank. Vou apostar tudo o que me sobrou e vou te oferecer o mesmo trato de antes: o dinheiro é meu, você faz a aposta e a gente divide setenta/trinta. Não precisa arriscar nada, se você não quiser.

– Você tem ideia dos valores com que está mexendo?

– Não exatamente. Você tem?

– Não assim de cabeça, mas... Meu caro, são números para otários, porque só um otário faria uma aposta assim.

– Por que você não liga para alguém e descobre quais seriam esses valores?

– Até posso fazer isso só por curiosidade.

– Vá em frente. Eu fico esperando aqui. Peça outra bebida. E lembre-se: não é só uma vitória, vai ser tudo dos Dodgers.

Frank ficou longe da mesa por menos de dez minutos.

– Meu agenciador riu de mim – disse ao se sentar de volta e pegar seu novo copo de *scotch*. – Ele literalmente riu de mim no telefone.

– Quanto estão pagando? – Jeff perguntou calmamente.

Frank engoliu metade de seu drinque.

– Cem para um.

– Você vai fazer a aposta por mim?

– Você vai mesmo fazer isso, não vai? Não está só de brincadeira.

– Estou falando muito sério – disse Jeff.

– O que é que te dá tanta certeza assim dessas coisas? O que você sabe que ninguém mais no mundo sabe?

Jeff piscou e manteve a voz inalterada.

– Isso eu não posso te dizer. Tudo o que vou dizer é que não é só um palpite. É uma certeza.

– Isso soa muito como...

– Não, não tem nada de ilegal envolvido, eu juro. Você sabe que eles não podem arranjar os jogos atualmente, e, mesmo que pudessem, como é que justo eu ficaria sabendo de alguma coisa?

– Você fala como se estivesse por dentro de um bocado de coisas.

– O que eu sei é o seguinte: não tem como nós perdermos essa aposta. De maneira nenhuma.

Frank olhou para ele muito atentamente, virou o resto do *scotch* e pediu mais um.

– Que merda... – balbuciou. – Antes de te conhecer, em abril passado, eu imaginei que iria viver só de dinheiro poupado este ano todo.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que eu acho que vou entrar com você nesse esqueminha para trouxas. Nem me pergunte o porquê, eu provavelmente vou estourar os miolos depois do primeiro jogo. Mas só tem uma coisa...

– Diga.

– Não vai ter mais essa bobagem de setenta/trinta e de você entrar com todo o dinheiro. Nós dois vamos arriscar, vamos entrar com tudo o que sobrou de Las Vegas, incluindo o que eu consegui nas mesas, e tudo o que a gente ganhar vai ser dividido meio a meio. Fechado?

– Fechado, parceiro.

Era o outubro de Koufax e Drysdale.

Jeff levou Sharla ao Estádio Yankee para ver os primeiros dois jogos, mas Frank não conseguia nem mesmo assisti-los pela televisão.

Os Dodgers venceram o primeiro confronto por 5 a 2, com Koufax arremessando. Johnny Podres estava no montinho no dia seguinte e, com uma assistência do *reliever* número 1, Ron Perranoski, segurou os Yankees em uma corrida só, enquanto os Dodgers acertaram quatro de dez rebatidas.

O terceiro jogo, em Los Angeles, foi um clássico para Drysdale: um *shutout* de 1 a 0, com o “Big Don” deixando os Yankees para trás um arremesso após o outro. Em seis das nove entradas, Drysdale só enfrentou o mínimo de três rebatedores.

O quarto jogo foi o mais apertado. Até mesmo Jeff, que assistia a ele em cores no Pierre, em Nova York, souo de nervoso um pouco. Whitey Ford, arremessando para os Yankees, lançava mais uma vez contra Koufax, e ambos estavam com sede de sangue. Mickey Mantle e Frank Howard, natural de Los Angeles, conseguiram um *home run* cada um, alcançando um empate de 1 a 1 na virada da sétima entrada. Então, Joe Pepitone cometeu um erro em um lançamento para Clete Boyer, o Yankee na terceira base, e Jim Gilliam, dos Dodgers, alcançou a terceira. Willie Davis era o próximo, e Gilliam conseguiu a corrida decisiva quando Davis isolou a bola no fundo da porção central do campo.

Os Dodgers tinham fechado completamente o caminho dos Yankees na World Series, e era a primeira vez que isso acontecia ao time de Nova York desde 1922, quando os Giants fizeram o mesmo. Foi uma das maiores zebras da história do beisebol, um acontecimento do qual Jeff jamais

poderia se esquecer, da mesma forma como nunca esqueceria seu próprio nome.

Por insistência de Jeff, Frank tinha distribuído a aposta de cento e vinte e dois mil dólares entre vinte e três agenciadores em seis cidades e onze diferentes cassinos em Las Vegas, Reno e San Juan.

O ganho total passava de doze milhões de dólares.

## Cinco

A era das apostas estava encerrada, ambos sabiam disso. A façanha dos dois tinha se espalhado e já não havia mais nenhum agenciador ou cassino no país que aceitasse qualquer tentativa mais ousada de Jeff ou Frank.

Havia, entretanto, outros tipos de apostas a ser feitas, que atendiam por nomes mais refinados.

– ...colocar o setor de contabilidade naquela sala ali e o departamento jurídico aqui deste lado. Aí, seguindo por este corredor...

Era claramente um prazer enorme para Frank guiar Jeff pelo conjunto de escritórios ainda semimobiliados no quinquagésimo andar do Edifício Seagram. Ele próprio tinha escolhido aquela localização, com a aprovação de Jeff, e se encarregado de organizar os detalhes de tudo o que ainda precisava ser feito, desde seu estabelecimento como uma companhia de

grande porte, a Future Inc., até a contratação de secretárias e do pessoal do setor financeiro.

Frank tinha largado a escola de Direito, e ambos haviam implicitamente concordado que ele supervisionaria o dia a dia das operações da empresa, enquanto Jeff tomaria as decisões maiores relativas a investimentos e aos rumos da corporação. Frank não questionava mais as recomendações de Jeff, mas um clima estranho havia se instaurado entre os dois sócios desde o triunfo na World Series. Eles raramente socializavam agora, mas Jeff sabia que Frank vinha bebendo muito mais do que antes. A curiosidade que ele um dia tivera havia se transformado em certo medo de Jeff, de quanto ele sabia e de como ele tinha tomado conhecimento daquelas coisas. Tais questões, no entanto, nunca mais foram discutidas.

– ...até a recepção, que vai ficar aqui. Espera só pra ver a belezinha que vai estar nesta mesa daqui a umas duas semanas. E... aqui... está!

O escritório era espaçoso, mas, de certa forma, ainda aconchegante. Impressionava sem intimidar. Uma cadeira Barcelona preta esperava por seu ocupante atrás da grande mesa oval de carvalho, que ficava de frente a um bar muito bem servido e uma simpática estante embutida, onde estavam a televisão e o aparelho de som. Janelas do chão ao teto ocupavam duas paredes e davam vista para o rio Hudson, de um lado, e para os prédios do centro de Manhattan, do outro. Plantas colocadas em todos os cantos conferiam um ar exuberante à sala, e os Pollocks emoldurados nas paredes atestavam a valorização da criatividade humana. Um gesto divertido e bastante apropriado foi dedicar uma seção da parede a um grande pôster, uma fotografia de um cavalo enfeitado com flores – era Chateaugay, fazendo pose de vencedor depois do Kentucky Derby.

– E é todo seu, amigo – Frank disse com um sorriso.

Jeff ficou comovido com o que o amigo tinha feito.

– Frank, ficou fantástico!

– Mas é claro que, se você não gostar de qualquer coisa, podemos mudar em um instante. O decorador entende que esse arranjo é só preliminar e que você tem de aprovar tudo. Afinal, é você quem vai trabalhar aqui.

– Está tudo ótimo do jeito que está. Realmente, estou admirado! E não tem como você vir me dizer que foi algum decorador que teve a ideia de colocar essa foto do Chateaugay.

– Não... – admitiu Frank. – Isso foi sugestão minha mesmo. Pensei que você ia se divertir vendo isso.

– Vai me trazer inspiração.

– É com isso mesmo que eu estou contando – riu Frank. – Deus, quando eu penso na rapidez com que tudo isso aconteceu, em como... Bom, você sabe o que eu quero dizer.

O breve momento de alegria juvenil se recolheu tão rapidamente quanto tinha aparecido. Aquela experiência toda estava pesando sobre Frank, as perguntas que não podiam ser expressas e que não tinham respostas, o sucesso tão repentino quanto inexplicável... Ele não sabia bem como lidar com tudo aquilo.

– Bom, seja como for... – disse Frank, olhando para o lugar onde ficaria a recepção. – Eu tenho uma pilha de coisas para resolver hoje. Pedi um monte de calculadoras da Monroe que já deveriam ter chegado há dois dias. Então, se enquanto isso você quiser ficar por aqui um tempo, ir se acostumando com o lugar...

– Está tudo bem, Frank. Pode ir fazer o que você tiver de fazer. Eu quero muito me sentar aqui um pouco e pensar nas coisas. Obrigado mais uma vez. Você está fazendo um excelente trabalho, sócio.

Eles apertaram as mãos e deram tapinhas nos ombros um do outro em uma expressão meio constrangedora de camaradagem. Frank partiu em direção às salas quase vazias e Jeff se acomodou no conforto da cadeira Barcelona por detrás da mesa enorme.

Havia sido tão fácil tudo aquilo, mais fácil ainda do que ele tinha imaginado, as corridas, os lances que ele revisitara nos jogos da World Series e, claro, a enorme quantidade de dinheiro que tinha ganhado com suas apostas absolutamente garantidas. Não havia limites para o que ele podia fazer dali em diante, com tanta facilidade quanto tivera até então ou ainda mais.

Ele já tinha começado a estudar o mercado de ações, levando em consideração tudo o que sabia que viria a acontecer do mundo e aplicando aqueles conhecimentos de forma a extrapolar a situação atual. Claro que ele não se lembrava de cada momento de estagnação ou crescimento econômico ano a ano, mas tinha certeza de que sua visão geral seria boa o suficiente para tornar irrelevantes as recessões passageiras e os pequenos inconvenientes.

Alguns investimentos eram mais óbvios: IBM, Xerox, Polaroid... Outros demandavam um pouco mais de trabalho mental para que ele conseguisse estabelecer as conexões entre as mudanças sociais que já estavam em curso, ou prestes a ocorrer, e as empresas que se beneficiariam de tais mudanças. O restante daquela década, Jeff sabia, seria de prosperidade generalizada, com os norte-americanos viajando bastante a trabalho ou a lazer. Ou seja, a Future Inc. deveria investir pesadamente em ações da rede hoteleira e das companhias de aviação. Também a construtora de aviões Boeing estava começando uma longa escalada, mesmo que seu muito comentado programa SST estivesse para ser cancelado. O 727 e o 747, que ainda não existiam, se tornariam os principais aviões comerciais dos vinte e cinco anos seguintes. Outras empresas de engenharia aeroespacial também teriam sua cota de sucessos e fracassos, e Jeff tinha certeza de que uma pesquisa benfeita o ajudaria a se lembrar de quais delas tinham assinado os contratos mais lucrativos dentro do programa Apollo e, em seguida, na construção da frota de ônibus espaciais.

Ele observou o Hudson lá embaixo, tomado pelo comércio. A invasão dos automóveis japoneses ainda demoraria um bom tempo para acontecer, conforme ele se lembrou naquele primeiro dia, e os Estados Unidos estavam perto de atingir o ápice de seu caso de amor com os carros grandes. Não faria mal algum investir um milhão ou algo assim na Chrysler, na GM e na Ford. A RCA também seria uma boa escolha a curto prazo, uma vez que as televisões em cores logo se tornariam o padrão, e ainda levaria uns bons anos até que a Sony aparecesse tomando de assalto esse mercado.

Jeff fechou os olhos, apreciando o potencial de tudo aquilo. Os problemas financeiros que ele enfrentava todos os meses e a eterna frustração com empregos que exigiam muita responsabilidade e pagavam pouco eram agora não apenas parte do passado, mas também de um futuro que nunca aconteceria. Quem ligava para saber como isso tudo era possível? Ele era jovem, tinha muito dinheiro e ficaria ainda muito mais rico em breve. Não tinha nenhuma intenção de mudar nada nem de questionar o que se passava, e muito menos queria voltar àquela realidade que já tinha vivido, ou que talvez tivesse imaginado. Agora, poderia ter tudo o que sempre quisera, com o tempo e a energia para desfrutar de tudo aquilo.

*“...se o candidato republicano será Goldwater ou Rockefeller. É pouco provável que o escândalo Baker tenha qualquer efeito nas aspirações à reeleição do presidente, muito embora um movimento ‘Fora Johnson’ entre os próprios aliados da Casa Branca se torne uma possibilidade caso a investigação continue a tomar monta. Uma preocupação mais imediata da equipe de Kennedy deve ser...”*

– Será que a gente não poderia ver outra coisa? – reclamou Sharla. – Nem sei por que você se importa tanto com essas coisas de política. Ainda falta um ano para a próxima eleição.

Jeff deu um meio sorriso apaziguador, mas não respondeu.

*“...com o corte de impostos e as propostas pró-direitos civis. A não ser que sejam transformados em lei antes que o Congresso entre em recesso em 20 de dezembro, os projetos enfrentarão batalhas ainda mais duras nas sessões da Câmara e do Senado durante a primavera, e Kennedy se verá forçado a começar sua campanha sob a sombra de uma longa disputa no Congresso, ao invés de conquistar sua almejada aura de dupla vitória.”*

Sharla se levantou do sofá com um grunhido mudo e andou até a escada que levava ao andar superior da casa na rua 73 Leste.

– Te espero na cama – disse por cima do ombro que aparecia nu sob a fina camisola cor de pêssego. – Quer dizer, se você ainda estiver

interessado.

*“...apesar das persistentes críticas ao desastre ocorrido na Baía dos Porcos, apesar dos graves problemas com entidades tão díspares quanto a AFL-CIO e a indústria metalúrgica, a imagem pública e a pessoa privada permanecem inseparáveis aos olhos da maioria da população. Sua juventude indisfarçável, a esposa adorável e os filhos amorosos, as tragédias e os triunfos pelos quais sua família passou, a elegância demonstrada sem dificuldades e o senso de humor afiado, tudo...”*

Jeff correu de volta a fita do protótipo de gravador de vídeo Sony que tinha lhe custado onze mil dólares e mesmo assim era fadado ao fracasso, um produto uma década à frente de seu tempo. As imagens em preto e branco de John Kennedy iluminavam a tela mais uma vez, tão familiares e ainda assim comoventes: sorrindo em sua famosa cadeira de balanço, acolhendo John-John e Caroline nos braços na pista de um aeroporto, brincando com seus irmãos na praia em Hyannisport. Tantas vezes Jeff já tinha visto aqueles breves segmentos da vida daquele homem, e sempre, por um quarto de século, elas tinham sido sucedidas pelas imagens da limusine aberta em Dallas, pelo horror generalizado, o sangue nas roupas de Jackie e as rosas que ela tinha nos braços. Tais imagens, porém, ainda nem existiam. Esta noite, na fita de um programa de notícias transmitido nem duas horas antes, não haveria a fotografia de Lyndon Johnson assumindo o poder, nada do cortejo fúnebre por Washington, nem a chama eterna de Arlington fechando a edição. Esta noite, o homem de quem falavam ali estava vivo, cheio de energia e planos para seu futuro e o do país.

*“...elegância demonstrada sem dificuldades e o senso de humor afiado, tudo isso confere uma importância ao menos superficial à noção de ‘Nova Fronteira’ e de um novo começo – o advento, como muitos o chamam, de uma Camelot moderna. É com essa imagem enormemente positiva, muito mais do que com eventuais realizações no primeiro mandato, que o recém-indicado comitê de reeleição de Kennedy terá de trabalhar. Sorensen, O’Donnell, Salinger, O’Brien e Bobby Kennedy estão todos cientes dos pontos fortes e fracos de seu candidato e do poder que têm os mitos*

*instantâneos. Podem ter certeza de que eles sabem onde concentrar sua atenção na campanha que virá.”*

O programa então mudou o foco para imagens de Charles de Gaulle visitando o xá do Irã em meio a muita pompa e circunstância, e Jeff desligou o aparelho. Kennedy estava vivo, ele pensou então como pensara tantas vezes nas últimas semanas. Kennedy estaria guiando a nação rumo a sabe-se lá o quê – talvez mais prosperidade, harmonia racial e uma retirada precoce do Vietnã?

John F. Kennedy estava vivo. Contudo, só até dali a três semanas.

A não ser que... A não ser que... o quê? Aquela fantasia era irresistível, por mais estapafúrdia e clichê que também fosse. Mas não era uma série de televisão nem trama de ficção científica; Jeff estava mesmo ali, de verdade, naquele mundo ainda inalterado de 1963, com a maior tragédia de sua era prestes a se desenrolar bem na frente dos seus olhos prescientes. Seria possível ele intervir? Daria certo? Ele já tinha começado a causar impactos enormes na realidade econômica daqueles tempos só por fundar a Future, mas o tecido do espaço-tempo ainda não tinha começado a mostrar nenhum sinal de que ia se desfazer.

Com certeza, Jeff pensou, devia haver alguma coisa que ele pudesse fazer para evitar o iminente assassinato, de preferência algo que não envolvesse confrontar o próprio assassino em um quarto no sexto andar do Depósito de Livros Escolares do Texas, no dia 22 de novembro. Um telefonema para o FBI? Uma carta para o Serviço Secreto? Mas é claro que nenhuma autoridade levaria a sério seus avisos, e, mesmo que levasse, ele provavelmente acabaria preso como suspeito de conspiração.

Serviu-se de uma bebida no bar perto da porta do quintal e analisou a questão. Qualquer pessoa com quem ele conversasse a respeito daquilo o consideraria um lunático, pelo menos até o fatídico momento em que a comitiva do presidente passasse pela vizinhança da Dealey Plaza e então tivesse de sair correndo de lá depois da tragédia. Aí o problema se tornaria sério de verdade, mas já seria tarde demais para fazer um grande bem ao mundo.

Então, o que ele devia fazer? Ficar sentado assistindo ao assassinato? Deixar a história se repetir brutalmente só porque ele tinha medo de parecer ridículo?

Jeff olhou em volta para sua casa elegantemente decorada, muito superior a qualquer residência em que ele ou Linda algum dia tinham tido intenção de morar. Só havia levado seis meses para ele conseguir tudo aquilo com esforço quase nenhum. Agora, ele poderia passar a vida toda aumentando seu conforto e sua riqueza sem conhecer limites, tudo por causa das coisas que sabia. Entretanto, tais conquistas poderiam se tornar o símbolo de um desgosto muito grande caso ele não tomasse alguma atitude com relação às outras coisas que, conforme ele sabia, também aconteceriam.

Algo deveria ser feito, de algum jeito.

Ele tomou um avião para Dallas no dia 15 e parou na primeira cabine telefônica que viu no aeroporto. Procurou na letra O e lá estava o nome, despercebido em meio a todos os outros, ainda que, a seus olhos, aquelas letras saltassem da página como se tivessem sido escritas com fogo:

Oswald, Lee H. . . . . rua North Beckley, 1026 . . . . . 555-4821

Jeff anotou o endereço e então alugou um Plymouth azul da Avis. A moça que o atendeu explicou como chegar àquela parte da cidade que ele procurava.

Passou de carro seis vezes em frente à casa de colunas brancas no bairro de Oak Cliff. Imaginou-se andando até a porta, tocando a campainha e falando com a jovem russa de voz calma, chamada Marina, que iria atender. O que ele diria a ela? “Seu marido vai matar o presidente e nós temos de detê-lo”? E se o próprio assassino viesse à porta? O que ele faria nesse caso?

Jeff passou mais vez, lentamente, pela casinha comum, pensando no homem que morava ali e que tinha pacientemente esperado e planejado

um modo de abusar da complacência mundial.

Resolveu então deixar aquela vizinhança e foi embora sem parar em lugar algum. Em um K-Mart em Fort Worth, comprou uma máquina de escrever portátil das mais baratas, um punhado de papel e um par de luvas. De volta a seu quarto alugado anonimamente no Holiday Inn, perto da via expressa East Airport, calçou as luvas, abriu o pacote de papel e começou a escrever a carta cujo teor lhe causava nojo:

Ao Presidente John F. Kennedy

Casa Branca

Av. Pennsylvania, 1600

Washington D.C.

Presidente Kennedy,

Você isolou o premiê Fidel Castro e o povo liberto de Cuba. Você é o opressor, o inimigo dos homens livres de toda a América Latina e do mundo.

Se você vier a Dallas, vou matá-lo. Vou atirar na sua cabeça com um rifle de longo alcance, e em seu sangue derramado se fará JUSTIÇA para os combatentes da liberdade no hemisfério ocidental.

Esta não é uma ameaça vazia. Estou bem armado e preparado para morrer em nome dessa causa, se necessário.

*Eu vou matar você.*

VENCEREMOS!  
Lee Harvey Oswald

Jeff ainda incluiu o endereço de Oswald, atravessou a cidade e depositou a carta em uma caixa de correio a dois quarteirões da casa de colunas brancas. Uma hora depois e mais de seis quilômetros a sudeste de Dallas, as luvas começaram a ficar suadas por dentro. O couro apertava e já deixava suas mãos dormentes no momento em que ele jogou a máquina de escrever de uma ponte dentro de um imenso lago no meio de lugar nenhum. A sensação de finalmente arrancar aquelas luvas foi ótima, assim

como a de jogá-las pela janela do carro à beira de uma cidadezinha esquecida por Deus, chamada, ironicamente, Cano de Espingarda. As mãos agora estavam livres e limpas.

Durante os quatro dias seguintes, ele ficou entocado em seu quarto no Holiday Inn, comunicando-se com ninguém a não ser o serviço de quarto e saindo só para comprar jornais. Na terça-feira, dia 19, o *Dallas Herald* trouxe na página 5 a notícia que ele vinha esperando: Lee Harvey Oswald tinha sido preso pelo Serviço Secreto por ameaça à vida do presidente e ficaria sob custódia sem direito de sair por fiança até que Kennedy terminasse sua viagem de um dia ao Texas no fim daquela semana.

Jeff ficou bastante bêbado em seu voo de volta a Nova York naquela noite, mas o álcool não tinha relação com a sensação de triunfo que ele sentia e os pensamentos exultantes que povoavam sua mente: imagens de um mundo no qual negociações diplomáticas tomavam o lugar da guerra no Vietnã, no qual os famintos tinham comida e a igualdade racial havia sido conquistada sem derramamento de sangue; um mundo no qual John Kennedy e o espírito de esperança da humanidade não morreriam, mas floresceriam e prosperariam pelo planeta afora.

Quando seu avião pousou, as luzes de Manhattan pareciam um brilhante presságio do futuro glorioso que Jeff tinha acabado de criar.

Dez minutos depois de uma da tarde da sexta-feira, sua secretária abriu a porta do escritório sem bater. Ficou parada lá com lágrimas descendo dos olhos, sem conseguir falar. Jeff nem precisou perguntar o que havia de errado. Teve a sensação de ter sido atingido na barriga por um objeto pesado e invisível.

Frank chegou por detrás dela e calmamente disse à jovem que não haveria mais expediente naquele dia; ela e todos os outros deveriam ir para casa. Então pegou Jeff e foram os dois juntos para fora do prédio. As pessoas se aglomeravam na avenida Park em um estupor generalizado. Alguns choravam abertamente, enquanto outros se juntavam em torno de carros ou rádios a pilha. A maioria só andava com uma expressão vazia,

pondo um pé na frente do outro, como se estivesse fora do ar, em um passo vagaroso e distraído que não era nem um pouco típico dos nova-iorquinos. Era como se um terremoto tivesse desprendido todo o sólido chão de concreto de Manhattan e ninguém mais conseguisse se firmar em pé. Ninguém sabia se as ruas voltariam a balançar e se retorcer novamente, ou mesmo se partir ao meio e engolir o mundo à sua volta. O futuro tinha chegado bruscamente.

Frank e Jeff se sentaram a uma mesa em um bar tranquilo próximo à Madison. Na televisão, o Força Aérea Um deixava Dallas levando a bordo o corpo do presidente. Em sua mente, Jeff viu a fotografia que se tornaria famosa, de Lyndon Johnson fazendo o juramento ao tomar posse, com uma atordoada Jacqueline Kennedy ao lado dele. O vestido sujo de sangue, as rosas...

– E agora? – Frank perguntou.

Jeff se distanciou de seus pensamentos macabros.

– Como assim?

– E agora? Como fica o mundo? Pra onde nós vamos depois de uma coisa assim?

Jeff deu de ombros.

– Eu acho que muito disso depende de Johnson, do tipo de presidente que ele vai ser. O que você acha?

Frank balançou a cabeça.

– O que eu acho é que você nunca precisa “achar” nada, Jeff. Nunca vi você “achar” nada. Você simplesmente sabe como as coisas serão.

Jeff olhou em volta em busca de um garçom; estavam todos em frente à televisão, ouvindo um jovem Dan Rather recapitular os eventos importantes daquela tarde pela vigésima vez.

– Não sei do que você está falando...

– Nem eu sei, não exatamente. Mas alguma coisa não... não está certa com você, Jeff. É muito esquisito. E eu não gosto disso de jeito nenhum.

As mãos de seu sócio tremiam, Jeff percebeu. Ele devia estar precisando desesperadamente de uma bebida.

– Frank, o dia de hoje foi terrível, muito fora do normal. Nós todos estamos meio chocados com o que aconteceu.

– Você não está. Não do jeito como eu estou, como está todo mundo. Ninguém no escritório te contou o que aconteceu; foi como se nem precisasse, como se você já soubesse o que ia acontecer.

– Não diga um absurdo desses...

Um corpulento policial estava sendo entrevistado na TV e descrevia a caçada ao suspeito que começava a ocorrer por todo o estado do Texas.

– O que você foi fazer em Dallas semana passada?

Jeff encarou Frank com desalento.

– Você por acaso foi saber da minha vida com o agente de viagens?

– Exato. O que você foi fazer lá?

– Estava olhando um imóvel para nós. O mercado está em crescimento, apesar do que houve hoje.

– Talvez isso mude.

– Eu acho que não.

– Você “acha” que não, hein? E por que não?

– É só um pressentimento que eu tenho.

– Nós já fomos muito longe com base nesses pressentimentos seus.

– E podemos ir mais longe ainda.

Frank deu um suspiro e correu a mão por seus cabelos, que prematuramente vinham se tornando mais finos.

– Não. Eu não. Pra mim chega. Eu quero ficar fora disso.

– Meu Deus, mas nós só estamos começando.

– Eu tenho certeza de que você vai se dar maravilhosamente bem, mas isso tudo ficou esquisito demais para mim, Jeff. Eu não me sinto mais bem trabalhando com você.

– Pelo amor de Deus, Frank, você não acha que eu tive alguma coisa a ver com...?

Frank levantou a mão e o interrompeu.

– Não, eu não disse isso. Eu nem quero saber. Só quero... ficar fora disso. Você pode continuar contando com minha parte do capital e ir me pagando os lucros durante os anos ou por sei lá quanto tempo que isso vá

durar. Eu posso até recomendar que você passe o meu cargo de gerente de operações para o Jim Spencer. Ele é bom, sabe o que está fazendo. E vai seguir suas instruções ao pé da letra.

– Mas que merda, Frank, nós sempre estivemos nisso juntos, desde o Derby, desde a Emory...

– Estivemos mesmo, e foi uma senhora caminhada. Mas chegou a hora de eu trocar as fichas, meu caro. Estou saindo da mesa.

– Pra fazer o quê?

– Terminar o curso de Direito, eu acho. Fazer uns investimentos por minha conta, com mais segurança. Eu já tenho o suficiente para me arrumar para a vida toda.

– Não faça isso, Frank. Você está perdendo a oportunidade de uma vida.

– Ah, disso eu tenho certeza! Talvez algum dia eu me arrependa disso, mas, neste momento, é isso o que eu preciso fazer. Pela minha própria paz de espírito – e então se levantou e estendeu a mão. – Boa sorte e muito obrigado por tudo. Foi bem divertido enquanto durou.

Eles se cumprimentaram enquanto Jeff se perguntava o que poderia ter feito para impedir aquilo. Talvez nada. Talvez tivesse de acontecer daquele jeito.

– Vou conversar com o Spencer na segunda – Frank disse. – Isso se o mundo ainda estiver em paz e o país estiver funcionando direito.

Jeff lançou um olhar comprido e sóbrio.

– Tudo vai ficar bem.

– Bom saber. Você se cuide, sócio.

Quando Frank partiu, Jeff foi se sentar em um banco no balcão e finalmente pediu uma bebida. Já estava na terceira quando a CBS interrompeu a programação com uma notícia:

*“...prende um suspeito ligado ao assassinato do presidente Kennedy. Repetindo: a polícia de Dallas prende um suspeito ligado ao assassinato do presidente Kennedy. O homem é supostamente um andarilho e ocasional ativista de extrema esquerda chamado Nelson Bennett. Autoridades afirmam que um número de telefone encontrado no bolso de Bennett foi identificado*

*como sendo da embaixada soviética na Cidade do México. Mais informações a respeito do caso assim que...”*

O quintal da casa no East Side estava sombrio sob os ventos frios de novembro. Era um lugar planejado para o verão, mas em um mundo do qual o verão tinha sido banido. A mesa com tampo de vidro e a armação cromada das cadeiras de alguma forma tornavam aquele dia sem sol ainda mais vazio.

Jeff se aconchegou mais em seu grosso cardigã e se perguntou, pela centésima vez nos últimos dois dias, o que teria acontecido naquele dia inevitável em Dallas. Quem diabos era Nelson Bennett? Um assassino reserva que fora contratado para ficar no aguardo quando Oswald foi preso? Ou só um golpe do destino, um maluco aleatório que tinha sido manipulado por forças muito maiores do que qualquer conspiração humana para assegurar que a ordem dos acontecimentos naquela realidade não fosse perturbada?

Não haveria forma de saber, ele percebeu. Já tinha passado por muitas coisas além de sua compreensão naquela vida subitamente reestruturada. Então, por que aquele mistério em particular seria menos insolúvel que todo o resto? Aquilo estava como que debochando, fazendo pouco dele. Ele havia usado sua presciência para remodelar o destino de uma maneira positiva, em algo que era muito mais importante que suas apostas ou planos de investimentos; mas seus esforços haviam criado apenas uma leve ondinha no extenso oceano da história. O nome de um assassino tinha mudado, só isso.

E ele imaginava: o que aquilo significava para seu próprio futuro? Todas as esperanças que tinha de reconstruir sua vida, com as vantagens trazidas por seu conhecimento... Será que tudo estaria destinado a ser só uma mudança superficial, quantitativa, mas não qualitativa? Será que suas tentativas de alcançar a felicidade verdadeira seriam tão inexplicavelmente frustradas quanto sua intervenção no caso Kennedy? Tudo aquilo estava também fora de sua compreensão. Seis semanas antes, ele se sentia como

um deus onisciente; não parecia ter limites para o que podia conseguir. Agora, mais uma vez, tudo parecia aberto a perguntas. Ele teve uma sensação incapacitante de desamparo muito pior do que qualquer outra que já tivera desde o colégio interno, naquele dia terrível em que estava na pontezinha e...

– Jeff! Meu Deus, corre aqui! Mataram o Bennett bem na TV, eu vi acontecer!

Ele consentiu pacientemente e seguiu Sharla para dentro de casa. O assassinato estava sendo mostrado e repetido inúmeras vezes, como ele já sabia que seria. Jack Ruby, com seu chapéu de gângster de filme B, surgia do nada no corredor do subsolo da Penitenciária de Dallas. Então aparecia o revólver, e Nelson Bennett morria no momento exato, a agonia horrível em seu rosto barbado servindo como um reflexo distorcido da bem documentada morte de Lee Harvey Oswald.

O presidente Johnson, Jeff sabia, ordenaria uma investigação detalhada dos eventos daquele fim de semana sangrento. Haveria uma comissão especial presidida pelo juiz Earl Warren. Respostas seriam procuradas com afinco, nenhuma seria encontrada. A vida seguiria em frente.

## Seis

Jeff não se envolveu em muitas outras coisas a não ser em ganhar mais dinheiro. E ele era muito bom nisso.

Ações da indústria cinematográfica eram uma opção bastante segura. Os meados daqueles anos 1960 haviam sido uma época de muito público nos cinemas e das primeiras rendas multimilionárias em produções como *A ponte do rio Kwai* e *Cleópatra*. Jeff se manteve distante das empresas de microeletrônica, mesmo sabendo que muitas delas aumentariam tremendamente de valor. Simplesmente não conseguia se lembrar dos nomes das mais bem-sucedidas. Em vez disso, aplicou seu dinheiro nos conglomerados que ele sabia que prosperariam em seus investimentos naquela década: Litton, Teledyne, Ling-Temco-Vought. Suas escolhas eram quase uniformemente lucrativas desde o momento em que as ações eram adquiridas, e ele então reinvestia o grosso daquela renda na compra de outras ações.

Era algo a fazer para passar o tempo.

Sharla gostou da luta, apesar de ter deliberadamente apostado em Liston mesmo depois de Jeff ter dito a ela para pôr seu dinheiro em Cassius Clay. As emoções do próprio Jeff com relação àquela noite eram decididamente mais confusas, não tanto quanto à luta em si, mas quanto ao ambiente e ao público. Muitos dos altos apostadores e agenciadores que estavam por ali o reconheceram devido à fama que ele ganhara no mundo das apostas, com sua vitória recorde na World Series. Mesmo alguns dos homens que tiveram de bancar grandes parcelas do pagamento multimilionário dirigiram a ele largos sorrisos e polegares em pé. Ele tinha, de fato, sido excomungado daquele círculo, mas havia se tornado lendário naquele meio, e a ele eram conferidas todas as honras devidas a uma lenda de sua magnitude.

Presumiu que, em certo sentido, era aquilo mesmo o que o estava perturbando; o visível respeito dos apostadores era um lembrete muito claro de que ele tinha começado aquela versão de sua vida aplicando um gigantesco e impensável golpe no submundo americano. Seria sempre lembrado por eles em tal contexto, não importava quanto sucesso obtivesse depois em sua vida na sociedade. Aquilo fez com que ele desejasse poder tomar um longo banho quente que o livrasse do fedor imaginário de cigarro e dinheiro sujo.

Mas havia também uma parte mais concreta do problema, ele pensou, enquanto a limusine diminuía a velocidade na avenida Collins, depois de passar pelas deselegantes fachadas da fileira de hotéis de Miami Beach. Especificamente, essa parte era Sharla.

Ela havia se encaixado muito bem em meio àquela público da luta, parecia perfeitamente em casa entre as outras juvenzinhas vazias com seus vestidos justos e escandalosos e sua maquiagem excessiva. Era melhor enxergar isso claramente, ele pensou, ao vê-la no assento ao lado do seu: ela exala vulgaridade. É cara mas é vulgar, assim como Las Vegas ou Miami Beach. Mesmo sob a mais descuidada das avaliações, estava claro para qualquer um que Sharla era, pura e simplesmente, uma máquina sexual e nada mais. Era a própria imagem da “moça que não se deve levar para casa e apresentar à mãe”, e ele então fez uma careta ao se dar conta

de que tinha feito exatamente aquilo; em meio à sua viagem até ali para ver a luta pelo título, eles deram um pulo em Orlando. Sua família ficara estupefata e bastante intimidada com a enormidade de seus súbitos ganhos financeiros, mas nem mesmo isso fora maior do que o desprezo que demonstraram por Sharla e o desapontamento ao receberem a notícia de que Jeff estava morando com ela.

Ela se inclinou para a frente para apanhar um maço de cigarros dentro da bolsa e, quando fez isso, o cetim preto do alto de seu vestido se afrouxou, dando a Jeff uma visão da desejável imensidão de seus generosos seios. Mesmo naquele momento, ele a desejava e sentiu um ímpeto muito familiar de apertar seu rosto contra aquela carne macia e puxar para cima o vestido revelando as pernas perfeitas.

Ele já estava com aquela mulher havia quase um ano, compartilhando com ela tudo em sua vida, exceto suas opiniões e emoções. Tal pensamento subitamente pareceu de mau gosto, como se a própria beleza dela fosse uma reprimenda ao bom-senso dele. Por que ele tinha deixado a coisa se arrastar por tanto tempo? O apelo inicial da moça era perfeitamente compreensível; Sharla era uma fantasia dentro da fantasia, uma eletrizante *pièce de resistance* que combinava muito bem com sua restabelecida juventude. No entanto, era uma atração essencialmente vazia, tão juvenil em sua falta de substância ou complexidade quanto os pôsteres de toureiros nas paredes de seu quarto no alojamento da faculdade.

Ele a viu acender o cigarro, com aquelas feições enganosamente aristocráticas banhadas pelo fraco brilho vermelho do isqueiro. Ela o pegou espiando e então ergueu as sobrancelhas finas em uma expressão, ao mesmo tempo, de desafio sexual e promessa. Jeff desviou os olhos e se virou para as luzes de Miami que brilhavam sobre as águas calmas e transparentes.

Sharla passou a manhã seguinte fazendo compras na estrada de Lincoln, e Jeff estava esperando quando ela retornou à suíte deles no

Doral. Ela deixou as sacolas no *foyer* e imediatamente procurou um espelho para retocar a maquiagem. Seu curto vestido branco realçava o bronzeado exuberante e as sandálias de salto alto deixavam suas pernas morenas ainda mais compridas e delgadas do que já eram. Jeff correu os polegares pelas bordas afiadas do grosso envelope pardo em suas mãos e chegou muito perto de mudar de ideia quanto ao que iria fazer.

– O que você está fazendo aqui dentro? – ela perguntou, já tentando alcançar as costas do vestido de algodão para puxar o zíper. – Vamos trocar de roupa e pegar um sol.

Jeff balançou a cabeça e fez um gesto para que ela se sentasse na cadeira à frente dele. Ela fez uma expressão de estranhamento e fechou o zíper nas costas bronzeadas, sentando-se como indicado.

– O que você tem? – ela perguntou. – Por que está estranho?

Ele começou a falar, mas já tinha decidido horas antes que palavras pareciam inapropriadas para a ocasião. Eles nunca conversavam mesmo, sobre coisa alguma; comunicação verbal era algo bem diferente do que se passava entre os dois. Ele entregou a ela o envelope.

Sharla apertou os lábios ao recebê-lo e o abriu. Ficou olhando para as seis pilhas bem arrumadas de notas de cem por alguns momentos.

– Quanto tem aqui? – ela finalmente perguntou com a voz calma e controlada.

– Duzentos mil dólares.

Ela espiou dentro do envelope mais uma vez e puxou a passagem de primeira classe das Linhas Aéreas Panagra só de ida para o Rio.

– Isso é para amanhã de manhã – ela disse ao olhar mais detidamente.

– E quanto às minhas coisas que estão em Nova York?

– Eu mando entregar onde você quiser.

Ela assentiu.

– Vou precisar comprar mais algumas coisas aqui antes de ir.

– Tudo o que você quiser. Pode mandar a conta pro quarto do hotel.

Sharla assentiu novamente e guardou o dinheiro e a passagem dentro do envelope, que deixou na mesa ao seu lado. Então ficou de pé, abriu o vestido e o deixou cair no chão em torno de seus pés.

– Ah, que se dane... – ela disse, tirando o sutiã. – Por duzentos mil, você merece mais uma vezinha.

Jeff voltou para Nova York sozinho e mergulhou em seus investimentos.

Conforme ele já sabia, as saias se tornariam mais curtas nos anos seguintes e isso criaria uma demanda enorme de meias e meias-calças estampadas. Sendo assim, Jeff comprou trinta mil ações da Hanes. E também todas aquelas coxas de fora teriam algum efeito posterior, então ele investiu pesadamente na indústria farmacêutica que pesquisava pílulas anticoncepcionais.

Dezoito meses depois de se instalar no Edifício Seagram, a Future Inc. havia aumentado seu valor para trinta e sete milhões de dólares. Jeff repassou integralmente a quantia devida a Frank e enviou a ele também uma carta pessoal junto ao cheque, mas nunca recebeu resposta.

Nem tudo funcionava exatamente da maneira que Jeff esperava, é claro. Por exemplo, ele queria adquirir grande parte da Comsat quando a empresa abriu o capital, mas os papéis foram tão incrivelmente requisitados que a venda ficou limitada a cinquenta ações por comprador. Surpreendentemente, a IBM permaneceu estagnada até 1965, para então voltar a se reerguer no ano seguinte. Cadeias de fast-food – Jeff escolheu investir em Denny's, Kentucky Fried Chicken e McDonald's – passaram por uma forte queda em 1967 antes de decolar violentamente para, em média, um aumento de 500% um ano depois.

Quando 1968 chegou, os bens da companhia de Jeff valiam centenas de milhões de dólares, e ele então aprovou um projeto do arquiteto I. M. Pei para uma sede corporativa de sessenta andares na esquina de Park com a 53. Jeff também autorizou a aquisição de grandes extensões de terra em áreas comerciais e residenciais especialmente escolhidas em Houston, Denver, Atlanta e Los Angeles. Sua empresa comprou quase metade dos terrenos não loteados do novo projeto Century City de L.A., ao preço de quinze dólares o metro quadrado. Para seu uso pessoal, Jeff comprou uma

propriedade de cento e vinte hectares no Condado de Dutchess, a duas horas ao norte de Manhattan seguindo o rio Hudson.

Começou a sair com uma enorme variedade de mulheres, dormiu com algumas delas e odiou aquela coisa toda que ele considerava sem sentido. Bebidas, jantares, peças de teatro, shows, abertura de galerias... Ele passou a abominar a rígida formalidade dos encontros e sentia falta da antes tão familiar facilidade de simplesmente estar com alguém, compartilhando os silêncios agradáveis e as risadas espontâneas. Além disso, as mulheres que ele veio a conhecer estavam na maioria abertamente interessadas em sua fortuna, ou então eram muito cuidadosamente indiferentes a ela. Algumas até o odiaram por isso e se recusaram a sair com ele por causa do dinheiro. Grande riqueza pessoal era um anátema para muitos jovens no fim dos anos 1960, e, em mais de uma ocasião, Jeff foi forçado a se sentir diretamente responsável por todos os males do mundo, da fome nos centros urbanos à fabricação de napalm.

Ele ficou na espera, focando todas as suas energias no trabalho. Só continuava se lembrando constantemente de que junho estava chegando. Junho de 1968, quando tudo iria mudar.

O dia 24 de junho, para ser mais exato.

Ainda não fazia três semanas que Robert Kennedy havia morrido, e Cassius Clay, já destituído de seu título e renascido como Muhammad Ali, estava apelando de sua condenação por evasão do serviço militar. No Vietnã, foguetes do norte vinham atacando Saigon desde o início da primavera.

Era o meio da tarde de uma segunda-feira, de acordo com o que Jeff se lembrava. Ele vinha trabalhando à noite e nos fins de semana em uma rádio de *hits* em West Palm Beach, tocando Beatles, Stones e Aretha Franklin, e aprendendo o básico de jornalismo radiofônico por conta própria, às vezes vendendo uma a uma suas entrevistas e matérias para a rádio ou, ocasionalmente, para o departamento de áudio da United Press. Ele se lembrava da data porque havia sido no começo de seus “fins de

semana fora do comum”, que na verdade caíam nas segundas e terças. Quando ele voltou ao trabalho na quarta, tinha, de algum modo, conseguido a primeira grande entrevista de sua carreira, uma longa e sincera conversa por telefone com o então presidente do Supremo Tribunal Federal americano, Earl Warren, que estava se aposentando. Ele não sabia por que motivo Warren havia concordado em conversar com ele, um repórter novato de uma pequena rádio da Flórida e ainda desprovido de credenciais. Mas, sabe-se lá por quê, tinha conseguido isso, e então as contundentes rumações daquele figurão a respeito de seu controverso mandato foram depois adquiridas pela NBC por um preço bastante substancial. Um mês depois, Jeff já estava gravando o noticiário em tempo integral na WIOD em Miami. Ele deslançou a partir dali; toda a sua vida profissional remontava àquela semana de verão.

Não havia razão para ele escolher Boca Raton, e também nenhuma razão para não escolher. Em algumas segundas, ele guiava para o norte em direção a Juno Beach; em outras, podia apenas ir para o sul, para Delray Beach ou Lighthouse Point, qualquer uma das centenas de faixas de areia e civilização que formavam a costa atlântica de Melbourne até South Miami Beach. Mas, no dia 24 de junho de 1968, ele tinha levado um cobertor, uma toalha e um isopor cheio de cerveja para a praia de Boca Raton, e agora lá estava ele outra vez, naquele mesmo lugar, naquele mesmo dia ensolarado.

E lá também estava ela, deitada de costas com seu biquíni amarelo tricotado, com a cabeça apoiada em um travesseiro inflável de praia, lendo uma edição em capa dura de *Aeroporto*. Jeff parou a uns três metros de distância e ficou olhando para o corpo jovem, para as luzes aloiradas em seus fartos cabelos castanhos. A areia estava quente sob os pés e as ondas ecoavam a pulsação em sua cabeça. Por um instante, ele quase se virou e foi embora, mas não fez isso.

– Oi – ele disse. – O livro é bom?

A garota deu uma olhada para ele por cima dos óculos escuros enormes e de aros transparentes.

– Meio vagabundo, mas é divertido. Daria um bom filme, eu acho.

Ou muitos, Jeff pensou.

– Você já viu *2001*?

– Vi, mas não entendi bem sobre o que era, e o fim foi arrastado demais. Gostei mais de *Petulia, um demônio de mulher*. Sabe, aquele com a Julie Christie?

Ele fez que sim e tentou deixar seu sorriso mais natural e relaxado.

– Meu nome é Jeff. Se importa se eu me sentar aqui com você?

– Pode se sentar. Eu sou Linda – disse a mulher que tinha sido sua esposa por dezoito anos.

Ele estendeu o cobertor, abriu a geladeira e ofereceu a ela uma cerveja.

– Férias de verão? – perguntou.

Ela se apoiou em um cotovelo e pegou a garrafa suada.

– Eu estudo na Florida Atlantic, mas minha família mora aqui. E você?

– Eu cresci em Orlando e frequentei a Emory durante um tempo. Mas estou morando em Nova York agora.

Jeff queria passar um ar de descontração, mas estava pensando. Não conseguia desviar os olhos do rosto dela, desejando que ela tirasse aqueles malditos óculos para que ele pudesse ver os olhos que conhecia tão bem. A última lembrança que ele tinha da voz dela reverberava dentro de sua cabeça, fina e distante, como se fosse ao telefone: “Precisamos de... Precisamos de... Precisamos de...”.

– Ei, eu perguntei o que você faz lá.

– Ah, me desculpa, eu... – e ele virou um trago de sua cerveja gelada, tentando clarear as ideias. – Eu mexo com negócios.

– De que tipo?

– Investimentos.

– Você diz, como um corretor de ações?

– Não exatamente. Eu tenho minha própria empresa. Nós lidamos com muitos tipos de corretores. Ações, imóveis, fundos mútuos... coisas assim.

Ela abaixou os óculos grandes e redondos e fez cara de surpresa. Ele a encarou naqueles olhos castanhos tão familiares, querendo dizer muitas coisas: “Vai ser diferente desta vez”, ou então “Por favor, vamos tentar outra

vez”, ou simplesmente “Estava com muita saudade. Tinha me esquecido do quanto você era linda”. Mas não disse nada, só olhou para os olhos dela com uma esperança muda.

– Você é dono da companhia inteira? – ela perguntou, incrédula.

– Agora sou. Era uma sociedade até uns anos atrás, mas... sou só eu, agora.

Ela ajeitou a cerveja na areia, rodando a garrafa para um lado e para o outro até cavar um espacinho que a segurasse em pé.

– Você recebeu alguma herança enorme ou coisa assim? Digo, a maioria dos rapazes que eu conheço nem sequer conseguiria um emprego numa companhia dessas em Nova York... ou talvez eles nem queiram isso.

– Não, eu construí a empresa toda do zero – ele disse com uma risada, começando a se sentir mais relaxado na presença dela, mais confiante e, pela primeira vez em anos, orgulhoso do que já alcançara. – Ganhei muito dinheiro fazendo apostas, com corridas de cavalos e coisas assim, aí coloquei tudo na empresa.

Ela já o olhava com ceticismo.

– E quantos anos você tem, afinal de contas?

– Vinte e três.

Ele fez uma pausa, percebendo que estava falando demais de si mesmo e demonstrando pouco interesse nela. Ela não tinha como saber que ele já sabia tudo a respeito dela, e até mais do que ela própria sabia de si mesma naquele ponto de sua vida.

– E você, o que está estudando?

– Sociologia. Você estudava Administração na Emory ou o quê?

– História, mas eu larguei. Em que ano você está?

– Entro no último ano agora no outono. Mas então, de que tamanho é essa empresa que você tem? Quero dizer, tem um monte de gente que trabalha para você? Você tem um escritório em Manhattan?

– Tenho um prédio inteiro na Park com a 53. Você conhece Nova York?

– Então você tem seu próprio prédio, e bem na avenida Park. Que bom.

Ela já não estava mais olhando para ele, mas sim desenhando pétalas de margarida na areia em volta de sua garrafa. Jeff se lembrou de um dia, alguns meses antes de eles se casarem, quando ela apareceu de surpresa na porta da casa dele com um buquê de margaridas. O sol estava por trás dos cabelos dela, e todo o verão em seu sorriso.

– Bom, foi... bastante trabalhoso – ele disse. – E o que você pensa em fazer depois que sair da escola?

– Ah, eu estava pensando em comprar algumas lojas de departamentos. Começar de baixo, sabe – e ela então puxou sua toalha e começou a juntar suas coisas que estavam em seu cobertor e enfiá-las em uma enorme bolsa azul de praia. – Talvez você me consiga um bom preço pela Saks na Quinta Avenida, hmm?

– Ei... Espera, por favor, não vá embora. Você acha que eu estou te enganando, é isso?

– Esquece – ela disse, atochando o livro bem fundo na bolsa e sacudindo a areia do cobertor.

– Não, olha, é sério! Eu não estava brincando com você. Minha empresa se chama Future, talvez até você já tenha ouvido falar de...

– Obrigada pela cerveja. Melhor sorte da próxima vez.

– Ei, por favor, vamos só conversar um pouco mais, pode ser? Eu tenho a sensação de que já te conheço, de que nós temos um bocado pra conversar. Sabe essa sensação de que você já conhece alguém de uma vida passada ou...?

– Eu não acredito nessa bobajada – ela jogou o cobertor dobrado sobre o braço e começou a andar em direção à rua e aos carros estacionados.

– Olha, só me dá uma chance – disse Jeff, andando ao lado dela. – Eu sei com certeza que, se nos conhecermos melhor, vamos descobrir muitas coisas em comum. E nós...

Ela se virou com os pés descalços e olhou firme para ele pelos óculos de sol.

– Se você não parar de me seguir, eu vou gritar para o salva-vidas. Agora, se manda, cara. Vai tentar arrumar outra pessoa, está certo?

– Alô?

– Linda?

– É o Jeff, Jeff Winston. Nós nos conhecemos na praia hoje à tarde. Eu...

– Como é que você conseguiu este telefone? Eu nunca nem te falei meu sobrenome!

– Isso não é importante. Olha, eu estou te mandando um número recente da *Business Week*. Tem um artigo nela a meu respeito, com foto e tudo. É na página 48. Você vai ver que eu não estava mentindo.

– Você tem o meu endereço também? Que piada é essa, meu caro? O que você quer de mim?

– Eu só queria te conhecer, e que você me conhecesse melhor. Tem tanta coisa que pode acontecer entre a gente, tantas possibilidades maravilhosas para...

– Você é louco! Eu estou falando sério! Você é um psicopata!

– Linda, eu sei que a gente começou mal, mas me dá só uma oportunidade de te explicar. Aliás, pode ser pra nós dois uma oportunidade de a gente se aproximar de um jeito aberto e honesto, para a gente...

– Eu não quero te conhecer nem saber quem diabos você é! E não me importa se você é rico, não me interessa se você é o J. Paul Getty, está certo? Só... me deixa... em paz!

– Eu entendo que você esteja nervosa. Eu sei que isso tudo parece muito estranho para você...

– Se você ligar pra este número de novo, ou se aparecer na minha casa, eu vou chamar a polícia. Deu pra entender?

O telefone fez um barulho alto no ouvido de Jeff quando ela desligou.

Ele tinha tido a possibilidade de reviver a maior parte de sua vida, mas agora trocava tudo por mais uma chance de viver de novo aquele dia.

Os Vinhedos Mirassou estavam lotados de apanhadores trabalhando nas encostas a sudeste de San Jose, carregando enormes baldes de uvas verdes frescas na cabeça enquanto se encaminhavam como formigas

cortadeiras para o desengaçador e para as prensas que ficavam do lado de fora da velha adega. Os morros pareciam ondular com suas fileiras espaçadas de treliças cheias de parreiras, e ali, entre as construções de alvenaria, os carvalhos e olmos formavam o esplendor das cores de outubro.

Diane tinha passado o dia todo irritada com ele, e a paisagem bucólica e as antigas instalações intrincadas da vinícola pouco ajudavam a acalmá-la. Jeff nunca deveria tê-la trazido junto com ele esta manhã; ele pensou que ela ficaria fascinada, ou pelo menos entretida com os dois jovens gênios, mas estava errado.

– *Hippies*, é isso o que eles são. O mais alto estava descalço, pelo amor de Deus, e o outro parecia um... um neandertal!

– A ideia deles era muito promissora. Não importa a aparência deles.

– Bom, alguém tem de contar a eles que os anos 1960 já acabaram, se eles quiserem mesmo fazer alguma coisa com aquela ideia boba. Eu só não consigo acreditar que você caiu nessa e deu dinheiro a eles!

– O dinheiro é meu, Diane. E eu já te falei que as decisões de negócios são todas minhas também.

Ele não tinha como culpá-la por ter aquela reação. Se não fosse pela capacidade de Jeff de conhecer o futuro, aqueles dois jovens e sua garagem lotada de componentes eletrônicos de segunda mão realmente não pareciam bons candidatos a uma vaga entre os “500 mais” da *Fortune*. Entretanto, dentro de cinco anos, aquela garagem em Cupertino, na Califórnia, ficaria famosa, e Steve Jobs e Steve Wozniak provariam ser o melhor investimento de 1976. Jeff havia dado a eles meio milhão de dólares, insistira em que eles seguissem os conselhos de um ainda jovem executivo de *marketing* aposentado da Intel que eles haviam acabado de conhecer e dissera a eles que fizessem o que quisessem, desde que continuassem a chamar o projeto de Apple. Ele os deixou ficar com uma participação de 49% na nova empreitada.

– Quem neste mundo vai querer ter um computador em casa? E, afinal, o que te faz pensar que aqueles garotos desmazelados sabem de verdade como construir um?

– Vamos esquecer isso, tudo bem?

Diane então começou um de seus silêncios petulantes, e Jeff sabia que a questão não seria esquecida tão cedo, mesmo que ela continuasse sem falar naquilo dali por diante.

Ele tinha se casado com ela um ano antes, praticamente só por conveniência, logo depois de fazer trinta anos. Ela era uma *socialite* de vinte e três anos de Boston, herdeira de uma das maiores e mais antigas companhias de seguros do país. Atraente, apesar de seu jeito franzino e frágil, era capaz de se virar bem quando em meio a indivíduos que valiam mais de sete dígitos cada um. Ela e Jeff tinham se dado tão bem quanto era possível para duas pessoas que não tinham nada em comum, a não ser a familiaridade com o dinheiro. Agora, Diane estava grávida de sete meses, e Jeff tinha esperança de que a criança pudesse trazer à tona o que ela tinha de melhor e assim criar um laço mais profundo entre os dois.

Uma jovem loura em um bem cortado terno azul-marinho os conduziu por dentro do prédio principal da vinícola até a sala de degustação que ficava na parte da frente. Estantes em forma de diamante cheias de garrafas de vinho deitadas forravam as paredes, interrompidas apenas por trechos sutilmente iluminados que traziam fotografias dos vinhedos, ao lado de flores e garrafas de pé com o produto da Mirassou. Jeff e Diane ficaram no balcão de jacarandá no centro da sala, recebendo amostras de Chardonnay.

Aparentemente, Linda tinha falado sério depois do desastroso encontro na praia sete anos antes. As cartas que ele enviara foram todas devolvidas fechadas, e os presentes que ele mandara para ela foram todos recusados. Depois de alguns meses, ele finalmente desistiu de tentar, embora tivesse adicionado o nome dela à lista de “prioritários/contatos pessoais” do serviço de rastreamento de notícias que contratara. Foi assim que ele ficou sabendo que, em maio de 1970, Linda se casara com um arquiteto de Houston, um viúvo que já tinha dois filhos. Desejou que ela fosse feliz, mas isso não evitou que ele se sentisse abandonado – mesmo que por alguém que nunca o conhecera, pelo menos no entendimento dela.

Mais uma vez, ele encontrou conforto no trabalho. Sua jogada mais recente havia sido a venda, com assombroso lucro, de seus campos de petróleo na Venezuela e em Abu Dhabi, imediatamente repostos por propriedades semelhantes no Alasca e no Texas, e mais os contratos para uma dúzia de plataformas em alto-mar. Todas as transações, é claro, foram completadas logo antes de a OPEP tomar sua drástica decisão de inflar os preços.

As mulheres que ele encontrou naquele tempo eram todas semelhantes a Diane na maioria dos aspectos: atraentes, bem criadas, versadas nas habilidades sociais mais refinadas, bem-sucedidas e, em algumas ocasiões, boas de cama. Eram as filhas das grandes fortunas, uma irmandade dentro daquilo que poderia ser considerado o *beau monde* americano; mulheres que conheciam os princípios mais básicos, que compreendiam desde o berço os limites e as obrigações típicas dos detentores de grande riqueza. Agora, aqueles eram seus iguais; constituíam o grupo no qual ele, segundo a lógica, deveria escolher uma parceira. A escolha de Diane entre aquelas mulheres havia sido quase aleatória. Ela se encaixava nos critérios procurados. Se algo mais surgisse da parceria, tudo bem; se não, pelo menos ele não tinha entrado naquele casamento cheio de expectativas não realistas.

Jeff limpou o paladar com um pedaço de queijo e então provou um Fleuri Blanc meio doce. Diane declinou a oferta e alisou sua barriga como forma de explicar a recusa.

Talvez aquela criança fosse fazer a diferença, afinal. Nunca se sabe.

O gato balofo cor de laranja correu pelo piso de madeira de lei impetuosamente, desviando-se de tudo, como se estivesse numa jogada de futebol americano comparável às melhores performances de O. J. Simpson. Sua presa, um pedaço de fita amarelo-brilhante, já tinha sofrido danos consideráveis e logo estaria em pedaços se dependesse do gato.

– Gretchen! – chamou Jeff. – Você sabia que o Chumley está destruindo uma das suas fitas amarelas?

– Não tem problema, papai – respondeu sua filha do outro lado da espaçosa sala de estar, ao lado da janela que dava para o Hudson. – O Ken já chegou em casa, e eu e o Chumley estamos ajudando na comemoração.

– Quando foi que ele voltou? Ele não estava agora mesmo em um hospital na Alemanha?

– Não, não, papai. Ele falou para os médicos que não estava doente e que tinha de voltar já para casa. Aí, a Barbie mandou uma passagem de Concorde e ele voltou antes de todo mundo! E logo que ele chegou em casa, ela fez seis bolinhos de mirtilo e quatro cachorros-quentes.

Jeff riu alto, e então Gretchen lançou para ele o olhar mais fulminante que seus olhinhos de cinco anos conseguiam expressar.

– É que eles não têm cachorro-quente no Irã – explicou. – E nem mirtilo.

– É, eu acho que não – disse Jeff, tentando manter uma expressão cuidadosamente séria. – Imagino que ele estaria com fome de comida norte-americana ao voltar pra casa, não é?

– Claro que estaria. A Barbie sabe como fazer ele feliz.

O gato disparou na direção contrária, batendo a fita desfiada entre as patas, e então se acomodou deitado de lado em um fecho de luz do sol para se gabar de sua façanha, chutando a fita com as patas traseiras em explosões esporádicas. Gretchen voltou à sua brincadeira, absorta na realidade alternativa que se passava na elaborada casa de bonecas que Jeff passara mais de um ano construindo e aumentando segundo as especificações da filha. As árvores em miniatura no jardim da frente feito de feltro estavam agora decoradas com fitas amarelas. Na última semana, a menina vinha acompanhando o noticiário sobre o fim da crise dos reféns do Irã com um grau de interesse que a maioria das crianças devotava apenas aos desenhos do sábado de manhã. A princípio, Jeff tinha ficado preocupado com aquela fascinação dela pelos eventos em Teerã e pensou em protegê-la dos efeitos potencialmente traumatizantes das imagens de turbas raivosas gritando “Morte aos Estados Unidos!”. Ele, contudo, sabia que o episódio teria um fim pacífico e animador, então preferiu respeitar o

interesse precoce da filha pelos acontecimentos do mundo e confiar em sua resiliência emocional.

Ele a amava em uma quantidade que não acreditava ser possível, e se via, ao mesmo tempo, querendo afastá-la de toda a escuridão e buscando compartilhar com ela toda a luz. A chegada de Gretchen não tinha tido efeito algum em melhorar a relação com Diane – que parecia até se ressentir das limitações à sua vida que a menina representava. Mas isso nem importava. Gretchen era para ele a fonte e o objetivo de toda a mais profunda afeição que ele conseguia imaginar ou reunir em si.

Jeff ficou observando enquanto ela pegava outra fita das árvores de sua casinha e a usava para provocar o velho Chumley. O gato estava cansado e não queria mais brincar. Pôs uma pata gentilmente na bochecha de Gretchen, e ela então afundou o rosto na barriga peluda e dourada do bichano, esfregando-a com o nariz e deixando-o contentíssimo. Jeff podia ouvir o ronronado vindo do outro lado da sala, misturado às risadas gostosas da filha.

O sol apontava mais alto pelas grandes janelas salientes da sala e se derramava em fachos brilhantes e espalhados pelo chão polido onde Gretchen se aninhava com o gato. Aquela casa, tão tranquila, construída em madeira no Condado de Dutchess, era um bom lugar para ela; sua serenidade era um bálsamo para a alma de qualquer pessoa, jovem ou velha, inocente ou experiente.

Jeff pensou em seu velho colega de quarto, Martin Bailey. Ele havia ligado para Martin logo depois de Gretchen nascer e restabelecido o contato que, naquela vida, tinha de alguma forma se perdido por tantos anos. Jeff não tinha sido capaz de convencê-lo a não embarcar naquele que se comprovaria um casamento particularmente desastroso, o mesmo que tinha originalmente levado aquele homem ao suicídio. Mas, pelo menos, ele agora tinha arranjado para Martin um cargo estável na Future, e algumas vezes ainda lhe dava algumas excelentes dicas de ações. O amigo tinha se divorciado mais uma vez, de maneira devastadora, mas pelo menos estava vivo e livre de dívidas.

Jeff raramente pensava em Linda naqueles dias, ou mesmo em sua existência prévia. Era sua primeira vida que agora parecia um sonho; a realidade agora era aquele impasse com Diane, a felicidade de estar com a filha e ainda as vantagens e as desvantagens de sua riqueza e seu poder sempre crescentes. A realidade era o conhecimento e tudo o que ele tinha lhe trazido de bom e de mau.

A imagem na tela era de pura movimentação orgânica: um líquido correndo suavemente entre câmaras encurvadas, com expansões e contrações se alternando em um ritmo perfeito e vagaroso.

– ...sem bloqueio aparente em nenhum ventrículo, como você pode ver. E, claro, o eletrocardiograma no monitor Holter não mostra evidências de taquicardia em nenhum momento das vinte e quatro horas em que você o usou.

– E o que exatamente tudo isso significa? – perguntou Jeff.

O cardiologista desligou o videocassete que mostrava as imagens de ultrassom do coração de Jeff e sorriu.

– Significa que seu coração está em um estado tão perfeito quanto qualquer cidadão norte-americano de quarenta e três anos poderia desejar. E também seus pulmões, de acordo com as radiografias e os exames de função pulmonar.

– Então a minha expectativa de vida...?

– É só se manter em forma como você está e você provavelmente vai viver até os cem anos. Você ainda está indo à academia, não está?

– Três vezes por semana.

Jeff tinha se aproveitado de várias formas de seu conhecimento antecipado a respeito da “febre da boa forma” no fim dos anos 1970. Agora, ele não apenas era dono da Adidas, da Nautilus e da cadeia de *spas* Holiday Health como vinha fazendo bom uso dos equipamentos por mais de uma década.

– Bom, então continue – disse o médico. – Eu acharia muito bom se todos os meus pacientes se cuidassem tão bem quanto você se cuida.

Jeff ainda conversou amenidades por alguns minutos, mas sua cabeça estava em outro lugar – estava nele mesmo, com exatamente aquela idade e naquele mesmo ano, porém, mais de vinte anos atrás. Em seu eu como executivo sedentário, estressado e ligeiramente acima do peso, que apertara o peito e desabara de cara em sua mesa enquanto o mundo ficava escuro à sua volta.

Mas não desta vez. Desta vez, ele ficaria bem.

Jeff preferia o conforto do salão nos fundos do La Grenouille, mas Diane acreditava que, até durante o almoço, ver e ser visto era uma questão de máxima importância. Sendo assim, eles sempre se sentavam no salão frontal, por mais que ele fosse barulhento e cheio de gente.

Jeff saboreava seu salmão cozido com estragão, manjericão e molho suave de vinagre, fazendo o possível para ignorar qualquer que fosse o mais recente motivo para Diane estar emburrada e também as conversas que transcorriam nas mesas próximas demais de ambos os lados. Um casal discutia seu casamento, o outro, seu divórcio. Jeff e Diane conversavam sobre alguma coisa nesse entremeio.

– Mas você quer que ela seja aceita na Sarah Lawrence, não quer? – disse uma irritada Diane entre as garfadas de suas vieiras *à la nage*.

– Ela só tem treze anos – lamentou Jeff. – O pessoal da admissão na Sarah Lawrence não está nem aí para o que ela está fazendo com essa idade.

– Eu já estava na Concord Academy quando tinha onze anos.

– Isso porque os seus pais não estavam nem aí para o que você estava fazendo nessa idade.

Ela abaixou o garfo e o encarou.

– A minha educação não é problema seu.

– Mas a da Gretchen é.

– Então você deveria querer que ela tenha a melhor educação possível desde o começo.

Um garçom levou embora os pratos vazios enquanto outro se aproximou com o carrinho de sobremesas. Jeff aproveitou a interrupção para se perder nos múltiplos reflexos proporcionados pelos muitos espelhos

do restaurante: as paredes verde-abeto, as grandes mesas carmesim, os esplêndidos buquês de flores que pareciam ter sido colhidas de uma paisagem de Cézanne.

Ele sabia que Diane estava menos preocupada com a educação de Gretchen do que com sua própria libertação das obrigações do dia a dia. Jeff já via sua filha tão pouco com a vida que ambos levavam, e não suportava a ideia de ela ir morar a mais de trezentos quilômetros de casa.

Contrariada, Diane começou a se servir de suas framboesas ao molho de Grand Marnier.

– Acho que para você está tudo bem ela continuar no meio daqueles marginaizinhos de escola pública que ela sempre leva lá em casa.

– Pelo amor de Deus, a escola dela é em Rhinebeck, não no sul do Bronx! É um ambiente excelente para ela.

– Assim como a Concord. Sei disso por experiência própria.

Jeff mergulhou em sua charlotte de pêsego, sem coragem de dizer o que lhe passava realmente pela cabeça – que ele não tinha nenhuma intenção de ver Gretchen crescer e se tornar um clone de sua mãe, com aquela sofisticação fria, aquela postura de “dane-se-o-resto-do-mundo”, sua riqueza vista como direito de nascença, como algo natural e garantido. Jeff havia adquirido sua fortuna por um lance de sorte completamente fora do normal e pela força de vontade. Agora, queria proteger a filha do potencial poder de corrupção do dinheiro, e ainda assim se aproveitar dos benefícios trazidos pela acumulação.

– Vamos discutir isso outra hora – ele disse a Diane.

– Temos de dar uma resposta até quinta.

– Então a gente discute isso na quarta.

Aquilo a deixou ainda mais emburrada, um problema que, como ele já sabia, só se resolveria se ela saísse em uma gastança desenfreada, quase brutal, na Bergdorf e na Saks.

Ele apalpou o bolso do blazer e tirou uma cartela de papel-alumínio com dois comprimidos de Gelusil. Seu coração podia estar em excelente forma, mas aquela vida que ele havia criado para si estava fazendo o diabo com seu estômago.

Os dedinhos delgados de Gretchen se moviam graciosamente sobre as teclas, produzindo as melancólicas notas de “Pour Elise”, de Beethoven. O gato gordo, Chumley, dormia esparramado ao lado dela na banquetta do piano, agora velho demais para brincar com tanta disposição quanto já demonstrara no passado, feliz de estar apenas ao lado dela, embalado pela música tranquila.

Jeff observou o rosto da filha enquanto ela tocava, sua pele suave e pálida emoldurada pelos cachos escuros de seus cabelos. Havia uma intensidade na expressão da menina, mas ele sabia que não era causada pela concentração nas notas ou no andamento. O dom natural que ela tinha para a música era tal que ela nunca precisava se esforçar memorizando ou praticando em demasia qualquer composição que já tivesse tocado pelo menos uma vez. Na verdade, seu olhar era de imersão, de uma fusão com a triste melodia da enganosamente simples peça para piano.

Ela tocou a conclusão cheia de acordes e notas dobradas sobre um ponto pedal repetido usando um legato advindo da experiência, e, quando terminou, ficou sentada em silêncio por muitos instantes, aos poucos retornando do lugar para onde a música a havia levado. E então sorriu com prazer e novamente com olhos de uma mocinha brincalhona.

– Não é bonito? – perguntou Gretchen com ingenuidade, referindo-se apenas à beleza da música.

– Muito – disse Jeff. – Quase tão bonito quanto a pianista.

– Ah, papai, deixa disso...

Ela corou, então pulou do banco com vivacidade.

– Vou fazer um sanduíche. Você quer?

– Não, obrigado, querida. Acho que vou esperar o jantar. Sua mãe está para voltar da cidade daqui a pouco. Quando ela chegar, diga a ela por favor que eu fui dar uma caminhada perto do rio, tudo bem?

– Tudo bem – Gretchen disse alto, indo apressada para a cozinha. Chumley acordou, bocejou e a foi seguindo com seu passo tranquilo.

Jeff saiu e andou pelo caminho que havia entre as árvores. No outono, o corredor formado pelos olmos, uma reta de quase um quilômetro, ficava

como que tomado por chamas envolventes. Do outro lado, a primeira coisa que Jeff via era o amplo gramado que descia suavemente até o Hudson, e então uma parte mais íngreme uns noventa metros à esquerda, onde uma sequência de cascatas formadas pelas pedras descia em meio à brisa outonal. A entrada para aquele lugar era tão intensa que nunca deixava de lhe causar arrepios, primeiro de admiração, tamanha a beleza, depois de orgulho, por ele ser o dono da propriedade.

Ele agora se encontrava de pé no alto da encosta verdejante, contemplando a vista. Dois barcos pequenos se deslocavam calmamente pelo rio sob o resplendor das cores do outono ao longe. Um trio de garotos passeava na margem oposta, jogando pedras à toa na água corrente. No topo do morro ao lado deles havia uma casa majestosa, menor que a de Jeff, mas ainda impressionante.

Dali a três meses, o rio estaria duro e congelado, como uma larga rodovia branca se alongando para o sul, em direção à cidade, e para o norte, onde estavam as montanhas Adirondack. As árvores estariam despidas de folhas, mas nunca desprovidas de vida; a neve envolveria seus galhos e, em alguns dias, mesmo os menores gravetos estariam envoltos em cilindros de gelo, brilhando com milhões de pontos cintilantes sob o sol do inverno.

Aquela era a terra, exatamente aquele condado, que Currier e Ives tinham imortalizado como sendo o ideal norte-americano; tinham inclusive desenhado aquela mesma vista que ali se apresentava. Só de estar ali, Jeff achava mais fácil acreditar que tudo o que ele fizera tinha valido a pena. Estar ali, ou então segurar Gretchen nos braços, acalentando a criança que ele e Linda um dia desejaram ter, mas nunca puderam.

Não, ele não mandaria a filha para a Concord. Ali era a casa dela. Era àquele lugar que ela pertenceria até o momento em que tivesse idade suficiente para tomar suas próprias decisões de ficar ou partir. Quando aquele dia chegasse, ele apoiaria qualquer que fosse a decisão dela, mas até lá...

Algo invisível lhe golpeou o peito, alguma coisa mais poderosa e dolorosa do que qualquer outra que ele já tivesse sentido... exceto por uma

vez.

Jeff se abaixou de joelhos, pelejando para se lembrar de que dia era aquele, que horas eram. Seus olhos imóveis se fixaram no cenário outonal, no vale que, um momento antes, tinha parecido a ele o próprio símbolo da esperança renascida e das possibilidades ilimitadas. Então ele caiu de lado, de costas para o rio.

Jeff Winston vislumbrou sem esperanças o túnel vermelho-alaranjado formado pelos olmos que o conduziam àquele gramado cheio de promessas e realizações, e então morreu.

## Sete

Ele estava cercado por escuridão e gritos. Duas mãos lhe agarravam o braço direito, as unhas penetrando o tecido de sua manga.

Jeff viu diante de si uma imagem do inferno: crianças chorando, gritando e tropeçando enquanto corriam, incapazes de escapar das criaturas escuras e aladas que davam rasantes e as bicavam as no rosto, na boca, nos olhos...

E então uma loura perfeitamente platinada puxou duas das garotinhas para dentro de um carro, a salvo daquela matança. Jeff percebeu que estava assistindo a um filme – um filme de Hitchcock, *Os pássaros*.

A pressão em seu braço diminuiu junto com a intensidade da cena. Ele se virou e viu Judy Gordon esboçando um sorriso juvenil e envergonhado. À esquerda dele, a amiga de Judy, Paula, se refugiava nos braços protetores de um jovem Martin Bailey.

Era 1963. Havia começado tudo novamente.

– Por que você está tão quieto hoje, amor? – Judy perguntou no banco de trás do Corvair de Martin, enquanto se dirigiam ao Moe and Joe depois de assistir ao filme. – Você não está pensando que eu sou muito boba por ter ficado com medo, não é?

– Não, não. Nada disso.

Ela entrelaçou os dedos nos dele e encostou a cabeça em seu ombro.

– Tudo bem, desde que você não fique me achando uma pateta.

Os cabelos dela eram vívidos e muito limpos, e ela ainda tinha passado algumas gotas de Lanvin no pescoço fino e pálido. Seu perfume doce estava exatamente como naquela noite desconcertante no carro de Jeff vinte e cinco anos antes – e, antes disso, também na mesma noite quase meio século atrás.

Tudo o que ele tinha conquistado havia sumido: seu império financeiro, a casa em Dutchess... Mas o mais perturbador é que ele tinha perdido sua filha. Gretchen, com sua figura meio desajeitada de quase mulher e seu olhar inteligente e amoroso, tinha sido apagada da existência. Estava morta. Pior: nesta realidade, ela simplesmente nunca tinha existido.

Pela primeira vez em sua vida tão longa quanto fragmentada, ele entendeu em sua plenitude o lamento de Lear por Cordélia:

*Nunca mais voltarás!*

*Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca!*

– O que foi, amor? Você disse alguma coisa?

– Não – ele sussurrou, puxando a garota para perto do peito. – Só estava pensando alto.

– Mmmm. O que se passa na sua cabeça?

Ah, a preciosa inocência, ele pensou; o abençoado desconhecimento das feridas que um universo insano pode infligir.

– Estava pensando no quanto significa para mim ter você aqui ao meu lado. No quanto eu quero te abraçar.

Seu antigo colégio interno nos arredores de Richmond, assim como o *campus* da Emory, permanecia inalterado. Alguns aspectos daquele lugar pareciam ligeiramente diferentes das lembranças que ele tinha. Os prédios pareciam mais baixos; o refeitório era mais perto do lago do que ele se lembrava. Ele tinha se habituado a reconhecer essas pequenas discrepâncias e já fazia tempo que decidira que elas se deviam à sua memória deficiente, e não a qualquer mudança concreta na natureza da realidade. Desta vez, quase cinquenta anos haviam se passado desde quando ele estivera ali pela última vez. Todo o tempo de vida de um adulto, ainda que dividido em dois, e agora começando outra vez.

– A faculdade está sendo boa para você? – perguntou a senhora Braden.

– Até que não está ruim. Só achei que precisava fugir por uns dias, daí pensei em dar um pulo aqui e ver a velha escola.

A pequena e robusta bibliotecária deu uma risada de forma maternal.

– Não faz nem um ano desde que você se formou, Jeff. Bateu nostalgia cedo assim?

– Acho que sim – ele disse sorrindo. – Parece muito mais tempo.

– Espere até completar dez ou vinte anos; aí você vai ver como tudo isso fica distante. Eu até me pergunto se você ainda vai querer voltar para nos visitar então.

– Tenho certeza que sim.

– Eu espero que sim. É bom ficar sabendo como os nossos meninos se saíram na vida, como andam lidando com o mundo lá fora. E eu acho que você vai se dar muito bem.

– Agradeço muito à senhora. Estou trabalhando nisso.

Ela olhou para seu relógio e depois distraidamente para a porta da frente da biblioteca.

– Bem, eu fiquei de encontrar um grupo de alunos do ano que vem às três para deixá-los familiarizados com nossas instalações. Não deixe de visitar o doutor Armbruster antes de ir embora, tudo bem?

– Farei isso.

– E, da próxima vez que você vier, apareça na minha casa. Vamos tomar um copo de vinho e lembrar dos velhos tempos.

Jeff se despediu dela, andou entre as pilhas de livros e saiu pela lateral. Não tivera intenção alguma de parar para conversar com ninguém do corpo docente ou nenhum dos funcionários, mas sabia, ao ir para lá, que seria inevitável encontrar algum deles por acaso. No fim das contas, achou que tinha se saído bem com a senhora Braden, mas ficou aliviado com a brevidade da conversa. Já estava mais confiante com relação a tais encontros fortuitos na Emory, mas ali naquela escola seria bem mais complicado lidar com isso, já que suas lembranças do lugar e daquelas pessoas estavam muito distantes.

Ele passeou por um caminho que ficava atrás da biblioteca, em meio ao reservado bosque da Virgínia que rodeava aquele *campus*, um lugar onde ele tinha deixado de ser um adolescente e se tornado um jovem adulto. Alguma coisa o atraía até ali, algo muito forte, mais intenso do que a nostalgia. Deus, àquela altura ele já tinha satisfeito todo o seu desejo de nostalgia mais do que o suficiente, não precisava fazer mais nada.

Talvez fosse o fato de que aquele era o último momento significativo de sua existência que ele não tinha revivido e que ainda existia exatamente do jeito como ele se lembrava. Já tivera a oportunidade de voltar ao seu lar de infância em Orlando e havia retornado duas vezes à Emory. Os lugares onde ele tinha vivido depois de sair da faculdade originalmente, como o jovem solteiro que depois se casaria com Linda, não faziam mais parte dele nesta vida nem na que vivera logo antes. No entanto, aqui ele ainda era lembrado; tinha deixado uma pequena fração de sua personalidade nesta escola, assim como ela, tanto na atual existência quanto nas anteriores, tivera grande efeito sobre quem ele era. Talvez ele simplesmente precisasse ter um contato com suas raízes, assegurar-se de sua essência e lembrar a si mesmo de um tempo em que a realidade era estável e não se repetia.

Jeff empurrou um galho baixo de um olmo que estava sobre a passagem e, sem se dar conta de para onde estava indo, viu a ponte que o assombrava com culpa e vergonha por toda a sua vida.

Ficou parado lá, em choque, encarando o cenário que vinha perturbando seus sonhos havia cinco décadas. Era apenas uma pontezinha de madeira para a travessia de pedestres, construída sobre um córrego; uma

estrutura muito simples de não mais que três metros de comprimento. Mas Jeff mal conseguiu conter o pânico que lhe surgiu no peito ao vê-la. Ele não tinha ideia de que o caminho que seguia levava àquele lugar.

Desvencilhou-se do galho e andou sem pressa rumo à diminuta ponte, com suas tábuas serradas a mão e seus cuidadosamente trabalhados corrimões de quase um metro de altura. Ela tinha sido reconstruída, é claro; isso era algo que ele sempre presumira. Ainda assim, nunca mais retornara àquele local enquanto ainda estava na escola. Não depois daquele fatídico dia.

Jeff se sentou no banco próximo à ponte e passou a mão pela madeira malhada pelo tempo. Do outro lado da água, um esquilo mordiscava uma castanha que segurava entre as patas; o animalzinho olhava para ele com uma expressão tranquila, mas sempre atenta.

Jeff nunca fora um garoto tímido, mesmo naquele primeiro ano na escola. Era quieto e sério com relação aos estudos, mas nunca tímido. Não demorou a fazer muitos amigos e logo se juntou às farras do alojamento: guerra de creme de barbear, decorar o quarto de outro aluno com papel higiênico, esse tipo de coisa. E, no que dizia respeito às garotas, ele já tivera tanta experiência, ou tão pouca, quanto era de esperar de um menino de quinze anos naqueles inocentes primeiros dias. Houve uma namorada mais séria no seu último ano, mas ninguém especial entre as colegiais que vinham a Richmond nos fins de semana para bailes no *campus*. O encontro de que ele se lembrava mais afetuosamente, com uma mocinha chamada Barbara, só foi acontecer quando ele tinha dezesseis anos.

Entretanto, naquele primeiro ano, ele se apaixonou. Total e completamente, caiu de amores pela professora de Francês, uma mulher de vinte e poucos anos chamada Deirdre Rendell. E ele não estava sozinho em sua obsessão; uns 80% dos garotos naquele *campus* exclusivamente masculino tinham se apaixonado pela graciosa morena cujo marido dava aula de História Norte-Americana. Toda noite, na hora do jantar, havia uma disputa louca pelos seis assentos junto aos Rendell na mesa do refeitório. Jeff conseguia pegar um lugar duas ou três vezes por semana.

Ele estava convencido de que ela sentia algo especial por ele, algo além da cordialidade sincera que expressava pelos outros garotos. Ele tinha certeza de já haver percebido um brilho especial, uma fagulha nos olhos, quando ela conversava com ele. Uma vez, durante a aula, ela parou atrás da carteira dele e começou, vagarosa e casualmente, a massagear o pescoço dele enquanto conduzia os alunos na leitura de Baudelaire. Aquele tinha sido para ele um momento de intenso erotismo, e ele se regozijava nos olhares invejosos dos colegas. Por um tempo, até deixou de se masturbar olhando os pôsteres de suas *Playboys* reservando suas fantasias sexuais para “a Deirdre”, como ele se referia a ela mentalmente, e apenas para ela.

No fim de novembro, ficou óbvio que a senhora Rendell estava grávida. Jeff fez o que pôde para ignorar o significado daquilo com relação à estabilidade do casamento dos Rendell, concentrando-se, por outro lado, na beleza reluzente que a maternidade incipiente trazia ao rosto dela.

Ela tirou licença-maternidade durante o inverno, e outra professora assumiu as turmas até que ela pudesse retornar. O bebê nasceu em meados de fevereiro. A senhora Rendell então voltou à mesa do casal no refeitório em abril, com os seios lindamente inchados de leite. Deixava a criança em um moisés quando não estava com ela no colo, e o marido o tempo todo a paporicava da cadeira ao lado. O bebê e o marido recebiam toda a atenção e os cuidados, e Jeff não mais imaginava haver um carinho secreto nos raros sorrisos que ela lhe ofertava.

Os Rendell viviam em uma casa fora do *campus* do outro lado do bosque que ficava atrás da biblioteca. Em dias de sol, a senhora Rendell gostava de ir à escola e voltar a pé, atravessando a pacífica guarda dos olmos e bétulas. Havia uma trilha já bem gasta pelos anos de passagem, cortada por um pequeno córrego. Durante o outono, ela conseguia pular o estreito curso d’água com facilidade, mas agora, com o bebê no carrinho, aquilo representava um obstáculo mais sério.

Seu marido trabalhou intensamente por seis semanas construindo a pontezinha. Cortou a madeira do tamanho certo na serra de fita que ficava na oficina da escola, aplainou e suavizou as tábuas, fez as vigas e os caibros dos vãos com o dobro da largura de que precisariam para ficar seguros. Na

noite do dia em que ele terminou, a senhora Rendell deu nele um longo e apaixonado beijo à mesa durante o jantar. Ela nunca tinha feito nada daquele tipo na frente dos meninos da escola. Jeff ficou olhando para seu prato de comida, sentindo um aperto no estômago gelado.

No dia seguinte, quis ficar sozinho por um tempo caminhando no bosque, para organizar as ideias e entender melhor os sentimentos horríveis que tomavam conta dele. Só que alguma coisa estalou por dentro quando ele passou por aquela pontezinha.

Sua mente estava alterada, tomada por uma raiva atípica, quando ele decidiu apanhar a primeira pedra grande que encontrou no leito do riacho e a lançou contra o corrimão de madeira com toda a força.

De novo e de novo, foi levantando todas as pedras pesadas que conseguiu encontrar. Os reforços foram a parte mais difícil de destruir, uma vez que tinham sido construídos para durar. Mas, sob o raivoso ataque de Jeff, as tábuas finalmente cederam e acabaram desabando dentro da água junto com os restos pontudos da ponte.

Quando terminou, Jeff apenas ficou lá parado, observando as ruínas encharcadas, arfando pesadamente de exaustão e angústia. Então, levantou os olhos e viu a senhora Rendell de pé do outro lado do córrego. Aquele rosto que ele admirara por meses a fio tinha agora uma expressão totalmente vazia dirigida a ele. Seus olhares se encontraram durante muitos segundos, até que Jeff desviou os olhos.

Ele presumiu que seria expulso, mas nada jamais foi dito sobre aquele incidente. Jeff nunca mais se sentou à mesa dos Rendell; evitava vê-los tanto quanto podia. Ela se manteve cortês, até mesmo agradável com ele dentro da sala de aula, e, no fim do ano, ele inclusive recebeu um conceito A em Francês.

Ele lançou uma pedrinha dentro do córrego preguiçoso e a viu se chocar contra uma rocha maior e cair na água. Destruir a ponte tinha sido um ato vil e imperdoável. Contudo, a senhora Rendell o havia perdoado e protegido, tivera até mesmo o bom senso de não envergonhá-lo ainda mais expressando seu perdão com palavras. Ela devia ter entendido a insensata fúria gerada pela solidão que o levava a tal extremo; podia ter

compreendido que ele, em sua infantilidade, tinha visto o amor dela pelo marido e pelo bebê como uma traição em alto grau.

E tinha sido mesmo, segundo a visão de Jeff, distorcida pela paixão. Aquele foi seu primeiro contato na vida com a desesperança.

Agora, ele sabia o que o levava de volta àquela escola e àquela clareira tranquila no bosque de sua juventude. Ele deveria mais uma vez encarar o vazio da perda eterna, mas agora em um nível ainda mais complexo. Desta vez, ele sabia que não poderia se partir sob o peso do intolerável. Não havia mais pontes a destruir; ele tinha de aprender a ir em frente e também a construir, a despeito do tormento causado pelo desaparecimento de sua filha e por saber que muitas coisas jamais viriam a ser.

Às quinze para as onze em uma noite de sexta, pelo menos vinte casais se abraçavam sob as sombras no exterior do prédio Harris; os braços entrelaçados, os rostos juntos por uns últimos minutos de contato febril antes que as jovens fossem chamadas de volta ao seu alojamento pela vigilante coordenadora. Jeff e Judy estavam em um banco de pedra um pouco mais longe dos outros casais. Ela estava irritada.

– É aquele Frank Maddock, não é? Foi tudo ideia dele, aposto que foi.

Jeff balançou a cabeça.

– Não, já te falei. Fui eu que sugeri isso.

Judy não queria saber de ouvir.

– Você não devia andar com ele. Eu sabia que algo assim ia acontecer. Ele acha que é muito bacana, que é o Senhor Sofisticado. Será que você não consegue ver que é tudo pose?

– Minha querida, nem é culpa dele. Essa coisa toda foi ideia minha e vai funcionar muito bem. Espera até amanhã e você vai ver.

– Ah, e você lá sabe de alguma coisa...?

Bateu uma fria brisa noturna e ela recolheu a mão para fechar um pouco o casaquinho de pele de coelho.

– Você nem tem idade para apostar por si mesmo, precisa ir atrás dele para fazer isso.

– Eu sei o suficiente – Jeff disse sorrindo.

– É, o suficiente para jogar fora todo o seu dinheiro. Pra vender até o seu carro. Até agora eu não acredito nisso: você vendeu o seu carro para apostar em uma corrida de cavalos.

– Amanhã à tarde eu compro outro. Você até pode vir comigo e ajudar a escolher. O que prefere? Um Jaguar ou um Corvette?

– Não diga bobagem, Jeff. Sabe, eu achava que te conhecia bem, mas aí vem você e...

O ventou carregou um botão de corniso e o depositou bem no cabelo dela. Ele estendeu a mão para pegar a flor, mas o movimento se transformou em uma carícia. Ela se desarmou ao toque, e ele então gentilmente correu as pétalas brancas pela bochecha da namorada, apertou-as contra os lábios dela e depois contra os seus.

– Ah, amor... – ela sussurrou, aproximando-se dele. – Eu não quero passar sermão nenhum. É só que eu fico tão preocupada com você que nem...

– Nada disso – ele disse, segurando o rosto dela com as duas mãos. – Não precisa se preocupar com nada, eu juro.

– Mas você não sabe...

Ele a silenciou com um beijo que durou até ser interrompido pela voz ríspida de uma mulher.

– Toque de recolher em cinco minutos!

Outras garotas passaram por eles correndo enquanto ambos caminhavam em direção à porta bem iluminada do alojamento.

– E então? – ele perguntou. – Quer ir comigo amanhã comprar um carro?

– Ah, Jeff... – ela suspirou. – Eu tenho um trabalho final para terminar amanhã à tarde. Mas, se você vier por volta das sete, eu te pago um hambúrguer no Dooley. E não fique chateado demais se você não ganhar. Pelo menos vai servir de lição.

– Sim, senhora – ele sorriu. – Estou tomando nota, pode deixar.

\* \* \*

Um manobrista de jaqueta vermelha estacionou o Jaguar no Coach and Six para eles. Jeff passou ao *sommelier* uma nota de vinte, e assim ninguém pediu identidade a Judy quando ele mandou vir uma garrafa grande de Moët et Chandon.

– Ao Chateaugay – Jeff brindou quando o champanhe foi servido.

Judy hesitou, segurando o copo no ar.

– Eu prefiro beber a nós e a esta noite – disse.

Eles então tocaram suas taças e provaram a bebida. Judy estava maravilhosa em um longo decotado azul-escuro que tinha comprado para o baile da primavera que se aproximava; estava a meio caminho entre uma menina fantasiada e uma mulher crescida, *sexy* e vibrante. Jeff a tinha esnobado muito rapidamente da vez anterior, procurando uma mulher que tivesse o mesmo grau de experiência que ele. Mas é claro que aquela havia sido uma tarefa impossível. Agora, ele se deleitava na honesta ingenuidade que ela apresentava, tão diferente do erotismo barato de Sharla ou dos modos frios e sofisticados de Diane. Tal inocência devia ser cultivada, não recusada.

Os preços no Coach and Six eram típicos da classe alta norte-americana, e não havia nada de muito arriscado no cardápio, mas Judy parecia impressionada e estava claramente se desdobrando para manter seu comportamento de gente adulta. Jeff pediu lagosta para ela e uma costela para si. Ela esperou para ver que garfos ele usaria para a salada e para as entradas, e ele adorou vê-la em sua sincera falta de jeito.

Depois do jantar, enquanto tomavam um Drambuie, Jeff deu a ela a caixinha azul de joias Claude S. Bennett. Ela a abriu e ficou por muitos instantes olhando para o perfeito anel de diamante de dois quilates, até que começou a chorar.

– Não posso – ela murmurou, fechando cuidadosamente a caixa e a deixando do lado da mesa. – Eu simplesmente não posso.

– Achei que você tinha dito que me amava.

– Eu amo – ela disse. – Ah, droga, droga, droga...

– Então, qual o problema? Podemos esperar mais um ano ou dois se você achar que somos jovens demais, mas eu gostaria de tornar os planos oficiais desde agora.

Ela enxugou os olhos com um guardanapo, borrando o pouco de maquiagem que estava usando. Jeff quis beijar as lágrimas e limpá-las, quis banhá-la com a língua como um gato faria com um filhote.

– A Paula me disse que você não vai à aula há semanas – lamentou Judy. – Disse que você pode até ser reprovado.

Jeff deu um largo sorriso e pegou a mão da garota.

– Mas é só isso? Querida, isso não importa. Eu vou largar a escola de qualquer jeito mesmo. Acabo de ganhar dezessete mil dólares, e até outubro eu vou... Olha, isso não é nada com que se preocupar. Nós vamos ter muito dinheiro. Eu vou cuidar disso.

– Como? – ela perguntou amargamente. – Apostando? É assim que você quer viver?

– Com investimentos – ele disse. – Investimentos perfeitamente legais e legítimos em negócios, em empresas grandes, como a IBM, a Xerox e...

– Seja realista, Jeff. Você deu muita sorte em uma corrida de cavalos e, de repente, quer ficar rico com mercado de ações. Bom, e se as ações despencarem? E se houver uma recessão ou algo assim?

– Não vai ter nada disso – ele disse calmamente.

– Você não tem como saber. Meu pai diz que...

– Não me importa o que seu pai diz. Não vai ter nenhuma reces...

Ela jogou o guardanapo e empurrou a cadeira para longe da mesa.

– Bom, eu me importo com o que meus pais têm a dizer. E odeio até pensar em como eles reagiriam se eu dissesse que estou para me casar com um rapaz de dezoito anos que largou a faculdade e virou apostador.

Jeff não conseguia pensar em nada para dizer. Ela tinha razão, claro. Ele devia parecer um tolo irresponsável aos olhos dela. Tinha sido um erro terrível contar o que ele estava para fazer.

Ele então guardou o anel de volta no bolso do casaco.

– Eu vou ficar com isso por enquanto – disse. – E talvez reconsidere a decisão sobre a faculdade.

Os olhos dela se encheram novamente, seus tons azuis vividamente brilhando sob as lágrimas.

– Por favor, Jeff, faça isso. Eu não quero te perder, não por causa de uma loucura como essa.

Ele apertou a mão dela.

– Você ainda vai usar esse anel – ele disse. – Vai ter orgulho disso, e vai ter orgulho de mim.

Eles se casaram na Primeira Igreja Batista de Rockwood, no Tennessee, em junho de 1968, uma semana depois de Jeff receber seu MBA. Isso ocorreu quatro dias antes do dia em que ele havia conhecido Linda nas duas vidas anteriores, com resultados drasticamente diferentes. Rockwood era a cidade natal de Judy. A recepção que os pais dela organizaram depois da cerimônia foi um grande churrasco, bem informal, em sua casa de verão nos arredores do lago Watts Bar. Jeff percebeu que a tosse de seu pai piorava, mas ele ainda não ouvia os apelos do filho para parar de fumar um Pall Mall atrás do outro. Na verdade, ele não pararia até que o enfisema fosse diagnosticado, anos depois. A mãe de Jeff estava mais feliz desta vez do que estivera nos casamentos com Linda e com Diane, ainda que, é claro, ela não tivesse lembrança alguma dessas duas outras ocasiões. Sua irmã, uma tímida adolescente de quinze anos com aparelho nos dentes, tinha se dado bem com Judy logo de começo.

A família Gordon também havia recebido Jeff de braços abertos. Ele tinha se feito à imagem do pretendente perfeito: vinte e três anos, com boa educação, muito trabalhador e responsável. Já tinha também feito um bom pé-de-meia e mantinha uma carteira de ações adquiridas de maneira conservadora, mas sempre crescente, em nome dele e no de Judy.

Não tinha sido fácil. Os cinco anos de faculdade haviam sido bem duros e o forçaram a voltar àquele regime, há tanto tempo abandonado, de muito estudo, provas e trabalhos finais; mas o mais difícil de tudo tinha sido resistir à tentação de não ficar rico. Da última vez que ele tivera aquela idade, já era um prodígio do mundo financeiro, o sócio majoritário

em um conglomerado poderosíssimo. Tamanha infusão de riqueza de uma hora para a outra certamente deixaria Judy abalada e criaria grandes problemas entre os dois. Então, ele passou direto pelo Belmont e pela World Series sem apostar, e dolorosamente evitou fazer os outros investimentos de alto retorno com os quais poderia facilmente ter construído outra fortuna multimilionária.

Desta vez, ele e Frank Maddock se distanciaram logo depois do Kentucky Derby. O agora desavisado homem, que um dia tinha sido seu sócio no pináculo do sucesso corporativo, se formou em Direito em Columbia e era um advogado iniciante em uma empresa de Pittsburgh.

Jeff e Judy assumiram a hipoteca de uma agradável casa em estilo colonial na estrada de Cheshire Bridge, em Atlanta, e Jeff alugou um escritório com quatro salas perto de Five Points, em um prédio do qual ele um dia fora dono. Cinco dias por semana, ele vestia terno e gravata, dirigia até o centro, dava bom-dia à sua secretária e aos seus associados, trancava-se no escritório e lia. Sófocles, Shakespeare, Proust, Faulkner... todas as obras que ele algum dia quisera apreciar a fundo, mas nunca tinha tido tempo de ler.

No fim do dia, expedia alguns memorandos para os sócios, recomendando que eles não se arriscassem em investimentos de empresas inexperientes, como a Sony, e concentrassem seu crescente capital em algo mais seguro, como a AT&T. Jeff ia guiando a pequena companhia com o cuidado de evitar fontes muito súbitas de riqueza e se assegurando de que ele e os sócios se mantivessem confortavelmente instalados no seio da classe média alta, sem chamar a atenção. Os sócios frequentemente seguiam os conselhos; quando não o faziam, as perdas tendiam a equilibrar os ganhos, então o resultado final ficava sempre dentro do pretendido por Jeff.

Durante as noites, ele e Judy se aninhavam na sala de televisão para assistir juntos a *Laugh-In* ou *The Name of The Game*, e talvez jogar palavras cruzadas antes de dormir. Nos fins de semana mais quentes, saíam para velejar no lago Lanier ou iam jogar tênis ou caminhar em trilhas no mato em Callaway Gardens.

A vida era muito tranquila, normal de maneira quase sublime. Jeff estava muito satisfeito com aquilo; nunca exultante – não havia aquela sensação de encantamento que ele um dia sentira ao ver sua filha, Gretchen, crescendo na propriedade do Condado de Dutchess –, mas ele se sentia feliz e em paz. Pela primeira vez, sua longa e caótica vida se definia pela maior simplicidade e pela ausência de agitação.

Jeff afundou os dedos do pé na areia, ergueu-se sobre os cotovelos e fez sombra nos olhos usando uma das mãos. Judy estava adormecida no cobertor ao lado dele, com os dedos ainda dobrados segurando um exemplar de *Tubarão*. Ele gentilmente beijou sua boca semiaberta.

– Quer um pouco de piña colada? – Jeff perguntou, enquanto ela acordava se espreguiçando. – Ainda tem meia garrafa térmica.

– Mmmm... Só quero ficar deitada aqui assim. Por uns vinte anos.

– Então é melhor mudar de posição mais ou menos a cada seis meses.

Ela virou a cabeça para olhar para o ombro e viu que estava ficando vermelha. Rolou de barriga para cima, mais perto dele, e ele então a beijou de novo, dessa vez com mais intensidade, por mais tempo.

Alguns metros adiante na praia, outro casal tinha um rádio ligado. Jeff interrompeu o beijo quando a música acabou e um locutor de sotaque jamaicano começou a ler a respeito do depoimento prestado naquele dia por John Dean no caso Watergate.

– Eu te amo – disse Judy.

– Te amo também – ele respondeu, tocando a ponta do nariz dela, corada de sol. E ele a amava mesmo, Deus, como amava.

Jeff se permitia tirar seis semanas de férias por ano, ainda mantendo sua fachada de trabalho regular. A limitação arbitrariamente autoimposta tornava aquela época ainda mais agradável. No ano anterior, eles foram andar de bicicleta pela Escócia; neste verão, planejavam fazer uma viagem de balão pela região vinícola francesa. Naquele momento, contudo, ele não conseguia pensar em nenhum outro lugar em que quisesse estar, a não

ser ali em Ocho Rios, com a mulher que havia trazido sanidade e encanto à sua vida desconjuntada.

– Colar para moça bonita, senhor? Bom colar de concha?

O garotinho jamaicano não tinha mais que oito ou nove anos. Seus braços estavam forrados com dezenas de delicados colares e braceletes feitos de conchas, e um pano amarrado em sua cintura trazia brincos do mesmo material colorido.

– Quanto você quer por... aquele ali?

– Oito xelim.

– Faça pelo dobro e eu compro.

O garoto levantou a sobrancelha, confuso.

– Ei... Senhor doido, senhor? Senhor deve baixar preço, não subir preço.

– Então vai ser por duas libras.

– Não discuto, senhor. Senhor quer comprar, pode comprar.

O garoto rapidamente tirou o colar do braço e o entregou a Judy.

– Se senhor quer comprar mais, tem muito. Todo mundo em praia conhece eu, meu nome Renard, certo?

– Muito bem, Renard. Bom fazer negócios com você.

Jeff estendeu a ele duas notas de uma libra e o garoto saiu rapidamente praia afora sorrindo.

Judy colocou o colar e balançou a cabeça se fingindo de desapontada.

– Que vergonha... – ela disse. – Tirar vantagem assim do menininho...

– Podia ter sido pior – Jeff sorriu. – Mais um minuto e eu teria barganhado com ele por até quatro ou cinco libras.

Ela olhou para baixo para arrumar o colar e, quando seus olhos fitaram os dele de novo, o fizeram com um ar de tristeza.

– Você é tão bom com crianças – ela disse. – É a única coisa de que me arrependo, que nós nunca...

Jeff estendeu o dedo levemente sobre os lábios dela.

– Você é a minha menina. A única de que eu preciso.

Ele nunca poderia dizer a ela nem deixá-la desconfiar, mas tinha feito uma vasectomia em 1966, logo depois que eles começaram a fazer amor.

Nunca mais ele daria origem a outro ser humano como fizera com Gretchen, só para logo em seguida vê-la apagada da existência. Para todas as pessoas, a não ser para Jeff, ela nunca tinha vivido nem em lembranças; e, na hipótese impensável de que ele estivesse fadado a viver aquela vida mais uma vez, ele se recusava a deixar naquela espécie de limbo alguém que ele não apenas tinha amado tanto, mas que tinha gerado.

– Jeff... Eu venho pensando...

Ele olhou para Judy, tentando não deixar transparecer toda a dor e a culpa.

– Em quê?

– Nós poderíamos... Não precisa responder agora, pode tirar um tempo para pensar nisso... Mas nós poderíamos adotar uma criança.

Ele ficou alguns segundos sem dizer nada, só olhando para ela. Viu o amor no rosto dela, viu a necessidade de mais uma forma pela qual expressar aquele amor.

Não seria a mesma coisa de ter uma criança nascida dele, ele pensou. Mesmo se ele viesse a amá-la, não teria sido o responsável por sua existência. A criança já existiria, já teria nascido, fosse ela quem fosse. Mesmo que o pior acontecesse, ela continuaria existindo, ainda que estivesse destinada a ter uma vida diferente.

– Sim – ele disse. – Sim, acho que eu gostaria muito de fazer isso.

O atracadouro ficava em um lugar chamado Earl's Ford, no limite sul das grandes florestas dos Apalaches, perto do ponto onde as Carolinas do Norte e do Sul se encontravam com a pontinha norte da Geórgia. Havia seis botes ao todo; todos eram pretos, de aparência desajeitada, tinham sido inflados no acampamento e então arrastados com dificuldade até a margem do rio Chattooga. Jeff, Judy e as crianças estavam em um bote com uma alegre senhora de cabelos grisalhos e um guia que parecia estar na faculdade, seus braços e rosto bem bronzeados de sol.

Quando o bote chegou a águas mais profundas e rápidas, Jeff se levantou para alcançar o colete salva-vidas de April e assim apertá-lo um

pouco em torno do corpo magrinho da menina. Dwayne viu aquele gesto paternal e apertou seu próprio colete, com uma expressão adulta de determinação em seus olhos jovens.

April era uma adorável garotinha loura que tinha sido barbaramente abusada pelos pais biológicos; seu irmão era uma criança mais intensa, muito inteligente, cujos pais tinham morrido em um acidente de carro. Aqueles nomes não eram necessariamente os que Jeff e Judy teriam escolhido para as crianças, mas eles já tinham seis e quatro anos respectivamente quando foram adotados, e parecia uma opção melhor não perturbar ainda mais a noção de identidade dos dois alterando seus nomes de batismo.

– Papai, olha! Um cervo! – apontou April na margem mais distante do rio, seu rosto brilhando de entusiasmo. O animal olhou de volta para eles sem se alterar, preparado para correr se isso se fizesse necessário, mas não se dispôs a interromper seu pasto simplesmente por ver aquelas estranhas aparições.

Logo adiante, as margens arborizadas dos dois lados começaram a se erguer e se tornaram uma garganta de pedra. À medida que o cânion ia se aprofundando, a velocidade da água aumentava, e não demorou para a pequena frota de botes alcançar seu primeiro conjunto de cascatas. As crianças comemoravam com alegria cada pulo e giro da embarcação na corrente que fluía.

Jeff olhou para Judy depois que eles saíram das águas brancas e já estavam novamente navegando tranquilos no rio calmo. Ele ficou satisfeito de ver que a ansiedade que ela manifestara antes tinha se tornado um contentamento comparável ao das crianças. Ela tinha ficado preocupada em levá-las naquele passeio, mas Jeff não quis que as crianças fossem privadas de algo que inspiraria tanta alegria.

A excursão deu uma parada na costa de uma ilhota, e Judy então armou no chão o lanche que tinha embrulhado em uma pequena caixa à prova d'água. Jeff saboreava uma coxa de frango e bebericava sua cerveja gelada, enquanto observava April e Dwayne explorarem a borda triangular da ilha. A curiosidade e a imaginação daquelas crianças nunca deixavam

de fasciná-lo. Pelos olhos delas, ele tinha aprendido a apreciar novamente o velho mundo de sempre. Quando ele e Judy decidiram adotá-las, ele comprou algumas ações da Apple e da Atari no momento exato. Não foi muita coisa, apenas o suficiente para aumentar a renda da família em alguns milhares de dólares. Compraram uma casa maior na estrada de West Paces, com um quintal enorme, um laguinho raso com peixes e três grandes carvalhos. Perfeita para as crianças.

Os botes saíram para a água mais uma vez e se aproximaram de outro conjunto de cascatas, um pouco maior, mais de um quilômetro rio abaixo. A corrente estava bem mais rápida agora, mesmo nas áreas onde a água era azul. Mas Jeff pôde ver que sua esposa tinha perdido o medo do rio e estava maravilhada com a beleza do lugar e a emoção da corrida. Ela segurava firme a mão dele enquanto eles desciam as torrentes das quedas Bull Sluice, e então tudo acabou, a água ficou calma de novo e o sol apareceu por detrás dos pinheiros.

April e Dwayne ficaram claramente tristes de ver o ônibus esperando para levá-los de volta a Atlanta, mas Jeff sabia que aquelas aventuras, assim como o verão, mal haviam começado. Dali a pouco, ele estaria levando a família para um relaxado passeio de carro de dois meses pela França e pela Itália. No ano seguinte, já planejava uma viagem de todos ao Japão e à recém-acessível vastidão da China.

Jeff queria ver tudo o que havia, experimentar cada pedacinho de glória e de assombro que o mundo tivesse a oferecer. Ainda assim, tinha medo de que todas aquelas lembranças, juntamente com o amor dedicado a elas, fossem logo obliteradas por uma força que nem ele nem ninguém nunca conseguiriam entender.

Depois de três dias, seu peito começou a coçar sobremaneira nos pontos onde os eletrodos estavam grudados, mas ele não deixava que o aparelho de eletrocardiograma fosse desconectado de jeito nenhum, nem por um minuto.

As enfermeiras o ridicularizavam e Jeff sabia disso. Riam dele quando achavam que ele estava longe do alcance de suas vozes, ficavam indignadas de ter de cuidar de um hipocondríaco perfeitamente saudável que insistia em ocupar um leito valioso.

Seu médico pensava mais ou menos da mesma maneira e tinha inclusive expressado isso abertamente. Ainda assim, Jeff tinha dito exatamente o que queria de maneira muito veemente. Finalmente, depois de fazer uma generosa doação ao fundo de obras do hospital, conseguiu ser internado por uma semana.

Era a terceira semana de outubro de 1988. Se tivesse de acontecer, aquela era a hora.

– Olá, amor. Como você está? – perguntou Judy em seu vestido de outono cor de ferrugem, com os cabelos amarrados de forma meio relaxada no alto da cabeça.

– Estou coçando. Fora isso, tudo bem.

Ela sorriu com certa malícia que não era muito característica de seu rosto ainda inocente.

– É algo que eu possa coçar?

Jeff riu.

– Ah, bem que eu queria que fosse. Mas acho que vamos ter de esperar mais alguns dias até que eu seja desconectado.

– Bem... – ela disse, erguendo duas sacolas de compras, uma da livraria Oxford e outra da Turtle Records. – Aqui estão algumas coisas pra você se ocupar nesse meio-tempo.

Ela tinha trazido os mais recentes livros de mistério de Travis McGee e Dick Francis – um gosto que ele tinha adquirido nesta vida –, mais uma biografia de André Malraux e a história da companhia de navegação Cunard. Por mais que estivesse longe de conhecer tudo a respeito do marido, Judy certamente entendia que os interesses dele eram de natureza bem eclética. A outra sacola continha uma dúzia de caixinhas de CDs, indo de Bach e Vivaldi até uma cópia digital do *Sergeant Pepper's*. Ela colocou um dos discos reluzentes no aparelho de som ao lado da cama e as

magníficas notas do “Cânnon em D” de Pachelbel tomaram o quarto do hospital.

– Judy... – ele começou a falar, mas sua voz falhou. Limpou a garganta e tentou de novo. – Eu só quero que você saiba... do quanto eu sempre te amei.

Ela respondeu de maneira controlada, mas não conseguiu esconder a expressão alarmada. – Nós sempre vamos nos amar, assim eu espero. Ainda por muito e muito tempo.

– Pelo tempo que nós pudermos.

Judy franziu a testa e estava para dizer alguma coisa, mas Jeff a silenciou. Ela se inclinou sobre a cama para lhe dar um beijo, e sua mão tremia quando tocou a mão dele.

– Volte para casa rápido – ela sussurrou bem perto de seu rosto. – Nós nem começamos direito ainda.

Tudo aconteceu pouco mais de uma hora depois de Judy deixar o quarto para almoçar na lanchonete do hospital. Jeff ficou feliz por ela não estar lá.

Mesmo com toda a dor, ele pôde observar o susto nos olhos da enfermeira quando a máquina de eletrocardiograma ficou louca. Mas ela se comportou com extremo profissionalismo e não hesitou em declarar “código azul” nem por um instante. Em segundos, Jeff estava cercado por uma equipe médica completa, que gritava instruções e dados sobre sua condição enquanto trabalhava em torno dele.

– Um cc de adrenalina!

– Duas ampolas de bicarbonato? Carrega em 360!

– Se afasta... – *BAM!*

– Taquicardia ventricular! Pressão em 80; carregado em 200, 75 miligramas de lidocaína intravenosa, agora!

– Olha isso: fibrilação ventricular.

– Repetir adrenalina e bicarbonato, carregado em 370; se afasta... – *BAM!*

Seguiram em frente, mas suas vozes iam sumindo junto com as luzes. Jeff tentou gritar de raiva porque aquilo não era justo. Ele tinha se precavido totalmente desta vez. Mas não conseguiu gritar, nem sequer conseguiu chorar. Não podia fazer coisa nenhuma a não ser morrer de novo.

E acordar de novo, no banco de trás do Corvair de Martin Bailey com Judy ao seu lado. Judy aos dezoito anos, Judy em 1963, antes que eles se apaixonassem, casassem e construíssem uma vida juntos.

– Pare o carro!

– Calma, meu chapa – disse Martin. – Estamos quase chegando ao alojamento das meninas. Nós vam...

– Eu falei pra parar o carro! Para agora!

Balançando a cabeça com descrença, Martin encostou o carro na Kilgo Circle, atrás do prédio de História. Judy pôs a mão no braço de Jeff, tentando acalmá-lo, mas ele se desvencilhou dela e abriu violentamente a porta do carro.

– Meu Deus, o que diabos você está fazendo? – Martin gritou, mas Jeff já estava fora do carro, correndo sem parar em qualquer direção, sem importar para onde ia.

Nada mais importava, na verdade.

Ele passou voando pelo quarteirão central, deixou para trás os prédios de Química e de Psicologia, com seu coração jovem e forte saltando no peito como se não o tivesse traído minutos atrás e vinte e cinco anos no futuro. Suas pernas o levaram além do prédio de Biologia e pelo cruzamento da Pierce com a Arkwright. Ele finalmente cedeu e caiu de joelhos no meio do campo de futebol, olhando para as estrelas acima com a vista borrada.

– Vai se foder! – berrou para o céu impassível, com toda a sua força e com o desespero que ele tinha sido incapaz de expressar em seu estado terminal na cama do hospital. – Vai se foder! Por quê? POR QUE... VOCÊ... ESTÁ FAZENDO... ISSO... COMIGO?

## Oito

Jeff simplesmente estava pouco se lixando agora. Tinha feito tudo o que podia, alcançado tudo o que um homem poderia desejar – do ponto de vista material, romântico, paternal –, e ainda assim tudo remontava a nada; só lhe restava ficar sozinho e sem ação, com as mãos e o coração vazios. De volta ao começo; mas, afinal, por que recomeçar, se seus maiores esforços tinham sido todos em vão?

Não conseguiu se forçar a ver Judy de novo. A adolescente de rosto angelical não era a mulher que ele amara, apenas um quadro em branco com potencial para ser aquela pessoa. Seria sem sentido, até mesmo masoquista, repetir mecanicamente o mútuo processo anterior de transformação, uma vez que ele já conhecia muito bem a derrocada emocional e espiritual que resultaria daquilo.

Ele então voltou ao bar sem nome que encontrara havia tanto tempo na estrada de North Druid Hills, e começou a beber. Quando chegou a época certa, mais uma vez repetiu todo o teatrinho no qual convencia

Frank Maddock a fazer a aposta no Kentucky Derby. Tão logo o dinheiro entrou, Jeff pegou um avião para Las Vegas, mas desta vez sozinho.

Depois de três dias vagando pelos hotéis e cassinos, finalmente a encontrou sentada à mesa de vinte e um para cacifes baixos, no Sands. O mesmo cabelo preto, o mesmo corpo perfeito, até o mesmo vestido vermelho que ele um dia tinha rasgado em um momento de tesão impaciente de ambos no sofá da sala do pequeno duplex onde ela morava.

– Oi – ele disse. – Meu nome é Jeff Winston.

Ela respondeu com seu familiar sorriso sedutor.

– Sharla Baker.

– Certo. Me diga, você gostaria de ir para Paris?

Sharla lançou um olhar entretido.

– Se importa se eu terminar essa jogada antes?

– Tem um avião saindo para Nova York daqui a três horas. Ele vai fazer conexão com um voo da Air France. Isso te dá tempo para fazer as malas.

Ela chegou a dezesseis, pediu carta e estourou a mão.

– Você está falando sério? – perguntou.

– É sério, sim. Pronta para ir?

Sharla deu de ombros e recolheu na bolsa algumas fichas que ainda tinha.

– Tudo bem, então. Afinal, por que não?

– Exatamente – disse Jeff. – Por que não?

O aroma doce e abrasivo de uma centena de Gauloises e Gitanes acesos pairava no ar do clube de jazz como uma neblina rançosa. Em meio àquela névoa, Jeff pôde ver Sharla dançando sozinha em um canto, de olhos fechados, bêbada. Ela parecia estar bebendo bem mais nesta vida do que ele se lembrava de antes. Ou talvez só estivesse tentando acompanhá-lo, e era ele quem estava bebendo mais do que fizera em qualquer outro momento. Pelo menos o álcool o deixava mais sociável; havia meia dúzia de pessoas à sua mesa naquela noite, a maior parte delas estudantes em

algum grau, mas todas muito mais interessadas na incessante vida noturna da cidade do que em livros.

– Vocês têm boates assim nos Estados Unidos, hã? – perguntou Jean-Claude com um acentuado sotaque.

Jeff negou com a cabeça. O Caveau de la Huchette era um antro de jazz parisiense nos moldes clássicos, uma caverna com paredes de pedra tomada por uma música tão densa e pungente quanto a nuvem dos cigarros que pareciam ser o sustento daqueles frequentadores. Muito diferentemente das então recentes *discothèques*, era um tipo de lugar que nunca seria muito popular nos Estados Unidos.

Mireille, a namorada ruiva e miúda de Jean-Claude, deu um sorriso irônico e preguiçoso.

– *C'est dommage* – ela disse. – Os negros, parece que ninguém gosta deles em seu país natal, então eles têm de vir pra cá pra tocar sua música.

Jeff fez um gesto evasivo e se serviu de mais uma taça de vinho tinto. A então polêmica questão racial nos Estados Unidos era um dos assuntos mais comentados na França no momento, mas ele não tinha nenhuma vontade de em se envolver naquela discussão. Nada que fosse sério era de interesse algum para ele agora, nada que o fizesse pensar demais ou se lembrar das coisas.

– Você devia visitar *l'Afrique* – disse Mireille. – Há muita beleza lá, muito a ser descoberto.

Ela e Jean-Claude tinham retornado do Marrocos havia pouco. Jeff teve o cuidado de não mencionar a então recente derrota francesa na Argélia.

– *Attention, attention, s'il vous plaît!* – anunciou o dono do clube de jazz em seu pequeno palco, aproximando-se do microfone. – *Mesdames et messieurs, copains et copines... Le Caveau de la Huchette a le plaisir extraordinaire de vous présenter le blues hot... avec le maître du blues, personne d'autre que... Monsieur Sidney... Bechet!*

Houve uma intensa salva de palmas quando o velho músico expatriado entrou no palco com a clarineta na mão. Começou os trabalhos com uma incendiária “Blues in the cave” e então a seguiu com uma versão

intensamente sensual de “Frankie and Johnny”. Sharla continuou sua dança-solo no canto, seu corpo ondulando com o impulso visceral da música. Jeff esvaziou a garrafa de vinho e fez sinal pedindo outra.

O velho *bluesman* sorriu e fez um cumprimento quando seu segundo número se encerrou. A jovem plateia urrou de entusiasmo por aquela forma de arte quase alienígena para eles.

– Oh, minha nossa, minha nossa, minha nossa... – exclamou Bechet. – *Mon français n'est pas très bon...* – disse com um forte sotaque afro-americano. – Então eu só vô dizê do meu próprio jeito que cês todos conhecem muito bem o blues. Tão sabendo?

Pelo menos metade do público entendia inglês bem o suficiente para responder entusiasticamente.

– *Mais oui!* – gritaram. – *Bien sûr!*

Jeff virou o mais recente copo de vinho esperando que a música o levasse para longe, que apagasse todas as suas lembranças.

– Muito bão! Muito bão! – Bechet disse lá do palco, limpando o bocal da clarineta. – Essa próxima música agora é de verdade a essência do blues. Cês veja, tem blues que é pras pessoa que nunca tivero nada, e é um blues muito do triste... Mas o blues mais triste que tem é pros que já tivero tudo que podia querê nesta vida e perdeu tudo, e sabe que num vai tê de novo aquelas coisa de volta. Num tem sofrimento no mundo que é pior do que esse. E pra eles vai esse blues chamado “I had it but it’s all gone now”.

A música começou, com sons guturais profundos de evanescência e arrependimento em um tom menor. Irresistível, quase intolerável. Jeff se afundou na cadeira, tentando abafar o som. Estendeu a mão para pegar seu vinho e acabou derramando um pouco.

– Alguma coisa errada? – perguntou Mireille, tocando no ombro dele.

Jeff tentou responder e não conseguiu.

– *Allons-y* – ela disse, colocando-o de pé em meio à fumaça do bar. – Vamos lá fora respirar um ar fresco.

Um chuvisco leve caía enquanto eles se dirigiam para o lado de fora, na rua de la Huchette. Jeff levantou o rosto de frente para a chuvinha fria e

deixou-a pontilhar sua testa. Mireille tocou a bochecha dele com sua mão delgada.

– A música pode machucar – ela disse suavemente.

– Hm.

– Não é bom. Seria melhor... *comment dit-on* “oublier”?

– “Esquecer”.

– *Oui, c’est ça*. Seria melhor esquecer.

– É.

– Pelo menos por um tempo.

– Pelo menos por um tempo – ele concordou, e eles partiram rumo ao boul’Mich para achar um táxi.

Na sala de estar do apartamento de Jeff na avenida Foch, Mireille encheu um pequeno cachimbo com um quebradiço haxixe marrom e uma quantidade equivalente de ópio. Sentou-se ao lado dele no tapete oriental, acendeu a potente mistura e passou-a ao anfitrião. Ele tragou com vontade e reacendeu o cachimbo quando ele apagou.

Jeff já tinha fumado um baseado uma vez ou outra, especialmente em sua primeira vida, mas nunca tinha tido uma sensação tão profunda de tranquilidade quanto aquela. Era justamente como Malraux certa vez tinha descrito sua experiência com o ópio: “como ser levado para longe em asas que não se movem”. Contudo, o haxixe mantinha sua mente ativa e aberta e não o deixava se perder completamente em sonhos.

Mireille se deitou no tapete, seu vestido verde de seda subindo para as coxas. A chuva contra a janela batia em uma cadência insistente, e ela ia balançando a cabeça em um círculo no ritmo daquele som, seu lustroso cabelo ruivo-escuro atravessado no rosto e sobre os ombros nus. Jeff acariciou a batata da perna dela e depois por dentro das coxas, e ela soltou um leve murmúrio de concordância e desejo. Ele se inclinou sobre ela e desabotoou a parte da frente de seu vestido, deslizando o tecido macio para longe dos seios quase infantis.

Ali, no chão mesmo, eles usaram os corpos um do outro sem palavras, de maneira quase furiosa. Quando terminaram, Mireille encheu outro cachimbo com a mistura e eles fumaram no quarto. Desta vez, ambos entraram juntos, letargicamente, sob os cobertores, seus braços e pernas entrelaçados com uma recém-adquirida familiaridade. E então, mais tarde, quando os sinos de Saint-Honoré d'Eylau chamaram para a primeira missa do dia, Mireille mais uma vez subiu em cima dele, com seus esbeltos quadris o cavalgando com alegria quase lúdica.

Sharla voltou ao apartamento junto com a manhã modorrenta.

– Dia... – ela disse, abrindo a porta do quarto com ar exausto. – Querem café?

Mireille se sentou na cama com os cabelos desgrenhados.

– Pode ser com um pouquinho de conhaque?

Sharla tirou o vestido amarrotado e pesquisou no armário onde estaria seu robe.

– Isso parece bom pra mim. Pra você também, Jeff?

Ele piscou e esfregou os olhos enevoados pela droga.

– É, acho que pode.

Mireille se levantou e caminhou casualmente para tomar um banho. Quando Sharla voltou com a bandeja do café, a ruivinha estava sentada na beirada da cama, ainda nua, secando o cabelo. Enquanto tomavam seu café batizado com conhaque, as duas moças conversaram alegremente sobre uma nova loja de lingerie na rua Rivoli.

Pouco depois das nove da manhã, Mireille disse que precisava ir em casa trocar de roupa. Iria encontrar outra amiga para o *brunch* e não queria aparecer no café usando o vestido da noite anterior. Deu um beijo de despedida em Jeff, um abraço rápido em Sharla e se foi.

Tão logo Mireille saiu, Sharla tirou todas as xícaras da cama, afastou as cobertas e se atirou de língua na barriga de Jeff. Ele estava flácido quando ela o tomou em sua boca, mas logo ficou duro de novo.

Jeff nunca perguntou onde Sharla estivera a noite toda. E nem importava mesmo.

O Mediterrâneo batia gentilmente contra a praia de cascalho, suas ondas calmas como o sussurro da eternidade, da imutabilidade. O aroma de uma panela de *bouillabaisse* recém-cozida veio de um dos cafés ali perto. Jeff começava a sentir fome. Assim que as garotas voltassem da água, ele ia sugerir que eles fossem almoçar.

O tempo tinha dado uma trégua durante cerca de uma semana no começo de julho, e ele então tinha pegado o expresso Le Mistral rumo ao sul com Jean-Claude, Mireille e os outros. Estavam todos bêbados quando o trem chegou a Toulon, onde os oito se espremeram com muito alarde em dois táxis na viagem de quase setenta quilômetros até St. Tropez.

A pequena aldeia de pescadores tinha ganhado um novo *status* nos últimos seis anos, desde que Vadim e Bardot a descobriram e a popularizaram como uma alternativa mais jovem aos entediantes *resorts* de Antibes e Menton para os mais velhos, na Côte d'Azur. Naqueles tempos, embora já fervilhante, a cidadezinha ainda estava livre das sufocantes hordas de turistas que a tornariam inabitável nas décadas seguintes.

Uma sombra passou pelos olhos semicerrados de Jeff, e ele, logo em seguida, se viu apertado contra a areia por um par de coxas macias e femininas sentadas em sua lombar. Sharla? Mireille? Então, os seios nus da garota lhe acariciaram as costas suavemente, os mamilos eretos pela brisa marinha.

– Chicca? – ele tentou adivinhar, levantando uma mão até os cabelos da moça para sentir o comprimento e a espessura. Ela afastou a cabeça e soltou risadinhas.

– *T'es fou* – provocou, apertando as coxas com mais força contra as dele e os seios nas costas dele com mais vontade; eram menores que os de Sharla e maiores que os de Chicca.

– Não pode ser a Mireille – ele disse, alcançando com a mão o traseiro enxuto da moça. – É gordinha demais.

Mireille então soltou meia dúzia de palavrões em francês e os reforçou levantando o elástico da cintura do calção dele e esvaziando lá dentro um copo de limonada gelada. Ele a desmontou de cima com um curto grito e

então a segurou de costas na areia, os braços dela lutando de brincadeira contra o aperto dele.

– *Sadique* – ela sorriu. Jeff soltou uma das mãos dela apenas para tirar o gelo de seu próprio calção. Ela logo agarrou o pênis dele pelo tecido fino. – Está vendo só? – disse. – Você adora isso.

Ele queria possuí-la ali mesmo, naquele instante, com aqueles cabelos soltos e armados, os seios e a barriga brilhando ao sol, a curva de sua virilha delineada pela parte de baixo do biquíni branco. Ela deslizou os dedos para dentro do calção e o apertou mais forte. Tomado de surpresa, ele deu uma inspirada curta.

– Tem gente em volta – tentou dizer com a voz meio esganiçada.

Mireille deu de ombros, com a mão trabalhando ativamente no pênis dele. Ele olhou em volta na praia lotada, viu Sharla andando na direção deles com seus belos seios à mostra e os braços na cintura de Jean-Claude.

– Mireille!... – ele sussurrou com urgência.

Ela esfregava seus quadris cheios de areia contra os dele, massageando-o cada vez mais forte e mais rápido. Ele já não conseguia mais parar. Fechou os olhos e gemeu, e então havia lábios tocando os dele, uma língua rodando dentro de sua boca, dois mamilos duros contra seu peito e seus ombros, e cabelos e seios e bocas e mãos... Ele gozou enquanto Sharla o beijava e Mireille o conduzia ao orgasmo; ou teria sido o contrário? E que diferença fazia, afinal de contas?

– Todo mundo de repente com um apetite danado, hã? – disse Jean-Claude, rindo.

Jeff acabou contando tudo a Mireille no fim daquela tarde, no jardim do hotel, depois de eles dividirem vários cachimbos da mistura de haxixe com ópio e assim que Sharla subiu para um quarto com Jean-Claude, Chicca e outro casal. As drogas o fizeram soltar a língua, e então o segredo que ele mantivera preso, ardendo no peito durante tantos anos, finalmente extravasou por conta própria. Calhou de Mireille estar lá na hora em que isso aconteceu.

– Eu já vivi esta vida antes – ele disse, olhando ao longe o tardio pôr do sol através dos pinheiros da Résidence de la Pinède.

Mireille cruzou as pernas nuas em pose de lótus, seu vestido branco de algodão ondulando na grama ao redor dela.

– *Déjà vu* – disse com um sorriso. – Eu também às vezes me sinto assim.

Jeff balançou a cabeça e franziu as sobrancelhas.

– Eu quero dizer literalmente. Digo, não foi exatamente esta vida aqui com você e Sharla e tudo isso, mas...

E foi saindo tudo, uma torrente de palavras e lembranças que ele tinha guardado por tempo demais: o infarto em seu escritório, aquela primeira manhã no alojamento da Emory, a riqueza conquistada e perdida, as esposas, seus filhos, a morte, a morte e a morte de novo.

Mireille ficou ouvindo sem dizer uma palavra. O sol que descia iluminava seus cabelos, deixando-os da cor do fogo e mergulhando seu rosto em uma sombra crescente. Finalmente, a voz dele começou a se acalmar, derrotada por quão difíceis de acreditar eram as coisas que ele estava tentando dizer.

Já estava escuro àquela altura e ficara impossível ler a expressão no rosto de Mireille. Será que ela tinha achado que ele estava com raiva, ou talvez rememorando um sonho opiáceo? O silêncio começou a desfazer o alívio catártico que ele sentira ao deixar tudo aquilo sair.

– Mireille, eu não queria te chocar dizendo isso. Eu...

Ela se ergueu sobre os joelhos e entrelaçou o pescoço dele com os braços finos. Os cachos do cabelo acobreado se apertavam suavemente no rosto dele.

– Muitas vidas... – ela sussurrou. – Muitas dores...

Ele abraçou o corpo jovem e esbelto da garota, deu um suspiro longo e profundo, inalando o ar aromatizado pelos pinheiros. Risadas chegavam até eles vindas de detrás das árvores, assim como os sons claros, doces e flutuantes do mais recente disco de Sylvie Vartan.

– *Viens* – disse Mireille, levantando-se e segurando a mão de Jeff. – Vamos para a festa. *La vie nous attend.*

Voltaram todos para Paris em agosto, quando as chuvas recomeçaram. Mireille nunca comentou nada a respeito do que Jeff lhe contara naquela noite no jardim em St.-Tropez. Devia ter atribuído a história ao haxixe e deixado para lá. Jeff e Sharla também nunca conversaram abertamente sobre suas sessões de sexo grupal e as drogas que agora eram parte de sua rotina habitual. Aquelas coisas tinham acontecido e continuavam acontecendo, e era só isso. Não havia razão para discuti-las desde que todo mundo continuasse se divertindo.

Um dos novos casais que ocasionalmente aparecia e sumia nesse cenário os apresentou a uma *partouze* na rua le Chatelier, alguns quarteirões ao norte do lugar que continuaria se chamando Place de l'Étoile até a morte de De Gaulle em 1970. Essa *partouze*, uma de muitas casas de orgia que tinham aparecido na cidade desde a década de 1920, era um estabelecimento muito bem conduzido e suntuosamente decorado, com uma coleção de bonecas antigas em caixas de vidro e um grosso tapete marrom que combinava com as paredes, as quais eram ornadas com impressões em estilo *fin de siècle*. E ainda havia três funcionárias uniformizadas que atendiam os trinta ou quarenta casais nus que vagavam pelo lugar e se entretinham nos dois andares de quartos bem espaçosos e muito bem equipados.

A turma de St.-Tropez começou a frequentar a *partouze* todos os fins de semana. Numa noite, Jeff e Sharla fizeram um *ménage* com uma entusiasmada aspirante a atriz norte-americana recém-chegada a Paris; ela logo se tornaria mais conhecida por seu radical ativismo feminista do que por sua capacidade de atuação. Em outra noite, Mireille, Sharla e Chicca improvisaram uma disputa de quem primeiro conseguiria fazer sexo com vinte homens em uma mesma festa. Sharla venceu.

Jeff ficou surpreso ao perceber como aquele incessante carrossel de sexo casual em público com belos desconhecidos logo começou a parecer uma coisa normal. Ficou particularmente impressionado pelo fato de que tais atividades podiam ser conduzidas livremente, sem o menor medo das pragas que assolaram sua época de origem, a herpes e a aids. A despreocupada sensação de segurança das pessoas dava, em retrospecto,

certo ar de inocência àquele comportamento decadente; eram como crianças nuas brincando no Jardim do Éden antes da queda do Paraíso. Ele se perguntou o que teria acontecido às *partouzes* e suas congêneres, nos Estados Unidos e no resto da Europa, durante os anos 1980. Se é que tinham sobrevivido, deviam ter sido tomadas então por intensa culpa e paranoia constante relacionadas às doenças.

Os anos 1980: uma década de perda, de fim das esperanças, de morte. E tudo aquilo aconteceria de novo, ele pensou, e muito antes do que se pudesse imaginar.

## Nove

Eles estavam em Londres havia menos de um mês quando ele conheceu a garota que lhe ofereceria LSD; aliás, ele a encontrou da primeira vez justo quando ela estava saindo da drogaria Chelsea. Ambos deram boas risadas disso enquanto conversavam bebendo Campari e refrigerante. Jeff fez uma piada, dizendo que tinha ido pegar um remédio que estava em sua receita e “conseguiu exatamente o que queria”. Ela achou engraçado, mas certamente não entendeu a referência; afinal, os Stones só gravariam “You can’t always get what you want” no ano seguinte.

Ela contou seu nome, Sylvia, quase como em segredo, já que todos a chamavam de Sylla, “como a cantora Cilla Black, sabe?”. Seus pais moravam em Brighton (ela fez uma careta ao dizer isso), mas ela dividia um *flat* em South Kensington com duas outras jovens e trabalhava na Granny Takes a Trip, onde tinha desconto de 50% em todas as roupas – como, no caso, a minissaia azul de vinil e a meia-calça amarela estampada que ela usava naquele momento.

– Nós temos as coisas mais modernas lá, sabe, muito mais em voga do que a Countdown ou a Top Gear. Cathy McGowan está sempre lá e Jean Shrimpton foi ontem mesmo.

Jeff sorria e concordava com a cabeça sem prestar atenção alguma ao lero-lero sem sentido da moça. Não era nela que ele estava interessado, e sim na droga. Era um interesse de longa data; ele odiava admitir isto, mas sempre tivera medo de experimentar LSD. A garota falava do assunto muito casualmente, parecia nunca ter sofrido os efeitos adversos – ou pelo menos ele presumia que aquela superficialidade dela fosse de nascença. Ele havia se aproximado mais por hábito que por qualquer outra coisa, comentando algo sobre o disco dos Animals que ela segurava embaixo do braço. Não levou nem cinco minutos para ela perguntar se ele queria tomar um ácido. Bom... Afinal, por que não, não é? Que diabos, vamos lá...

Na casinha em Sloane Terrace, Sharla estava adormecida na cama ao lado de um cara qualquer que ela conhecera na noite anterior no Dolly. Jeff fechou a porta do quarto, pôs para tocar na sala um disco de Marianne Faithfull com o volume bem baixo e perguntou a Sylla se ela queria outra bebida.

– Não se a gente for tomar o ácido – ela disse. – Não é bom misturar, sabe?

Jeff deu de ombros e se serviu de mais um scotch assim mesmo. Precisava do álcool para relaxar, para diminuir seu nervosismo com a expectativa de tomar aquela droga psicodélica. Que mal poderia fazer?

– É sua mulher ali no quarto? – Sylla perguntou.

– Não, só uma amiga.

– Ela não vai se importar de eu estar aqui?

Jeff balançou a cabeça e riu.

– Nem um pouco.

Sylla sorriu e jogou de lado o cabelo liso e castanho que lhe entrava nos olhos.

– É que... eu nunca fiz isso, sabe, com outra garota por perto. Quer dizer, com exceção das que moram comigo, é claro, mas é só porque nós não temos muitos quartos.

– Bom, essa que está aí é uma amiga minha, e eu te digo que está tudo bem. Mas, se você quiser, tem outro quarto lá embaixo. Você ficaria mais à vontade se a gente fosse para lá?

Ela começou a remexer a bolsa de vinil amarelo cujo material combinava com a sainha e cuja cor era igual à das meias.

– Antes, vamos tomar o ácido e esperar ele bater. Depois a gente vai lá para baixo.

Jeff engoliu o quadradinho de papel absorvente tingido de roxo que ela lhe deu e arrematou com o final do uísque. Sylla preferia tomar o dela com suco de laranja, então ele se levantou para pegá-lo na geladeira.

– Quanto tempo até a gente sentir algum efeito? – ele perguntou.

– Depende. Você almoçou hoje?

– Não.

– Então, uma meia hora – ela disse. – Por aí.

Foi menos. Em uns vinte minutos, as paredes se transformaram em borracha e começaram a ir para a frente e para trás. Jeff ficou esperando aparecerem as visões que achava que teria, mas não veio nada. Em vez disso, tudo ao redor dele começou a parecer ligeiramente distorcido, fora de perspectiva de um jeito indefinível e meio brilhante.

– Tá sentindo, querido? – ela perguntou.

– Não é... não é o que eu achava que seria – as palavras saíram de sua boca uma a uma, mas pareceram mais densas do que deveriam ser. O rosto de Sylla começou a mudar e a ondular como se fosse feito de cera quente. Seu batom e o ruço estavam muito mais fortes, como se fossem camadas de tinta vermelha cobrindo a pele dela.

– Mas é um barato, né não?

Jeff fechou os olhos e... Sim, havia imagens, círculos dentro de círculos, interconectados por uma treliça complexa e tremulante. Rodas e mandalas, símbolos de ciclos eternos, de mudanças ilusórias que somente

conduziam de volta a onde a alteração tinha acontecido, e então começavam de novo...

– Põe a mão na minha meia; sente isso – disse Sylla pousando a mão dele em sua coxa. Os desenhos em relevo na meia-calça amarela se tornaram uma paisagem repleta de texturas e fendas iluminadas por um sol alienígena, e aquele sol era também uma parte dos ciclos intermináveis da existência e dos...

Sylla dava risinhos e começou a apertar a mão dele no meio de suas pernas.

– Me leva lá pra baixo, tá? Espera só pra ver como é a sensação disso aqui quando você está chapado.

Ele obedeceu, ainda que só quisesse se recostar e deixar a mente vagar por aquelas ondas recorrentes de quietude e aceitação. No pequeno quarto no andar de baixo, Sylla tirou as roupas de Jeff e correu as unhas vermelhas pelo corpo dele, deixando um rastro de fogo frio onde ela tocava. Ela tirou então sua saia e as meias, puxou a blusinha fina pela cabeça, pegou a cabeça dele e a direcionou para seu mamilo direito. Ele começou a sugar mais por curiosidade do que por tesão, como um garotinho que subitamente se dá conta de seu lugar no grande esquema das coisas, uma criança onisciente que enxerga seu próprio nascimento, sua morte e o renascimento.

Sylla o guiou por dentro dela, e ele ficou duro automaticamente. A carne dela, úmida, era como algo muito antigo, proto-humano, um *yang* receptivo para seu *yin*, os criadores unidos daqueles ciclos de regeneração interminável de...

Jeff abriu os olhos e as feições da garota mudaram de novo. Tinham se tornado o rosto de Gretchen. Ele estava trepando com Gretchen, sua própria filha, aquela a quem ele tinha dado vida, mas que nunca tinha existido.

Ele se desvencilhou dela com instantânea repulsa.

– Ôôô... – a garota entoou com frustração, pegando o pênis agora flácido e o acariciando. – Vamo lá, queridão, vamo lá...

As ondas dentro da cabeça de Jeff não paravam mais, surravam suas emoções com violentos impactos. Ciclos, rodas... Dentro daquela corrente universal não havia lugar para ele, não havia padrão em que ele pudesse encaixar sua existência mutante deslocada do tempo.

A garota abriu os lábios vermelho-sangue e se curvou para chupá-lo. Ele empurrou o rosto dela na direção da parede que pulsava, tentando afastar aquilo que tinha visto nela.

– Vocês se importam se a gente entrar na festa? – perguntou Sharla, nua na porta do quarto. Atrás dela estava um jovem magro de cabelos compridos e desarrumados e rosto vincado. Sylla fez um muxoxo, incerta do que fazer com os recém-chegados, então relaxou e deixou cair o lençol que tinha puxado para cobrir os seios.

– Pode ser uma boa – disse. – O ácido não fez muito bem pro seu amigo aqui.

– Ácido? – perguntou, animado, o rapaz. – Você ainda tem um pouco?

Sylla fez que sim e pegou a bolsa que tinha levado com ela para o andar de baixo.

– Então arruma aí uns baratos pra gente, vai? – ele disse. E se virou para Sharla. – Já trepou com ácido? É demais!

Estavam todos na cama, Sharla acariciando os cabelos de Sylla, os cabelos de Gretchen – ou seria Linda fazendo aquilo? –, enquanto o rapaz desconhecido se tornava Martin Bailey, o sangue do tiro que dera na própria cabeça se espalhando pelos lençóis, manchando os corpos nus da filha e da esposa de Jeff, e elas estavam mortas, todos eles mortos e ele não estava e não conseguia morrer, não importava quantas vezes já tivesse morrido e... Ele próprio era a roda, ele era o ciclo.

Sharla batia o pé impacientemente enquanto eles esperavam na sala de embarque da primeira classe no Aeroporto Internacional de San Francisco. Seu rosto estava pálido como o de um fantasma, seguindo as últimas tendências da moda, emoldurado pelo cabelo preto extremamente liso. As sobrancelhas estavam descoloridas até ficarem quase invisíveis, o batom era

como um risco de giz. O vestido *op-art* com estampa zebra e a calça justa branca por baixo completavam o visual totalmente sem cor.

– Mais quanto tempo? – ela perguntou ríspidamente.

Jeff olhou para o relógio.

– Vamos embarcar a qualquer minuto.

– E depois disso, quanto tempo até chegar lá?

– É um voo de quatro horas e meia – ele disse com um suspiro. – Nós já fizemos isso antes.

– Eu só não sei por que a gente está fazendo isso agora. Achei que você já estava de saco cheio dos trópicos. Foi exatamente o que você disse quando nós saímos do Brasil. Então, por que, de repente, a gente precisa ir para o Havaí?

– Eu quero ficar um tempo quieto tomando sol, sem ninguém por perto, pra variar um pouco. Preciso de um tempo pra pensar, está bem? E já passamos por isso antes também.

Ela lançou um olhar cínico.

– É, pelo visto você acha que já passou por tudo o que existe, não é?

Ele a encarou incrédulo.

– O que você quer dizer com isso?

– É essa merda toda de estar vivendo sua vida de novo, a baboseira de reencarnação ou sei lá o quê.

Jeff se virou na cadeira desconfortável e agarrou firme o braço dela.

– Onde é que você ouviu isso? Eu nunca...

– Me larga! – ela disse, livrando-se das mãos dele. – Deus, você nem consegue ficar duro para trepar com uma menininha, fica louco só por causa de um pouco de ácido, de repente quer fugir de tudo e agora começa a me segurar desse jeitinho...

– Cala a boca, Sharla! Só me diz o que é que você ficou sabendo e onde ouviu isso.

– A Mireille me contou tudo no ano passado. Disse que você tentou despejar em cima dela uma bobajada de viagem mística, falando que você morreu e voltou. Mas que bela merda, hein?

Aquela revelação atingiu Jeff com uma força quase física. De todas as pessoas que ele conhecera em todas as suas vidas, somente Mireille havia transmitido algum traço de empatia e compreensão o suficiente para que ele compartilhasse com ela aquele segredo. Ele pensou que ela não o julgaria por contar aquilo, que manteria o assunto guardado da forma como deveria ficar.

– Por que... – a voz dele falhou. – Por que ela te contou isso?

– Porque ela achou hilário. Nós todos achamos. Todo mundo que a gente conheceu em Paris passou meses rindo de você pelas costas.

Ele pôs as mãos na cabeça, tentando absorver as implicações do que ela estava dizendo.

– Eu confiei na Mireille – ele disse suavemente.

Sharla assumiu um ar de desdém.

– Ah, certo, ela é a sua namoradinha especial, não é? Fique sabendo que fui eu que a beijei primeiro. E quem você acha que falou para ela ir para a cama com você e te tirar daquele mau humor esquisito em que você ficava mergulhado metade do tempo? Eu já estava de saco cheio de você! Só queria me divertir e transar. Se eu e o Jean-Claude resolvêssemos que era o melhor a fazer, a Mireille teria trepado até com um macaco, então a gente foi em frente. E não foi você o sortudo nessa história?

Uma voz incorpórea de mulher anunciou o voo que os esperava. Jeff chegou ao portão de embarque em um estupor de descrença, com Sharla ao lado ostentando um meio sorriso forçado de satisfação. Ambos tomaram seus assentos do lado direito do recém-fabricado Boeing 707, logo atrás da asa. Nenhum dos dois disse uma palavra ao guardar a bagagem de mão e depois ajustar o cinto de segurança. Uma aeromoça veio oferecendo balas e chicletes; Jeff declinou só com um gesto. Sharla aceitou uma bala dura de laranja e começou a chupá-la com gosto.

– Senhoras e senhores, bom dia. Sejam bem-vindos ao voo 843 das Linhas Aéreas Pan American World, partindo de San Francisco com destino a Honolulu. Seu piloto é o capitão Charles Kimes. Junto a ele na cabine estão o copiloto Fred Miller, o segundo oficial Max Webb e o

engenheiro de voo Fitch Robertson. Voaremos em uma altitude de aproximadamente...

Jeff olhou pela janela para o monótono pavimento cinza lentamente ficando para trás.

Na realidade, ele só podia culpar a si mesmo por aquela situação. Tinha sido ele próprio quem estabelecera os termos de sua nova vida impetuosa e entregue a prazeres, no momento em que fora a Las Vegas com o propósito manifesto de procurar Sharla.

– ...o almoço cerca de trinta minutos depois da decolagem. Por favor, pedimos a todos que respeitem a sinalização de “proibido fumar” e “aperte o cinto de segurança” quando estas se acenderem. E, para seu conforto...

Ele se perguntava como deveria se sentir agora. Com raiva? Derrotado? Nenhuma dessas emoções traria a ele benefício algum, uma vez que o dano já estava feito. Obviamente, ninguém, nem mesmo Mireille, tinha acreditado no que ele contara a ela em St.-Tropez. Bem, pelo menos nada naquela armação que ela e Sharla tinham perpetrado representava nenhuma ameaça a ele. O grande efeito tinha sido apenas o de deixá-lo se sentindo ainda mais sozinho do que antes.

O avião avançou pela pista e levantou voo graciosamente. Ele olhou adiante, na direção da cabine. Não havia tela, é claro; a TWA ainda detinha os direitos exclusivos de exibição de filmes durante viagens aéreas. Uma pena. A distração teria sido bem-vinda.

Jeff olhou pela janela no momento em que a aeronave passava por cima da via expressa Bayshore. Ele devia ter trazido um livro. *The Kandy-Kolored Tangerine-Flake Streamline Baby*, de Tom Wolfe, tinha sido publicado pouco antes. Ele não se importaria de reler...

O avião então chacoalhou fortemente logo que se ouviu um som abafado de explosão. Jeff assistiu horrorizado à turbina direita exterior se desprender de sua fixação, abrir um buraco horrível na asa e cair em direção à cidade logo abaixo. O combustível começou a espirrar do tanque na extremidade da asa e se incendiou com uma tortuosa labareda branca que ia cuspidando pedaços de metal derretido.

– Olhem, a asa está pegando fogo! – alguém gritou atrás dele. O interior do avião foi tomado por gritos e choros de crianças.

Um terço da asa em chamas se soltou, e então o avião guinou com força para a direita. Jeff viu casinhas no alto dos morros e logo depois as águas azuis do Pacífico, não mais do que trezentos metros abaixo.

Sharla apertou a mão dele e ele também apertou a dela, esquecendo-se do rancor e do arrependimento em face do momento aterrorizante.

E ele pensou, apavorado: com somente dois anos nesta nova vida, será que ainda voltaria mais uma vez, mesmo com uma morte tão precoce e violenta? Por mais que já tivesse amaldiçoado suas repetidas existências, ele agora desejava desesperadamente que a vida continuasse.

O avião sacudiu de novo e afundou mais um pouco para a direita. A ponte Golden Gate entrou no campo de visão, suas torres inacreditavelmente próximas.

– Nós vamos bater... – Sharla sussurrou com urgência na voz. – Nós vamos bater na ponte!

– Não – Jeff respondeu duramente. – Nós ainda estamos mais ou menos nivelados. Não caímos muito desde que a turbina se despreendeu. Vamos pelo menos passar da ponte.

– Aqui é o capitão Kimes – disse uma voz calculadamente calma. – Temos um pequeno problema, senhoras e senhores... Bem, talvez não tão pequeno.

Eles agora estavam se arrastando sobre a terra novamente, de volta aos morros e elevações de San Francisco.

– Nós vamos tentar... Nós estamos nos dirigindo para a Travis, uma base da aeronáutica. Fica a pouco mais de sessenta quilômetros daqui. Eles têm uma pista longa e muito boa que podemos usar, muito maior do que qualquer outra no aeroporto em San Francisco. Estarei bastante ocupado aqui, então por favor se acalmem. O segundo oficial Webb vai narrar para vocês tudo o que precisarem saber sobre a aterrissagem.

– Ele acha que nós não vamos conseguir! – desesperou-se Sharla. – Nós vamos cair, eu sei que vamos!

– Fica quieta! – Jeff ordenou. – As crianças do outro lado do corredor estão te ouvindo.

– Aqui é o segundo oficial Max Webb – disse outra voz nos alto-falantes estridentes. – Faremos um pouso de emergência na base Travis daqui a uns dez minutos, e...

Sharla começou a chorar baixinho, e Jeff a abraçou mais forte.

– ...se precisarmos usar os escorregadores de emergência, por favor, permaneçam calmos. Lembrem-se de que é necessário ficar sentado para descer por eles. Não entrem em pânico. Quando pousarmos, e considerando a real possibilidade de um pouso difícil, por favor, inclinem-se para a frente em seus assentos. Segurem os tornozelos e permaneçam abaixados, ou então passem os braços por baixo dos joelhos. Cheguem o mais para a frente que conseguirem e não se movam até que nós digamos o que fazer.

O avião perdia altitude rapidamente. À medida que se aproximavam do extenso terreno da base militar, Jeff pôde ver caminhões de bombeiros e ambulâncias se enfileirando ao longo da pista mais longa, que estava completamente vazia.

Começaram então a fazer uma volta bem aberta apenas algumas dezenas de metros acima dos alojamentos e hangares da Aeronáutica. Jeff pôde ouvir o trem de pouso emergir com espasmos e rangidos da parte de baixo da fuselagem. A tripulação deve estar baixando as rodas manualmente, ele pensou. A explosão deve ter danificado o sistema hidráulico.

Sharla estava murmurando alguma coisa ao lado dele; o som era de como se ela estivesse rezando. Jeff deu uma última olhada pela janela e viu um redemoinho levantando poeira na ponta da pista para onde eles rumavam. Aquilo poderia significar problema. Afinal, com os danos que o avião já tinha, uma turbulência de última hora seria... Bem, não havia sentido em ficar pensando em coisas assim. Ele recolheu a mão, ajudou Sharla a assumir a posição fetal e então enfiou ele próprio a cabeça entre os joelhos, segurando os tornozelos.

As turbinas restantes deram um impulso repentino, e o avião levantou a parte esquerda com certa dificuldade para em seguida se nivelar novamente. O piloto devia estar tentando evitar aquele redemoinho, devia ter...

As rodas tocaram no chão, gritando ao contato com o pavimento, e pareceram segurar a aeronave. O conjunto correu pela pista durante muitos segundos aflitivos, até que as turbinas deram um rugido e tudo começou a diminuir e parar lentamente e... eles pousaram com sucesso.

Os passageiros explodiram em aplausos. As aeromoças abriram as saídas de emergência e todos se amontoaram para descer pelos escorregadores. O avião danificado fedia a combustível. Quando já estava do lado de fora, Jeff pôde ver o claro líquido inflamável minando das rachaduras da asa direita. Puxou Sharla para junto dele e ambos correram para longe.

A quase trezentos metros de distância, os dois se deixaram desabar exaustos sobre uma faixa de grama entre duas largas pistas. Carros de bombeiros embebiam o 707 em espuma branca, e em volta as pessoas perambulavam em estado de choque.

– Ah, Jeff... – Sharla disse chorando, com os braços em volta do pescoço dele e o rosto apoiado em seu ombro. – Meu Deus, eu estava com tanto medo lá dentro. Eu pensei... pensei que...

Ele afastou os braços dela, empurrou-a para longe e ficou de pé. A austera maquiagem preta e branca estava agora riscada pelas lágrimas, o vestido *op-art* manchado pela fumaça, pelo escorregador, pela grama.

Jeff olhou em volta e avistou um prédio à esquerda que parecia ser o centro das atividades, uma base para onde as ambulâncias retornavam e para onde se dirigia o pessoal da emergência em suas roupas de amianto. Ele começou a andar naquela direção, deixando Sharla lá no chão, onde ela ficara chorando.

– Jeff! – ela gritou. – Você não pode me deixar! Não agora, não depois disso!

“E por que não?”, foi o que ele pensou, e então começou a dizer isso bem alto, andando sem se abalar.

## Dez

Jeff terminou de comer seus ovos com *bacon* quando o sol começava a nascer, lavou os pratos e deixou a frigideira de molho. Geralmente, ele tomava uma xícara de café na varandinha da casa branca de telhado inclinado, mas, naquela manhã, estava atrasado, e havia muito a ser feito.

Vestiu um casaco sobre a camisa de flanela e saiu. Era a terceira semana de maio, mas o ar permanecia levemente cortante; a última temperatura abaixo de zero do ano tinha sido duas noites antes. Ele fez uma medida em respeito à pilha de pedras embaixo da qual o velho Smyth fora enterrado e se apressou rumo aos recém-arados campos de milho, já demarcados e prontos para o plantio. Smyth também tinha trabalhado aquela terra sozinho, depois de se assentar ali nos anos 1880. Tinha ficado doente depois de um acidente inexplicado, segundo o que contaram a Jeff, e só foram encontrar o corpo do homem semanas depois. As pessoas que adquiriram a propriedade no leilão que se seguiu nunca plantaram coisa alguma, nem mesmo cuidaram da terra, especialmente depois de

encontrarem a pequena fortuna em moedas de ouro que Smyth deixara escondida em sua panela de ferro. Parece que o velho tinha seus próprios segredos.

Jeff enterrou a ponta da bota no espesso solo preto no qual plantaria aquela tarde o primeiro milho da estação, uma variedade nova de milho doce. Era um excelente solo vulcânico californiano, rico em minerais. Ele só sentia desprezo pela família que, tanto tempo antes, largara improdutora aquela terra, depois de pegar o ouro de Sylvester Smyth e sumir da região em busca de alegrias e confortos imerecidos. Terra como aquela era para ser cultivada, e a comida boa que ela produziria em retorno tinha muito mais valor do que qualquer moeda. O contrato era aquele, o trato estabelecido entre o homem e a terra dez mil anos antes, na Mesopotâmia. Abandonar uma terra boa daquele jeito, segundo acreditava Jeff, era quebrar um laço muito antigo e quase sagrado.

Ele passou pela área onde o aspargo logo cresceria; ainda colheria mais dois anos daquele plantio inicial, e agora era a hora da primeira das duas adubações que ocorreriam durante o ano. As baixas temperaturas ainda em plena primavera não pareciam perturbar em nada as plantas; Jeff só achou que deixava os talos mais crocantes. Ajoelhou-se ao lado do pequeno córrego que passava pela propriedade, e, com as mãos em concha, pegou um pouco da água que vinha das geleiras nas montanhas e levou à boca. Enquanto bebia, viu passar duas trutas-marrons. Decidiu que, se acabasse de plantar o milho e adubar o aspargo antes do anoitecer, pegaria sua vara de pescar e tentaria apanhar algo para o jantar.

O sol continuava a escalar o céu, iluminando os topos dos pinheiros que ficavam na parte mais alta das montanhas Hogback, a sudoeste. Jeff seguiu morro acima os contornos do córrego rumo à nascente, parando a cada cinco ou sete metros para limpar detritos que se acumulavam, desentupindo as caixas de coleta e as tubulações de cuja irrigação sua plantação dependia.

Ele havia comprado aquele lugar nove anos antes, poucas semanas depois do quase desastre com o avião que ia para Honolulu. Não tinha mais visto Sharla desde aquele dia na pista de pouso enfumaçada. Aliás,

não tinha visto quase ninguém direito desde aquele verão, para dizer a verdade.

Seu vizinho mais próximo morava no lago Turtle, a uns cinco quilômetros a leste dali, junto a uma velha estrada de ferro. O único jeito de entrar ou sair das terras de Jeff era por uma estradinha muito sinuosa que era constantemente varrida pela água. De novembro a janeiro, as nevascas e as chuvas, junto com a lama, tornavam a passagem sobre o córrego Marble praticamente impossível; Jeff inclusive já aprendera a fazer um bom estoque para o inverno.

No resto do ano, ele também se recolhia na maior parte do tempo. Mais ou menos uma vez por semana, dirigia até a cidadezinha perto de córrego Montgomery, comprava algumas coisas no armazém ou então fazia a manutenção e o abastecimento de sua picape no pequeno posto Shell. Tinha parado de beber, para todos os efeitos, mas, se a colheita fosse muito boa, ainda celebrava com uma cerveja acompanhando o jantar no Forked Horn ou no Hillcrest Lodge.

Uma família muito cordial, os Mazzinis, era dona do Forked Horn; a mulher, Eleanor, era responsável por uma unidade da biblioteca do Condado de Shasta, que ela alojava em sua própria casa, grande e espaçosa, na cidadezinha. Jeff batia papo com algum deles uma vez ou outra, sobre qualquer assunto que aparecesse. O filho, Joe, era um pouco mais jovem que Jeff e tinha uma curiosidade enorme e aparentemente inesgotável a respeito do mundo exterior. Entretanto, ninguém da família bisbilhotava a vida de Jeff; nenhum deles nunca quis se aprofundar em saber por que ele tinha escolhido para si uma vida tão isolada do mundo. Joe o ajudara em certa ocasião a montar uma aparelhagem de ondas curtas em suas terras, e o rádio tinha se tornado o único contato constante de Jeff com a civilização, à parte as conversas ocasionais com os Mazzinis.

Aquele cantinho na porção norte da Califórnia era habitado quase que somente por lenhadores e índios, nenhum dos quais mantinha contato com Jeff. Alguns grupos de *hippies* e outras pessoas com ocasionais intenções de voltar às suas raízes rurais apareceram por ali logo que ele se mudou, mas a maioria não ficou muito tempo. Trabalhar na terra era

muito mais pesado do que eles achavam no começo, e era necessário muito mais do que pés de maconha para tocar o lugar.

O pior daqueles anos, pelo que ele podia dizer, era o celibato, ainda que não pelas razões que ele tivesse imaginado inicialmente. Afinal, ele quase tinha tido uma overdose de sexo desenfreado e sem sentido durante sua época com Sharla e Mireille.

Pareceu por um tempo que ele poderia viver perfeitamente bem sem contato sexual, e até o surpreendeu a facilidade com que conseguiu matar aquela parte de si. Ele logo descobriria, porém, para sua desagradável surpresa, como era forte sua necessidade do simples toque de um ser humano. Essa era uma perda que ele sentia todos os dias e que o afligia estando ele dormindo ou acordado. Às vezes, sonhava que uma mulher o tocava no rosto, ou então que ele mesmo abraçava alguém junto ao peito. A mulher dos sonhos podia ser Judy ou Linda, ou até Sharla; mas o mais comum é que ela não tivesse rosto nenhum, fosse só uma feminilidade abstrata.

Todas as vezes em que tinha esses sonhos, ele acordava com uma debilitante sensação de tristeza e com a familiar certeza de que, se tentasse aliviar tal privação, correria o risco de outra traição e ainda saberia que tudo estaria fadado a mais um apagamento absoluto. Esses dois sofrimentos eram grandes demais para ele encarar novamente. A melhor alternativa parecia ser simplesmente deixar sua alma morrer lentamente, pouco a pouco, na solidão.

Suas costas começavam a doer depois de ele se abaixar tantas vezes para limpar o sistema de irrigação, então ele se sentou ao lado da nascente. Mais ao norte, além de Flatwoods e a meio caminho até o Oregon, o espetacular cone branco do monte Shasta dominava o horizonte como se fosse um deus adormecido, conforme acreditaram em certo momento os índios locais.

Ele mordeu um pedaço de carne-seca e o empurrou garganta abaixo com mais um gole da água pura. Aquele seu novo lar ficava bem na crista da volátil cordilheira das Cascatas, exatamente entre o monte Lassen e o monte Shasta. A norte dali, havia ruínas do gigantesco vulcão pré-histórico

que, ao desabar, formara o lago da Cratera, e então vinha o monte Hood, e mais acima, já no estado de Washington, o monte Santa Helena tremia em silêncio, pelo menos naquele momento. Ele explodiria com fúria mortal dali a sete anos, assim como tinha feito nas três vezes anteriores, um evento do qual somente Jeff se lembrava.

Ele estava à mercê de forças que podiam destruir uma montanha, depois refazê-la e daí destruí-la de novo, e de novo e de novo, como uma criança que brinca na areia. De que adiantava então tentar entender uma coisa de tal magnitude? Se ele algum dia viesse a compreender o que se passava consigo mesmo, ainda que só em parte, tal conhecimento poderia ser maior do que aquele que um cérebro humano poderia processar e ainda continuar funcionando com um mínimo de sanidade.

Jeff enrolou o resto da carne-seca em sua embalagem de celofane e enfiou o embrulho no bolso. O sol já estava alto no céu; era hora de plantar as fileiras de milho daquele ano. Foi descendo a ladeira, seguindo a nascente, e nem por uma vez voltou os olhos para a neve acumulada no cume da montanha distante.

– E musgo de turfa? Tem bastante?

– Acho que eu poderia usar mais uns cem quilos – disse Jeff. – E vou precisar também de mais uns quarenta galões de Sevin.

O dono da loja assentiu e adicionou o inseticida ao pedido.

– É, as “largata” de espiga tão bem braba nesta temporada, não tão? O velho Charlie Reynolds lá na Buckeye cabou de perdê mais de um hectare por causa delas.

Jeff fez que sim com a cabeça e soltou um grunhido tão educadamente quanto ainda sabia fazer. As grandes compras de suprimentos duas vezes por ano em Redding eram seu único contato com gente completamente desconhecida.

– E o que cê tá achando dessa situação com os árabe, e essas fila pra pô gasolina? – o homem quis saber, em seu linguajar peculiar. – Nunca achei que eu ia vê isso...

– Eu acho que isso vai melhorar – disse Jeff. – Eu vou querer também uma caixa dessas grandes de carne-seca, da temperada.

– É, nunca achei que eu ia vê isso. Se cê quer mesmo sabê, o Nixon devia era jogar uma bomba na cabeça desses árabe, em vez de querê ir conversá com eles. Como se ele já num tivesse “pobrema” suficiente aqui na terra dele...

Jeff despreocupadamente olhava os cartazes e avisos anexados na parte de trás da caixa registradora, esperando que com isso o homem percebesse que ele não queria se envolver em nenhuma discussão política. Jeff leu que o xerife estava leiloando uma propriedade em Burney cuja hipoteca fora executada; que um bar *hippie* local promoveria uma grande festa no Iron Canyon; e que muitos carros e picapes estavam à venda. Mas, olha só, tinha também um cartaz bem mais fora do comum. Parecia fora do lugar ali: era um pôster azul e preto mostrando o céu noturno com uma onda fosforescente cruzando o espaço sobre metade de uma lua cheia. Letras douradas bem finas na parte de baixo formavam somente uma palavra: *Starsea*.

– O que é isso aqui? – Jeff perguntou, apontando para o cartaz.

O dono da loja se contorceu para olhar, então se virou de volta para Jeff com uma expressão de estranheza.

– Rapaiz, você deve vivê muito isolado mermo, hein? Cê num viu o *Starsea*?

– Não. O que é?

– Ah, diacho, é um filme. O úrtimo filme que eu vi antes dele, eu acho que foi *A noviça rebelde*, mas esse aí num tinha como eu perdê. Meus fio arrastou eu e a patroa pra Sacramento pra vê ele, uns quatro mês atrás. Depois disso, já vi duas veiz mais, e é capaiz de eu ir de novo agora que vai passá em Redding. Nunca vi nada parecido, vô te falá.

– Então é um filme bem popular...?

– Popular? – o homem riu. – É o maió filme de todos os tempo, como tão dizeno. Ovi dizê que ele já bateu os cem milhão de dólar e continua firme. Eu nunca achei que eu ia vê isso.

Aquilo era impossível. Nenhum filme renderia tanto dinheiro até o lançamento de *Tubarão*, dali a mais de um ano. Jeff nunca tinha ouvido falar de uma coisa chamada *Starsea*, certamente não em 1974. Os grandes filmes daquele ano, ele bem se lembrava, seriam *Chinatown* e *O poderoso chefão II*.

– E sobre o que é o filme?

– Se ocê num sabe, num vô ser eu a estragá a surpresa. Tá passando no Cascade. Cê tem de ir lá vê antes de voltá pra casa. Vale a pena atrasá um pouco, vô te falá.

Jeff teve uma centelha de curiosidade, algo que ele não experimentava havia anos.

O comerciante folheou um exemplar do *Redding Record-Searchlight*. Na capa, Kissinger dava um abraço em Yitzhak Rabin.

– Tá aqui, ó, falando que a próxima sessão ééé... às três e vinte – o homem então se virou para o grande relógio que ficava na parede dos fundos da loja. – Eu seguro o seu pedido aqui, se ocê quiser. Cê vê o filme e ainda vorta pra casa antes de anoitecê.

Jeff sorriu.

– E o senhor recebe uma comissão do cinema ou algo assim?

– Tô te dizeno, eu no geral nem ligo pros filme, mais esse aí é especial. Vai em frente, eu vô embalar seus troço e deixá tudo pronto pra levá quando cê voltá.

A fila para ver *Starsea* já dobrava o quarteirão, em plena tarde de terça-feira em Redding. Jeff balançou a cabeça em descrença, comprou seu ingresso e se juntou à multidão. Havia gente de todas as idades, desde garotinhos impressionáveis de seis anos até casais taciturnos beirando os setenta e vestindo sobretudo. Pelas conversas em volta, Jeff pôde perceber que muitos ali já tinham visto o filme pelo menos uma vez. A atitude geral lembrava a de uma experiência religiosa conjunta, com os adoradores calmamente, mas cheios de entusiasmo, se reunindo para visitar um altar sagrado.

O filme era tudo o que o comerciante afirmara e muito mais. Mesmo aos olhos de Jeff, era algo muitos anos à frente de seu tempo, o visual, os efeitos especiais... Era como uma versão submarina do *2001* de Kubrick, mas com a profundidade e a humanidade dos melhores momentos de um Truffaut.

Começava com uma exposição elegíaca do ancestral laço que une os humanos e os golfinhos, e então estendia essa mítica ligação a uma raça extraterrestre que tinha inclinações filosóficas e que, há muito tempo, estabelecera contato com os mamíferos mais inteligentes dos oceanos terrestres. De acordo com a história, essa espécie alienígena teria designado os cetáceos como os benevolentes cuidadores de toda a humanidade até que chegasse a hora em que a raça humana estivesse pronta para assumir seu lugar na família intergaláctica. Entretanto, no fim do século XX, os golfinhos ficaram sabendo que seus mentores em Cygnus IV, cujo retorno vinha sendo esperado fazia milênios, tinham sido aniquilados por uma catástrofe interestelar. Então, em um momento, ao mesmo tempo, de júbilo e profunda consternação, eles revelaram à humanidade sua história e sua verdadeira natureza. Pela primeira vez, nosso planeta se tornava genuinamente uno, uma comunidade de mentes terrenas e submarinas interligadas, porém, mais solitária na desolação do universo do que em qualquer outro momento, tendo os desconhecidos benfeitores da Terra desaparecido para sempre.

O filme conseguia transmitir, com grande habilidade, sofisticação e uma profundidade raramente vista, a intolerável ironia de se verem perdidas as últimas esperanças mesmo quando elas são realizadas. Jeff foi levado às lágrimas, tomado pela comoção junto ao restante do público. Seus anos de isolamento e exílio autoimposto foram reduzidos a nada naquelas duas horas.

Era uma história totalmente inédita, do começo ao fim. Se aquilo tivesse aparecido em qualquer das existências anteriores de Jeff, não haveria como ele ficar alheio a uma obra artística de tal magnitude, tão bem-sucedida sob qualquer aspecto.

Ele então foi lendo os créditos com o mesmo assombro que o filme despertara: dirigido por Steven Spielberg; escrito e produzido por Pamela Phillips; supervisor de efeitos especiais e consultor criativo, George Lucas.

Como poderia ser? O primeiro filme grande de Spielberg, *Tubarão*, nem começara a ser filmado, e ainda levaria dois anos para que George Lucas virasse a indústria do avesso com *Guerra nas estrelas*. Mas o mais intrigante e desconcertante de tudo: quem diabos era Pamela Phillips?

– Não me importa o que tenha de ser feito, Alan, eu só não posso esperar muito tempo. Quero ver essa reunião marcada e vai ter de ser para a semana que vem.

– Senhor Winston, não é tão fácil assim. Essas pessoas de lá, elas têm uma hierarquia muito própria delas, e, no momento, essa mulher está bem no topo. Metade dos produtores e escritores de Hollywood está tentando entrar em cont...

– Eu não estou tentando empurrar nada para ela, Alan. Sou um homem de negócios, não um cineasta.

Fez-se um longo silêncio do outro lado da linha. Jeff imaginava o que seu corretor devia estar pensando. Já tinham se passado nove anos desde a última vez em que ele falara diretamente com aquele cliente. Então, como ele podia ser um homem de negócios? Jeff Winston era um eremita, um homem recluso que aparecera na corretora de valores em San Francisco uma única vez, em 1965, e depositara lá uma bela soma. Depois, passara a viver no mato e ocasionalmente enviava alguma mensagem enigmática solicitando que eles comprassem em seu nome grandes quantidades de ações obscuras ou pouco recomendáveis. Mas, ainda assim...

– Escuta, qual é o valor atual dos meus investimentos, Alan?

– Senhor, eu não tenho essa informação bem aqui ao meu alcance. A conta do senhor é extremamente complexa e diversificada. Levaria muitos dias até que eu...

– Me dá um número aproximado.

– Bem, levando em conta as possíveis flutuações do...

– Alan, eu pedi uma estimativa grosseira, o primeiro número razoável que vier à sua cabeça. Me fala agora.

O homem deu um suspiro resignado.

– Aproximadamente sessenta e cinco milhões, com uma margem de erro de mais ou menos cinco milhões. Por favor, entenda, eu não tenho...

– Sim, eu entendo. Só quero agora que você entenda o que eu estou te pedindo. Estamos falando de uma pessoa que tem uma grande quantia de dinheiro para investir e de outra pessoa que está em um ramo absolutamente dependente de novos investimentos. Faz sentido para você?

– Certamente faz, senhor. Mas lembre-se de que a empresa da senhora Phillips deve estar abarrotada de novos investimentos neste momento, tendo em vista o sucesso do filme. Pode ser que isso não seja uma prioridade para ela agora.

– Tenho certeza de que ela vai reconhecer o valor da minha oferta a longo prazo. Se não, tente alguma abordagem diferente. Será que você não tem ninguém aí que tenha contatos na indústria cinematográfica?

– Bem... Eu acredito que Harvey Greenspan, em nosso escritório de Los Angeles, tenha clientes ligados aos estúdios.

– Então, diga para ele ligar cobrando uns favores e use qualquer conexão que ele puder arrumar.

Ouviu-se uma batida bem-educada na porta da suíte de Jeff.

– Mensageiro, senhor. O representante da Brooks Brothers está aqui para tirar as medidas.

– Eu tenho de ir, Alan – disse Jeff ao telefone. – Você pode falar comigo aqui no Fairmont quando estiver com tudo arranjado.

– Farei o que for possível, senhor Winston.

– E, por favor, faça rápido. Eu odiaria ter de levar minha conta para outra corretora depois de tantos anos.

O escritório da Starsea Productions ficava localizado em um prédio de dois andares ao sul de Pico, em uma região comercial indefinida que ficava entre a MGM e a Twentieth Century-Fox. A recepção era decorada em

azul e branco, com um pôster do filme do tamanho de um *outdoor* pendurado atrás do balcão. Uma mistura eclética de arte abstrata e fotografias submarinas adornava as outras paredes; a mesinha de centro com azulejos espanhóis trazia meia dúzia de livros que refletiam temas do filme: *A vida inteligente no universo*, *A mente do golfinho*, *Programação e metaprogramação no biocomputador humano*... Jeff escolheu folhear uma coleção de imagens coloridas de Júpiter tiradas pela primeira nave Pioneer, e se pôs a esperar.

– Senhor Winston? – sorriu muito profissionalmente a pequena e simpática recepcionista morena. – A senhorita Phillips o aguarda.

Ele a seguiu por um longo corredor, passando por várias portas abertas. Todas as pessoas que viu estavam falando ao telefone.

O espaçoso escritório de Pamela Phillips obedecia ao mesmo esquema azul e branco da recepção, mas não havia objetos lembrando os filmes nas paredes, nem reproduções de Pollock ou fotografias de golfinhos. Ali, havia apenas um motivo visual, repetido em dezenas de variações: mandalas, rodas e círculos.

– Bom dia, senhor Winston. O senhor gostaria de um café ou um copo de suco?

– Não, obrigado.

– Então tudo bem, Natalie. Obrigada.

Jeff estudou a mulher que ele esperara um mês para conhecer. Ela era alta, quase um metro e oitenta; uma boca larga, o rosto arredondado, bem pouca maquiagem, cabelo louro liso e fino, com um corte chanel modificado. Jeff ficou feliz de ter se vestido com algo da Brooks Brothers, afinal Pamela Phillips usava um traje de mulher de negócios: um terninho cinza muito bem cortado, uma blusa bordô de gola alta e um sapato baixo combinando. Nenhuma joia, exceto por um pequeno broche de lapela com um desenho de círculos concêntricos.

– Por favor, sente-se, senhor Winston. Bem, pelo que sei, o senhor gostaria de discutir uma oportunidade de investimento na Starsea Productions.

Bem direto ao ponto, sem enrolações ou conversinha agradável para introduzir o assunto. Exatamente como uma executiva do meio dos anos 1980, mas bem ali, em 1974.

– Sim, é exatamente isso. Eu me encontro no momento com um excesso de capital disp...

– Tenho apenas de deixar clara uma coisa desde já, senhor...

– Jeff. Somente Jeff, por favor.

Ela ignorou a tentativa dele de deixar as coisas mais informais e seguiu em frente com o que tinha começado a dizer.

– Minha empresa é financiada com capital privado e é inteiramente autossuficiente. Eu concordei com a marcação desta reunião apenas como cortesia a um amigo, mas, se o senhor pretende investir na indústria cinematográfica, acredito que tenha vindo ao lugar errado. Se o senhor assim desejar, nossos advogados podem lhe dar uma lista de outras produtoras que poderiam...

– É apenas a Starsea que me interessa, não a indústria como um todo.

– Se a empresa em algum momento abrir seu capital, vou assegurar que seu corretor receba uma boa oferta. Até lá... – e ela se ergueu por detrás de sua mesa, a mão estendida, pronta para se livrar dele.

– A senhorita não está nem um pouco curiosa com relação ao meu interesse?

– Sinceramente não, senhor Winston. Desde que o filme estreou em dezembro, ele vem atraindo uma quantidade significativa de interessados de muitos cantos. E minhas energias estão voltadas para outros projetos no momento – e estendeu novamente a mão. – Se o senhor não se importa, eu estou com uma agenda bastante cheia e...

Aquela mulher estava tornando tudo bem mais difícil do que ele esperava. Ele não tinha escolha a não ser dar um passo adiante.

– E quanto a *Guerra nas estrelas*? – perguntou. – Sua companhia vai tomar parte nele também?

Ela estreitou os olhos verdes.

– Os rumores de filmes que podem vir a ser produzidos correm por esta cidade o tempo todo, senhor Winston. Se eu fosse o senhor, não daria

atenção a tudo o que se ouve na piscina do Bel-Air.

Agora era a hora de entrar com tudo, Jeff pensou.

– E quanto a *Contatos imediatos*? – continuou. – Não estou bem certo se Spielberg iria querer fazer esse filme agora. O que você acha? Pareceria uma fraca tentativa de suceder o *Starsea*.

Ela ainda tinha ódio nos olhos, mas agora acompanhado por alguma outra coisa. Sentou-se de volta na cadeira e o encarou com cautela.

– Onde foi que você ouviu esse nome?

Ele fez questão de retribuir o olhar fixo e desconsiderou a pergunta.

– Agora, *ET, o extraterrestre*... – disse, em tom de conversa. – Aí já é outro assunto. Não vejo nenhum conflito entre os dois. A mesma coisa para *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida*, é claro. É um filme sem relação nenhuma. Mas a primeira sequência dele foi ruinzinha. Talvez você queira conversar com ele a respeito.

Ele agora tinha a atenção desejada. Os dedos dela passavam nervosamente pelo pescoço, e seu rosto já não tinha nenhum esboço de emoção, a não ser assombro.

– Quem é você? – perguntou Pamela Phillips com uma voz bem baixa.

– Quem diabos é você?

– Engraçado – sorriu Jeff. – Eu estava me perguntando a mesma coisa sobre você.

## Onze

A residência de Pamela no Cânion Topanga era tão isolada e inacessível quanto possível para uma casa tão próxima de uma grande cidade, construída bem no centro de um terreno de vinte mil metros quadrados invadido pela vegetação – jacarandás, limoeiros, parreiras, moitas de amoreira, tudo emaranhado e crescendo junto, sem cuidado nenhum.

– Você tinha de fazer uma poda aqui... – disse Jeff ao percorrerem o caminho de entrada no Land Rover de sua anfitriã. Ela dirigia o veículo, robusto e com tração nas quatro rodas, com grande facilidade, sem perceber quanto sua figura, de saia cinza e unhas benfeitas, contrastava com aquele carro, ou talvez sem se importar com isso. Tinha deixado o *blazer* no banco de trás e tirado os sapatos para ter mais controle da embreagem, mas ainda parecia saída diretamente de uma reunião de diretoria de uma companhia de seguros, e não alguém que se aventuraria por um cânion em uma estrada de terra.

– É o jeito natural como essas coisas crescem – ela disse, dando de ombros. – Se eu quisesse um jardim mais normal, moraria em Beverly Hills.

– Mas tem muita fruta boa sendo desperdiçada aqui.

– Eu compro todas as frutas de que preciso no mercado dos produtores.

Ele deixou pra lá. Claro que ela podia fazer o que bem entendesse com suas terras, mas era certo que ele ficava incomodado de ver tal exuberância não sendo aproveitada. Jeff ainda não sabia muita coisa a respeito de Pamela. Logo que ele confirmou suas suspeitas – de que ela também era uma revivente –, ela insistiu em que ele contasse sua história desde o começo, e frequentemente o interrompia querendo saber mais detalhes aqui ou ali. Ele obviamente deixou muita coisa de fora, em especial algumas passagens com Sharla, e ainda não conhecia nenhuma das experiências dela. Já estava claro, no entanto, que ela era uma pessoa de muitas contradições – o que fazia total sentido, considerando que ele tinha essa mesma característica. E como poderia ser diferente?

A casa era mobiliada com sobriedade, mas confortável, com vigas de carvalho no teto e uma enorme janela panorâmica em um lado, dando vista para a verdadeira selva que se formava lá fora e depois para o mar, que ficava mais abaixo. Assim como o escritório na produtora, as paredes eram adornadas com mandalas emolduradas de origens diversas: navajo, maia, do leste da Índia. Perto da janela, havia uma mesa grande com pilhas de livros e cadernos e, bem no meio, um aparelho cinza-esverdeado, de aparência pesada, que unia um monitor de vídeo, um teclado e uma impressora. Ele fez uma expressão de estranhamento. Afinal, como ela tinha um computador pessoal naquela época? Não havia a menor poss...

– Não é um computador – disse Pamela. – É o processador de texto Wang 1200, um dos primeiros a ser criados. Não tem disco rígido, só funciona com fitas cassete, mas ainda é melhor que uma máquina de escrever. Aceita uma cerveja?

– Aceito – ele respondeu, ainda surpreso com quão rápido ela tinha percebido o que se passava em sua cabeça quando ele batera os olhos no aparelho. Ainda levaria algum tempo para ele se acostumar à ideia de que,

depois de todas aquelas décadas, finalmente estava na presença de alguém que realmente entendia seu extraordinário ponto de vista sobre tudo.

– A geladeira fica aqui – ela disse, apontando. – Pega uma pra mim também, enquanto eu troco de roupa – e caminhou em direção aos fundos da casa, carregando os sapatos. Jeff foi à cozinha e abriu duas garrafas de Beck's.

Começou então a observar as prateleiras de livros e discos enquanto a esperava. Ela não parecia gostar de ler ficção, nem ouvia muita música popular. Os livros eram, na maioria, científicos, biográficos e sobre negócios na indústria cinematográfica; os discos pendiam para o lado de Bach, Händel e Vivaldi.

Pamela voltou à sala vestindo um jeans surrado e um blusão largo da USC. Pegou sua cerveja e se jogou em uma poltrona fofa.

– Sabe aquilo que você me contou sobre o avião que quase caiu? Foi muita bobeira sua.

– Como assim?

– No fim da minha segunda vida, quando eu percebi que talvez revivesse tudo de novo, eu decorei uma lista com todos os desastres aéreos desde 1963. Também incêndios em hotéis, acidentes de trem, terremotos... todos os desastres grandes.

– Eu pensei em fazer isso também.

– Já deveria ter feito. Bom, mas e aí, o que aconteceu depois? O que você vem fazendo da vida desde então?

– Será que a gente não está focando muito em um lado só? Eu também estou curioso para ouvir a seu respeito, sabe?

– Bom, termina a sua história e aí a gente começa a minha.

Ele se sentou no sofá à frente dela e tentou explicar como tinha sido seu exílio voluntário nos últimos nove anos: sua ligação ascética com as coisas que vinham da terra, sua fascinação com a eterna simetria do tempo – as entidades vivas que definham para depois florescer novamente, os botões e frutos verdes que recuperavam a vida das plantas secas do ano anterior.

Ela assentia pensativa, encarando uma de suas intrincadas mandalas.

– Você já leu sobre os hindus? – perguntou. – O *Rig-Veda*, os *Upanishads*?

– Só o *Bhagavad-Gita*. Há muito, muito tempo.

– “Tanto você como eu, Arjuna, já vivemos muitas vidas” – ela citou com facilidade. – “Posso lembrar-me de todas; você, no entanto, não pode”. – Seus olhos brilharam intensamente. – Às vezes, eu acho que era de uma experiência como a nossa que eles falavam, na verdade. Não de reencarnação em uma escala de tempo linear, mas desses pequenos pedaços da história do mundo ocasionalmente sendo repetidos de novo e de novo... até nós percebermos o que está acontecendo e então podermos restaurar o fluxo normal.

– Mas nós estamos cientes de tudo, e a coisa continua acontecendo.

– Talvez deva continuar até que todos tenham o conhecimento – ela disse calmamente.

– Eu acho que não. Nós dois soubemos de imediato, e me parece que ou você reconhece o que está havendo ou não. Todas as outras pessoas simplesmente continuam seguindo os mesmos padrões.

– Exceto as pessoas cuja vida a gente toca. Nós podemos introduzir mudanças.

Jeff sorriu cinicamente.

– Então eu e você somos profetas, os salvadores?

Ela olhou para o mar lá fora.

– Talvez sejamos.

Ele se endireitou no sofá e olhou diretamente para ela.

– Espera um pouco. Não vá me dizer que esse seu filme é pra isso, pra preparar as pessoas para...? Você não estaria planejando...?

– Eu não sei quais são meus planos, não ainda. Tudo mudou, agora que você apareceu. Eu não esperava por isso.

– E o que você quer fazer? Começar alguma maldita seita? Será que você não percebe o desastre que...

– Eu não sei de nada! – ela interveio bruscamente. – Estou tão confusa quanto você, só quero entender melhor o que é a minha vida. E você, vai só desistir e nem tentar entender o que tudo isso significa? Então, meu

caro, vá em frente! Volte lá para a sua fazendinha e suas plantas, mas não venha me dizer como eu deveria lidar com essas coisas, está certo?

– Eu só estava dando um conselho. Será que teria alguém mais qualificado para isso, dadas as circunstâncias?

Ela franziu o rosto para ele, sua raiva ainda aparente.

– Nós podemos falar disso depois. Agora, você quer ouvir a minha história ou não?

Jeff se recostou nas almofadas macias e olhou para ela com atenção.

– Claro que eu quero – disse, em tom equilibrado. Não havia como saber o que poderia irritá-la. Bem, pelo menos ele podia entender o que ela vinha passando; certamente, ele poderia dar um desconto.

Ela assentiu com a cabeça, rispidamente.

– Vou pegar outra cerveja para nós.

Jeff soube então que Pamela Phillips nascera em Westport, Connecticut, em 1949, filha de um bem-sucedido corretor de imóveis. Tinha tido uma infância completamente normal, com as doenças de costume, as alegrias de sempre, os traumas da adolescência. Estudara Artes na Faculdade Bard no fim dos anos 1960, fumara muita droga, protestara em Washington e transara tanto quanto a maioria das outras jovens de sua geração. Como esperado, ela se endireitara não muito tempo depois da renúncia de Nixon; casara-se com um advogado, se mudara para New Rochelle e tivera dois filhos, um menino e uma menina. Seus hábitos de leitura, então, se inclinavam para o lado dos romances; ela mantinha o *hobby* de pintar sempre que tinha oportunidade, e ainda ajudava uma ou outra obra de caridade. Preocupava-se muito com o fato de não ter tido uma carreira, fumava um ocasional baseado escondido quando as crianças já estavam na cama, e fazia aeróbica para se manter em forma.

E então morrera de ataque cardíaco aos trinta e nove anos. Em outubro de 1988.

– Em que dia foi? – perguntou Jeff.

– Dia 18. O mesmo que você, só que à uma e quinze da tarde.

– Nove minutos depois – ele sorriu. – Você viu o futuro mais do que eu.

O comentário quase a fez sorrir.

– Foram nove minutos muito entediantes – disse. – Exceto por, sabe, morrer.

– E onde você estava quando acordou?

– Na sala de TV da casa dos meus pais. A televisão estava ligada passando uma reprise de *My little Margie*. Eu tinha quatorze anos.

– Jesus! E o que você... Eles estavam em casa?

– Minha mãe tinha saído para fazer compras. Meu pai ainda estava no trabalho. Eu fiquei uma hora rodando aturdida pela casa, vendo minhas roupas no armário, folheando meu diário que eu perdi quando fui pra faculdade, me olhando no espelho. Não conseguia parar de chorar. Eu ainda achava que estava morta e que aquele era só um jeito bizarro que Deus tinha encontrado de me deixar dar uma última olhadinha no meu tempo neste mundo. Eu estava particularmente aterrorizada com a porta da frente, porque acreditava de verdade que, se eu a abrisse, cairia no céu, no inferno, ou em um limbo ou sabe-se lá onde.

– Você era católica?

– Não, é que a minha cabeça estava rodando demais com todas aquelas imagens vagas e os medos que eu sentia. Acho que “cair no esquecimento” é uma expressão melhor; era exatamente o que eu esperava encontrar se saísse de casa. Uma névoa e o nada... só a morte. Então, minha mãe chegou em casa e entrou por aquela porta que estava me deixando tão apavorada. Eu pensei que ela fosse algum tipo de assombração disfarçada que me arrastaria pro outro lado, e aí comecei a gritar. Levou um tempão até ela conseguir me acalmar. Chamou o médico da família, ele veio, me deu uma injeção, provavelmente de dolantina, e eu desmaiei. Quando acordei de novo, meu pai estava na beirada da cama com expressão muito preocupada, e eu acho que foi então que eu comecei a entender que não estava morta. Ele não quis que eu me levantasse, mas eu descii correndo a escada, abri a porta da frente, saí para o jardim na minha camisolinha... e é claro que tudo estava perfeitamente normal. A vizinhança estava do mesmo jeito que eu lembrava. O cachorro da casa ao lado veio pulando e começou a lambar minha mão. E aí, por algum motivo, aquilo me fez

começar a chorar de novo. Fiquei sem ir à aula, só trancada em casa, por uma semana, trancada no meu quarto, fingindo estar doente e só pensando. Primeiro, eu tentei entender o que tinha acontecido, mas logo decidi que era um esforço inútil. Então, à medida que os dias iam passando e nada mudava, comecei a imaginar o que eu iria fazer dali por diante. E lembre-se de que eu não tinha as opções que você teve, porque eu só tinha quatorze anos, ainda morava com meus pais e estava no segundo grau. Não tinha como apostar em cavalos ou ir para Paris. Eu estava presa naquela situação.

– Deve ter sido terrível – Jeff disse com simpatia.

– E foi, mas de alguma forma eu passei por cima. Não tive escolha. Eu me tornei... Eu tive de me tornar uma menina de novo, tentei esquecer tudo o que eu tinha passado na minha primeira vida, a faculdade, o casamento, os filhos...

Ela fez uma pausa e olhou para o chão. Jeff pensou em Gretchen e então estendeu a mão para tocar o ombro de Pamela. Ela recuou e ele desfez seu gesto.

– E aí – ela continuou –, depois de algumas semanas, ou uns dois meses, aquela primeira existência começou a sumir da minha mente como se tivesse sido um sonho muito comprido. Eu voltei à escola e comecei a aprender tudo de novo como se não tivesse estudado nada daquilo antes. Eu me tornei muito tímida, apegada aos livros, completamente diferente do que eu tinha sido da primeira vez. Nunca saía para encontros e parei de andar com os outros garotos que conhecia. Não conseguia aguentar as lembranças, ou visões, que eu tinha dos meus amigos como adultos, das pessoas que eles tinham se tornado nos anos seguintes. Queria apagar aquilo tudo, fingir que eu não tinha nenhum conhecimento de nada.

– E você alguma vez... contou para alguém?

Dando um gole na cerveja, ela fez que sim com a cabeça.

– Logo depois desse episódio da gritaria, quando eu descobri que tinha “voltado”, meus pais me levaram a uma psiquiatra. Depois de algumas consultas, eu achei que podia confiar nela, então comecei a tentar explicar o que tinha acontecido comigo. Ela só sorria e fazia sonzinhos

encorajadores e agia de maneira muito compreensiva, mas eu sabia que ela achava que aquilo tudo era só uma fantasia. Claro que até eu mesma queria acreditar que era... então foi isso o que virou. Até o dia em que eu contei para ela o que aconteceria a Kennedy uma semana antes de acontecer. Aquilo a abalou profundamente. Ela ficou com muita raiva e se recusou a me atender de novo. Não consegui lidar com o fato de que eu tinha descrito o assassinato com tantos detalhes, que aquela minha suposta fantasia tinha de repente virado realidade do jeito mais horrível e perturbador possível.

Pamela olhou para Jeff em silêncio por um momento.

– Na verdade, aquilo assustou até a mim mesma – continuou. – Não só por saber que ele levaria um tiro, mas porque eu tinha total certeza de que o responsável seria Lee Harvey Oswald. Eu nunca tinha ouvido falar daquele tal Nelson Bennett, e claro que não tinha ideia de que você tinha ido a Dallas e interferido no acontecido, como fez. Depois disso, toda a minha percepção da realidade mudou. Era como se, num minuto, eu soubesse tudo o que ia acontecer no futuro, e então, no seguinte, já não sabia de absolutamente nada. Estava em um mundo diferente, com regras diferentes. Passei a acreditar que qualquer coisa poderia acontecer – meus pais poderiam morrer, podia acontecer uma guerra nuclear... ou, mesmo no nível mais rasteiro, eu podia simplesmente me tornar uma pessoa totalmente diferente daquela que eu um dia fora, ou talvez imaginara ter sido. Acabei então indo para a Columbia em vez da Bard, me formei em Biologia e entrei para a escola de Medicina. Foi bem difícil. Eu nunca tinha dado muita bola para ciência; todo o meu estudo anterior tinha sido em Artes. Mas, pela mesma razão, foi bem mais interessante, porque agora eu não estava mais repetindo tudo o que já estudara antes. Estava aprendendo coisas em um campo completamente novo para mim, um novo mundo, pra combinar com a minha nova existência. E eu não tinha muito tempo para me socializar, mas, durante minha residência no Presbiteriano de Columbia, conheci um jovem ortopedista que... Bom, ele não exatamente me lembrava o meu primeiro marido, mas tinha a mesma intensidade, o mesmo tipo de motivação. Só que, dessa vez, era por causa

de uma coisa que nós dois tínhamos em comum, uma devoção mútua à Medicina. Antes, eu mal sabia o que meu marido fazia o dia todo, e ele também só presumia que eu não ligava muito, então nunca discutiu seus assuntos jurídicos comigo. Mas com o David – esse era o nome do ortopedista – era o contrário. Nós podíamos conversar sobre qualquer coisa.

Jeff lançou um olhar inquisidor.

– Quer dizer então que você...?

– Não, não, eu nunca contei a ele o que tinha acontecido comigo. Ele teria achado que eu era louca. Eu mesma ainda estava tentando tirar tudo aquilo da cabeça. Queria enterrar aquelas lembranças e fingir que nunca tinham acontecido. Bem, aí David e eu nos casamos assim que eu terminei minha residência. Ele era de Chicago, e nós então nos mudamos para lá. Ele abriu um consultório e eu fui trabalhar na unidade de terapia intensiva do Children’s Memorial. Depois de perder meus filhos sem chance de volta – bem, você sabe como é isso – eu comecei a adiar outra gravidez. Mas, nesse meio-tempo, eu tinha um hospital inteiro cheio de filhas e filhos “emprestados” precisando de mim desesperadamente, e eles... Bom, era uma carreira muito gratificante. Eu estava fazendo o tipo de coisa que sempre sonhara fazer quando era só uma dona de casa frustrada lá em New Rochelle. Estava usando minha cabeça, fazendo uma diferença positiva no mundo, salvando vidas... – e então sua voz sumiu. Ela limpou a garganta e fechou os olhos.

– E foi quando você morreu – Jeff disse com delicadeza.

– Foi. Eu morri de novo. E aí tinha quatorze anos de novo e me via completamente impossibilitada de fazer qualquer coisa para mudar isso.

Ele queria dizer a ela como entendia bem o que ela estava dizendo. Entendia também que o maior sofrimento para ela era saber que as crianças doentes e moribundas de quem ela tinha cuidado estavam destinadas a passar por tudo aquilo de novo, e que todos os esforços dela em ajudá-las tinham sido apagados por completo. Mas as palavras eram desnecessárias. A dor estava toda estampada no rosto dela, e ele era a única pessoa em todo o mundo que conseguia compreender toda a profundidade daquela perda.

– Que tal se a gente der um tempinho agora? – Jeff sugeriu. – Talvez comer alguma coisa em algum lugar...? Você pode me contar o resto da história depois do jantar.

– Tudo bem – ela disse, grata pela interrupção. – Eu mesma posso preparar alguma coisa para nós aqui.

– Não, não precisa. Vamos só sentar em um daqueles lugares de frutos do mar que a gente viu quando passou pela Pacific Coast.

– Eu não me importo de ir para a cozinha, de verd...

Jeff fez que não com a cabeça.

– Eu insisto. E o jantar é por minha conta.

– Bom, então eu tenho de me trocar de novo.

– Não, não, de jeans assim está ótimo. Só calce uns sapatos, se você quiser ficar um pouco mais formal.

Pela primeira vez desde que ele a conheceu, Pamela sorriu.

Eles jantaram em uma mesa localizada bem discretamente na varanda exterior, com vista para o mar. Quando terminaram e estavam tomando um cafezinho com Grand Marnier, a lua apontou sobre o Pacífico. Seu reflexo nas grandes janelas no fundo do restaurante parecia unir aquela forma branca e redonda à vastidão escura do oceano.

– Olha só – Jeff disse, chamando atenção para a ilusão de óptica.

– Parece muito...

– ...com o pôster de *Starsea*. Eu sei. De onde você acha que eu tirei a ideia para a arte?

– Mentas brilhantes... – Jeff sorriu, erguendo o copo de licor e propondo um brinde. Pamela hesitou, então levantou também seu copo e tocou o dele de leve.

– Você gostou mesmo do filme? – ela perguntou. – Ou isso tudo foi só um estratagema para descobrir quem eu era?

– É claro que você nem precisa perguntar isso – ele respondeu com sinceridade. – Você sabe como o filme é bom. Eu fiquei tão comovido

quanto qualquer pessoa, só acredito que ninguém ficou mais chocado do que eu por ele ter aparecido.

– Agora você sabe como eu me senti daquela primeira vez, quando alguém de quem eu nunca tinha ouvido falar matou o presidente Kennedy. O que você acha que isso significa? Por que será que o assassinato aconteceu quase igual, mesmo depois que você tentou impedir?

Jeff deu de ombros.

– Acho que tem duas possibilidades. A primeira é que talvez tenha existido mesmo uma conspiração gigantesca para assassinar Kennedy, e Oswald era só um personagem menor e dispensável. Quem quer que tenha planejado tudo já tinha deixado o Bennett na espera para o caso de alguma coisa dar errado, provavelmente até outros além dele. Tudo foi muito bem arrumado com antecipação, inclusive com Jack Ruby depois eliminando quem viesse a cometer o assassinato. Tirar o Oswald da jogada não foi nada mais do que um pequeno inconveniente para as pessoas por trás desse plano. Kennedy teria morrido de uma maneira ou de outra, não importando o que eu fizesse, porque esse pessoal estava muito bem organizado e nada nem ninguém iria pará-los, seja lá quem fossem. Essa é uma possibilidade. A outra é menos específica, mas tem implicações bem mais profundas para mim e para você, e é nela que eu tendo a acreditar.

– E qual é?

– Que é impossível nós usarmos nosso conhecimento do futuro para causar qualquer mudança grande na história. Existem limites para o que a gente pode fazer. Não faço ideia de quais seriam esses limites ou de como eles são impostos a nós, mas acho que eles existem.

– Mas você já criou um conglomerado internacional. Foi dono de companhias que nunca antes tinham sido interligadas...

– Mas nada disso afetou decisivamente o curso das coisas – disse Jeff. – As empresas continuaram existindo como sempre existiram, fazendo os mesmos produtos e empregando as mesmas pessoas. Tudo o que eu fiz foi mudar um pouquinho o destino dos lucros, redirecionar para mim. As mudanças na minha própria vida foram extremas, mas, no grande esquema

das coisas, o que eu fiz foi insignificante. Fora do mundo financeiro, a maioria das pessoas, inclusive você, nem sabia que eu existia.

Pamela torceu seu guardanapo, pensativa.

– Mas e quanto ao *Starsea*? Metade da população mundial já ouviu falar dele. Eu introduzi um novo conceito, um novo modo de a humanidade se enxergar em relação ao universo.

– Isso é de Arthur King, da *Variety*, não é?

Ela corou e levantou as mãos tentando se esconder.

– Eu li todas as críticas antes de vir te encontrar. É um filme maravilhoso, isso eu posso te assegurar, mas essencialmente ainda é uma obra de entretenimento, nada mais do que isso.

Os olhos dela refletiram a luz da lua na direção dele, com laivos de ódio e orgulho ferido.

– Eu acho que poderia ser muito mais do que isso. Poderia ser o começo de... – e então parou, se recompondo. – Esquece. Eu não acredito nesse seu pessimismo a respeito das nossas capacidades, e vamos deixar as coisas assim. Agora, você gostaria de ouvir como foi o meu segundo... “*replay*”, é assim que você chama esses ciclos, não é?

– É, eu comecei a pensar usando esse termo. É um nome como outro qualquer. Você está disposta a continuar contando?

– Você me contou todas as suas experiências. Agora é a minha vez de te atualizar da minha presente situação.

– E depois disso...?

– Aí, eu não sei – ela disse. – Parece que nós dois encaramos essa questão de formas bem diferentes.

– Mas não existe mais ninguém com quem a gente possa discutir isso, existe?

– Só me deixe terminar a história que eu estava te contando, tudo bem?

Àquela altura, ela já tinha destruído o guardanapo, transformando-o em tiras que agora embolava e ia empilhando no cinzeiro.

– Vá em frente – Jeff disse. – Quer outra bebida? Ou outro guardanapo?

Ela lançou um olhar cortante, procurando sarcasmo no rosto dele. Não encontrou, então apenas assentiu com a cabeça. Jeff levantou a mão e fez

um círculo no ar, sinalizando para a garçonete trazer outra rodada de Grand Marnier.

– Da segunda vez que eu morri – começou Pamela –, fiquei com mais raiva do que qualquer outra coisa. Logo que eu voltei para a casa dos meus pais, com quatorze anos de novo, sabia exatamente o que tinha acontecido, mesmo nunca tendo entendido o porquê. Eu só estava com muita vontade de quebrar tudo em volta. Queria gritar de ódio, mas não de medo. Foi bem do jeito que você disse que sentiu no seu terceiro... *replay*. Tudo parecia ter sido desperdiçado, a formação em Medicina, o hospital, as crianças de quem eu tratei... Tudo sem sentido nenhum. Então eu me tornei rebelde, até violenta, com relação à minha família. Já tinha passado mais tempo como adulta do que meu pai e minha mãe somados, já tinha me casado duas vezes, tinha tido uma carreira como médica. E ali estava eu de novo: legalmente, só uma criança, sem direitos nem opções. Roubei um dinheiro dos meus pais e fugi de casa. Mas foi terrível; ninguém me alugava um quarto, eu nunca conseguiria emprego... Não tem nada que uma menina daquela idade possa fazer sozinha, a não ser se virar nas ruas, e eu decididamente não estava disposta a me sujeitar àquele tipo específico de inferno. Então me arrastei de volta para Westport, arrasada e me sentindo inacreditavelmente sozinha. Voltei à escola odiando cada minuto e sendo reprovada em metade das matérias, porque eu simplesmente não suportava mais ficar decorando as mesmas malditas expressões de álgebra pela terceira vez. Daí me mandaram para a mesma psiquiatra que eu tinha visto da outra vez, a tal que ficara muito assustada por eu saber detalhes do assassinato de Kennedy. Mas, dessa vez, não contei nada sobre a minha condição. Eu já tinha lido a maioria dos textos clássicos sobre desenvolvimento e psicologia infantil na minha vida anterior, então só fui entregando de bandeja para ela as respostas certas que fariam de mim uma “adolescente levemente perturbada passando por uma fase ruim”, mas bem dentro dos limites do normal.

Ela parou de falar por um momento quando a garçonete veio trazendo as bebidas, então esperou que a moça já estivesse bem longe para recomeçar sua narrativa com segurança.

– Para tentar manter minha sanidade, eu voltei à minha primeira paixão, a pintura. Meus pais compravam qualquer material que eu pedisse, e eu pedi de tudo mesmo. Mas o negócio é que eles se orgulhavam da minha arte; era a única coisa que eu fazia que eles podiam julgar como construtiva. Nem importava, por exemplo, o fato de que eu estava afanando gim do armário de bebidas, ou que ficava até bem tarde na rua com rapazes já com seus vinte e poucos anos, ou que eu ficasse de recuperação em todos os semestres. Eles simplesmente tinham desistido de me controlar. Podiam ver que havia ali alguma coisa muito, muito forte, que tinha uma força de vontade grande demais por trás do meu mau comportamento, e eles não tinham como lidar com aquilo. Mas eu realmente tinha talento; era uma coisa muito real, e eu trabalhava em cima dela tanto quanto me esforcei para ser médica. Eles não tinham como ignorar isso, ninguém podia. Então, eu larguei a escola aos dezessete. Meus pais acharam um instituto de arte em Boston que se dispôs a me aceitar com base no meu portfólio, apesar do meu péssimo histórico escolar. E lá eu floresci e pude finalmente começar a viver como adulta de novo. Dividia um loft com uma das moças da escola, que era um pouco mais velha, e comecei a sair com meu professor de composição. Pintava dia e noite. Meu trabalho era repleto de imagens bizarras, às vezes brutais, com crianças mutiladas caindo em um vórtice escuro ou então *close-ups* realistas de formigas saindo de incisões cirúrgicas... Era uma coisa muito pesada, tão distante de uma menina de colégio quanto você puder imaginar. Ninguém sabia o que fazer comigo. Acabei fazendo minha primeira exposição em Nova York aos vinte anos. Foi quando eu conheci Dustin. Ele comprou duas telas minhas, e aí mais tarde, com a galeria já fechada, saímos para um drink. Ele me disse que...

– Espera aí. Dustin? – interrompeu Jeff.

– Dustin Hoffman.

– O ator?

– É. Bom, é que ele gostou das minhas pinturas e seu trabalho também me impressionou. *Perdidos na noite* tinha acabado de ser lançado aquele ano, e eu precisava ficar me lembrando o tempo todo de não mencionar

nada sobre *Kramer versus Kramer* ou *Tootsie*. Nós nos demos bem de cara. Começamos a nos encontrar sempre que ele estava em Nova York. Nos casamos um ano depois.

Jeff não conseguiu esconder sua surpresa, entretido.

– Você se casou com Dustin Hoffman?

– Em uma versão da minha vida, sim, casei – ela disse, com um quê de irritação. – Ele é um bom homem, muito inteligente. Hoje, é claro, só me conhece como escritora e produtora, não tem ideia de que já passamos sete anos juntos. Encontrei com ele em uma festa mês passado. É muito estranho observar essa completa falta de reconhecimento em alguém de quem você já foi tão íntima, com quem já passou tanto tempo junto. Bem, foi um bom casamento, para todos os efeitos. Nós nos respeitávamos, um dava apoio às metas do outro... Eu continuei a pintar e até alcancei algum sucesso nessa área. Meu trabalho mais conhecido foi um tríptico chamado *Ecos de mim mesma no passado e no futuro*. Ele foi...

– Meu Deus, é isso! Eu vi isso no Museu Whitney em uma viagem para Nova York com minha terceira mulher, a Judy! Ela até gostou, mas não conseguiu entender por que é que eu tinha ficado tão encantado com aquilo. Que diabos, eu até comprei uma cópia impressa dele e mandei emoldurar para colocar em cima da minha mesa no escritório. É por isso então que o seu nome me era familiar.

– Bom, foi meu último trabalho grande. Por algum motivo, eu... murchei depois dele, não sei dizer. Tinha tanta coisa que eu ainda queria expressar, mas não encontrava coragem para isso, ou então não conseguia captar bem o sentido da coisa para pôr na tela do mesmo jeito que antes. Não tenho certeza se a arte terminou comigo ou se fui eu que terminei com ela, mas, basicamente, eu parei de pintar depois de 1975. Naquele mesmo ano, Dustin e eu nos separamos. Não teve nenhum drama; tinha acabado entre a gente, os dois sabíamos disso, simples assim. Era como a arte. Acho que isso teve a ver com o fato de que eu já estava no meio do caminho daquele *replay* e sabia que tudo o que eu tinha alcançado seria apagado de novo dali a alguns anos. Então, eu passei a borboletar pela vida, rodando o mundo e conhecendo gente feito Roman Polanski, Lauren

Hutton e Sam Shepard. Com esse pessoal, havia uma espécie de... comunidade transitória, digamos, uma rede de amizades muito interessantes que nunca ficavam muito próximas e podiam ser interrompidas ou retomadas de novo a qualquer momento, dependendo de como você estava se sentindo e em qual país você estava naquele dia. Nada importava muito.

– “Nada mais importa” – disse Jeff. – É, eu também já me senti muito assim, mais de uma vez.

– É um jeito muito triste de viver – disse Pamela. – Você fica o tempo todo com uma ilusão de liberdade e abertura para o mundo, mas, depois de um tempo, tudo começa a ficar borrado e se mesclar. As pessoas, as cidades, as ideias, os rostos... Vira tudo parte de uma realidade mutante que nunca entra em um foco bem-definido e não leva a lugar nenhum.

– Sei bem o que você quer dizer – Jeff disse, lembrando-se dos anos de sexo aleatório e demasiadamente casual pelos quais ele e Sharla tinham passado juntos. – Parece algo apropriado à nossa situação, mas é só na teoria. A realidade não funciona como a gente gostaria.

– Não, de jeito nenhum. Bom, eu vaguei assim por muitos anos e daí, quando chegou a hora, aluguei uma casinha bem calma e isolada em Maiorca. Fiquei lá sozinha um mês esperando para morrer. E prometi a mim mesma... Na verdade, decidi, naquele mês, que, da próxima vez – esta vez de agora – as coisas seriam diferentes. Que eu teria um impacto no mundo, mudaria as coisas.

Jeff olhou para ela com ceticismo.

– Mas você já tinha feito isso quando foi médica. E, quando o *replay* seguinte começou, as crianças de quem você tinha tratado só estavam fadadas a passar por todo o sofrimento de novo. Nada mudou.

Ela balançou a cabeça sem paciência.

– É uma analogia falsa. No hospital, eu só tinha o trabalho de remendar alguns indivíduos aqui e ali. Era um trabalho puramente físico e de escopo limitado. Eu tinha ótimas intenções, mas aquilo era sem sentido.

– E agora você quer salvar a alma coletiva do mundo, é isso?

– Eu quero despertar a humanidade para isso que está acontecendo. Quero ensinar as pessoas a reconhecer esses ciclos, tanto quanto eu e você estamos cientes deles. É o único modo de nós, qualquer um de nós, todos nós, quebrarmos esse padrão, você não percebe?

– Não... – Jeff suspirou. – Não percebo. Por que você acha que as pessoas podem ser educadas de forma a carregar esse ensinamento, essa iluminação, de um *replay* para o outro? Eu e você já passamos por essa coisa três vezes, e nós já sabíamos desde o começo que isso estava acontecendo conosco. Não precisou ninguém vir nos falar.

– Eu acredito que nós estamos destinados a liderar os outros. Ou pelo menos acredito nisso com relação a mim mesma; afinal, nunca esperava que você pudesse aparecer do nada. Será que você não vê a tarefa importantíssima que nos foi confiada?

– Por quem? Ou pelo quê? Deus? Essa experiência toda só me fez concordar cada vez mais com Camus: se existe um Deus, eu o desprezo.

– Chame de Deus, chame de Atman, chame do que quiser. Você sabe o que diz o *Gita*:

*O que é noite para todos os seres  
é hora de despertar para o autocontrolado;  
e o que é hora de despertar para todos os seres  
é noite para o sábio introspectivo.*

– Nós podemos iluminar essa escuridão – ela disse, com inesperado fervor. – Nós podemos...

– Olha, vamos deixar de lado essa coisa espiritual. Termine a sua história. O que você fez durante este *replay* de agora? Como você conseguiu que esse filme fosse realizado?

Pamela deu de ombros.

– Não foi tão difícil, já que era eu mesma quem estava investindo a maior parte do dinheiro. Fiquei aguardando o tempo todo que estava na escola, fazendo meus planos. Um filme era obviamente a maneira mais eficiente de comunicar minhas ideias a um grande público, e eu já estava

familiarizada com a indústria cinematográfica pelo meu envolvimento com Dustin e com todas as pessoas que conheci da última vez. Então, quando tinha dezoito anos, comecei a fazer investimentos nas mesmas coisas que você já falou: IBM, fundos mútuos, Polaroid... Você sabe como era o mercado nos anos 1960. Era difícil perder dinheiro mesmo comprando às cegas, então, para alguém que sabia o futuro, foi fácil transformar alguns milhares de dólares em muitos milhões em três ou quatro anos. Tenho muito orgulho do roteiro que escrevi, mas é claro que eu tive muitos e muitos anos para pensar nele. Depois que ele estava escrito e eu montei a produtora, foi só uma questão de contratar as pessoas certas para o trabalho. Eu também já sabia quem elas todas seriam e como explorar seus pontos fortes. E tudo foi se encaixando exatamente da maneira como eu planejei.

– E agora...?

– Agora é o momento de dar o próximo passo. É a hora de alterar a consciência mundial, e eu tenho como fazer isso – ela disse, inclinando-se para a frente e olhando para ele com firmeza. – Nós dois temos como fazer isso... se você se juntar a mim.

## Doze

“  
...em um aparente homicídio seguido de suicídio. As primeiras informações descrevem um cenário de inacreditável carnificina em massa. Corpos estão espalhados por toda a área, com cadáveres de crianças ainda envoltos nos braços das mães. Algumas das vítimas foram assassinadas a tiros, mas a maioria parece ter tirado a própria vida como parte de um macabro ritual diferente de...”

Jeff estendeu a mão até o seletor de frequência do rádio de ondas curtas, tirou do noticiário da BBC e procurou um programa de jazz.

A cafeteira começou a borbulhar. Ele se serviu de uma caneca e adicionou um pouquinho de rum Myers's para dar uma incrementada. A neve tinha caído de novo na noite anterior, coisa de quinze centímetros ou mais. Por causa do vento, a metade de baixo da janela da cozinha também já estava coberta. Sem dúvida, ele pensou, o mais recomendável seria passar aquela tarde removendo o excesso com a pá. E também já chegava a hora de ir até o barracão de depósito, partir mais uma leva de cedro seco

para lenha e carregar um pouco de carvalho branco para a varanda de trás. Mas ele não estava com vontade de fazer nada daquilo, pelo menos não naquele momento.

Talvez Jeff ainda fosse suscetível ao mal-estar generalizado que tomou conta do mundo na semana seguinte aos horrores do massacre de Jonestown, apesar de já ter ouvido aquela história odiosa revelada em primeira mão três vezes antes. O que quer que fosse aquilo que ele estava sentindo, só queria naquele dia se sentar perto do fogão com a lenha crepitando e ler. Já estava na metade do segundo volume de *A vida do espírito*, de Hannah Arendt, e planejava reler em seguida *Um espelho distante: o terrível século XIV*, de Barbara Tuchman. Ambos tinham acabado de ser publicados, mas a primeira vez que ele lera o livro de Tuchman tinha sido mais de vinte anos atrás, durante o verão em que levava Judy e as crianças pela Ásia soviética a bordo do Expresso Transiberiano. A capa do volume trazia de volta as lembranças das vastas estepes, a infinidade de bétulas nos arredores de Novosibirsk e o fascínio da pequena April pelo antiquíssimo samovar amarelo no meio do vagão. A maquinista mantivera o aparelho bem quente usando grandes pedaços de turfa que queimavam vagarosamente, e, na jornada de quase dez mil quilômetros entre Moscou e Khabarovsk, ao norte da Manchúria, serviu-se de infindáveis xícaras de chá quente. Os suportes de metal para os copos eram gravados com imagens dos cosmonautas e dos Sputniks. Ao fim da viagem, a maquinista deu a April dois dos suportes para ela levar para casa. Jeff ainda se lembrava de ver sua filha adotiva encolhida ao lado da lareira na casa de West Paces, em Atlanta, bebendo um copo de leite quente e usando um daqueles suportes apenas uma semana antes de ele morrer...

Ele limpou a garganta e piscou os olhos para afastar as lembranças. Talvez fosse melhor mesmo se executasse algumas tarefas domésticas naquele dia e se mantivesse fisicamente ocupado, só para não ficar sentado dentro da cabana com a cabeça cheia de coisas. Afinal, ele ainda podia esperar muitos dias como aquele pela frente, com o inverno chegan...

Algo aguçou os ouvidos de Jeff, algo como um motor. Não, não podia ser. Ninguém seria tolo o suficiente para ir para aqueles lados até a chegada

da primavera, a não ser, talvez, que o próprio Jeff fizesse alguma chamada de emergência pelo rádio de ondas curtas. Mas lá estava o barulho de novo, ele jurava por Deus, um guincho e um rugido, agora mais altos, soando como se viessem justamente do caminho que levava até a casa dele.

Ele prontamente vestiu uma parca e um gorro de lã e foi lá fora. Será que havia algum problema como os Mazzinis? Alguém estaria doente ou teria se ferido, talvez um incêndio...?

De súbito, um lampejo passou por sua mente: quem fazia a curva fechada à esquerda e entrava pelo portão aberto era um familiar Land Rover todo sujo de lama, com uma motorista de cabelos louros e lisos.

– Dia! – disse Pamela Phillips, deslizando a bota para o estribo do resistente veículo. – Que raio de estradinha difícil essa que você tem aqui, hein?

– É, geralmente não tem muito tráfego.

– Não me surpreende – disse ela, saltando da cabine. – Ali atrás tem os restos do que parece ser um carro que passou em cima de uma mina terrestre há um tempão.

– Me disseram que era de um sujeito chamado Hector, George Hector. Ele tinha um alambique portátil instalado naquele Ford modelo T durante a época da Lei Seca e vivia mudando de lugar para não ser apanhado. Uma noite, ele explodiu.

– E o Hector? Explodiu junto?

– Parece que ele não se feriu. Teve de construir outro alambique, mas desistiu da ideia de portabilidade. Pelo menos é o que contam.

– Então foi o fim do pensamento inovador dele, hmm? – ela arrematou, inspirando profundamente o ar límpido e frio das montanhas e deixando-o sair vagarosamente. Olhou para Jeff. – Muito bem... E como vai você?

– Nada mal. E você?

– Bem ocupada desde a última vez em que a gente se viu. Foi há... Jesus, já se vão três anos e meio – ela disse, esfregando as mãos vigorosamente. – Ei, será que tem um lugarzinho aí para uma garota se esquentar um pouco?

– Ah, me desculpa, vamos lá para dentro. Eu fiz um café. Você me pegou de surpresa, só isso.

Ela o seguiu para dentro da cabana, tirou o casaco e pegou uma cadeira perto do fogão enquanto ele servia o café. Ele então levantou a garrafa de Myers's com um olhar questionador e Pamela fez que sim com a cabeça. Jeff deixou cair uma dose do espesso líquido dourado na caneca e a entregou a ela. A visitante provou a mistura e demonstrou sua aprovação com a boca e as sobrancelhas.

– Como é que você me achou? – ele perguntou, acomodando-se na cadeira em frente à dela.

– Bom, você me disse que seu terreno era perto de Redding. Meu advogado conversou com o seu corretor em San Francisco e ele fez a gentileza de especificar um pouco mais a localização. Daí eu cheguei aqui perto e perguntei pela cidade; levou um tempinho até que eu encontrasse alguém disposto a me ensinar o caminho.

– Eles respeitam demais a privacidade aqui por estas bandas.

– Foi o que percebi.

– Muitos por aqui não gostam de ver gente entrando nas terras sem aviso. Especialmente se for gente estranha.

– Mas eu não sou estranha para você.

– Mas é bem perto disso – disse Jeff. – Acho que foi assim que a gente deixou as coisas em Los Angeles.

Ela deu um suspiro e distraidamente acariciou a pele de ovelha no colarinho de sua jaqueta jeans, que estava dobrada no colo.

– Por mais que nós tivéssemos coisas em comum, nós vínhamos de posicionamentos muito diferentes. Acabamos ficando muito irritados um com o outro, no fim das contas.

– É, esse é um jeito de ver a coisa. Ou então você poderia dizer que estava obcecada demais para enxergar as coisas mais adiante, para...

– Ei! – ela gritou, batendo a caneca de café na mesa perto do rádio. – Não torne isso mais difícil do que já é, está certo? Eu dirigi quase mil quilômetros para te visitar. Agora só ouça o que eu tenho para te falar.

– Muito bem. Vá em frente.

– Olha, eu sei que você está surpreso de me ver aqui. Mas tente imaginar quanto eu fiquei surpresa quando você apareceu. Você tinha assistido ao *Starsea*. Teve tempo de especular a meu respeito e de chegar à conclusão óbvia. Você percebeu que eu também era uma revivente, mas eu nem fazia ideia de que havia outra pessoa como eu por aí. Eu pensei que tivesse encontrado a única explicação possível para o que estava acontecendo comigo e com o mundo ao meu redor. Acreditei que fazia a coisa certa. Mas, bem, eu ainda não sei. Talvez estivesse, talvez não. Mas é uma discussão sem sentido agora.

– Por quê?

– Posso tomar mais um pouco de rum? E mais café também?

– Claro – ele disse, reabastecendo as canecas e se sentando para continuar a ouvir.

– Eu já tinha começado a trabalhar na história do meu filme seguinte quando você apareceu em LA; o roteiro estava pronto em outubro. Naturalmente, dinheiro não era problema. Chamei Peter Weir para dirigir. Ele ainda não tinha feito *A última onda*, então todo mundo achou que eu estava louca de querer trabalhar com ele – ela começou a explicar com um sorriso irônico, então se inclinou para a frente com suas longas mãos abraçando a caneca quente. – A equipe de efeitos especiais que reuni era bem interessante. Primeiro, contratei John Whitney. Naquele momento, ele já tinha iniciado seu trabalho com geração de imagens por computador. Muitos de seus primeiros filmes eram focados em mandalas, e eu queria que justamente elas fossem a imagem central do filme. Dei carta branca a ele e arranjei um jeito de poder usar um dos primeiros protótipos do supercomputador Cray. Daí entrei em contato com Douglas Trumbull, que fez os efeitos de *2001*, e dei uma forcinha para que ele inventasse o Showscan alguns anos antes do que ele faria por conta própria. Rodamos o filme todo usando esse processo, mesmo considerando que...

– Espera um pouco – Jeff interrompeu. – O que é Showscan?

Pamela fez uma expressão de surpresa com um leve toque de orgulho ferido.

– Você não viu *Continuum*?

Ele deu de ombros como que pedindo desculpas.

– Acho que nunca passou em Redding.

– Realmente não. Aqui nesta região, só passou em San Francisco e Sacramento. Nós tivemos de adaptar todas as salas de projeção.

– Por quê?

– A filmagem com o Showscan produz uma imagem incrivelmente realista na tela. Só que, para conseguir esse efeito, é necessário um equipamento especial de projeção. Você conhece o princípio de funcionamento de filmes, não é? Vinte e quatro quadros, vinte e quatro imagens estáticas por segundo e tal... Quando uma imagem começa a se apagar da retina, a próxima aparece, criando uma ilusão de fluidez, de movimento contínuo. Persistência da visão é o nome que se dá para isso. Na verdade, são quarenta e oito quadros por segundo, porque cada imagem é repetida uma vez para ajudar a enganar os olhos. Mas, claro, não são os olhos que estão sendo enganados, é o cérebro. Ainda que acreditemos que está vendo um movimento ininterrupto na tela, lá no fundo, bem no subconsciente, estamos cientes de que há quebras e novas imagens. Essa é a razão pela qual o videoteipe tem uma aparência mais nítida e aparentemente mais realista que a película de filme. Ele é gravado a trinta quadros por segundo, então há menos intervalos. Bem, o que o Showscan faz é levar esse processo para um estágio superior, gravando a sessenta quadros por segundo sem imagens redundantes. Trumbull usou eletroencefalografia para monitorar as ondas cerebrais de pessoas assistindo a filmes gravados e projetados com diferentes velocidades, e esse foi o ponto em que os melhores resultados apareceram. Parece que o córtex visual é programado para captar a realidade nessa cadência em particular, sessenta impressões visuais a cada segundo. Assim, o Showscan funciona como uma forma de condução direta até o cérebro. Não é como o 3D, é um efeito mais sutil do que isso. As imagens parecem tocar as notas mais profundas da cognição; por alguma razão, elas são reconhecidas como tendo mais autenticidade. Então, o negócio é que nós rodamos o filme todo em Showscan, incluindo as mandalas e conjuntos de Mandelbrot e os

outros efeitos gerados por computador que os Whitneys e sua equipe criaram. Filmamos a maior parte disso nos estúdios Pinewood, em Londres. Os atores eram todos grandes talentos desconhecidos, vindos principalmente da Royal Academy of Dramatic Art. Eu não queria nenhuma estrela de ego inflado ou de muita presença ofuscando o tema principal do filme, a mensagem.

Ela terminou seu café e ficou olhando para o fundo da pesada caneca marrom.

– Então, *Continuum* estreou no dia 11 de junho no mundo todo. E foi um fracasso total.

Jeff estranhou.

– Mas como assim?

– Exatamente do jeito que eu falei. Foi um enorme fracasso. Se saiu bem durante o primeiro mês e então caiu para um faturamento que era o mesmo que nada. Os críticos odiaram. O público também. O boca a boca foi ainda pior que as críticas, que já não eram boas. “Resquícios de misticismo sessentista” é uma expressão que resume bem a reação geral. “Truncado”, “incoerente” e “pretensioso” também foram palavras bastante ouvidas. A única razão pela qual as pessoas ainda se dispuseram a assistir foi a novidade representada pelo Showscan e pelas imagens de computador. Essa parte até que se saiu muito bem, mas foram praticamente as únicas coisas que agradaram no filme.

Fez-se um longo e desconfortável silêncio.

– Eu sinto muito por ouvir isso – Jeff finalmente disse.

Pamela riu amargamente.

– É engraçado, não é? Você se recusou a manter qualquer laço comigo porque ficou preocupado com o impacto potencialmente danoso que o filme poderia ter, as mudanças globais que ele poderia desencadear... Só que o mundo acabou ignorando o filme e o tratando como se fosse uma piada ruim.

– O que deu errado? – ele perguntou gentilmente.

– Em parte foi o *timing*; estamos em plena “geração eu”, na era da disco, da cocaína, essas coisas. Ninguém mais está interessado em discursos

sobre a unidade do universo e a corrente eterna da existência. Já tiveram o suficiente disso durante os anos 1960, e agora só o que as pessoas querem fazer é cair na farra. Mas foi principalmente por culpa minha. Os críticos tinham razão. Foi um filme ruim, abstrato demais, muito esotérico; não tinha trama, nenhum personagem de verdade, nada com que o público pudesse se identificar. Foi um puro exercício filosófico, um mero filmezinho autoindulgente “com uma mensagem” e sem substância nenhuma. Todos preferiram manter distância e eu não posso culpá-los.

– Você está sendo meio dura consigo mesma, não está não?

Ela girou a caneca vazia entre as mãos, mantendo o olhar baixo.

– Só estou enxergando os fatos. Foi uma lição dolorosa, mas eu me resignei a aprendê-la. Nós dois já tivemos de nos resignar com muita coisa. E perdemos muita coisa.

– Eu entendo quanto isso significava para você, quanto você acreditava no que estava fazendo. Respeito isso, mesmo discordando dos seus métodos.

Ela olhou para ele, seus olhos verdes com uma suavidade que ele nunca vira.

– Obrigada mesmo. Isso significa muito para mim.

Jeff se levantou e tirou sua parca do gancho que ficava ao lado da porta.

– Vista o seu casaco de novo – ele disse. – Quero te mostrar uma coisa.

Estavam de pé sobre a neve fresca no alto do morro onde, uma semana antes de assistir a *Starsea*, ele fora limpar o sistema de irrigação. O rio Pit estava agora todo obstruído, mas por causa do gelo, e não dos salmões, e as árvores no monte Buck ostentavam uma aparência pesada suportando toda aquela brancura. Ao longe, a majestosa simetria cônica do monte Shasta se erguia em direção aos céus claros de novembro.

– Eu costumava sonhar com aquela montanha – disse Jeff. – Sonhava que ela tinha alguma coisa muito importante para me contar, uma explicação para tudo isso que eu vinha passando.

– Ela parece... irreal – Pamela murmurou. – Quase algo sagrado. Até consigo entender que uma visão assim tome conta dos sonhos de alguém.

– Os índios desta região realmente a consideravam sagrada. E não apenas por ser um vulcão; na verdade, alguns dos outros montes na cordilheira das Cascatas eram até mais ativos e tiveram um impacto maior no ambiente. Mas nenhum deles exerceu o mesmo fascínio que o Shasta.

– E continua exercendo – ela disse baixinho, com o olhar fixo na montanha silenciosa. – Tem uma espécie de... poder nele. Dá para sentir.

Jeff assentiu, também com os olhos fixos na distante e impressionante encosta.

– Existe um culto – de brancos, não de índios – que ainda venera essa montanha. Eles acreditam que ela tem algo a ver com Jesus, com ressurreição. E há outros que acham que existem alienígenas, ou talvez alguma antiga raça aparentada dos humanos, vivendo nos túneis de magma que passam por baixo dela. É mesmo estranho, coisa de gente doida; o monte Shasta parece inspirar esse tipo de pensamento, por alguma razão.

O vento bateu mais frio e Pamela estremeceu. Por reflexo, Jeff pôs o braço nos ombros dela e a puxou para perto, a fim de aquecê-la um pouco.

– Em diversos momentos – ele disse –, eu me peguei imaginando qualquer explicação possível, não importa o quão estranha, para isso que vem acontecendo comigo, ou conosco. Dobras temporais, buracos negros, um Deus transtornado... Eu falava agora há pouco das pessoas que acreditam em alienígenas no monte Shasta; bem, teve uma vez que eu me convenci de que isso tudo era algum tipo de experiência feita por extraterrestres. Aposto que essa mesma ideia deve ter te ocorrido em algum momento, porque dá pra ver indícios disso no *Starsea*. E talvez até seja essa a verdade; talvez nós sejamos ratinhos sencientes que têm de achar a saída do labirinto. Ou talvez tenha havido um holocausto nuclear no fim de 1988 e uma força de vontade coletiva que une todas as pessoas que já existiram tenha encontrado este jeito de evitar que aquele fosse o fim definitivo da humanidade. Eu não sei mesmo. E é aí que está a questão: eu não tenho jeito nenhum de saber, mas finalmente cheguei em um ponto

em que aceito minha completa incapacidade de entender isso, ou de mudar isso.

– Isso não significa que você não possa continuar imaginando – ela disse, com o rosto próximo ao dele.

– Claro que não, e eu continuo fazendo exatamente isso mesmo. Me questiono sempre sobre isso. Mas eu já não me sinto consumido por essa busca por respostas há um bom tempo. O nosso dilema, por mais extraordinária que seja nossa situação, é em essência o mesmo daquele enfrentado por todas as pessoas que já passaram por este mundo: nós estamos aqui e não sabemos o porquê. Podemos filosofar o tanto que quisermos e tentar achar a solução para esse segredo usando mil caminhos diferentes, mas nunca vamos chegar nem perto de desvendar isso. Nos foi dado um presente incomparável, Pamela; um presente que envolve vida, consciência e um potencial muito maior do que qualquer outra pessoa já conheceu antes. Por que nós não podemos aceitá-lo do jeito que ele é? Teve alguém – acho que foi Platão – que disse que “uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida”. É bem verdade. Mas uma vida analisada demais leva à loucura, se não ao suicídio.

Ela olhou para as pegadas que eles deixavam na antes imaculada neve.

– Ou então simplesmente ao fracasso – disse calmamente.

– Você não fracassou. Você tentou um jeito de unir o mundo todo e, nesse processo, produziu obras de arte maravilhosas. O esforço, essas criações, tudo isso também se sustenta sozinho.

– Até eu morrer de novo, talvez. Só até o próximo *replay*. E então tudo some.

Jeff balançou a cabeça, ainda com o braço firme em torno dos ombros dela.

– Só os produtos do seu trabalho é que somem. A sua luta e a devoção que você põe no que faz... É nisso que está o valor de verdade, é dentro de você.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Mas é tanta perda, tanta dor... As crianças...

– A vida sempre inclui perdas. Levei muitos e muitos anos para aprender a lidar com isso, e acho mesmo que nunca vou aceitar por completo. Mas isso não significa que nós devemos nos virar de costas para o mundo ou deixar de almejar o melhor que nós pudermos ter ou ser. Nós temos de fazer isso por nós mesmos, pelo menos isso, e merecemos tudo de bom que vier desse esforço.

Ele deu um beijo no rosto marcado pelas lágrimas e então bem de leve nos lábios dela. A oeste, dois gaviões faziam lentos círculos no céu sobre o cânion.

– Você já voou alguma vez? – Jeff perguntou.

– Você diz em algum planador, como uma asa delta? Não, nunca.

Ele pôs os dois braços na cintura dela e a abraçou.

– Então nós vamos – ele sussurrou em meio à suavidade dos cabelos claros. – Nós vamos voar juntos.

\* \* \*

Passando de Revelstoke, o trem correu rápido ao lado de enormes e sombrias geleiras e começou a subir em direção às Rochosas. Florestas densas de tuias gigantes e pinheiros canadenses cobriam as encostas ao redor, e, depois de uma curva, um vasto campo de urzes encurralado entre duas geleiras apareceu subitamente. As flores em rosa e roxo ondulavam e tremiam ao sabor da brisa suave da primavera, sua beleza efêmera era uma discreta compensação às impassíveis muralhas de gelo que as cercavam.

Havia algo de erótico naquelas flores, Jeff pensou, a ternura frágil soprada pelo vento em contraste com a impávida geleira, as cores vibrantes tão parecidas com os lábios de uma mulher, ou então...

Ele sorriu para Pamela no assento ao lado, pousou a mão no joelho descoberto dela e deslizou os dedos para a barra da saia. O rosto dela ficou corado quando ele acariciou de leve o interior de sua coxa. Ela espiou em volta no vagão panorâmico para ver se alguém estava olhando para eles,

mas os olhos dos outros passageiros estavam fixos no espetáculo que se descortinava à volta de todos.

Jeff subiu sua mão mais um pouco e tocou a seda já úmida. Pamela soltou um leve gemido quando ele lhe apertou suavemente ao meio das pernas, e ela se arqueou contra o encosto de couro. Ele lentamente retirou a mão, com as pontas dos dedos fazendo um suave percurso de volta à coxa dela.

– Vamos dar uma volta? – perguntou. Ela concordou e ele a conduziu pela mão, em direção à parte de trás do trem. Entre o vagão seguinte, que parecia uma sala de estar, e o vagão-restaurante, eles pararam, equilibrando-se precariamente de pé enquanto se beijavam sobre a plataforma de metal trepidante. O vento que açoitava a janela aberta estava pelo menos oito graus mais frio do que Vancouver, de onde eles tinham partido naquela manhã, e Pamela tremeu nos braços dele.

O vagão-dormitório estava vazio; parecia que todos tinham ido procurar o restaurante ou as vistas do panorâmico. Logo que chegaram à sua cabine dupla, Jeff baixou uma das camas dobráveis e Pamela pôs a mão na cortina da janela para fechá-la. Ele a interrompeu e a puxou para junto de si.

– Vamos deixar a paisagem para a gente se inspirar – ele disse.

Ela resistiu, mas provocou.

– Se a gente deixar a cortina aberta, nós é que vamos virar parte da paisagem.

– Não tem ninguém nos assistindo lá de fora, a não ser uns passarinhos e cervos. E eu quero te ver na luz do sol.

Pamela deu um passo para longe dele. Emoldurada pelo pano de fundo em constante mutação, com seus rios nevados e penhascos glaciais, ela desabotoou a blusa e a correu pelos braços. Depois, abriu o cinto que segurava a saia e a deixou cair suavemente no chão.

– E por que você não está apreciando a paisagem? – disse com um sorriso.

– Mas eu estou – ele respondeu.

Ela tirou todo o resto e ficou nua defronte à natureza selvagem que corria lá fora. O olhar ansioso de Jeff percorria todo o corpo dela ao vê-la se

despindo, e ele então se atracou com ela, pressionando-a com vontade contra o assento macio ao lado da janela aberta, enquanto o sol da tarde tremeluzia sobre eles e as rodas trovejantes nos trilhos os conduziam em um ritmo bem cadenciado.

O trem levou quatro dias e quatro noites para chegar a Montreal, e uma semana depois eles o pegaram mais uma vez, de volta ao oeste.

– E quanto à Idade Média? – perguntou Pamela. – Imagine como seria repetir aquela monotonia terrível o tempo todo.

– A Idade Média não foi assim tão aborrecida quanto as pessoas pensam. Eu ainda acho que uma época de guerra de grandes proporções teria sido bem pior, ou os anos que precedem uma guerra assim. Imagine sempre voltar para a Alemanha em 1939.

– Pelo menos você poderia fugir de lá, ir para os Estados Unidos, arrumar um jeito de se safar.

– Não se você fosse judeu. E se já estivesse em Auschwitz, por exemplo?

Aquele era o tópico favorito do mês: como seria passar pela experiência dos *replays* em outro período histórico, e como uma pessoa faria para lidar com circunstâncias e eventos imensamente diferentes daqueles que eles já conheciam tão bem.

Quando se abriam as comportas entre os dois, parecia não haver fim para os assuntos sobre os quais eles conversavam: especulações, planos, lembranças... Já tinham repassado suas muitas vidas com riqueza de detalhes, expandindo os breves históricos pessoais expostos naquele cauteloso primeiro encontro em Los Angeles, em 1974. Jeff contou tudo sobre a loucura sem sentido de seus tempos com Sharla e a bênção reparadora que tinham sido os anos de isolamento no córrego Montgomery. E ela, em troca, compartilhou com ele todas as vívidas sensações que guardava de sua dedicada carreira como médica, sua frustração em saber que nunca mais poderia fazer uso de todo o

treinamento que tivera e depois o êxtase criativo que se seguiu quando ela fez *Starsea*.

Um rapaz negro, alto e barbudo passou por eles de patins, abrindo caminho com destreza pela calçada lotada da rua 59 Leste em direção à entrada do Central Park. O arranjo enérgico de Giorgio Moroder para “Call me”, do Blondie, berrava do enorme rádio Panasonic que ele equilibrava no ombro, encobrindo a réplica de Pamela à pergunta hipotética de Jeff a respeito de como reviver os infernos de Auschwitz.

Eles já estavam em Nova York havia seis semanas, depois de mais de um ano alternando seu tempo entre a cabana de Jeff no norte da Califórnia e a casa de Pamela no Cânion Topanga. Agora que eles estavam juntos, o isolamento proporcionado por aqueles dois lugares era ainda mais atraente para o casal. Havia tanta conversa para pôr em dia, tantos pensamentos e emoções intensamente particulares para compartilhar. Mas eles não se retiraram por completo do convívio com as outras pessoas. Jeff começou a se aventurar em empreendimentos um pouco mais arriscados, investindo em companhias e produtos menores que, aparentemente, não tinham sido capazes de obter o financiamento pretendido nos *replays* anteriores e cujo sucesso ou fracasso ele não tinha como prever. Um brinquedinho de mesa de escritório – um cubo de acrílico com pequenos ímãs se movimentando como em um balé vagaroso dentro de um fluido claro e viscoso – realmente pegou entre os consumidores e se tornou o sucesso do Natal de 1979. Até o momento, no entanto, ele não tinha tido a mesma sorte com o sistema de vídeo holográfico proposto por dois diretores de fotografia amigos de Pamela. A câmera vinha apresentando persistentes problemas técnicos e era provável que a ideia toda tivesse fracassado exatamente por essa razão. Mas isso não importava; a incerteza e a imprevisibilidade intrínsecas àqueles planos eram o que o atraíam.

De sua parte, Pamela tinha se lançado de volta no mercado de produção de filmes com um novo ímpeto de diversão e liberdade. Já não mais limitada por sua missão autoimposta de levar a humanidade a um novo nível de consciência, ela tinha agora escrito uma comédia romântica levemente melancólica sobre histórias de amor marcadas por

incompatibilidade e ocorrências inoportunas. Uma jovem e desconhecida Daryl Hannah foi escalada para o papel principal, e Pamela insistiu em entregar as rédeas da direção a certo ator de comédias da TV chamado Rob Reiner. Como sempre, seus associados ficaram estupefatos com as escolhas de talentos ainda não postos à prova, mas, como produtora e única financiadora do projeto, ela detinha a palavra final em tais questões. Jeff e ela tinham ido a Nova York para que ela pudesse supervisionar a pré-produção e a seleção de locações para o novo filme. As filmagens começariam dali a poucos dias, na segunda semana de junho.

Eles viraram à direita e seguiram para norte na Quinta Avenida, retomando sua discussão anterior sobre fantasias históricas.

– Pense no que Da Vinci poderia ter feito se tivesse tido uma oportunidade como a nossa – Pamela disse, em tom bem-humorado. – As estátuas e pinturas que poderia ter produzido em todas as suas muitas vidas...

– Então vamos presumir que que ele tenha feito isso mesmo. Se foi o caso, talvez o mundo tenha seguido uma linha do tempo diferente para cada uma de suas existências, como aconteceu conosco. Em uma versão da realidade do século XX, pode ser que ele seja mais lembrado por suas invenções do que por sua arte, se ele teve mais tempo para trabalhar nelas e refiná-las. Em outra, pode ser que ele tenha se recolhido às suas confabulações e não tenha deixado absolutamente nada digno de nota. Da mesma maneira, pode ser que haja um futuro no qual você seja lembrada pelo *Starsea* e outro no qual a Future continuou com forte presença corporativa.

– “Continuou”? – ela estranhou. – Você não quer dizer “vai continuar”?

– Não – disse Jeff. – Se o fluxo do tempo é contínuo, se ele se mantém ininterrupto até onde o resto do mundo pode dizer, ignorando essa alça temporal que você e eu experimentamos, e se ele se ramifica a cada repetição em novas linhas de realidade, dependendo das mudanças que nós fazemos a cada vez, então a história já deve ter progredido vinte e cinco anos adiante em cada *replay* que nós vivemos.

Ela contraiu os lábios, pensativa por um instante.

– Mas, se isso for verdade, as linhas temporais estão todas encavaladas. Cada ramificação continuou existindo depois de 1988, quando nós morremos, mas a que veio imediatamente antes já estaria vinte e cinco anos à frente daquela.

– Exato. Ou seja, no mundo do *replay* mais recente, aquele no qual você se casou com Dustin Hoffman e eu vivi em Atlanta, já faz dezessete anos que nós morremos. O ano lá agora é 2005, e a maioria das pessoas que nós conhecíamos ainda está viva. Mas começando lá do primeiro *replay*, na vida em que você era médica em Chicago e eu construí um conglomerado, quarenta e dois anos já se passaram. Lá, o ano atual seria 2029. Minha filha Gretchen já teria passado dos cinquenta anos, provavelmente até teria filhos crescidos.

Jeff então ficou em silêncio, subitamente abalado pela possibilidade de que a única filha que de fato tivera ainda estivesse viva, mesmo que, de um ponto de vista objetivo, uma década mais velha do que ele próprio já tinha sido em qualquer de suas existências.

Pamela terminou de fazer a projeção por ele.

– E, na linha temporal das nossas vidas originais, sessenta e sete anos já se passaram. O mundo no qual nós crescemos já estaria na segunda metade do século XXI. Meus filhos... já teriam setenta anos. Meu Deus!...

A especulação deles, que começara como brincadeira, ficou mais séria e mais perturbadora do que ambos esperavam. Absortos em suas respectivas reflexões mudas, os dois quase não notaram a mulher loura de trinta e tantos anos, elegantemente vestida, que estava acompanhada de um adolescente, do lado de fora do hotel Sherry-Netherland, esperando enquanto o porteiro chamava um táxi.

A mulher apertou os olhos com um quê de curiosidade quando Jeff e Pamela passaram por ela. Alguma coisa naquela expressão de repente encontrou uma identificação entre os pensamentos atribulados dele.

– Judy? – ele disse sem muita convicção, parando sob o toldo do hotel.

A mulher diminuiu um pouco o ritmo.

– Me desculpe, eu acho que... Não, espere. Você era da Emory, não era? Universidade Emory, em Atlanta?

– Isso – disse Jeff suavemente. – Eu mesmo. Nós estudamos lá na mesma época.

– Sabe que eu pensei agora mesmo que seu rosto era familiar. Podia jurar que... – e então ela corou da mesma forma como sempre fizera. Talvez tivesse se lembrado de repente de certa noite no banco de trás do velho Chevy, ou então de um banco nos arredores do prédio Harris logo antes do toque de recolher. Mas Jeff percebeu que ela estava tendo dificuldade para lembrar do nome dele, então emendou rápido para poupá-la do embaraço.

– Sou Jeff Winston. Nós saíamos para ver um filme uma vez ou outra, ou então para tomar uma cerveja no Moe and Joe.

– Ah, mas é claro que eu me lembro de você, Jeff. Como você está?

– Bem, estou bem. Pamela, esta é... alguém que eu conheci na faculdade. Judy Gordon. Judy, esta é minha amiga Pamela Phillips.

Os olhos de Judy se arregalaram e, por um momento, ela quase pareceu ter dezoito anos de novo.

– A diretora de cinema?

– Produtora – Pamela disse com um sorriso amigável. Ela sabia exatamente quem era Judy e como aquela mulher tinha sido importante para Jeff em um *replay* anterior.

– Minha nossa, mas que coisa! Olha só para isso, Sean – Judy disse ao rapazinho esguio que estava ao seu lado. – Este é o meu antigo colega de escola, Jeff Winston, e a amiga dele é Pamela Phillips, a produtora de cinema. Este é o meu filho, Sean.

– É um grande prazer conhecê-la, senhorita Phillips – o garoto disse com um entusiasmo inesperado. – Eu só queria... bem... dizer o quanto o *Starsea* foi importante para mim. Aquele filme mudou a minha vida.

– Sabe, ele não está falando só por falar, não – disse uma radiante Judy. – Ele tinha doze anos quando viu o filme e depois deve ter assistido mais uma dúzia de vezes. Depois disso, só falava de golfinhos e de como se comunicar com eles. E não foi só um interesse passageiro. O Sean está indo para a faculdade agora no outono, para a Universidade da Califórnia em San Diego, para estudar... Diga você, querido.

– Biologia Marinha. Com especialização em Linguística e Ciência da Computação. Gostaria de trabalhar com o doutor Lilly algum dia, na área de comunicação interespecies. Se eu algum dia puder fazer isso, é a você que eu tenho de agradecer, senhorita Phillips. Você não sabe quanto isso significa para mim, ou talvez até saiba. Espero que sim.

Um homem alto com as têmporas grisalhas saiu do hotel acompanhado de um mensageiro empurrando um carrinho de bagagem. Judy apresentou seu marido a Jeff e a Pamela, explicando que a família toda estava encerrando suas férias em Nova York. Será que Jeff ou Pamela costumam ir a Atlanta? Se sim, então deem um pulinho lá em casa; o sobrenome agora era Christiansen, e aqui estão o telefone e o endereço. Qual vai ser o nome do próximo filme? Eles com certeza ficariam atentos para a estreia e chamariam todos os amigos.

O táxi partiu, Jeff e Pamela se deram os braços firmemente. Foram sorrindo enquanto andavam pela Quinta Avenida em direção ao Pierre, mas em seus olhos só havia o reconhecimento da tristeza mútua por todos aqueles mundos que eles um dia conheceram e agora não conheceriam mais.

Jeff se serviu de mais uma taça de Montecillo, assistindo ao sol poente que realçava a costa rochosa e íngreme a oeste. No sopé da elevação onde se erguia a villa, e depois de outro morro verde repleto de amendoeiras e oliveiras, ele podia ver as traineiras retornando ao vilarejo de telhados vermelhos chamado Puerto de Andraitx. Uma mudança na ainda morna brisa de outubro trouxe subitamente o cheiro do Mediterrâneo pela janela aberta, e ele se misturou ao robusto aroma da *paella* que fervia na cozinha atrás dele.

– Mais vinho? – ele perguntou.

Pamela se inclinou pela porta da cozinha com uma enorme colher de madeira na mão, balançando a cabeça.

– A cozinheira tem de ficar sóbria – disse. – Pelo menos até o jantar estar na mesa.

– Tem certeza de que você não precisa de ajuda nenhuma aí?

– Mmm... Você poderia fatiar uns pimentões, se quiser. Mas o resto já está praticamente pronto.

Jeff entrou calmamente na cozinha e começou a cortar os doces pimentões vermelhos em fatias finas. Pamela enfiou sua colher na panela rasa de ferro e tirou um pouquinho da *paella* para ele experimentar. Ele provou o caldo forte e saboroso e ainda pegou um pedaço macio de lula.

– Será que tem açafrão demais no arroz? – ela perguntou.

– Acho que está perfeito do jeito que está.

Ela sorriu satisfeita e fez um gesto para que ele pegasse os pratos. Ele se virou e se deslocou com dificuldade na minúscula cozinha lotada pelos dois. A casinha no morro só era mesmo uma *villa* no entender dos agentes imobiliários; afinal, ela era bem menor e mais simples do que o nome grandioso sugeria. Mas o fato é que Pamela tinha alugado a residência temporária com apenas um propósito. Jeff tentava pensar naquilo o mínimo possível, mas era algo difícil de ignorar.

Ela viu o olhar preocupado dele e tocou o rosto dele levemente com as pontas dos dedos.

– Vamos – disse. – Hora de comer.

Ele segurou os pratos enquanto ela servia com uma concha a *paella* fervente, e em seguida ornou os succulentos frutos do mar com ervilhas e os pimentões que cortara. Os dois levaram o jantar para a mesa que ficava ao lado da janela da sala da frente. Pamela acendeu velas e pôs para tocar uma fita de Laurindo Almeida, *Concierto de Aranjuez*, ao que Jeff serviu taças de vinho para ambos. Comeram sem dizer nada, assistindo às luzes se acenderem na vila de pescadores que ficava lá embaixo.

Quando terminaram, Jeff limpou os pratos enquanto Pamela arranjou uma bandeja com queijo manchego e um melão cortado. Ele se serviu da sobremesa sem muito entusiasmo, deu um gole no cálice de conhaque Soberano e tentou novamente, sem sucesso, evitar pensar na razão de eles estarem ali em Maiorca.

– Eu parto logo de manhã – ele finalmente disse. – Não precisa me levar. Eu pego um barco de volta a Palma e depois um táxi até o aeroporto.

Ela estendeu o braço pela mesa e pegou a mão dele.

– Você sabe que eu preferiria que você ficasse.

– Sim, eu sei. Só não queria que... você precisasse passar por isso.

Pamela apertou a mão dele.

– Eu poderia lidar com isso. Estar lá para te confortar... Mas, se fosse o caso de eu ir primeiro, também não ia querer que você estivesse por perto quando a coisa toda acontecesse. Então entendo como você se sente e respeito isso.

Ele limpou a garganta e olhou em volta da sala em tons de terra. Sob o brilho fraco da vela, não tinha como fazer outra coisa a não ser refletir e concluir que ali era exatamente o que parecia ser: um lugar para morrer. Era o lugar no qual ela tinha de fato morrido um quarto de século antes e no qual morreria de novo dali a nem duas semanas, logo depois que o coração dele próprio mais uma vez parasse.

– E para onde você vai? – ela perguntou delicadamente.

– Para a cabana no Montgomery mesmo, creio eu. Acho que você tem razão quanto a escolher um lugar isolado para... deixar isso acontecer. Um lugar especial.

Ela sorriu um sorriso largo e carinhoso com ternura e renovada alegria.

– Lembra daquele primeiro dia em que eu apareci na sua cabana? Meu Deus, eu estava com tanto medo.

– Medo? – Jeff disse, ele mesmo sorrindo também. – De quê?

– De você, eu acho. Do que você ia falar para mim, de como iria reagir. Você ficou com tanta raiva de mim da última vez que a gente tinha se visto em Los Angeles. Pensei que ainda poderia estar.

Ele pousou as duas mãos nas dela.

– Não era exatamente raiva o que eu estava sentindo. Só estava muito preocupado com as possíveis consequências do que você estava fazendo.

– Hoje eu sei disso. Mas naquela época... Quando você entrou no meu escritório na Starsea, assim, do nada, eu não sabia como reagir àquilo. Acho que eu nem mesmo percebia o quanto tinha me tornado sozinha e desesperada. Só tinha presumido, àquela altura, que nunca encontraria ninguém como eu, nem mesmo alguém que fosse acreditar no que eu já tinha passado, e muito menos alguém que tivesse tido a mesma

experiência. Você tinha se recolhido às suas terras, às suas montanhas e colheitas... E eu, enquanto isso, ergui barreiras emocionais de um tipo contrário a essa introversão, uma forma bastante pública de solidão. Essa história de tentar salvar o mundo foi o meu jeito de esconder minhas próprias necessidades. Foi uma coisa difícil de admitir, para você ou para mim mesma. Então, eu fico feliz de você ter tido essa coragem de me procurar. Isso me ensinou que eu não tinha de me esconder dos meus sentimentos nem dos meus medos.

Pamela olhou para ele profunda e longamente, com ternura nos olhos e na expressão.

– Nós voamos mesmo, não voamos? De verdade.

– Sim – ele sussurrou, retribuindo o olhar. – E vamos voar de novo, em breve. Saiba disso. Não se esqueça.

Jeff ficou na popa do barco observando o vilarejo e as montanhas atrás dele sumirem na distância. Assistiu à cena até que não conseguiu mais discernir a figura de Pamela no cais de madeira. Então, ergueu os olhos até o borrão vermelho e branco da *villa* e ficou olhando até que também aquela imagem desaparecesse.

O vento vindo do mar fazia os olhos arder, e ele foi então para a parte fechada da balsa de passageiros, comprou uma cerveja e tomou um assento sozinho, longe dos grupos de turistas franceses e alemães fora de época.

Ele se forçou a lembrar que não estava tudo terminado de verdade, da mesma forma como tinha dito a Pamela que pensasse. Apenas aquele *replay* estava chegando ao fim; eles logo se reencontrariam e poderiam recomeçar tudo de novo. Mas, Deus, como ele odiava ter de deixar para trás aquela realidade em particular, aquela vida na qual ele e ela tinham se encontrado e se amado tanto. Tinham ido tão longe, alcançado tanta coisa; ele tinha orgulho das conquistas cinematográficas de Pamela como se fossem dele próprio. Era angustiante pensar em adentrar um mundo no qual *Starsea* e toda aquela sucessão de obras tão espetacularmente bem-

sucedidas, os dramas e comédias tão humanos e tocantes que ela fizera durante os anos com ele, nunca haviam existido nem existiriam.

Ele se apegou com tenacidade ao conceito de linhas temporais que eles haviam discutido em Nova York anos antes. Tinha certeza de que, em algum lugar, haveria uma ramificação da realidade na qual o legado artístico dela permaneceria e continuaria comovendo e instruindo o público por muitas gerações. Talvez o filho de Judy, Sean, viesse realmente a descobrir um modo para as duas espécies inteligentes da Terra, uma nos oceanos e outra nos continentes, se comunicarem. Se ele conseguisse isso, a suprema dádiva de uma sabedoria planetária compartilhada seria um resultado direto da visão de Pamela.

Era uma esperança que valia a pena nutrir, era um sonho a acalantar; mas agora eles teriam de concentrar seus esforços em esperanças novas e sonhos novos, em outra vida ainda não vivida.

Jeff pôs a mão no bolso do casaco e tirou o pacotinho achatado que ela lhe entregara quando ele estava entrando no barco. Removeu o papel de embrulho com cuidado e então ficou com um nó na garganta quando viu o que ela tinha lhe dado.

Era uma pintura, um pequeno retrato feito com precisão do monte Shasta, exatamente da forma como ele era visto daquele morro em suas terras; no céu sereno sobre a montanha, duas figuras pairavam com reluzentes asas emplumadas; eram Jeff e Pamela como criaturas mitológicas que ganharam vida, em um voo exultante e eterno rumo a um destino nunca antes descrito em qualquer realidade ou mito.

Ele ficou olhando para a pequena obra de amor e arte por muito tempo, então a embrulhou de novo e a pôs de volta no bolso. Fechou os olhos e ficou ouvindo o barulho do barco que ia cortando as ondas da baía de Palma, e assim aceitou calmamente o primeiro passo de sua jornada para ir morrer em casa.

## Treze

A luz do começo de uma manhã monotonamente cinza passava pela janela entreaberta e pelas cortinas verde-azuladas. Ao abrir os olhos, Jeff viu um esbelto gato siamês de patas escuras dormindo pacificamente no pé da cama *king-size*. Ele apenas levantou a cabeça quando Jeff mudou de posição, bocejou uma vez e então soltou um entediado e claramente interrogativo “Rrour?”.

Jeff se sentou prontamente, acendeu o abajur ao lado da cama e deu uma olhada geral pelo quarto: o aparelho de som e a TV na parede oposta, cercados por prateleiras cheias de maquetes de aviões e foguetes; uma estante de livros na parede à direita; uma cômoda sob a janela à esquerda. Tudo muito limpo, organizado e bem arrumado.

“Ah, merda!”, ele pensou. Estava de volta ao quarto em que passara a infância na casa dos pais em Orlando. Alguma coisa tinha dado errado, muito errado. Por que ele não estava no alojamento da Emory? Pelo amor de Deus, e se tivesse voltado como criança desta vez? Jogou longe o

cobertor e olhou para si mesmo dentro da calça. Não, já tinha pelos pubianos e até uma ereção matinal; pôs a mão no queixo e sentiu a barba por fazer. Pelo menos ele não era um pré-adolescente.

Pulou da cama e correu para o banheiro conjugado. O gato o seguiu, esperando ao menos ganhar seu café da manhã mais cedo, já que era mesmo para eles acordarem àquela hora. Jeff acendeu a luz e olhou bem para o espelho; sua aparência parecia ser exatamente a mesma de todas as vezes em que ele tivera dezoito anos. Então... o que diabos ele estava fazendo naquela casa?

Pegou o primeiro jeans surrado que viu e uma camiseta, e calçou um tênis velho sem meias. O relógio ao lado da cama dizia que a hora era próxima de quinze para as sete. Talvez sua mãe já estivesse acordada; ela sempre gostara de tomar uma tranquila xícara de café antes de começar o dia.

Acariciou brevemente o pescoço do gato. Aquele, claro, era o xá, que tinha sido atropelado durante o primeiro ano de Jeff na faculdade; ele tinha de se lembrar de avisar a família para mantê-lo sempre dentro de casa. O nobre animal trotava ao lado dele enquanto Jeff se dirigia à sala, passando pelo solário e chegando à cozinha. Sua mãe estava lá, lendo o *Orlando Sentinel* e tomando seu café.

– Mas olha só, minha mãe do céu... – ela disse, erguendo as sobrancelhas. – O que essa corujinha noturna está fazendo acordada junto com os pardais?

– Não consegui dormir, mãe. Tenho um dia cheio hoje – e quase perguntou que dia e ano eram, mas não se atreveu.

– E o que é tão importante assim que te desperta junto com a manhã? Eu venho tentando fazer isso há anos e nunca consegui. Tem a ver com alguma menina, não tem?

– Mais ou menos. Posso pegar uma parte do jornal, por favor? Talvez o primeiro caderno, se a senhora já tiver acabado.

– Pode pegar ele todo, querido. Eu já estava mesmo para começar a fazer o café. Você vai querer rabanadas? Ou uns ovos e salsichas?

Ele começou a dizer que não queria nada, mas então percebeu como estava com fome.

– Hmm... Ovos e salsichas estão ótimos para mim, mãe. E quem sabe um mingau de milho...?

Ela fez um olhar de falsa indignação.

– Agora me diga, quando é que eu preparei café para você e não tinha mingau de milho? É ele que cola as suas costelas no lugar, você sabe disso.

Jeff riu da piada velha, típica da hora do café, e sua mãe se pôs a preparar a refeição enquanto ele pegava o jornal.

As principais manchetes falavam dos conflitos sobre direitos civis em Savannah e de um eclipse total do sol no nordeste dos Estados Unidos. Era o meio de julho de 1963, férias de verão; então era por isso que ele estava ali, em Orlando. Mas, Deus, aquilo era três meses depois de quando ele deveria ter voltado! Pamela devia estar histérica àquela altura, perguntando-se por que ele não a tinha procurado ainda.

Ele tomou o café apressadamente, ignorando os avisos da mãe para ir com calma. Olhando para o relógio da cozinha, viu que já passava das sete. Seu pai e sua irmã acordariam a qualquer minuto. Ele não queria envolver a família inteira em uma discussão sobre algo que ele tinha certeza de que deveria fazer.

– Mãe...

– Mm-hm? – ela respondeu distraidamente, preparando mais ovos para o pessoal que ainda estava para acordar.

– Olha, eu vou ter de sair da cidade por uns dias.

– O quê? Para onde? Você vai a Miami ver o Martin?

– Não, eu tenho de ir... hã... mais para o norte.

Ela o encarou com ar suspeito.

– E o que significa “mais para o norte”? Já vai ter de voltar para Atlanta cedo assim?

– Eu tenho de ir a Connecticut. Mas não quero entrar em detalhes disso com o papai, e vou precisar de um dinheiro para viajar. Eu pago de volta sem demora.

– Mas o que neste mundo tem de tão importante em Connecticut? Ou talvez eu devesse perguntar “quem” é tão importante. É alguma garota da faculdade?

– Isso – ele mentiu. – É uma moça da Emory. A família dela é de Westport. Eles me convidaram para ficar lá por uma semana ou coisa assim.

– E que moça é essa? Eu não lembro de você ter falado de ninguém em Connecticut. Achei que você ainda estava saindo com aquela mocinha tão linda do Tennessee, a Judy.

– Não estou mais – disse Jeff. – Nós terminamos logo antes das provas finais.

Sua mãe fez uma expressão preocupada.

– E você nem falou nada... É por isso que não vem comendo bem desde que chegou aqui?

– Não, mãe, está tudo bem. De verdade, não é nada de mais. Nós só terminamos, é isso. Agora, eu gosto mesmo é dessa garota em Westport e eu preciso ir lá vê-la. A senhora pode me dar uma ajuda?

– Ela não vai estar de volta na escola em setembro? Será que você não pode esperar até lá para vê-la de novo?

– Eu realmente queria vê-la agora. E nunca estive na Nova Inglaterra. Ela disse que nós podemos até ir a Boston... Eu, ela e os pais – ele emendou rapidamente, lembrando-se de como eram os usos daquela época e das noções de etiqueta próprias de sua mãe.

– Bem, eu não sei o que...

– Por favor, mãe. Significaria muito para mim. É muito importante mesmo.

Ela balançou a cabeça, descrente.

– Na sua idade, parece que tudo é “muito importante”. Tudo tem de ser naquela mesma hora. E seu pai estava tão animado com aquela pescaria na semana que vem... Você sabe quanto ele...

– Nós podemos ir pescar quando eu voltar. Olha, eu tenho de ir pra lá de um jeito ou de outro. Só queria que a senhora soubesse para onde eu

estou indo, e me ajudaria muito se pudesse me emprestar um dinheiro. Se não quiser, então eu...

– Ora, ora, você já tem idade suficiente para estar na faculdade, então tem idade suficiente para ir para qualquer lugar que quiser. Eu só me preocupo com você, é só isso. É para isso que servem as mães... além de emprestar dinheiro – ela disse, dando uma piscadela e abrindo a bolsa.

Jeff jogou algumas roupas na mala e escondeu os duzentos dólares que sua mãe lhe dera no meio de um par de meias enroladas. Já estava fora de casa antes mesmo que o pai e a irmã acordassem.

O velho Chevy estava parado na entrada da garagem, atrás do Buick Electra do pai e do Pontiac da mãe. O motor deu uma engasgada familiar quando Jeff o ligou e então foi acionado com um rugido.

Ele saiu do subúrbio recém-construído onde seus pais moravam, pegou a Little Lake Conway e ficou parado um tempo com o motor ligado quando chegou ao cruzamento da rodovia Hoffner com a avenida Orange. Será que a via expressa Beeline até o Cabo já tinha sido construída? Ele não conseguia se lembrar. Se tivesse, seria uma linha reta até a I-95 na direção norte. Não havia nada no jornal indicando que pudesse haver algum lançamento de foguete naquela manhã, então o trânsito até Cocoa e Titusville não deveria estar ruim; mas, se a via expressa não estivesse pronta ainda, ele se veria preso por tempo demais em uma estradinha esburacada, com só uma pista de ida e outra de volta. Decidiu ir pelo caminho mais seguro, passando por dentro da cidade e então pegando a I-4 até Daytona.

Jeff foi dirigindo pela cidadezinha tranquila, que era ainda intocada pelo tremendo impacto que a Disney traria e estava apenas começando a sentir a presença das instalações da NASA, a pouco mais de sessenta quilômetros dali. Conseguiu pegar a I-95 antes do que esperava, e então ligou o rádio na WAPE de Jacksonville: primeiro veio “Little” Stevie Wonder com “Fingertips, part II” e depois Marvin Gaye, cantando “Pride and joy”.

Três meses. Como ele poderia ter perdido três meses desta vez? O que isso queria dizer? Bem, não fazia sentido se preocupar com aquilo agora; era algo além de seu controle. Pamela certamente estaria chateada, com toda razão, mas pelo menos ele a veria em breve. “Concentre-se nisso”, ele dizia a si mesmo, enquanto corria para o norte pelas longas extensões cercadas de pinheiros e moitas baixas.

Chegou a Savannah ao meio-dia; havia uma pequena interrupção na interestadual, o que impediu seu progresso, e as ruas da graciosa cidade estavam extraordinariamente lotadas de policiais carrancudos e paramentados. Jeff seguiu seu caminho pelas retenções com cautela, ciente das passeatas e da subsequente onda de violência motivada por racismo que tinha abatido aquelas bandas no começo da semana. Era triste ver mais uma vez aquilo acontecer, mas não havia nada que ele pudesse fazer, a não ser evitar tomar parte nos sangrentos confrontos.

Pouco depois das três da tarde, parou para comer um sanduíche em um restaurante da rede Howard Johnson nos arredores de Florence, na Carolina do Sul. As planícies da Flórida e a região litorânea da Geórgia tinham ficado para trás, e ele agora dirigia por uma área rural cheia de morros, mantendo o velocímetro do velho e poderoso V8 só um traço acima do limite de 110 km/h.

Já estava escuro quando ele passou pela saída que levava ao seu antigo colégio na Virgínia, para onde ele tinha feito aquela peregrinação espontânea tantos anos antes a fim de ver a pontezinha que, para ele, tinha se transformado em um símbolo de perda e futilidade. Da estrada, ele pôde ver as luzes da casa dos Rendell; sua bela ex-professora, que um dia fora objeto de sua admiração, estaria em casa preparando o jantar para o marido e para a criança cujo nascimento dera origem ao surto de raiva adolescente de Jeff. “Ame sua família e trate bem dela”, ele desejou em silêncio, ao passar correndo pela casa tranquila; “já há dor demais no mundo do jeito que ele é”.

Bem mais tarde, foi jantar frango frito e batatas doces em uma parada de caminhões ao norte de Richmond. Comprou uma garrafa térmica e pediu à garçonete que a enchesse de café bem forte. O anel rodoviário o

ajudou a contornar a região de Washington, e ele então chegou a Baltimore logo antes da meia-noite. Em Wilmington, no Delaware, saiu da I-95 e pegou a via expressa de New Jersey, assim evitando qualquer tráfego que pudesse haver de madrugada entre Filadélfia e Trenton. À medida que a noite avançava, ele mais uma vez ficou maravilhado, como sempre ficava no começo de cada nova vida, com a energia de seu próprio corpo jovem. Se estivesse com trinta e tantos ou quarenta e poucos anos, ele certamente teria de dividir aquela viagem em pelo menos dois dias, e mesmo fazendo isso ela teria sido exaustiva.

A Ponte George Washington estava totalmente deserta às quatro da manhã, e Jeff então aumentou o rádio ao máximo quando o DJ Cousin Brucie começou a cantar junto com o Essex em “Easier said than done”. Passando por New Rochelle pela via expressa Nova Inglaterra, ele viu sua mente inundada por imagens de uma Pamela que ele nunca conhecera. Ali, ela tinha vivido sua primeira vida, formado uma família... e ali ela também morrera, presumindo que aquele seria o fim de sua existência, sem saber que suas múltiplas vidas estavam apenas começando.

Ele se perguntou como teria sido a morte para ela da última vez, em Maiorca. Talvez mais serena, pensou, com mais aceitação, como tinha sido para ele na cabana no córrego Montgomery, sabendo que, desta vez, teriam pelo menos um ao outro para se refugiar. Mas ele não queria se estender pensando em quanta agonia ela teria sentido, mesmo que tivesse sido por pouco tempo. Aquela parte já tinha acabado, pelo menos por enquanto, e eles tinham agora um futuro ao qual almejar juntos, sem limites.

As primeiras luzes do dia começavam a pintar o céu a leste quando Jeff chegou a Westport. Localizou o endereço da família de Pamela no catálogo em um posto Shell. Ainda era cedo demais para ele simplesmente aparecer na porta da casa dela, então achou um café aberto vinte e quatro horas e se forçou a ler o *New York Times* da primeira à última página só para matar tempo. Pelo que ele lia, as coisas ainda estavam tensas em

Savannah; Ralph Ginzburg apelava de sua condenação por obscenidade após a publicação da revista *Eros*; e a controvérsia crescia em torno da recente decisão da Suprema Corte contra a obrigação de rezar nas escolas.

Jeff olhou para o relógio; eram sete e vinte e cinco. Será que oito da manhã seria cedo demais? A família toda já devia estar de pé àquela hora, talvez tomando café. Será que ele deveria interromper enquanto eles comiam? E que diferença isso faria? Afinal, Pamela o apresentaria como sendo um amigo e eles o convidariam para sentar à mesa. Ansioso, ficou enrolando com a mesma xícara de café até vinte para as oito, então perguntou à moça do caixa como chegar ao endereço que ele tinha escrito.

A casa dos Phillips era do tipo neocolonial, tinha dois andares e ficava em uma rua sombreada, típica de classe média alta. Nada a diferenciava de mil outras casas em mil outras cidades pelo país afora; apenas Jeff sabia do miraculoso evento que tinha acontecido naquela em particular.

Tocou a campainha, ajeitando a camiseta dentro da calça. Ocorreu-lhe então que ele talvez devesse ter trocado de roupa; poderia ter pelo menos passado em um banheiro e quem sabe feito a barb...

– Pois não?

A mulher tinha uma semelhança notável com a Pamela que ele conhecia; apenas o penteado era diferente, um *bouffant* moderado em vez do cabelo liso de corte chanel que Jeff aprendera a apreciar tanto. Ela estava mais ou menos com a mesma idade que Pamela tinha quando ele a vira pela última vez, e portanto a impressão daquele momento foi algo perturbadora.

– A... hã... Pamela Phillips está, senhora?

A mulher franziu as sobrancelhas e apertou os lábios com quase a mesma expressão de leve consternação que ele frequentemente via no rosto de Pamela.

– Ela não levantou ainda. Você é algum amigo dela da escola?

– Não exatamente da escola, mas eu...

– Quem é, Beth? – perguntou uma voz de homem vinda de dentro da casa. – É o rapaz que vem ver o ar-condicionado?

– Não, querido, é um amigo da Pam.

Jeff começou a cambaleiar de nervosismo e embaraço.

– Me desculpe incomodar assim tão cedo, mas é realmente importante que eu fale com a Pamela quanto antes.

– Eu nem sei se ela está acordada.

– Se eu puder entrar e esperar... Só não quero ser inconveniente, mas é que...

– Bem... Então, por que você não entra e se senta, mesmo que seja só por um minuto?

Jeff então adentrou o pequeno *foyer* e a foi seguindo até uma sala de estar confortavelmente mobiliada, onde um homem com um terno cinza risca-de-giz estava de frente ao espelho arrumando a gravata.

– Se o rapaz vier agora de manhã – ele continuou –, diga a ele que o termostato está... – e então parou ao ver o reflexo de Jeff. – Você é amigo da Pam? – perguntou, virando-se para o visitante.

– Sim, senhor.

– E ela está esperando por você?

– Eu... acho que sim.

– Como assim você “acha que sim”? Será que não está cedo demais para aparecer na casa de alguém sem avisar antes?

– David... – a esposa interveio.

– Ela está esperando por mim – disse Jeff.

– Bom, só estou sabendo disso agora. Beth, por acaso a Pam falou alguma coisa para você sobre alguém vir aqui logo de manhã?

– Não que eu me lembre, querido. Mas tenho certeza de que...

– E como você se chama, meu jovem?

– Jeff Winston, senhor.

– Não me lembro de Pam falar de ninguém com esse nome. Você lembra, Beth?

– David, não seja rude com o garoto. Você gostaria de uma torrada com canela, Jeff? Acabei de fazer, e também uma garrafa de café novinho.

– Não, senhora, muito obrigado. Eu já tomei café.

– De onde você conhece a nossa filha? – perguntou o pai.

“De Los Angeles”, Jeff pensou, meio tonto pela falta de uma boa noite de sono e pelas muitas xícaras de café e os muitos quilômetros de estrada. “Conheço ela de córrego Montgomery”, ele teve vontade de dizer; “e também de Nova York e de Maiorca”.

– Eu perguntei de onde você conhece a nossa filha. Você me parece velho demais para ser da sala dela.

– Nós... temos um amigo em comum. Do clube de tênis.

Aquilo soaria plausível, já que ela tinha dito que jogava tênis desde os doze anos.

– E quem poderia ser? Eu acho que nós conhecemos a maioria dos amigos da Pam e...

– Papai! O senhor viu se eu deixei meu álbum de selos no seu carro? Ele já estava quase cheio e eu não consigo encont...

Ela parou no alto da escada, com seus braços e pernas desajeitados de adolescente, vestindo uma bermuda branca e uma camisa polo amarela, com o fino cabelo louro preso com dois rabos de cavalo, um de cada lado da cabeça.

– Pode vir aqui embaixo por favor, Pam? – o pai falou. – Tem alguém aqui dizendo que veio vê-la.

Pamela desceu a escada vagorosamente olhando para Jeff. Ele queria correr para ela, tomá-la nos braços e beijá-la até fazê-la esquecer dos pesadelos pelos quais certamente tinha passado; mas ainda não era hora para isso. Ele apenas sorriu e ela retribuiu.

– Você conhece este jovem, Pam?

Os olhos dela eram só juventude e promessas quando ele a encarou com um olhar amoroso.

– Não – ela disse. – Eu acho que não.

– Ele diz que a conhece do clube de tênis.

Ela balançou a cabeça.

– Não, eu acho que eu me lembraria disso. Você conhece o Dennis Whitmire? – ela perguntou inocentemente a Jeff.

– Maiorca... – ele disse com uma voz tênue, quase sofrida. – A pintura com a montanha...

– Perdão?

– Eu acho que você devia ir embora, seja lá quem for – o pai interveio.

– Pamela... Ah, meu Deus, Pamela...

O homem então agarrou o braço de Jeff com firmeza e o conduziu até a porta.

– Escute aqui, meu caro – disse em tom calmo, mas bem autoritário. – Eu não sei o que você pretende, mas não quero te ver de novo por aqui. Não quero você importunando minha filha, nem aqui na casa dela, nem na escola, nem no clube de tênis. Em lugar nenhum. Deu pra entender?

– Senhor, foi apenas um mal-entendido e eu quero me desculpar pelo inconveniente. Mas é que a Pamela realmente me conhece e ela...

– Todo mundo que conhece a minha filha a chama de “Pam”, nunca de “Pamela”. E será que eu preciso lembrá-lo de que ela tem só quatorze anos de idade? Você entende o que eu quero dizer? Porque eu não quero saber de você falando em “mal-entendidos” ao assediar uma menor.

– Eu não queria incomodar ninguém, eu só...

– Então suma da minha casa antes que eu chame a polícia.

– Senhor, a Pamela vai logo se lembrar de quem eu sou. Se eu puder deixar um número de contato para ela...

– Você não vai deixar nada, a não ser esta casa. E agora!

– É muito chato que nós tenhamos nos conhecido desse jeito, senhor Phillips. Eu realmente gostaria de que nós nos déssemos bem no futuro, e espero que...

O pai de Pamela então o enxotou pelos degraus da entrada e bateu a porta na cara dele. Jeff ainda pôde ouvir vozes exaltadas pela janela da sala: Pamela chorava, confusa, enquanto sua mãe pedia calma e o pai falava em tom irritado, alternando-se entre o protetor e o acusatório.

Jeff andou de volta até o carro, sentou no banco do motorista e pousou a cabeça, que retinia de cansada, no volante. Depois de um tempo, ligou o motor e se pôs de novo em direção ao sul.

Querida Pamela,

Sinto muito se a deixei confusa no outro dia ou se chateei seus pais.

Espero que algum dia, em breve, você entenda. Quando chegar esse

dia, você pode entrar em contato comigo ou com minha família em Orlando, na Flórida. O número lá é 555-9561. Eles saberão onde me encontrar. Por favor, não perca esta carta. Esconda-a em algum lugar seguro. Você saberá quando precisar dela.

Minhas sinceras estimas,  
Jeff Winston

Julho e agosto se passaram como um ralo de inércia e apatia, os famosos “dias de cão” da Flórida, com um calor úmido insuportável que era rompido apenas pelas violentas tempestades que vinham quase todo fim de tarde. Jeff foi pescar com o pai e ensinou a irmã a dirigir; mas a maior parte do tempo ele passou em seu quarto, vendo reprises de *The Defenders* e *The Dick Van Dyke Show*. E esperando o telefone tocar.

Sua mãe ficou preocupada com tamanha inatividade, com a súbita perda de interesse em amigos, garotas e idas noturnas até os *drive-ins* locais. Jeff só queria saber de sumir dali, de escapar do opressivo cuidado dos pais e do tédio sufocante de Orlando, mas não havia lugar para onde ele pudesse ir. A liberdade de movimentos à qual ele tinha se afeiçoado ao longo dos anos estava agora limitada por sua falta de dinheiro. O Derby e o Belmont já tinham acontecido, e no momento ele não tinha nenhuma outra fonte de renda.

O verão chegou ao fim sem nem vestígio de Pamela. Jeff voltou para Atlanta para aparentemente começar seu segundo ano na Emory. Matriculou-se com a carga total de matérias apenas para ter direito a um lugar nos alojamentos, mas nunca se abalou a comparecer a nenhuma das aulas. Foi ignorando as cartas de aviso da reitoria e ficou ocioso até outubro.

Frank Maddock tinha se formado em junho e agora estava em Columbia, começando a escola de Direito sem nunca ter se encontrado com aquele que, em dado momento, fora seu sócio. Jeff encontrou outro veterano que era jogador e estava disposto a fazer a aposta para ele na

World Series. Mas só por uma taxa fixa; não importava quanto ele fosse generoso, ninguém queria uma porcentagem de uma aposta tão obviamente furada. Jeff entrou com um pouco menos de dois mil dólares e ganhou cento e oitenta e cinco mil. Pelo menos não precisaria se preocupar com dinheiro novamente durante um tempo.

Mudou-se para Boston e pegou um apartamento em Beacon Hill. Enquanto isso, a história seguiu seu rumo familiar: Diem foi derrubado em Saigon; John Kennedy foi assassinado mais uma vez; o Concílio Vaticano II diminuiu o uso do latim na missa católica; e os Beatles chegaram aos Estados Unidos iluminando corações.

No mês de março seguinte, Jeff ligou para a casa dos Phillips, na semana em que Jack Ruby foi considerado culpado e sentenciado à morte pelo assassinato de Lee Harvey Oswald; ninguém nunca ouviria falar em Nelson Bennett. A mãe de Pamela atendeu o telefone.

– Alô? Eu poderia falar com a... Pam, por favor?

– Quem gostaria?

– Alan Cochran. Sou amigo dela da escola.

– Só um minuto, vou ver se ela não está ocupada.

Jeff nervosamente enrolava e desenrolava o fio do telefone enquanto esperava Pamela atender. Ele tinha desencavado o nome falso do fundo da memória, lembrando-se de que uma vez Pamela dissera que tinha saído com aquela pessoa quando estava na escola. Mas será que ela já tinha conhecido o tal garoto? Ele não tinha como saber.

– Alan? Oi, e aí?

– Pam, por favor, não desligue. Eu não sou o Alan, mas preciso muito falar com você.

– Ué... Quem é, então? – ela disse, mais com dúvida do que com irritação em sua voz quase infantil.

– Aqui é o Jeff Winston. Eu estive na sua casa uma vez no verão passado e...

– Ah, sim, eu me lembro. Meu pai disse que eu nunca deveria falar com você, nunca mesmo.

– Eu entendo que ele se sintá assim. Você nem precisa dizer a ele que eu liguei. Eu só... estava me perguntando se talvez você tenha começado a se lembrar das coisas...

– Como assim? Lembrar de quê?

– De Los Angeles, talvez.

– Ah, claro.

– Lembra?

– Lembro sim. Meus pais e eu fomos para a Disneylândia quando eu tinha doze anos. Como é que eu não iria me lembrar disso?

– Eu estava pensando mais em outras coisas. Como, por exemplo, um filme, talvez um chamado *Starsea*? Soa familiar?

– Acho que eu nunca vi esse não. Ei, você é bem esquisito, sabia? Por que você quer falar comigo, afinal de contas?

– Eu só gosto de você, Pamela. Só isso. Aliás, se importa se eu te chamar assim?

– Todo mundo só me chama de Pam. Além disso, eu nem deveria estar conversando com você. É melhor eu desligar agora.

– Pamela...?

– O quê?

– Você ainda tem aquela carta que eu mandei?

– Joguei fora. Se meu pai encontrasse, ele ia ter um ataque.

– Tudo bem. É que eu não estou mais na Flórida. Estou morando em Boston agora. Eu sei que você não vai querer anotar meu número, mas em todo caso eu estou na lista telefônica. Se alguma vez você quiser entrar em contato comigo, é só...

– E por que você acha que eu ia querer falar com você? Cara, você é bem esquisito mesmo.

– É, eu... acho que sim. Mas não se esqueça de que você pode me ligar a qualquer hora do dia ou da noite.

– Eu vou desligar agora. Acho que você não deveria me ligar mais.

– Eu não vou ligar. Mas espero ter notícias suas em breve.

– Tchau.

Ela soou como se estivesse pensando em algo, sua curiosidade adolescente aguçada por aquele jovem persistente e suas perguntas peculiares. Mas a curiosidade não significava nada, pensou Jeff com tristeza ao se despedir. Para ela, ele continuava a ser só um estranho.

O balconista na cooperativa de Harvard registrou a venda e entregou a Jeff o troco e o exemplar de *Candy* que ele tinha comprado. Do lado de fora, a praça fervilhava cheia de estudantes se preparando para começar o novo ano escolar. Todos muito mal-ajambrados, Jeff notou. Olhou na direção do cinema universitário, onde estava passando *Os reis do iê, iê, iê*, e viu um jovem barbado discretamente vendendo caixas de fósforos com maconha a cinco dólares. Já tinha se passado um ano e meio desde que Leary e Alpert tinham sido demitidos de Harvard e começado sua tal “Fundação Internacional para a Liberdade Interior” do outro lado do rio, em Emerson Place. Os anos 1960, da forma como seriam lembrados, estavam começando mais cedo em Cambridge do que na Emory. Mesmo assim, a transformação de uma era em outra ainda não era completa; havia apenas um único manifestante na praça central de Harvard tranquilamente distribuindo panfletos que denunciavam a crescente presença norte-americana na Guerra do Vietnã. Em uma banquinha armada perto da banca de jornais, dois estudantes ofereciam broches onde se lia “Fora Goldwater” e “LBJ 64”. Sua desilusão não tardaria a chegar.

Jeff desceu as escadas da estação MTA e entrou em um dos velhos vagões de metrô que pareciam ônibus. Depois da Praça Kenmore, o trem emergia na superfície e atravessava o rio Charles na ponte Longfellow. À sua direita, Jeff podia ver trabalhadores em andaimes fazendo os retoques finais no recém-construído Prudential Center. A Torre John Hancock, com suas desastrosas janelas que se soltavam, só seria construída em um futuro longínquo.

E o que ele faria do seu próprio futuro agora, ele se perguntava, com os longos anos cheios de nada pela frente, e mais uma vez sozinho? Já fazia mais de um ano que ele começara o quarto *replay* de sua vida, e toda a

esperança que alimentara de dividir esse novo ciclo com alguém que ele amava profundamente, alguém cujas experiência e compreensão equivaliam às dele, tinha sumido. Pamela continuara como apenas uma criança desconhecida, ignorante de quem e o que ela já tinha sido e eles tinham vivido.

Talvez algumas das ideias dela saídas das religiões orientais estivessem corretas, mas de uma maneira que nenhum dos dois tivera como perceber antes. Talvez ela tivesse alcançado a completa iluminação em sua última existência, e então sua alma ou essência ou sabe-se lá o quê tivesse migrado para algum tipo de nirvana. E onde, então, nesse esquema, ficava a inocente menininha que morava em Westport? Será que aquela pessoa era só uma casca desprovida de espírito, um simulacro da verdadeira Pamela Phillips passando por esta vida de agora sem nenhum propósito? Talvez esse tal propósito pudesse ser comparado ao de um simples objeto de cena animado em uma peça ou filme, um robô sem alma. A força inimaginável que dera origem àqueles *replays* poderia estar usando a falsa Pamela unicamente para manter a ilusão de que o mundo continuava em seu caminho normal e original, com seu elenco de muitos bilhões de pessoas intacto.

Mas em proveito de quem? Quem era o público a ser enganado? Ele pensava ser o primeiro daquele tipo, e, até encontrar Pamela, o único a quem aquilo tinha acontecido; talvez, no entanto, ele fosse o último, ou estivesse entre os últimos a se dar conta daquela repetição sem fim. Pamela certa vez teorizara que aqueles anos continuariam a se repetir até que todos na Terra entendessem o que estava se passando. Será que, ao contrário, essa percepção não estaria acontecendo aos pouquinhos, um indivíduo de cada vez, em vez de uma súbita transformação planetária? E também, à medida que cada pessoa enxergava a verdade, será que ele ou ela teriam então começado a escalada para escapar da recorrência infinita daquilo que um dia se pensou ser a realidade?

Isso significaria que toda a história humana – o passado e o futuro – poderia não ser nada além de uma enganação, falsas memórias e falsos fatos implantados, esperanças vãs de um mundo por vir que nunca

chegaria. A criação da espécie humana, toda a sua cultura e tecnologia e os históricos preconcebidos e postos para funcionar por um poder invisível, tudo teria começado em 1963... E a expectativa de vida da humanidade neste mundo não se estenderia em tempo subjetivo para além de 1988, ou pouco mais que isso. Esse ciclo rítmico poderia na verdade abarcar a totalidade da experiência humana, e a conscientização sobre tal fato seria o grande marco que indicaria que um indivíduo atingira o zênite da iluminação.

E isso, por sua vez, indicaria que Jeff e todas as outras pessoas vinham, sem saber, revivendo e revivendo por sabe-se lá quantos éons – literalmente, desde o começo dos tempos; e este agora poderia ser seu ciclo final, assim como o anterior tinha sido o último de Pamela. O restante da população, então, existia somente em um estado de preconsciência, ou então como figuras mecânicas, automáticas, cujas almas e mentes reais tinham crescido para além daqueles corpos que ora se apresentavam, como estava acontecendo com Pamela agora. E não havia como saber quais das pessoas que ele ia encontrando neste mundo ainda estavam “adormecidas”, digamos, e quais já tinham partido para um nível superior de existência, deixando para trás criaturas com suas feições que ainda respiravam e viviam como parte do enorme palco chamado Terra.

Era coisa demais para assimilar de uma vez só. Mesmo presumindo que tudo isso fosse verdade, ele ainda tinha pelo menos os próximos vinte e cinco anos deste *replay* para se acostumar com tal ideia. No momento, ele só precisava começar a decidir como iria lidar com aqueles anos vindouros um dia de cada vez, já que tinha perdido a única companhia verdadeira que encontrara na vida.

Jeff saltou do trem na parada seguinte e andou pela rua Charles com suas floriculturas e cafeterias. O lamento anasalado de um cantor folk saía pela porta aberta do Turk’s Head, e uma placa do lado de fora do loft prometia uma *jug band* nos fins de semana. Na rua Chestnut, os sóbrios casarões, muitos deles convertidos em prédios de apartamentos, traziam uma fachada de serenidade urbana.

O que ele deveria fazer? Voltar para o córrego Montgomery e passar o resto da vida – talvez sua última vida – contemplando a incompreensibilidade do universo? Talvez devesse fazer uma última tentativa, que certamente resultaria fútil, de melhorar a humanidade; talvez reerguer a Future Inc. como uma fundação filantrópica e despejar todas aquelas centenas de milhões na Etiópia ou na Índia.

Subiu os degraus até seu apartamento no segundo piso com a mente tentando nadar contra uma corrente formada por mil pensamentos e opções improváveis que disputavam a frente. E se ele simplesmente desistisse e cometesse suicídio, o que aconteceria? Será que...

Uma ponta de um envelope amarelo saía por baixo da porta para o corredor. Ele pegou o telegrama de pronto e o abriu:

TENTEI LIGAR DIA TODO PT ONDE V ESTAVA PT VOLTEI  
VOLTEI VOLTEI PT VENHA RAPIDO PT AMO V PT

PAMELA

Já passava das onze da noite quando ele chegou à frente da casa em Westport. Tentou conseguir um voo do Logan até Bridgeport, mas não havia nenhum que partisse imediatamente. Ele decidiu que era mais rápido ir dirigindo, e então fez a curta viagem em tempo recorde.

O pai de Pamela atendeu a campainha e Jeff pôde ver logo de cara que aquela não seria uma tarefa fácil.

– Quero que você saiba que eu só estou permitindo esse encontro porque minha mulher insistiu – começou a dizer o homem sem delongas. – E mesmo ela só se viu nessa posição por causa das ameaças de Pam de fugir de casa se nós não a deixássemos falar com você.

– Eu sinto muitíssimo que isso tenha se tornado um inconveniente tão grande, senhor Phillips – disse Jeff com toda a sinceridade que pôde expressar. – Como eu disse ao senhor no ano passado, nunca tive intenção alguma de causar problemas para a sua família; tudo isso é só um grande e lamentável mal-entendido.

– O que quer que seja, vai ser uma vez só. Já conversei com meu advogado e ele diz que nós podemos até o fim da semana conseguir uma ordem judicial proibindo você de chegar perto dela. Isso quer dizer que você vai preso se se aproximar da minha filha até ela fazer dezoito anos. Então, seja lá o que você tem a dizer para ela, é melhor falar tudo esta noite. Estamos entendidos?

Jeff deu um suspiro, tentando espiar pela porta entreaberta.

– Será que eu poderia ver a Pamela agora, senhor? Não quero causar problema, mas é que eu esperei muito tempo para falar com ela.

– Venha para dentro. Ela está na sala. Vocês têm uma hora.

A mãe de Pamela tinha chorado muito e isso estava bem aparente; seus olhos estavam vermelhos e marcados por um ar de derrota. Sua filha de quinze anos, sentada ao lado no sofá, contrastava com ela pela compostura que apresentava, ainda que seu sorriso aberto parecesse dizer a Jeff que ela estava lutando para conter o alívio e o júbilo que finalmente sentia. Os rabos de cavalo não estavam mais lá; ela tinha penteado o cabelo de modo a deixá-lo parecido com o que usava quando adulta. Vestia uma blusa de *cashmere* e uma saia de lã bege, meias, sapatos de salto alto e maquiagem bem leve, aplicada de modo sensato. Entretanto, as mudanças nela desde a última vez que ele a vira iam muito além da aparência física. Pelos olhos alertas e cheios de sabedoria da moça, Jeff pôde reconhecer instantaneamente a mulher que ele amara e com a qual vivera por mais de uma década.

– Olá – ele disse, retribuindo o sorriso. – Gostaria de voar um pouco?

Ela deu uma risada gostosa e encorpada, cheia de uma ironia só conquistada com a maturidade e a sofisticação.

– Mãe, pai... – ela disse. – Este é o meu grande amigo Jeff Winston. Acho que vocês já se conhecem.

– Como é isso de você decidir, de repente, que conhece esse... sujeito, afinal de contas? – perguntou o pai. Jeff notou que ele também percebera a drástica mudança na voz e no comportamento de Pamela e estava enormemente contrariado com aquela inexplicável transição para uma mulher adulta de um dia para o outro.

– Acho que minha memória vinha tendo uns problemas desde o ano passado. Mas, olha, o senhor prometeu que eu e ele poderíamos passar uma hora juntos. Se importam se puder ser agora, por favor?

– Não tentem sair da casa – o pai dela ralhou, dirigindo-se a ambos. – Não pensem nem em sair desta sala.

A senhora Phillips relutantemente se levantou de seu lugar ao lado da filha.

– Seu pai e eu estaremos na sala de televisão se você precisar de nós, Pam.

– Obrigada, mãe. Está tudo bem, eu juro.

Os pais saíram da sala e Jeff então a tomou nos braços, abraçando-a tão forte quanto podia sem tirar todo o fôlego da moça.

– Meu Deus do céu... – disse baixinho no ouvido dela. – Onde você estava? O que aconteceu?

– Eu não sei – ela disse, afastando-se para olhar melhor para ele. – Eu morri na casa em Maiorca exatamente no momento esperado, no dia dezoito. Mas só comecei o *replay* hoje de manhã. Fiquei muito surpresa ao descobrir em que ano eu estava.

– Eu reapareci um pouco mais tarde também – Jeff disse –, mas só com três meses de diferença. Já estava esperando por você tinha mais de um ano.

Ela o tocou no rosto e fez um olhar de terna simpatia.

– Eu sei. Minha mãe e meu pai me disseram o que aconteceu no verão passado.

– Você não se lembrava, então? Quer dizer, é claro que não.

Ela balançou a cabeça com tristeza.

– Minhas únicas lembranças daqueles dias vêm da minha vida original e dos *replays* que vieram depois. Do meu ponto de vista, a última vez que eu te vi foi há doze dias, no cais em Puerto de Andraitx.

– A pintura que você me deu... – ele disse com um sorriso afável. – Era perfeita. Queria poder tê-la trazido comigo para esta vida.

– Tenho certeza de que trouxe – ela disse calmamente. – Trouxe do jeito mais importante.

Jeff assentiu e a abraçou de novo.

– Então... Como foi que você me achou em Boston?

– Liguei para os seus pais. Até parecia que eles sabiam quem eu era, pelo menos vagamente.

– Eu falei para eles que conhecia uma garota da escola que era de Connecticut, da primeira vez que vim aqui.

– Meu Deus, Jeff... Deve ter sido horrível quando você veio e eu não te reconheci.

– Foi mesmo. Mas, agora que você está de volta, eu de certa forma fico agradecido por ter tido um vislumbre de como você realmente era aos quatorze anos.

Ela sorriu.

– Aposto que eu pensei que você era uma graça, seja lá quem você fosse. Na verdade, acho estranho que eu não tenha mentido e dito para os meus pais que sabia muito bem quem você era.

– Eu liguei para você em março. Você disse que me achava “esquisito”... mas também sou meio que interessada.

– Ah, tenho certeza de que eu estava.

– Pam? – o pai chamou do corredor. – Está tudo bem aí?

– Tudo muito bem, problema nenhum – ela respondeu.

– Vocês têm mais quarenta e cinco minutos – ele a lembrou, e então voltou para o quarto mais ao fundo da casa.

– Olha, isso vai ser um problema, sim – Jeff disse com expressão preocupada. – Legalmente, você ainda é menor. Seu pai até falou em arrumar uma ordem judicial para me proibir de te ver.

– É, eu sei – ela disse com um tom de arrependimento. – Isso em parte foi culpa minha. Teve uma cena e tanto aqui em casa hoje de tarde, quando eu disse que estava esperando uma visita ou um telefonema seu. Eu não fazia ideia de que eles já tinham ouvido falar de você. Meu pai subiu pelas paredes quando eu mencionei seu nome, e aí eu também não reagi muito bem. Eles nunca tinham me ouvido usar linguagem pesada com essa idade que eu tenho hoje, exceto no meu segundo *replay*, quando eu fiquei rebelde. E é claro que eles não se lembram disso.

– Você acha que ele fala sério quanto a nos manter afastados um do outro? Com certeza, ele tem como dificultar bastante as coisas para nós, se quiser.

– Infelizmente, é isso mesmo o que ele vai fazer. Nós vamos passar por um aperto nesse sentido durante um tempo.

– Nós podíamos... fugir juntos, talvez.

Pamela deu uma risada seca.

– Não, eu já tentei ir por esse caminho antes, lembra? Não funcionou daquela vez e não tem como funcionar agora.

– Exceto pelo fato de que hoje eu tenho muito dinheiro e acesso a tudo mais que nós precisarmos. Não é o caso de ir viver na rua.

– Mas eu ainda sou menor, você não pode se esquecer disso. Você pode se encenar bem sério se nos pegarem.

Jeff fez um meio sorriso.

– Chave de cadeia... Eu meio que gosto dessa ideia...

– É, aposto que adora – ela provocou. – Mas não é piada, especialmente não nesta época. O “Verão do Amor” só vai acontecer daqui a três anos; em 1964, eles levam esse tipo de coisa muito, muito a sério.

– É, você tem razão – ele concordou, desanimado. – Mas, então, que diabo a gente vai fazer?

– Nós só vamos ter de esperar mais um pouco. Eu faço dezesseis daqui a uns meses; quando isso acontecer, talvez eles nos deixem pelo menos namorar, se eu jogar uma boa conversa neles e fizer o papel da menina comportada por enquanto.

– Mas, meu Deus... Eu já esperei um ano e meio para estar com você.

– Eu não sei o que mais a gente pode fazer – ela disse, com pena. – Eu não gosto desta situação tanto quanto você, mas acho que a gente não tem outra escolha no momento.

– Não – ele admitiu. – Não temos.

– O que você vai fazer nesse meio-tempo?

– Acho que vou voltar para Boston. É uma cidade boa, não é longe daqui e eu já estou mais ou menos bem acomodado por lá. Provavelmente, vou trabalhando no nosso pé-de-meia enquanto isso, que é para nós não

precisarmos nos preocupar com dinheiro quando finalmente estivermos juntos. Será que eu posso pelo menos te ligar ou escrever pra você?

– Aqui não vai dar, acho que não, pelo menos por ora. Eu vou arrumar uma caixa postal para que a gente possa se corresponder, e vou te ligar sempre que eu puder. Mas não de dentro da casa, claro. Sempre depois da escola.

– Jesus! Você realmente vai voltar para a escola?

– Eu tenho de voltar – ela fez um gesto de desânimo. – Dá para ir levando. Já fiz isso tantas vezes antes que eu acho que sei as respostas de todas as provas.

– Eu vou sentir muita saudade... Você sabe disso.

Ela o beijou, demorada e apaixonadamente.

– Eu também vou, meu amor. Com certeza, eu também vou. Mas nós vamos fazer a espera valer a pena.

## Catorze

Pamela arrumou a borla de seu capelo, varreu com os olhos o auditório lotado e avistou Jeff sentado ao lado dos pais dela. A mãe resplandecia de orgulho. Pamela olhou bem nos olhos do namorado, deu uma piscadela e recebeu de volta um sorriso irônico. Afinal, estavam ambos muito cientes da ironia cômica daquela cerimônia: ela, uma mulher que já tinha sido médica, artista de sucesso e celebrada produtora de filmes, estava enfim recebendo seu diploma de ensino médio, pela terceira vez.

Aquilo exigira dela uma tenacidade considerável, e ela estava feliz de ver que Jeff reconhecia aqueles três anos como difíceis e tediosos para ela. Ele próprio já tivera a experiência de reingressar no mundo acadêmico ao cursar novamente a faculdade em seu segundo *replay*. Mas ter de repetir o colégio esse tanto de vezes representava um subcírculo muito particular do inferno.

A perseverança dela tinha valido a pena, como ela bem sabia que valeria. Sua família ficara mais tolerante quando ela fez dezesseis anos e se

mostrou uma aluna nota dez, que não mostrava interesse em ficar saindo com garotos supostamente de sua idade, e ela assim ganhou permissão para ver Jeff duas noites por semana. Ele arrumou um apartamento em Bridgeport que eles podiam usar nos fins de semana e era escrupulosamente pontual quanto a devolvê-la à casa dos pais à meia-noite às sextas e aos sábados. Até onde o pai e a mãe da moça sabiam, o jovem casal via muitos e muitos filmes; se houvesse qualquer pergunta a respeito, ambos podiam com facilidade recitar de cor as tramas de filmes como *Morgan!*, *Georgy, a feiticeira* e *O homem que não vendeu sua alma*, tendo visto todos pelo menos duas vezes nos anos anteriores.

O combinado entre eles ficou até mais divertido, de certa forma estranha, quando a pressão parental começou a diminuir. Havia uma deliciosa tensão erótica nascida daquela limitação no tempo que eles passavam juntos e da natureza furtiva da paixão dos dois. Eles se amavam usando seus corpos jovens como se nunca tivessem sido íntimos, como se nunca tivessem dado todo aquele prazer libidinoso um ao outro – ou recebido de ninguém antes.

Se é que os pais dela suspeitavam de qualquer coisa sexual entre os dois – e é óbvio que teriam de suspeitar, àquela altura –, tinham se mantido admiravelmente calados a respeito. Sua cuidadosa tolerância inicial a Jeff tinha dado lugar à aceitação, e então aprovação, e, no final, até mesmo uma simpatia declarada. A diferença de quatro anos, que antes parecia tão perturbadora aos olhos dos pais quando ele tinha dezoito e ela catorze, tinha se tornado uma ligeira discrepância bastante aceitável quando eles fizeram vinte e dois e dezoito, respectivamente. Além disso, naquela era de LSD à vontade e inconformidade manifestada por meio de promiscuidade, os pais dela ficaram muito aliviados com o fato de ela estar em um relacionamento estável com um rapaz tão asseado, educado e próspero.

O último diploma foi entregue, e então os jovens formandos que a cercavam correram do palco fazendo muito alarde. Pamela seguiu calmamente até onde Jeff esperava com os pais dela.

– Ah, Pam!... – disse a mãe. – Você estava tão linda lá em cima! Todo mundo empalideceu comparado a você!

– Parabéns, minha querida – disse o pai ao abraçá-la.

– Eu tenho de entregar o chapéu e a roupa – Pamela disse a Jeff. – Depois a gente pode ir.

– Ah, mas vocês precisam mesmo ir embora tão rápido? – a mãe perguntou desapontada. – Podiam ficar para o jantar e então sair bem cedinho amanhã de manhã.

– A família de Jeff está nos esperando no começo da noite de quinta, mãe. Nós precisamos mesmo chegar pelo menos até Washington hoje mesmo – disse, entregando a Jeff o diploma enrolado. – Pegue, segure pra mim, por favor. Já volto.

No vestiário feminino, ela tirou a bata preta de algodão e vestiu uma saia azul com uma blusinha branca. Algumas das outras garotas a parabenizaram timidamente e ela retribuiu, ainda que sempre tivesse sido sutilmente excluída da costumeira camaradagem compartilhada pelas outras, das animadas conversas sobre namoradinhos, planos para o verão e as muitas faculdades para onde elas iriam no outono. Aquelas garotas tinham sido suas amigas lá em sua primeira vida original; naquela época, ela também participava das conversinhas bobas e dos desajeitados primeiros passos rumo à vida adulta. Mas agora, assim como da vez em que ela repetira seus anos de ensino médio no começo do primeiro *replay*, havia se formado um fosso entre elas que as outras meninas de alguma maneira conseguiam perceber, ainda que fossem incapazes de entender o que se passava. Pamela manteve distância delas e ignorou os aspectos sociais da adolescência; fez apenas o que era esperado dela para cumprir a promessa a seus pais de que terminaria a escola antes de sair de casa para ir viver com Jeff. Aquele dia afinal tinha chegado, e ela esperava que o desconforto gerado por sua partida iminente pudesse ser reduzido a um mínimo.

Ela terminou de se trocar e voltou ao auditório, que ao poucos se esvaziava, para se encontrar com os pais e com o homem com o qual passaria o resto daquela vida.

– Então... – o pai dela dizia a Jeff. – Você acha que eu deveria mesmo guardar aquelas moedas, não acha?

– Sim, senhor – Jeff respondeu. – Como investimento de longo prazo, com toda certeza. Eu diria que, daqui a dez ou doze anos, o senhor terá um bom retorno com elas.

A pergunta do pai tinha sido feita unicamente para aliviar a tensão que se formava; Pamela reconhecia isso e se sentia grata. E a conversa também reafirmava o fato de que seu pai tinha começado a respeitar Jeff pessoalmente como um investidor astuto e criativo, e que ele sabia que sua filha estaria em boas mãos. O próprio Jeff tinha comprado muitos milhares de dólares em moedas de dez e de vinte e cinco centavos que tinham um teor de 90% de prata e já estavam sendo recolhidas para desaparecer por completo em breve, recomendando ao pai de Pamela que fizesse o mesmo. Era um investimento lógico e de caráter conservador que não iria causar nenhum susto naquele senhor por não se valorizar vertiginosamente de uma hora para a outra. Também não traria desconfianças quanto a ele próprio, como se fosse alguma aposta arriscada e obscura. Mas com certeza traria um bom retorno na hora certa – mais especificamente, em janeiro de 1980, quando as maquinações secretas e ilegais dos irmãos Hunt no mercado de prata jogariam o preço do metal precioso para cinquenta dólares a onça. Jeff assegurou Pamela de que entraria em contato com o pai dela na época certa e se certificaria de que ele vendesse as moedas antes da desastrosa queda que se seguiria.

– Você vai ficar em Orlando muito tempo, querida? – a mãe perguntou a ela.

– Só uns dias – respondeu Pamela. – Depois a gente vai de carro até as Keys e talvez alugue um barco por uma semana ou duas.

– E vocês já decidiram para onde vão... depois do verão?

Aquela questão ainda era delicada para todos. Mesmo que os pais dela soubessem que nada de material faltaria para Pamela e Jeff, eles lamentavam muito a recusa dela em ir para a faculdade.

– Não, mãe. Talvez a gente arrume um lugar em Nova York. Não temos certeza.

– Ainda dá tempo de se matricular na universidade de lá, hein? Você sabe que eles te garantiram uma vaga automática com base no seu

histórico.

– Eu vou pensar nisso. Já está tudo no carro, Jeff?

– Tudo arrumado, tem combustível, pronto para ir.

Pamela deu um abraço no pai e na mãe e não conseguiu segurar as lágrimas que lhe vieram aos olhos. Eles só queriam o melhor para ela e não sabiam que toda a dedicada orientação e a disciplina que eles se dispuseram a dar não eram mais necessárias havia tempos; ela não tinha como culpá-los por isso. Mas agora, até que enfim, ela e Jeff estavam livres de verdade para ser quem eles eram, para vencer naquele mundo já tão familiar como os adultos independentes que eles sempre tinham sido sob a enganosa fachada de juventude. Era um dia auspicioso, depois de tudo o que eles já tinham passado.

Ela saiu da água com um gesto gracioso, subiu pela escadinha na popa e pegou a toalha que Jeff jogou enquanto ela entrava no barco.

– Vai uma cerveja? – ele perguntou, pondo a mão dentro do *cooler*.

– Eu quero – disse Pamela, enrolando a grande toalha azul em torno do corpo nu e agitando vigorosamente o cabelo.

Jeff abriu duas garrafas de Dos Equis, entregou uma a ela e se recostou na cadeira de lona no deque.

– Bom mergulho, hein? – ele disse sorrindo.

– Mm-hm – ela concordou alegremente, apertando a garrafa gelada contra o rosto. – Essa água é quase como uma banheira.

– Corrente do Golfo. É uma corrente quente que percorre todo o Atlântico saindo daqui. Nós estamos bem em cima da fonte de calor que impede que a Europa tenha mais uma era do gelo.

Pamela ergueu o rosto na direção do sol, fechou os olhos e aspirou profundamente o ar fresco e salgado. Um barulhinho súbito a tirou de sua contemplação, e ela se virou para ver a grande garça-branca que pairava com elegância sobre o barco, com suas longas pernas e seu bico comprido estendidos em uma simetria aerodinâmica, enquanto ela mergulhava em direção à praia sem nome na qual eles haviam ancorado aquela manhã.

– Meu Deus... – ela suspirou. – Eu nunca mais quero sair deste lugar.

Jeff sorriu e ergueu sua garrafa de Dos Equis em um brinde silencioso expressando concordância.

Pamela andou até a lateral do barco, apoiou-se na grade e olhou bem para a água borbulhante, entre azul e verde, de onde tinha saído. Ao longe, a oeste, a maré tranquila era perturbada apenas por um grupo de golfinhos que passava. Ela ficou assistindo por vários minutos e então se virou para Jeff.

– Tem um assunto que a gente vem evitando – ela disse. – Uma coisa que a gente precisava discutir e não discutiu.

– O que é?

– Por que eu levei tanto tempo para começar meu *replay* desta vez? Por que eu perdi um ano e meio? Nós já estamos ignorando isso há tempo demais.

Era verdade. Eles nunca tinham conversado a respeito daquele problemático desvio do padrão cíclico que já era tão familiar a ambos. Jeff apenas se sentia incrivelmente grato por tê-la de volta, e ela própria tinha deixado suas preocupações em banho-maria enquanto se concentrava na laboriosa tarefa de terminar a escola e na delicada diplomacia de convencer seus pais a aceitarem a necessidade dela de estar com Jeff.

– E por que lembrar disso agora? – ele perguntou, franzindo a testa curtida pelo sol.

Ela deu de ombros.

– Porque a gente tinha de lembrar disso uma hora ou outra mesmo.

Ele a olhou bem nos olhos, implorando.

– Mas nós não precisamos nos preocupar com isso pelos próximos vinte anos. Será que a gente não poderia apenas curtir a companhia um do outro até lá? Aproveitar o tempo presente?

– A gente nunca poderia ignorar esse assunto, Jeff – ela disse gentilmente. – Não por completo. Você sabe disso.

– E o que te faz pensar que, desta vez, nós iríamos entender a razão pela qual isso aconteceu? Nós não conseguimos decifrar até hoje por que acontecem esses *replays*... Achei que já tínhamos encerrado essa parte.

– Bom, eu não estou necessariamente me perguntando por que isso aconteceu, ou como; mas venho pensando nisso e comecei a achar que pode ser parte de um padrão maior, que não seria uma aberração acontecida só desta vez.

– E como seria isso? Eu sei que eu também voltei três meses depois do esperado desta vez, mas isso nunca tinha acontecido com nenhum de nós dois.

– Não sei bem... Nunca antes tinha tido essa dimensão, com certeza, mas é que sempre houve certo... desvio que veio aumentando nos *replays*, quase desde o começo. Agora ele simplesmente começou a aumentar.

– Um desvio?

Ela fez que sim.

– Pensa bem. No começo do seu segundo *replay*, você não estava no seu quarto no alojamento. Estava no cinema com a Judy.

– Bom, ainda era o mesmo dia.

– Era, mas... umas oito ou nove horas depois? E da primeira vez que eu voltei, foi bem no comecinho da tarde, mas, na vez seguinte, foi no meio da noite. Eu diria que umas doze horas depois.

Jeff ficou pensativo.

– Na terceira vez... Na última vez em que eu tive um *replay* antes desta, quando eu estava no carro do Martin com a Judy...

– O que aconteceu? – ela incitou.

– Eu só presumi que fosse aquela mesma noite, que a gente estava indo para casa depois de ver *Os pássaros*. Fiquei tão abalado com a perda da minha filha Gretchen que nem estava prestando muita atenção a coisa nenhuma em volta. Só fiquei bêbado e me mantive assim por uns dias. Mas é verdade que o Kentucky Derby pareceu bem mais próximo daquela vez. Eu pedi para o Frank Maddock entrar com a aposta justo no dia anterior à corrida. Mesmo deprimido como eu estava, ainda me lembro de ter ficado aliviado de, pelo menos, não ter deixado passar aquela oportunidade. Pensei que eu tinha perdido a noção do tempo por causa da bebedeira, mas eu posso mesmo ter começado o *replay* mais tarde, talvez

uns dois ou três dias depois. Talvez eu estivesse voltando para casa com a Judy em uma noite completamente diferente.

Pamela assentiu.

– Eu também não estava prestando muita atenção ao calendário daquela vez – ela disse. – Mas eu me lembro bem de que meus pais estavam em casa quando eu comecei o *replay* naquela manhã, então devia ser um fim de semana. Mas o anterior tinha começado em uma terça-feira, o último dia de abril. Então o desvio foi de provavelmente uns quatro, ou talvez cinco dias.

– Como é que isso poderia mudar assim de um intervalo de alguns dias... para meses? Ou um ano, no seu caso?

– Talvez seja uma progressão geométrica. Se nós soubéssemos com exatidão quais foram as diferenças de tempo entre os nossos *replays*, talvez pudéssemos entender as coisas e quem sabe até projetar o desvio... que vai acontecer... da próxima vez.

Pensar na morte e em outra separação, talvez até mais longa, criou um abismo de silêncio entre os dois. As garças na praia remota além do quebramar cambaleavam para a frente e para trás, solitárias e despreocupadas em suas pernas delgadas. O grupo de golfinhos a oeste tinha ido embora, deixando o mar novamente calmo.

– Agora é tarde demais para pensar nisso, não é não? – disse Jeff. Era mais uma afirmação do que uma pergunta. – Nós nunca vamos conseguir reconstruir essas divergências com exatidão. Nenhum de nós dois estava prestando atenção nenhuma quando elas aconteceram.

– Não tínhamos razão para fazer isso. Tudo era novo, e o tal desvio era muito pequeno. Nós dois estávamos com coisas demais na cabeça.

– Então não faz sentido especular. Se é que há uma progressão geométrica e ela aumentou de horas para dias e depois para meses, então qualquer estimativa grosseira que nós conseguirmos calcular pode estar errada por questão de anos.

Pamela olhou fixamente para ele por um bom tempo.

– Talvez outra pessoa estivesse prestando mais atenção a esse desvio.

– O que você quer dizer com “outra pessoa”?

– Bom, eu e você nos descobrimos quase que por acidente, porque aconteceu de você reconhecer o *Starsea* como uma coisa inédita, e depois você encontrou um jeito de marcar o encontro comigo. Mas pode ser que haja outros vivendo *replays*, talvez até muita gente. Nós nunca nos preocupamos de verdade em procurá-los.

– O que te leva a pensar que eles existem?

– Eu não tenho certeza nenhuma, mas também, pensa bem, eu nunca esperava encontrar você. Se há pelo menos dois de nós, então pode facilmente haver mais.

– Você não acha que a gente já teria ouvido falar deles a esta altura?

– Não necessariamente. Meus filmes foram muito bem divulgados, e a sua interferência no assassinato de Kennedy lá na primeira vez causou uma perturbação bastante óbvia. Fora isso, no entanto, quanto de impacto notável nós tivemos na sociedade? Mesmo a existência da sua empresa, a Future, não deve ter sido tão percebida fora da comunidade financeira. Da minha parte, eu bem sei que nem fiquei sabendo que ela existia, enquanto estava ocupada fazendo Medicina e, depois, no meu trabalho no hospital infantil em Chicago. Pode ser que tenha havido todo tipo de outras mudanças pequenas, feitas por outras pessoas, que a gente simplesmente não percebeu.

Jeff pensou naquilo por um momento.

– Eu pensava nisso com frequência, pra dizer a verdade. Só que estava envolvido demais nas minhas próprias experiências para tomar qualquer atitude. Até que eu vi o *Starsea* e encontrei você.

– Talvez seja a hora de nós fazermos algo a respeito. Alguma coisa mais simples e direta do que eu estava tentando fazer quando você me conheceu. Se é que existem outros como nós por aí, nós todos poderíamos aprender muita coisa. Teríamos muito a compartilhar uns com os outros.

– É verdade – Jeff disse, sorrindo. – Mas, neste momento, a única pessoa com quem eu quero compartilhar alguma coisa é você. Nós já esperamos tempo demais para ficarmos juntos assim de novo.

– Tempo demais mesmo – ela respondeu com um sorriso, desfazendo o nó da toalha azul e deixando-a cair no deque de madeira banhado pelo sol.

Colocaram o pequeno anúncio em diversos jornais: *New York Times*, *Post* e *Daily News*; *Los Angeles Times* e *Herald-Examiner*; também *Le Monde*, *L'Express* e *Paris-Match*; *Asahi Shimbun* e *Yomiuri Shimbun*; *London Times*, *Evening Standard* e *Sun*; *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil*. Levando em conta ainda suas áreas de interesse específico em outros *replays*, o anúncio também começou a aparecer regularmente em outros veículos: *Journal of the American Medical Association*, *Lancet* e *Le Concours Médical*; *Wall Street Journal*, *Financial Times* e *Le Nouvel Economiste*; *Daily Variety* e *Cahiers du Cinéma*; *Playboy*, *Penthouse*, *Mayfair* e *Lui*.

Ao todo, mais de duzentos jornais e revistas no mundo inteiro trouxeram o anúncio, à primeira vista inócuo, que poderia ser visto como completamente sem sentido pela grande maioria das pessoas, exceto por aquelas poucas às quais ele apelava, se é que elas existiam:

Você se lembra de Watergate? De Lady Di? Do desastre da Challenger? Do Aiatolá? De *Rocky* e *Flashdance*?

Se a resposta é sim, você não está sozinho. Entre em contato com a caixa postal 1988 em Nova York. NY 10001

– E aqui tem mais um com uma nota de um dólar dentro – Jeff disse, jogando o envelope de lado. – Por que diabos tanta gente acha que nós estamos vendendo alguma coisa?

Pamela deu de ombros.

– A maioria acha.

– Ainda piores são os que acham que é algum tipo de concurso. Isso pode inclusive virar um problema, sabe?

– Como?

– Com as autoridades postais, a não ser que a gente tome cuidado. Nós vamos ter de criar alguma carta-padrão explicando que o anúncio não é nenhum tipo de proposta de compra e mandar para todas essas pessoas. Especialmente para aquelas que enviaram dinheiro. Temos de ter certeza de que todo ele será devolvido para não termos nenhuma reclamação.

– Mas nós não estamos oferecendo nada – Pamela protestou.

– Mesmo assim. Você gostaria de explicar para um inspetor dos Correios de 1967 o que significa “Watergate”?

– É, acho que você tem razão.

Ela abriu outro envelope, deu uma olhada geral na carta e começou a rir.

– Ouve só este aqui – disse. – “Por favor, mande mais informações a respeito do seu curso de treinamento de memória. Eu não me lembro de nada do que é mencionado no anúncio.”

Jeff riu junto, feliz de ver que ela ainda achava coisas como aquela engraçadas. Ele sabia quanto a busca significava para ela; o desvio temporal no começo de cada *replay* dela parecia ser muito maior que o dele. Se a anomalia estivesse seguindo uma curva que já tinha transformado quatro ou cinco dias em dezoito meses em apenas uma iteração, então a duração da próxima vida de Pamela poderia ser severamente truncada. Eles nunca discutiram o assunto, mas ambos estavam cientes da possibilidade de que ela poderia nem mesmo voltar uma próxima vez.

Nos últimos quatro meses, eles haviam recebido centenas de respostas ao anúncio, a maioria pensando que aquilo era algum concurso ou que eles estavam vendendo alguma coisa, de assinaturas de revistas a lembranças dos rosa-cruzes. Uma ou outra carta era tentadoramente ambígua, mas as investigações subsequentes sempre comprovavam que era furada. A mais promissora – e enlouquecedora – delas tinha sido uma mensagem de uma linha postada de Sydney, Austrália, sem assinatura nem endereço para resposta: “Ainda não”, estava escrito, “mas espere”.

Jeff começou a se desesperar com aquela coisa toda. No começo, fazia sentido a tentativa, e ele sentia que eles haviam feito o melhor possível, mas os resultados não tinham sido os que ele esperava. Talvez não houvesse nenhuma outra pessoa passando por *replays* no resto do mundo, ou então, se elas existissem, tinham preferido não responder. Mais do que nunca, Jeff agora pensava que ele e Pamela estavam sozinhos naquele barco e assim permaneceriam.

Ele abriu outro envelope da pilha que chegara naquele dia, pronto para jogá-lo de lado junto às outras respostas inúteis e confusas. Mas a primeira

linha o fez parar, e ele então leu o resto da curta carta com espanto.

Prezado desconhecido,

Você se esqueceu de mencionar o incidente de Chappaquiddick. Já está para acontecer de novo. E quanto ao caso Tylenol, ou os soviéticos derrubando o 747 coreano? Todo mundo se lembra disso. Quando você quiser conversar, venha até aqui. Podemos relembrar os velhos tempos que ainda estão por vir.

Stuart McCowan  
Rua Strathmore, 382  
Crossfield, Wisconsin

Jeff ficou encarando a assinatura e conferiu o endereço com o da postagem. Eles batiam.

– Pamela... – ele disse com calma.

– Hmm? – ela respondeu, olhando por cima do envelope que estava prestes a abrir. – Outro engraçado?

Jeff olhou para aquele rosto tão bonito e sorridente que ele viera a conhecer e amar de forma tão estranhamente descontínua: primeiro na maturidade, e agora jovem. Sentiu um ligeiro mau pressentimento, como se a proximidade de que eles desfrutavam estivesse para ser violada; a característica única que dividiam poderia ser abalada por um estranho. Eles afinal tinham achado o que procuravam, mas agora ele já não tinha certeza nenhuma de que deviam ter começado aquela busca.

– Leia isto – ele disse, entregando a ela a carta.

Começou a nevar suavemente e o céu estava da cor de chumbo quando eles chegaram de carro a Crossfield, que ficava a quase sessenta quilômetros ao sul de Madison. No banco do passageiro do comprido Plymouth Fury, Pamela destruía nervosa um lenço de papel,

transformando-o em tirinhas e embolando-as uma a uma para colocar no cinzeiro do painel. Jeff não a via manifestar sua tensão daquela forma desde a noite no restaurante em Malibu quando eles se conheceram, dezenove anos antes e cinco anos no futuro.

– Você acha mesmo que vai ser só essa pessoa e mais nenhuma? – ela perguntou, olhando lá fora os esqueletos secos de bétulas que acompanhavam as ruas da cidadezinha.

– Provavelmente é só ele mesmo – Jeff disse, tentando enxergar pela neve as placas em preto e cinza. – Eu não acho que aquela referência que ele fez, falando que “todo mundo” se lembra das mortes pelo Tylenol e do avião coreano, era a sério. Tenho certeza de que ele estava se referindo às pessoas em geral, mas só depois de os eventos acontecerem, não a um grupo de reviventes que ele tenha reunido ou coisa assim.

Pamela terminou de destruir o lenço de papel e puxou outro.

– Eu não sei se fico torcendo para que isso seja verdade ou para que seja o contrário – ela disse, em tom de perplexidade. – De certo modo, seria um alívio enorme saber que existe uma rede inteira de pessoas que entendem isso pelo qual a gente vem passando. Mas eu não sei se estou preparada para... sabe, lidar com essa dor, que já nos é tão familiar, acumulada em grande quantidade. Ou mesmo para ficar sabendo de todas as coisas que eles já aprenderam a respeito dos *replays*.

– Eu achei que era esse o objetivo.

– É que é um pouco assustador, só isso, agora que nós estamos tão perto disso tudo. Eu queria que esse Stuart McCowan estivesse na lista telefônica. Eu me sentiria muito mais à vontade se a gente pudesse ligar para ele e ter uma ideia melhor de quem ele é, mais do que soubemos só por aquele bilhetinho. Detesto ter de chegar desavisada assim.

– Ah, eu tenho certeza de que ele está nos esperando. Obviamente, nós não iríamos recusar o convite depois de todo o esforço que fizemos para encontrá-lo.

– Ali é a Strathmore – disse Pamela, apontando para uma rua que começava em um morro à esquerda. Jeff já tinha passado pelo cruzamento, então voltou pelo meio da pista mesmo e virou na larga e deserta rua.

O número 382 pertencia a uma casa isolada de três andares, em estilo vitoriano, do outro lado do morro. Era uma propriedade até bem espaçosa e com um terreno bem cuidado atrás dos muros toscos. Pamela começou a rasgar outro lenço à medida que eles se aproximavam do imponente portão, mas Jeff a interrompeu pondo a mão por cima da dela e lhe dirigiu um sorriso encorajador.

Pararam sob o pórtico, gratos por terem algum abrigo da nevasca que se intensificava. A frente da porta trazia uma maçaneta ornamentada de bronze, mas Jeff encontrou ao lado uma campainha e preferiu tocá-la.

Uma mulher corpulenta, usando um seriíssimo vestido marrom adornado com um peitilho branco, atendeu à porta.

– Pois não? – ela perguntou.

– O senhor McCowan está, por gentileza?

A mulher franziu a testa sobre os pequenos óculos bifocais.

– O senhor... quem?

– McCowan. Stuart McCowan. Ele não mora aqui?

– Oh, Deus, o Stuart. É claro. Vocês têm hora marcada?

– Não, mas eu acredito que ele está nos esperando. Se a senhora, por favor, apenas disser a ele que são os amigos de Nova York, tenho certeza de que...

– Amigos? – e a testa franziu ainda mais. – Vocês são amigos do Stuart?

– Sim, de Nova York.

A mulher pareceu se exaltar um pouco.

– Acredito que... Por que vocês não saem desse frio? Venham aqui para dentro e se sentem por um minuto. Eu já volto.

Jeff e Pamela se sentaram juntos em um sofá muito estufado e de encosto alto, no embolorado *hall* de entrada, enquanto a mulher desapareceu por um corredor adentro.

– Tem mais de um, eu sabia! – Pamela sussurrou. – Parece que ele nem mesmo é o dono da casa. A governanta só o conhece pelo primeiro nome. É algum tipo de comuna ou então...

Um homem alto de cabelos grisalhos em um terno de *tweed* veio do corredor, com a volumosa mulher de óculos logo atrás dele.

– Vocês alegam serem amigos de Stuart McCowan? – ele perguntou.

– Nós... hã... nos correspondemos com ele – Jeff disse, ficando de pé.

– E quem iniciou essa correspondência?

– Veja, senhor, estamos aqui por um convite expresso do senhor McCowan. Viemos lá de Nova York apenas para vê-lo, então, se o senhor, por favor, puder avisá-lo de que...

– E qual a natureza dessa correspondência com Stuart?

– Sinto muito, mas acredito que não é um assunto para tratar com o senhor. Por que o senhor mesmo não pergunta a ele?

– Tudo o que diz respeito a Stuart é assunto meu. Ele está sob minha guarda.

Jeff e Pamela se entreolharam rapidamente.

– O que o senhor quer dizer com “sob sua guarda”? O senhor é médico? Ele está doente?

– Seriamente doente. E por que vocês estão interessados nele? São jornalistas? Eu não vou tolerar nenhum tipo de invasão da privacidade do meu paciente. Se vocês são de algum jornal ou revista, sugiro que saiam agora.

– Não, nós não somos jornalistas – disse Jeff, entregando ao homem um cartão de visita que o identificava como consultor de investimentos, e em seguida apresentou Pamela como sua sócia.

A tensão no rosto do homem arrefeceu e ele deu um sorriso de desculpa.

– Sinto muitíssimo, senhor Winston. Se eu soubesse que era um assunto de negócios... Eu sou o doutor Joel Pfeiffer. Por favor, compreenda que só estamos tentando proteger os interesses de Stuart. Esta é uma instituição muito exclusiva, que prima pela discrição, e qualquer...

– Então, aqui não é a casa de Stuart McCowan? É alguma espécie de hospital?

– É um centro de tratamento, sim.

– É algo com o coração dele? O senhor é cardiologista?

O médico estranhou.

– Vocês não conhecem o histórico dele?

– Não, não conheço. Nosso contato envolve apenas... negócios. Assuntos de investimentos.

Pfeiffer assentiu compreensivamente.

– Bem, à parte seus outros problemas, Stuart tem um excelente tino para o mercado financeiro. Eu sempre encorajo seu envolvimento nessa área. É claro que toda a renda dele vai hoje para uma fundação, mas talvez, algum dia, se ele continuar a progredir...

– Doutor Pfeiffer, o senhor está dizendo que... aqui é um hospital psiquiátrico?

– Não um hospital, mas, sim, é uma instituição psiquiátrica privada.

“Meu Deus”, pensou Jeff. Então era isso: McCowan falou além da conta com as pessoas erradas em algum momento e elas o internaram. Jeff olhou para Pamela e percebeu que ela também tinha imediatamente entendido o mesmo. Ambos sabiam bem que qualquer confissão sincera demais das experiências por que tinham passado poderia levar um estranho a pensar que eles eram loucos. Ali estava uma prova viva daquele perigo.

O médico, por sua vez, entendeu errado os olhares entre eles.

– Espero que vocês não deixem que esse problema de Stuart interfira em suas transações – ele disse, preocupado. – Asseguro a vocês que a capacidade de julgamento dele com relação a finanças continua impecável mesmo com tudo o que ele vem passando.

– Não, isso não será problema – Jeff disse. – Nós compreendemos que deve ter sido... difícil para ele, mas estamos cientes de que ele vem gerenciando seus negócios de forma bastante salutar.

A mentira pareceu amenizar a preocupação do doutor Pfeiffer. Jeff teve o palpite de que a fundação de McCowan sustentava os custos operacionais daquele lugar, talvez fosse até mesmo responsável por sua existência.

– Será que poderíamos vê-lo agora? – perguntou Pamela. – Se soubéssemos dessas circunstâncias de antemão, naturalmente nós teríamos marcado um horário com o senhor, mas, considerando que já viemos essa distância toda até aqui...

– Mas é claro – o doutor Pfeiffer assegurou. – Não temos horas especificadas para visitas aqui. Vocês podem vê-lo agora mesmo – e então virou-se para a mulher de cabelos cinzentos atrás dele. – Marie, você poderia pedir para trazerem o Stuart até a sala, por favor?

Uma jovem muito bonitinha em um vestido amarelo de renda estava sentada à beira da janela na sala para onde o doutor Pfeiffer os levou. Olhava a neve cair, mas se virou surpresa quando eles entraram.

– Olá – disse a moça. – Vocês vieram me ver?

– Não, eles estão aqui para ver Stuart, Melinda – o médico respondeu gentilmente.

– Ah, está bem – ela disse um com um grande sorriso. – Vem alguém me visitar na quarta, não vem?

– Sim, sua irmã virá na quarta.

– Eu posso trazer chá e bolo para os convidados do Stuart, então?

– Se eles quiserem, claro que pode.

Melinda desceu de seu posto de observação com aquele fundo todo branco por trás.

– Vocês aceitam chá e bolo? – perguntou educadamente.

– Sim, nós gostaríamos muito – disse Pamela. – Seria muito agradável.

– Eu já vou buscar. O chá está na cozinha e o bolo está no meu quarto. Minha mãe que fez. Vocês esperam um pouquinho?

– Claro, Melinda. Vamos ficar bem aqui.

Ela saiu por uma porta lateral e em seguida subiu correndo a escada. Jeff e Pamela analisaram bem a sala onde estavam: cadeiras de couro confortáveis arrumadas em um semicírculo em torno de uma lareira de tijolos, dentro da qual duas toras ardiavam em chamas; um papel de parede de um azul apagado, pontilhado por um padrão muito sutil de flores-de-lis; um abajur da Tiffany estava no canto oposto, sobre uma mesa de mogno onde um quebra-cabeça de uma borboleta-monarca estava montado pela metade. Uma luxuosa cortina azul-escura se abria, revelando a vista com um morro nevado adiante.

– É um lugar bem bonito – disse Jeff. – Nem parece...

– Nem parece ser o que realmente é, não é mesmo? – o médico sorriu.

– Nós tentamos manter um ambiente tão normal e prazeroso quanto possível. Não há grades nas janelas, como vocês podem ver, e nenhum dos funcionários usa uniforme. Eu acredito que essa atmosfera ajuda na recuperação e torna a transição para a vida normal bem mais tranquila quando o paciente já está pronto para ir pra casa.

– E quanto ao Stuart? O senhor acha que ele logo vai estar pronto para ir embora?

Pfeiffer apertou os lábios e olhou pela janela a neve que teimava em cair.

– Ele já fez muito progresso desde que foi transferido para cá. Eu tenho muita fé na recuperação do Stuart. Existem complicações, é claro, e mesmo obstáculos legais que devem...

Foram então interrompidos pela entrada na sala de um homem franzino e de aparência adoentada, seguido por um jovem musculoso trajando jeans e uma blusa de lã cinza. O homem pálido usava uma calça social azul, sapatos italianos lustrosos e uma camisa branca de botões. Seu cabelo já começava a recuar na frente e a falhar no alto.

– Stuart – o médico disse animado –, você tem visitantes inesperados. Parceiros de negócios, creio eu, vindos de Nova York. Jeff Winston e Pamela Phillips, apresento-lhes Stuart McCowan.

O homem com o cabelo prematuramente ralo sorriu de maneira cortês e estendeu a mão.

– Até que enfim – disse, cumprimentando primeiro Jeff e depois Pamela. – Esperei muito tempo por este momento.

– Sei bem como você se sente – Jeff respondeu com serenidade.

– Bem... – emendou o doutor Pfeiffer. – Vou deixá-los fazer a sua reunião. Mas temo que o Mike, aqui, tenha de permanecer por perto. É uma medida que nos é imposta pela lei. Não posso fazer nada quanto a isso. Mas ele não vai interferir. Vocês terão tanta privacidade quanto desejarem.

O robusto auxiliar assentiu com a cabeça, pegou uma cadeira junto à mesa do abajur e começou a mexer no quebra-cabeça assim que o médico saiu da sala.

– Por favor, sentem-se – disse Stuart, apontando para as cadeiras próximas à lareira.

– Meu Deus... – disse Jeff, exprimindo de pronto simpatia por seu interlocutor. – Isto aqui deve ser horrível para você.

Stuart deu de ombros.

– Não é assim tão ruim. Bem melhor que alguns dos outros lugares.

– Mas eu nem digo com relação ao lugar. Falo é do fato de isso ter acontecido com você. Nós vamos fazer tudo o que pudermos para tirar você daqui assim que possível. Eu tenho um excelente advogado em Nova York. Vou ver um jeito de ele pegar um avião para cá logo de manhã. Ele tem como ajeitar esta situação, tenho certeza.

– Eu agradeço por sua preocupação. Mas pode ser que isso leve um tempo.

– Como foi que você...?

– Chá e bolo – anunciou Melinda alegremente, chegando pela porta com uma bandeja prateada.

– Obrigado, Melinda – disse Stuart. – É muito gentil de sua parte. Gostaria de te apresentar dois amigos meus, Jeff e Pamela. Eles também são da minha época, os anos 1980.

– Ah – disse a garota, esfuziante. – Stuart me contou tudo sobre o futuro. Sobre Patty Hearst e o Exército Simbionês de Libertação, e o que aconteceu no Camboja, e também...

– Não vamos falar disso agora – Jeff interrompeu, dando uma olhada para o auxiliar ali perto, entretido com seu quebra-cabeça. – Obrigado mesmo pelo lanche. Aqui, pode deixar a bandeja comigo.

– Se vocês quiserem mais, é só me chamar na sala da frente. É um prazer conhecê-los. Podemos conversar mais sobre o futuro depois?

– Quem sabe...? – Jeff disse de maneira evasiva. A garota sorriu e saiu da sala. – Meu Deus, Stuart – Jeff continuou. – Você não deveria fazer isso.

Não pode sair contando as coisas, e menos ainda falar para ela a nosso respeito. Como é que fica se ela comentar com alguém?

– Ninguém presta atenção ao que a gente diz por aqui. Olha só. Ei, Mike! – ele chamou e o auxiliar olhou. – Sabe quem vai ganhar a World Series três anos seguidos, começando em 1972? Os Oakland Athletics.

O auxiliar concordou sem alterar a expressão e voltou ao seu passatempo.

– Está vendo o que eu digo? – sorriu Stuart. – Eles nem ouvem. Quando os Athletics começarem a ganhar, ele nem vai se lembrar de que eu um dia falei isso pra ele.

– Mesmo assim, eu continuo achando que não é uma boa ideia. Pode dificultar bastante nossos esforços para tirar você daqui.

O homem esquelético deu de ombros.

– Tanto faz... – e se virou para Pamela. – Foi você que fez *Starsea*, não foi?

– Sim, fui eu – ela respondeu com um sorriso. – Quem bom ver que alguém se lembra dele.

– Lembro muito, muito bem. Eu quase te escrevi uma carta depois que o vi. Logo de pronto, percebi que você também era uma “repetidora”, e o filme reafirmava várias coisas que eu já tinha aprendido por mim mesmo. Ele renovou minha motivação.

– Muito obrigada. Bem, você falou de coisas que aprendeu. Eu me pergunto se... Você também sofreu o desvio? O avanço na data de início dos *replays*, ou dessas repetições, como você chama?

– Sim – disse Stuart. – Da última vez foi com quase um ano de atraso.

– O meu foi de um ano e meio. O de Jeff, só três meses. E nós estamos pensando que, se pudermos fazer um gráfico exato alinhando todas as datas de início, talvez possamos prever... quanto tempo nós vamos perder no próximo ciclo. Mas teria de ser com muita precisão. Você por acaso teve como saber exatamente em...

– Não, não tive.

– Mas, se nós três compararmos nossas impressões, talvez possamos aguçar sua memória. Podemos pelo menos delimitar uns períodos.

Ele balançou a cabeça.

– Não teria jeito. Das primeiras três vezes que eu repeti, eu estava inconsciente. Em coma.

– O quê?

– Eu sofri um acidente de carro em 1963... Vocês também começaram a voltar para 1963, não foi isso? – ele perguntou, olhando para Pamela e depois Jeff.

– Isso – Jeff confirmou. – No começo de maio.

– Exato. Bom, em abril daquele ano eu tive esse acidente, perda total do meu carro. Fiquei em coma por oito semanas e todas as vezes que eu acordava estava repetindo. Achei que o coma tivesse alguma coisa a ver com isso, até que chegou esta vez de agora. Então eu não sei qual foi... Como é que você chamou a diferença nas datas de início?

– O desvio.

– Eu não sei qual foi meu desvio nas três primeiras vezes, se foi uma questão de horas, dias ou semanas. Ou mesmo se teve algum – disse ele a uma claramente desapontada Pamela. – Eu sinto muito. Gostaria de poder ajudar mais.

– Não é culpa sua – ela disse. – Imagino que deve ter sido terrível para você essa história de voltar sempre em um hospital desse jeito, e agora...

– Ah, é tudo parte da performance, então eu aceito do jeito que é.

– Performance? Não entendi.

Stuart franziu a testa de maneira inquisitiva.

– Você entrou em contato com a nave, não entrou?

– Eu não sei do que você está falando. Que nave?

– A nave antareana. Ah, que é isso, você fez o *Starsea*... Eu sou um repetidor também. Você não precisa se fingir de boba para mim.

– Sinceramente, Stuart, nós não fazemos ideia de sobre o que você está falando – Jeff disse. – Você está dizendo que entrou em contato com as... pessoas ou os seres responsáveis por isso? E que eles são extraterrestres?

– Mas é claro. Meu Deus, e eu achando que... Então, vocês não estão fazendo o apaziguamento? – e o rosto já tão pálido pareceu ficar ainda mais combalido.

Jeff e Pamela se entreolharam e se voltaram de novo para ele, confusos. Ambos já tinham considerado a possibilidade de que alguma inteligência extraterrestre estivesse mesmo envolvida nos *replays*, mas nunca tinham recebido nenhuma indicação nem remota de que isso pudesse ser verdade.

– Me desculpe, mas acho que você vai ter que explicar isso tudo desde o começo – Jeff disse.

McCowan olhou bem para o quase impassível jovem encurvado sobre o quebra-cabeça no canto da sala, depois chegou sua cadeira para mais perto de Jeff e Pamela e começou a falar em um tom bem mais discreto.

– As repetições, ou os *replays*, como vocês chamam... Eles não ligam nem um pouco para isso por aqui – disse, indicando com a cabeça o auxiliar. – É a história do apaziguamento que os deixa irritados – e deu um suspiro, olhando fundo nos olhos de Jeff. – Vocês querem mesmo ouvir a história toda? Desde o começo?

## Quinze

— **E**u cresci em Cincinnati — Stuart McCowan começou a contar. — Meu pai era operário de construção, mas era alcoólatra, então nem sempre estava em condições de arrumar trabalho. Um dia, quando eu tinha quinze anos, ele foi trabalhar muito bêbado e deixou um cabo se desprender. Acabou perdendo uma perna. Depois disso, o único dinheiro que entrava em casa era o de minha mãe, que trabalhava em uma empresa que fabricava uniformes da polícia, e o que eu conseguia como empacotador em um supermercado Kroger's. Meu pai implicou comigo a vida toda por eu ser tão magrinho e fisicamente incapaz. Ele era um homem grande e forte, tinha uns braços que davam um e meio os do Mike ali. Depois que ele perdeu a perna, as coisas entre nós ficaram ainda piores. Ele não conseguia suportar o fato de que, mesmo franzino, eu ainda era uma pessoa inteira. Eu tinha de carregar coisas para ele às vezes, quando ele não conseguia levar ao mesmo tempo um braço cheio de embrulhos e as muletas. Ele odiava isso. Passou a me desprezar de verdade depois de um

tempo, e a bebedeira também piorou. Eu saí de casa aos dezoito anos. Isso foi em 1954. Fui para o oeste em direção a Seattle. Eu nunca fui muito forte mesmo, mas meus olhos e minhas mãos eram firmes. Assim, consegui emprego na Boeing e aprendi a operar o torno para fazer algumas peças de avião mais leves, partes móveis, como lemes e coisas assim. Conheci uma garota, me casei, tive dois filhos... Não era uma vida ruim. Aí, eu sofri aquele acidente de que falei antes, na primavera de 1963. Eu andava bebendo um pouco também, não da maneira como meu pai fazia, mas tomava mesmo umas cervejas no caminho para casa, depois mais um ou dois shots quando chegava, sabe como é... E eu estava bêbado quando bati na árvore. Não dei por mim por oito semanas, e nada foi igual depois daquilo. A concussão atrapalhou a minha coordenação motora, então eu não podia mais fazer as coisas no trabalho. Parecia que tudo estava acontecendo comigo do mesmo jeito que tinha acontecido com meu pai. Então eu comecei a beber mais ainda e a gritar com minha mulher e meus filhos, até que ela finalmente fez as trouxas e se mudou, levando as crianças com ela. Não muito tempo depois, eu perdi a casa, o banco a tomou. Pus o pé na estrada, comecei a vagar, sempre bebendo. Fiquei nessa por quase vinte e cinco anos. Virei um daqueles que nos anos 1980 a gente chamava de “sem-teto”, mas eu sabia bem o que eu era: um vagabundo cachaceiro. Morri em um beco em Detroit sem nem saber quantos anos tinha. Só descobri depois que foi com cinquenta e dois anos. E aí eu acordei de novo, de volta na cama do hospital, saindo do coma. Foi como se eu tivesse sonhado todos aqueles anos horríveis, e durante muito tempo eu realmente acreditei que tinha sido esse o caso. Afinal, nem lembrava de boa parte deles, mesmo. Mas me lembrava do suficiente, e logo, logo eu percebi que tinha alguma coisa muito estranha acontecendo.

McCowan olhou para Jeff com uma súbita centelha nos olhos, que tinham ficado desanimados enquanto ele contava a história de sua primeira vida.

– Você é fã de beisebol? – perguntou. – Apostou na World Series naquele ano?

Jeff sorriu de volta.

– Ah, com toda certeza.

– Quanto foi?

– Muito. Eu tinha apostado no Chateaugay no Kentucky Derby e no Belmont antes da World Series, então estava com um belo montante.

– Mas quanto você apostou? – Stuart insistiu.

– Eu tinha um parceiro na época. Ele não tinha os *replays*, era só alguém que eu conheci na escola. Nós dois juntos entramos com quase cento e quarenta.

– Mil?

Jeff assentiu e McCowan deu um longo assobio.

– Você tirou a sorte grande bem cedo – Stuart disse. – Eu, tudo o que consegui para apostar foram umas poucas centenas de dólares, e minha esposa quase saiu de casa antes do previsto por causa disso. Mas aí eu ganhei vinte mil de retorno e ela com certeza não queria fugir mais pra lugar nenhum. E eu continuei jogando, só nas apostas grandes, só no óbvio; o título dos pesos-pesados, o Super Bowl, eleições presidenciais, só coisas que nem mesmo um bêbado inveterado, como eu já tinha sido, esqueceria de jeito nenhum. Parei de beber, larguei mesmo, de vez. Nunca mais tomei nem uma cerveja, nem mesmo nas repetições que vieram depois. Nós nos mudamos para uma casa grande em Alderwood Manor, no condado de Snohomish, ao norte de Seattle. Comprei um belo barco para mim, deixava na marina da baía de Shilshole. Seguia para cima e para baixo no estreito de Puget durante o verão, às vezes indo até Victoria, na Colúmbia Britânica. Era uma vidinha bem próspera, você sabe como é. E foi então... Foi então que eu comecei a ouvir falar deles.

– “Deles...”? – Jeff deixou a pergunta no ar.

McCowan chegou para a frente em sua cadeira e abaixou a voz.

– Dos antareanos, os que estão fazendo isso conosco.

– E como foi que... eles entraram em contato com você? – Pamela arriscou.

– Primeiro, pelo aparelho de televisão. Geralmente durante o noticiário. Foi como eu fiquei sabendo que era tudo uma performance.

Jeff ficava cada vez mais ansioso.

– Mas o que era uma performance?

– Tudo, tudo o que dava no jornal. E os antareanos gostavam tanto que faziam as coisas se repetirem o tempo todo.

– Mas... do que eles gostavam? – Pamela perguntou, com expressão de curiosidade.

– Da parte mais sangrenta, os tiroteios e as mortes e tudo o que ia por esse caminho. O Vietnã; Richard Speck, que matou aquelas enfermeiras em Chicago; toda a história com Charles Manson; Jonestown... E terroristas. Meu Deus, como eles adoram os terroristas: o massacre do Aeroporto de Lod, os atentados do IRA, o carro-bomba no quartel-general em Beirute, e isso e aquilo e mais aquilo. Eles nunca se cansam de ver essas coisas.

Jeff e Pamela se entreolharam e fizeram um mesmo movimento inquisidor com a cabeça.

– Mas... por quê? – Jeff perguntou a McCowan. – Por que extraterrestres gostam tanto da violência aqui da Terra?

– Porque eles ficaram fracos com o tempo. Eles mesmos são os primeiros a admitir. Mesmo com todo o poder que conquistaram, o controle do espaço e do tempo, eles são fracos! – e bateu sua mão magra bem forte na mesa, chacoalhando as xícaras e os pires. Mike, o auxiliar parrudo, deu uma olhada de longe, levantando as sobrancelhas. Jeff fez um sinal de o.k. e o rapaz voltou à sua atividade.

– Eles não morrem mais – Stuart continuou narrando de maneira passional –, e eles aboliram os genes que compeliavam a matar, então não há mais guerra nem assassinatos lá onde eles vivem. Mas a porção animal do cérebro deles ainda anseia por isso, nem que seja como espectadores. E é aí que a gente entra. Nós servimos como entretenimento para eles, como se fôssemos programas de TV ou filmes. Este trecho do século XX é o que eles consideram a melhor parte, a mais aleatoriamente sangrenta de todas, então eles ficam “tocando” este mesmo trecho de novo e de novo. Mas as únicas pessoas que sabem dessa história são os envolvidos nas performances, aqueles que estão no palco principal, ou seja, os repetidores. O Manson é um de nós. Eu sei disso, posso ver nos olhos dele, e depois os

antareanos me contaram. Lee Harvey Oswald também é, e também Nelson Bennett naquela vez em que ele chegou antes ao Kennedy. Ah, tem muitos de nós atualmente.

Jeff manteve sua voz tão calma e gentil quanto possível ao se manifestar de novo.

– Mas e quanto a você e Pamela e eu? – ele perguntou, tentando evocar algum indício de racionalidade no homem. – Nós não fizemos nenhuma dessas coisas terríveis. Então, por que a gente também passa por esses *replays*, ou repetições?

– Bom, eu já fiz minha parte no apaziguamento – McCowan afirmou com orgulho. – Ninguém pode me acusar de fazer corpo mole.

Jeff se sentiu subitamente enjoado, sem vontade de fazer a pergunta seguinte, que, apesar disso, precisava ser feita.

– Você usou essa palavra antes, “apaziguamento”. O que você quer dizer com isso?

– Ora, é o nosso dever. Nós, repetidores, não podemos deixar os antareanos entediados. Ou então eles encerram a coisa toda e o mundo acaba. Nós temos de apaziguar, entretê-los, que é para eles continuarem assistindo.

– E... como é que você fez isso? Seu apaziguamento?

– Eu sempre começo com a menininha em Tacoma. Faço o trabalho nela com uma faca. Essa é fácil e eu nunca sou pego. Aí eu vou em frente e parto para umas prostitutas em Portland, ou talvez Vancouver... Nunca pego muitas ao mesmo tempo nos arredores de onde eu moro, então por isso eu viajo muito. Às vezes, até vou para outros países, mas faço a maior parte dos trabalhos aqui mesmo nos Estados Unidos: caronistas no Texas, garotos de rua em L.A. e San Francisco... Nem pense que eu vou tentar Wisconsin de novo. Fui pego muito cedo aqui, desta vez. Mas vou estar de volta lá fora daqui a uns quatro ou cinco anos. Sempre dizem que eu sou louco, e aí eu acabo em um destes lugares, mas já estou muito bom em enganar médicos e juntas de condicional. Eu sempre acabo saindo no fim, e então volto a fazer o meu apaziguamento.

Pamela se encostou na parte interna da porta do carro, aos prantos, enquanto eles seguiam em meio à neve rodopiante.

– É culpa minha! – ela chorava, as lágrimas descendo desimpedidas por seu rosto. – Ele disse que foi o *Starsea* que... que “renovou a motivação” dele. Com tudo o que eu queria alcançar com aquele filme, o que consegui de mais importante foi encorajar um assassino em massa!

Jeff mantinha as mãos bem firmes no volante do Plymouth alugado, lutando contra a estrada congelada.

– Mas não foi só o filme. Ele já tinha começado a matar bem antes disso, desde o primeiro *replay*. Já era louco, para começo de conversa, não sei se por causa do acidente de carro ou se foi algum choque causado pelos *replays*, ou até uma combinação de ambos. Talvez seja um monte de fatores e não haja jeito de determinar. Mas, pelo amor de Deus, pare de se culpar pelas coisas que ele fez.

– Ele matou uma menininha! E continua matando, esfaqueando, todas as vezes!

– Eu sei, mas não é culpa sua. Entenda isso.

– Não me importa de quem é a culpa. Nós temos que impedi-lo.

– Como? – Jeff perguntou, apertando os olhos para enxergar melhor a estrada além das cortinas formadas pela neve.

– Temos que nos assegurar de que ele nunca mais vai sair. Temos que chegar a ele na próxima vez antes que comece a matar.

– Olha, se eles decidirem que ele está “curado”, vão deixá-lo ir e não importa o que a gente diga. Afinal, por que médicos ou juízes dariam ouvidos a nós? Vamos contar a eles que nós passamos pelos *replays* do mesmo jeito que o McCowan, só que nós somos sãos e ele não? Você bem sabe como isso acabaria conosco.

– Então, da próxima vez...?

– Então o quê? Nós vamos à polícia em Seattle, ou em Tacoma, e dizemos que esse cidadão aparentemente respeitável, com sua bela casa no subúrbio e seu iate, está prestes a começar uma onda de assassinatos aleatórios pelo país afora? Não daria certo, Pamela, você sabe que não.

– Mas nós precisamos fazer alguma coisa! – ela implorou.

– E o que poderíamos fazer? Matá-lo? Eu não poderia fazer isso, nem você.

Ela continuou chorando baixinho, os olhos fechados em frente à brancura cegante da tempestade de neve.

– Nós não podemos ficar parados e deixar acontecer – ela sussurrou por fim.

Jeff virou com cuidado à esquerda na rodovia, em direção a Madison.

– Sinto muito, mas acho que nós vamos ter de fazer exatamente isso. Vamos ter de aceitar.

– Como você pode aceitar uma coisa dessas?! – ela explodiu. – Pessoas inocentes morrendo, sendo assassinadas por esse maníaco, quando a gente sabe de antemão que é isso mesmo o que ele vai fazer!

– Nós sempre aceitamos isso, desde o começo: Manson, Berkowitz, Gacey, Buono, Bianchi... Essa selvageria é bem típica desta nossa era. Nós já nos acostumamos a isso, estamos anestesiados. Eu nem sequer me lembro dos nomes dos matadores em série que vão aparecer nos próximos vinte anos, você lembra?

Pamela ficou em silêncio, seus olhos vermelhos de tanto chorar e os dentes cerrados de tensão.

– Nós nunca tentamos intervir nesses assassinatos todos, não foi? – perguntou Jeff. – Nem mesmo nos ocorreu fazer isso em nenhum momento, exceto daquela primeira vez em que eu tentei impedir o assassinato de Kennedy, e mesmo assim foi uma coisa bem diferente. Nós, e eu digo nós todos, não só eu e você, mas a sociedade, convivemos com essa brutalidade, com essas mortes casuais. Nós praticamente ignoramos tudo isso, a não ser quando a coisa nos afeta de forma direta. Pior ainda, tem muita gente que inclusive considera isso uma forma de entretenimento, uma diversão por tabela. Isso constitui pelo menos uns 80% do material jornalístico: prover os Estados Unidos com sua dose diária de tragédia, com o sangue e o tormento dos outros. Nós é que somos os “antareanos” dos delírios de Stuart McCowan. Ele e os outros carniceiros desumanos por aí realmente são atores em um palco, como ele sugeriu, mas o público sedento de violência está bem aqui, não lá fora no espaço. E

não há nada que eu ou você possamos fazer para mudar isso ou impedir mesmo o menor detalhe nesse ciclo de derramamento de sangue. Nós só podemos fazer o que sempre fizemos e sempre faremos: nós aceitamos, deixamos isso fora da nossa mente do melhor jeito que pudermos e seguimos em frente com a vida. Acostume-se com essa parte do mesmo jeito que você já se acostumou com todos os outros horrores inevitáveis.

O anúncio continuou a atrair respostas, ainda que nenhuma delas tenha rendido frutos. Em 1970, eles reduziram o número de publicações no qual aparecia; lá pelo meio daquela década, só estava sendo veiculado uma vez por mês em menos de uma dúzia dos maiores jornais e revistas.

O apartamento na rua Bank, no West Village, acabou tomado por fileiras de arquivos. Jeff e Pamela guardavam até as respostas mais vagas que chegavam, junto com recortes tirados de um volumoso número de publicações que eles consultavam diariamente, em busca de potenciais anacronismos que pudessem indicar a intervenção de alguma outra pessoa passando por um *replay* no mundo lá fora. Na maioria das vezes, era bem difícil ter certeza de que algum acontecimento ou produto menos conhecido tinha ou não existido também nos *replays* anteriores. Afinal, eles nunca antes tinham focado com tanta intensidade aquelas minúcias. Muitas vezes, entraram em contato com inventores e empreendedores cujas criações parcamente propagandeadas não pareciam familiares; sem exceção, todas essas aparentes pistas se mostraram falsas.

Em março de 1979, Jeff e Pamela viram a seguinte matéria no *Chicago Tribune*:

### ASSASSINO DE WISCONSIN É LIBERTADO DEPOIS DE SER CONSIDERADO SÃO

Crossfield, Wisc. (AP) – O assassino confesso Stuart McCowan, declarado inculpável, por ser mentalmente insano, pela morte de quatro universitárias em 1966, foi libertado hoje da instituição psiquiátrica onde se encontrava internado nos últimos doze anos. O

doutor Joel Pfeiffer, diretor da Casa Crossfield, disse que McCowan “está completamente recuperado de seus distúrbios e não representa mais ameaça à sociedade”.

McCowan foi acusado de mutilação seguida do assassinato das quatro estudantes, depois que uma testemunha identificou o carro dele como sendo o que deixou o estacionamento da irmandade Kappa Gamma nas primeiras horas da manhã de 6 de fevereiro de 1966, dia em que os corpos foram encontrados. A Polícia Estadual de Wisconsin localizou e prendeu McCowan naquele mesmo dia, nos arredores da cidade de Chippewa Falls. No porta-malas de seu carro, foram encontrados um picador de gelo manchado de sangue, um serrote e outras ferramentas que teriam sido usadas na tortura das vítimas.

McCowan admitiu prontamente ser o assassino das jovens e alegou ter sido instruído a fazer isso por alienígenas. Em seguida, declarou que acredita já ter reencarnado diversas vezes e que também cometeu assassinatos em cada uma de suas “vidas anteriores”.

O assassino teve seu nome ligado ainda a crimes similares acontecidos em Minnesota e Idaho em 1964 e 1965, mas a conexão nunca foi provada. Em 11 de maio de 1966, McCowan foi considerado legalmente inimputável e então internado no manicômio judiciário do Hospital Estadual de Wisconsin. Às suas próprias custas, foi depois transferido para a Casa Crossfield em março de 1967.

Pamela apertou ainda mais o tubo de borracha em torno de braço de Jeff e mostrou a ele que veia ele deveria acertar e como deveria inserir a agulha hipodérmica, especificando a inclinação e a posição do corpo da seringa paralelamente à veia.

– E quanto à dependência psicológica? – ele perguntou. – Eu sei que não vai mais ter nenhum traço disso nos nossos corpos quando nós

voltarmos, mas será que não vamos sentir falta do efeito?

E ela negou com a cabeça, enquanto ele aplicava a injeção com a inofensiva solução salina correndo suavemente na estufada veia azulada na dobra do braço.

– Não se nós usarmos só uma ou duas vezes – ela disse. – Espere até a manhã do dia dezoito e só injete o suficiente para você ficar sedado. Então, dobre a dosagem da forma como eu te mostrei e injete essa quantidade só alguns minutos antes da uma da tarde. Você vai estar inconsciente na hora... em que o infarto acontecer.

Jeff esvaziou a seringa em seu braço e esperou alguns segundos antes de puxar a agulha para fora. Jogou-a na lixeira e apertou o local da injeção com uma bolinha de algodão embebida em álcool. Havia dois estojos de couro sobre a mesa de centro, cada um com uma quantidade boa de agulhas estéreis e seringas, uma tira de borracha, uma garrafinha de álcool, uma caixa de algodão e quatro frascos de vidro contendo heroína de qualidade farmacêutica. Não tinha sido difícil obter a droga e o equipamento, uma vez que o corretor de ações de Jeff tinha recomendado um traficante bem confiável, que, além da cocaína de costume, por acaso também contava com um suprimento considerável de heroína, substância que estava se tornando comum entre a classe alta.

Jeff olhou bem para os caros estojos da morte e depois para o rosto de Pamela. Já havia uma teia muito tênue de linhas em sua testa. Da última vez em que ele a conhecera naquela idade, as pequenas rugas estavam nos cantos da boca e dos olhos, mas a testa era tão lisa quanto a de sua versão adolescente. A diferença entre uma vida de alegrias e outra repleta de uma ansiedade irreduzível estava patente nas marcas da pele.

– Nós não fizemos um trabalho muito bom desta vez, não é? – ele disse, pesaroso.

Ela tentou sorrir, não conseguiu e desistiu.

– Não, acho que não mesmo.

– Da próxima vez... – ele começou a dizer e sua voz sumiu. Pamela ergueu o braço e eles se deram as mãos.

– Da próxima vez – ela disse –, nós vamos dar mais atenção às nossas necessidades do dia a dia.

Ele concordou.

– Nós meio que ficamos perdidos desta vez e deixamos as coisas simplesmente correr.

– Eu me deixei levar por essa busca de outras possíveis vítimas de *replays*. Achei bom você ter me apoiado nisso, mas...

– Eu quis que isso desse certo tanto quanto você – ele interrompeu, levando a mão dela aos lábios. – Era uma coisa que nós precisávamos fazer. Não é culpa de ninguém que tudo tenha se desenrolado desse jeito.

– É, eu acho que não... Mas, quando a gente olha para trás, esses anos aí foram tão estagnados, tão sem graça. Nós quase nunca saímos de Nova York por medo de perder o contato que vínhamos esperando acontecer.

Jeff a puxou para perto e passou os braços em torno dela.

– Da próxima vez, nós vamos estar no comando de novo – ele prometeu. – Nós é que vamos fazer as coisas acontecer para nós.

Ficaram se acalentando gentilmente no sofá, nenhum dos dois dizendo o que lhes passava de verdade pela cabeça: que eles não tinham como saber quanto tempo Pamela demoraria para se juntar a ele depois daquela morte... ou mesmo se o próximo *replay* permitiria que eles se reencontrassem.

O torpor induzido pela heroína foi interrompido de maneira chocante e abrupta. Jeff se viu cercado de todos os lados por línguas de fogo brancas de tão quentes, como cataratas cilíndricas de chamas leitosas em meio às quais ele estava inexplicavelmente suspenso. Ao mesmo tempo, sua audição era agredida pelos trompetes escandalosos e pelas harmonias exageradas de uma banda de mariachi tocando “Feliz Navidad” em um volume insuportável.

Jeff não tinha lembrança de ter morrido daquela vez, nenhuma memória de alguma agonia como a que ele sentira quando seu coração parara das outras vezes. A droga servira ao seu propósito anestésico, mas, ao

mesmo tempo, não permitiu a ele uma transição tranquila daquela sonolência profunda para o agitado e desconhecido ambiente em que ora se encontrava. O novo corpo jovem que ele agora habitava novamente não tinha nenhum traço do narcótico, e ele então se viu forçado a acordar sem hesitação, sem nem um momento para respirar.

O fogo e a música que o circundavam tomaram de assalto seus sentidos e o deixaram em um terrível limbo de desorientação. Não havia luzes naquele lugar, a não ser o Niágara em chamas ao seu redor. Contra a brilhante fosforescência, ele começou a reconhecer silhuetas de outras pessoas que estavam sentadas, ou de pé, ou então dançavam. Ele próprio se encontrava sentado a uma mesa pequena; havia uma bebida gelada em sua mão que tremia. Ele a provou e sentiu o gosto salgado de uma margarita.

– Caramba! – alguém gritou em seu ouvido mais alto do que a música clamorosa. – É uma vista e tanto! Como será isso lá de fora?

Jeff pôs o copo na mesa e se virou para ver quem falava com ele. Em meio ao brilho branco das chamas que despencavam, pôde distinguir os traços angulosos de Martin Bailey, seu colega da Emory. Olhou em volta mais uma vez, seus olhos já se acostumando com a iluminação bizarramente incandescente que vinha de todos os lados do amplo salão. Era algum tipo de bar ou boate. Casais sorridentes estavam em outras dúzias de mesas, a banda mariachi próxima à pista de dança trajava ternos atulhados de detalhes finos, e pinhatas de cores fortes com o formato de burros e touros pendiam do teto.

Cidade do México. Recesso de Natal de 1964; ele tinha ido de carro para lá com Martin naquele ano, em uma viagem de última hora. Estradas no meio do deserto, com gado magro atravessando para lá e para cá nas estreitas vias de ida e de volta, curvas cegas em volta de montanhas e caminhões de gasolina da Pemex ultrapassando o Chevy em meio à poeira grossa feito algodão; uma casa de prostituição na Zona Rosa, e a longa escalada pelos degraus de pedra da Pirâmide do Sol.

As luzes rodopiantes que ele via pelas janelas eram de um show de fogos, ele percebeu, e eram como fluxos de pirotecnia líquida jorrando do telhado do hotel em cima do qual ficava a boate. Martin tinha razão; o

espetáculo devia ser indescritível visto das ruas lá embaixo. O hotel pareceria uma grande agulha pegando fogo, ardendo trinta ou quarenta andares acima, rasgando o céu noturno da cidade.

Mas o que seria aquilo; véspera de Natal, Ano-Novo...? Aquelas eram as únicas noites em que havia shows daquele tipo no México. O que quer que fosse, era o fim de 1964 e o começo de 1965. Ou seja, ele tinha perdido mais quatorze meses neste *replay*, o mesmo tanto que Pamela perdera em seu último. Só Deus sabe o que isso significaria desta vez para ela, e para eles.

Martin sorriu e deu um vistoso porém amigável safanão no ombro de Jeff. É verdade, eles tinham se divertido à beça naquela viagem, pelo que se lembrava. Nada tinha sido ruim, nem parecia, naquele momento, que qualquer coisa poderia dar errado na vida de nenhum dos dois. Bons tempos hoje, bons tempos adiante, era como eles viam. Pelo menos Jeff tinha dado um jeito de evitar o suicídio do amigo em todos os *replays*, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mesmo que ele não pudesse desviá-lo do casamento ruim, e mesmo que não fosse mais o dono de uma corporação multinacional onde poderia oferecer um cargo vitalício a seu velho colega de quarto, ele sempre tinha conseguido que Martin não fosse à falência, arranjando para ele ótimas dicas de ações.

E isso levava à pergunta: o que Jeff faria para levantar dinheiro imediatamente, naquela nova época? Seu velho trunfo, a World Series de 1963, já figurava nos guias esportivos àquela altura, e não havia muitas outras apostas a curto prazo que chegassem perto da lucratividade daquela. A temporada de futebol americano profissional já tinha acabado, nem haveria Super Bowls até dali a dois anos. Se aquele fosse o *réveillon*, talvez ele pudesse ter tempo de fazer uma aposta, mesmo lá da Cidade do México, em Illinois vencendo Washington no Rose Bowl no dia seguinte. Poderia ser o caso de ele ter de se satisfazer, por ora, com o que pudesse ganhar no campeonato de basquete que estava em andamento, mas ele não conseguiria apostas lucrativas no Boston Celtics em plena sucessão de oito campeonatos seguidos pela qual o time estava passando.

A cascata de fogos do lado de fora foi diminuindo e parou subitamente, e então as luzes fracas da boate se acenderam e a banda começou a tocar “Cielito lindo”. Martin estava observando uma loura esbelta algumas mesas adiante e levantou uma sobrancelha perguntando se Jeff estaria interessado na amiga ruiva dela. As duas eram turistas da Holanda, pelo que Jeff se lembrava; ele e Martin não as levariam para a cama, mas passariam – já tinham passado – uma noite muito agradável com elas, bebendo e dançando. “Claro”, ele deu de ombros para Martin, “por que não?”

Quanto ao problema do dinheiro, bem, dinheiro não seria realmente um problema para ele naquele momento. Tudo de que ele precisava era o suficiente para continuar em frente; só o necessário até que Pamela reaparecesse. Dali por diante, era uma brincadeira de esperar.

Pamela estava chapada, completamente enlouquecida. Realmente, aquela erva que o Peter e a Ellen tinham conseguido era excelente, a melhor que ela já tinha fumado desde aquele troço que um cara tinha passado para ela no Electric Circus no mês anterior – que, aliás, talvez parecesse melhor do que era de verdade por causa das luzes estroboscópicas, da música, dos engolidores de fogo na pista e de todo o resto. A música de agora também era muito boa, ela pensou, com Clapton começando o absoluto *riff* de “Sunshine of your love”. Ela só queria que o pequenino aparelho portátil pudesse tocar mais alto, só isso.

Ela encolheu os pés descalços sob as coxas e se encostou no enorme pôster que Peter tinha coberto boa parte da parede atrás dela, lendo a capa de trás do disco *Disraeli gears*. Aquele olho no meio era realmente uma coisa de louco, com as flores crescendo dos cílios e os nomes das músicas quase invisíveis na parte branca e na íris... e, nossa! Tinha outro olho! Quanto mais se olhava para aquela capa, mas se viam olhos e somente olhos; só dava para notar isso. Até as flores pareciam ter olhos amendoados, como os de um gato ou de alguém do Oriente...

– Ei, olha só isso! – Peter exclamou. Ela olhou para cima e os viu assistindo ao programa de Lawrence Welk sem som. Pam ficou encarando a cena em preto e branco com os casais dançando uma polca ou coisa assim, e... de verdade, parecia mesmo que eles estavam se movendo ao ritmo da música que tocava no quarto. Então, o enquadramento mudou para Welk movimentando sua batuta para cima e para baixo, e ela não conteve o riso. Welk se manteve exatamente dentro do tempo, como se o velho estivesse regendo o Cream tocando “Dance the night away”.

– Ah, qual é, gente, vamos cair na estrada – insistia Ellen, entediada com a televisão. – Todo mundo vai estar lá hoje.

Já fazia uma hora que ela vinha tentando motivar todos a saírem de casa e arrumarem um jeito de ir ao Adolph’s. E ela tinha razão: seria uma boa noite no bar universitário, porque havia muito a celebrar. Apenas algumas horas antes, Bobby Kennedy anunciara que tinha mudado de ideia, afinal, e tentaria a indicação pelo Partido Democrata; e nos primeiros dias daquela semana, Eugene McCarthy tinha perdido por bem pouca diferença de Johnson nas primárias de New Hampshire.

Pam calçou suas botas e pegou seu cachecol de lã e a velha jaqueta azul-marinho no gancho da porta. Ellen precisou de um tempo para conseguir descer a escada circular que levava ao saguão; mais cedo, ela tinha começado a alucinar que o velho casarão transformado em alojamento era a fazenda Tara, de *E o vento levou*. Quando chegaram lá fora, Peter decidiu se juntar à brincadeira e começou a vagar pelo jardim bem cuidado e a declamar falas reais e imaginárias do filme, fingindo um pesado sotaque sulista. Aquela noite de março, porém, estava gelada demais para eles manterem a piada por muito tempo, e logo estavam os três marchando contra a neve em direção ao prédio aconchegante e acolhedor que ficava em uma das bordas do *campus*, em frente à agência dos Correios de Annandale.

O Adolph’s estava lotado pelo mesmo pessoal que sempre ia para lá todo sábado à noite. Todo mundo que não tinha ido a Nova York passar o fim de semana acabava ali, mais cedo ou mais tarde. Era o único bar ao qual se podia ir a pé da escola, e o único do lado de cá do Hudson onde os

cabeludos malvestidos da Bard podiam relaxar e se sentir em casa. Havia um conflito muito marcante entre os estudantes da universidade e a população bem mais conservadora da região norte de Poughkeepsie. Os moradores fixos, tanto velhos quanto jovens, tinham desprezo pelo inconformismo extravagante que os alunos da Bard manifestavam na aparência e no comportamento, e contavam histórias de uso de drogas desenfreado e promiscuidade sexual no *campus* – muitas das quais mais verdadeiras do que eles poderiam imaginar, para deleite de Pam.

Às vezes, os jovens da cidade até apareciam no Adolph's, bêbados, tentando ficar com “meninhas *hippies*”. Não havia nenhum deles por ali naquela noite, Pam notou aliviada, exceto aquele cara que vinha rondando o *campus* o ano todo; mas ele parecia ser tranquilo. Era um solitário, um sujeito muito quieto, e nunca tinha causado problema para ninguém. Às vezes, ela tinha a sensação de que ele a estava vigiando, não necessariamente a seguindo para todo lado nem nada assim, mas propositalmente aparecendo algumas vezes por semana em lugares em que ela com certeza estaria: a biblioteca, a galeria do departamento de arte, ali mesmo no bar... Mas ele nunca a tinha perturbado, nunca nem mesmo tinha conversado com ela. Uma vez ou outra, dava um sorriso e acenava com a cabeça, e ela sorria de volta com discrição, apenas o suficiente para ficar claro que ambos tinham se reconhecido. É, ele era tranquilo; ficaria até atraente se deixasse o cabelo crescer.

Sly and the Family Stone tocavam “Dance to the music” na *jukebox*, e a pista de dança no salão da frente estava lotada. Pam, Ellen e Peter se espremeram em meio à multidão, procurando uma mesa para se sentarem.

Pam ainda estava chapada. Eles tinham fumado outro baseado no caminho até ali, e então aquele anárquico cenário cheio de cores de repente a remeteu a uma pintura, ou uma série de pinturas. Deu vontade de desenhar e realçar o colete de franjas que se remexia aqui, um cacho de cabelo preto comprido ali, os rostos e os corpos e a música e todo o barulho... Exato! Ela queria tentar capturar na tela o próprio som daquele lugar tão prazerosamente familiar, traduzi-lo em imagem, o jeito como aquela transformação sinestésica acontecia com frequência na cabeça dela

quando estava chapada daquele jeito. Olhou em volta no bar, escolhendo pessoas e detalhes das cenas, e seus olhos então se focaram naquele camarada estranho com a qual ela sempre se encontrava.

– Ei – ela disse, acenando com a cabeça para Ellen. – Sabe quem eu gostaria de pintar?

– Quem?

– Aquele cara ali.

Ellen olhou na direção que Pam indicava discretamente.

– Qual deles? Você não quer dizer aquele certinho ali no canto, não é? O cara da cidade?

– Isso, ele mesmo. Tem alguma coisa nos olhos dele que... Eles são... Eu sei lá, parecem tão mais experientes ou coisa assim, como se ele fosse bem mais velho do que é de verdade e já tivesse visto coisas demais do mundo...

– Ah, claro – Ellen disse com patente sarcasmo. – Ele deve ser algum ex-fuzileiro e já viu montes de bebês mortos e mulheres nas quais ele atirou no Vietnã.

– Você já está falando da Ofensiva do Tet de novo? – perguntou Peter.

– Não, é que a Pam ficou gamadinha em um nativo.

– Uau, que coisa pervertida – Peter riu.

Pam ficou corada e com raiva.

– Eu nunca falei isso. Só disse que ele tem olhos interessantes e eu gostaria de pintá-los.

“Dock of the bay” começou a tocar na *jukebox* e a maioria dos dançarinos se recolheu de volta às mesas. Pam se perguntou quem é que teria pedido uma faixa tão triste e contemplativa de Otis Redding, até um autoepitáfio irônico ao cantor, que tinha morrido logo antes de o disco ser lançado. Talvez tivesse sido aquele cara dos olhos estranhos. Parecia o tipo de música de que ele gostaria.

– “*Wastin’ tiime...*” – Peter cantou junto e depois deu um sorriso travesso. Tirou seu relógio e o jogou dentro da jarra cheia até a metade de cerveja com um floreio teatral. – Nós afogamos o tempo! – declarou, erguendo o copo e brindando com os outros.

– Eu fiquei sabendo que Bobby ocupa um lugar alto na cadeia de fornecimento – Ellen comentou meio a troco de nada, depois que eles beberam o brinde. – Ele consegue erva do mesmo traficante que arruma pros Stones quando eles vêm pra esses lados.

Estavam agora em um dos assuntos preferidos de Peter.

– Dizem que R. J. Reynolds secretamente já... como é a palavra? Patenteou? Todos os bons nomes.

– Registrou.

– Isso, isso, registrou. “Acapulco Gold”, “Panama Red”... O pessoal da indústria de cigarros já é dono de todos os nomes bons, só por garantia.

Pam ouviu os rumores que lhe eram familiares e concordou com interesse.

– Eu me pergunto como é que seria a embalagem, e também as propagandas.

– Maços Paisley – disse Ellen com um sorriso, referindo-se aos desenhos de inspiração indiana, muitas vezes associados ao consumo de maconha.

– E chamem o Hendrix para fazer os comerciais na TV – Peter emendou.

E então se dobraram de rir, entrando em uma daquelas maratonas de risadas chapadas de que Pam tanto adorava participar. Ela ria tanto que lágrimas se formaram em seus olhos, começou a ficar zozza e a respirar com dificuldade, arfando, até que...

Onde diabos ela estaria desta vez, ela se perguntou, e por que estava tão tonta? Piscou com insistência para afastar a inexplicável cortina de lágrimas e tentou reconhecer o ambiente à sua volta. Meu Deus, era o Adolph's.

– Pam? – perguntou Ellen, percebendo que sua amiga tinha subitamente parado de gargalhar com eles. – Você está bem?

– Estou, está tudo bem – Pamela disse, respirando profundamente.

– Você não está entrando em alguma viagem errada nem nada assim, está?

– Não.

Ela fechou os olhos e tentou se concentrar, mas sua mente não parava, ficava vagando de um pensamento a outro. A música estava alta demais, e aquele lugar e mesmo as roupas dela, tudo fedia a... “Ah”, ela percebeu. Estava chapada. Geralmente ficava assim quando ia ao Adolph’s, ou “caía na estrada”, como eles diziam entre si. Caindo na estrada, caindo na estrada, caindo...

– Toma outra cerveja – disse Peter, com um tom de preocupação na voz. – Você está com uma cara estranha. Tem certeza de que está tudo bem?

– Absoluta.

Ela só tinha ficado amiga de Peter e Ellen depois do inverno em que tivera de fazer pesquisa de campo no primeiro ano. Quando Peter se formou, Ellen largou a faculdade e se mudou para Londres com ele, no segundo ano de Pamela. Ou seja, aquela época tinha de ser 1968 ou 1969.

Outro disco começou a tocar na *jukebox*, com Linda Ronstadt cantando “Different drum”. Pamela concluiu que não era exatamente Linda Ronstadt, mas sua antiga banda, os Stone Poneys. Ficava repetindo para si mesma que devia manter o controle, para se reacostumar com o ambiente aos poucos e não deixar a maconha, que afetava seu cérebro, tornar tudo ainda mais difícil do que já era. Não devia tentar tomar decisões nem falar demais naquele momento. Era melhor esperar até que passasse o barato e ela...

E lá estava ele, meu Deus, sentado a uns seis metros de sua mesa e olhando bem nos olhos dela. Pamela não conseguia acreditar naquela visão deslocada mas incrivelmente maravilhosa de Jeff Winston sentado tranquilo em meio à bagunça de seu velho reduto acadêmico. Ela viu que ele pôde perceber a mudança nos olhos dela, ao que ele então deu um sorriso afável expressando boas-vindas e segurança.

– Ei, Pam? – disse Ellen. – Mas por que você está chorando? Olha, talvez seja melhor a gente voltar para o alojamento.

Pamela balançou a cabeça e pôs a mão no braço da amiga de forma confortadora. Então, levantou-se e atravessou o salão, atravessando os anos, até cair no abraço de Jeff.

– Hmm, uma mulher tatuada... – Jeff riu, dando um beijo na rosa que ela trazia na parte interna da coxa. – Não me lembro de isso estar aqui antes.

– Não é uma tatuagem, é só um decalque. Sai com água.

– Será que sai lambendo? – ele perguntou, olhando para ela com ar travesso.

Ela sorriu.

– Se você quiser tentar...

– Talvez depois – ele disse, deslizando pela cama para se acomodar direito ao lado dela. – Eu meio que gosto de você ser uma menina da geração *flower power*.

– Você iria gostar mesmo – ela disse, cutucando-o entre as costelas. – Põe mais um pouco de champanhe.

Ele apanhou a garrafa de Mumm na mesinha ao lado da cama e encheu os copos.

– Como você sabia quando o meu *replay* iria começar? – Pamela perguntou.

– Eu não sabia. Vinha te observando já havia meses. Aluguei uma casa aqui em Rhinebeck no começo do ano escolar e venho esperando desde então. Era frustrante e eu já estava começando a ficar impaciente. Mas esse tempo aqui me ajudou a lidar melhor com algumas velhas lembranças. Afinal, eu já vivi aqui perto, subindo o rio, em uma daquelas velhas propriedades, quando fui casado com Diane e... tinha minha filha Gretchen. Sempre pensei que eu não conseguiria voltar para cá, mas você me deu um motivo para fazer isso, e eu fico feliz por ter voltado. Além disso, gostei de ver você do jeito como você era de verdade nesta época, originalmente.

Ela fez uma careta.

– Eu era uma universitariazinha *hippie*, vestindo franjas de couro e cores psicodélicas. Espero que você nunca tenha me ouvido conversar com meus colegas. Eu provavelmente falei muito “joia”.

Jeff a beijou na ponta do nariz.

– Você era uma graça. Aliás, é uma graça – ele se corrigiu, afastando o longo cabelo dela que caía em seu rosto. – Mas não dá para não pensar que aqueles garotos, daqui a uns quinze anos, estarão usando terno e dirigindo BMW para ir pro trabalho.

– Nem todos – ela disse. – Da Bard saíram muitos escritores, atores, músicos, e... – ela fez uma pausa e deu um meio sorriso contrito. – Bem, meu marido e eu não tínhamos uma BMW. Eram um Audi e um Mazda.

– Ponto provado – ele disse sorrindo e dando um gole no champanhe.

Estavam deitados juntos e felizes, mas Jeff podia sentir certa gravidade sob a expressão de satisfação dela.

– Foram dezessete meses – ele disse.

– O quê?

– Eu perdi dezessete meses desta vez. Era nisso que você estava pensando, não era?

– É, eu... até queria mesmo perguntar – ela admitiu. – Não tinha como não ficar curiosa. E o meu desvio foi de... Agora é março, você disse? De 1968?

Jeff assentiu.

– Foram três anos e meio.

– Contando da última vez. Mas são cinco anos desde os primeiros *replays*. Deus! Na próxima eu até poderia...

Ele pôs um dedo entre os lábios dela.

– Nós íamos nos concentrar nesta vida de agora, lembra?

– Claro que lembro – ela disse, aninhando-se mais para junto dele sob as cobertas.

– E eu venho pensando nisso – ele falou. – Tive muito tempo para considerar as coisas e acho que consegui bolar um tipo de plano.

Ela afastou a cabeça e olhou para ele com expressão interessada.

– Como assim?

– Bem, primeiro eu pensei em abordar a comunidade científica com tudo isso que a gente sabe. A Fundação Nacional da Ciência ou alguma organização particular de pesquisa... Qualquer entidade que parecesse

apropriada, talvez até o departamento de Física da Princeton ou do MIT, alguém que esteja fazendo pesquisa sobre a natureza do tempo.

– Eles nunca acreditariam em nós.

– Exatamente. Esse vem sendo o obstáculo desde o começo. Mas nós mesmos tivemos responsabilidade em manter esse obstáculo, pelo fato de termos guardado tanto segredo a nosso respeito.

– Mas nós temos de ser discretos. As pessoas achariam que somos loucos. Veja o Stuart McCowan, ele...

– O McCowan é mesmo louco. É um assassino. Mas não há crime nenhum em fazer previsões de eventos. Ninguém nos prenderia por fazer isso. E, uma vez que as coisas que nós previrmos realmente acontecerem, nós provaremos que sabemos o futuro. Eles teriam de nos dar atenção. Saberiam que alguma coisa real – inexplicável, mas real – estaria acontecendo.

– E como é que a gente bate na porta dessas pessoas, para começar? – Pamela demonstrava discordar. – Ninguém em um lugar como o MIT jamais se dignaria a analisar uma lista de previsões que nós déssemos a eles. Simplesmente iam começar a nos considerar no mesmo grupo dos fanáticos por OVNI's e médiuns por aí, no minuto em que nós explicássemos a eles o que sabemos.

– É aí que está a questão. Nós não vamos até eles; eles é que virão até nós.

– Mas por que eles...? Isso que você está dizendo não faz nenhum sentido – Pamela disse, balançando a cabeça, confusa.

– Nós vamos a público – explicou Jeff.

## Dezesseis

Desta vez, não havia necessidade da cobertura global que eles tinham empregado em seu anúncio anterior, aquele pequeno, com o qual tentaram atrair a atenção somente de outras pessoas que poderiam estar familiarizadas com os *replays*. E também, tanto a ambiguidade quanto o anonimato usados daquela primeira vez não se fariam necessários para a proposta atual.

O *New York Times* se recusou a veicular o anúncio de página inteira, que seria mostrado apenas uma vez, mas ele apareceu no *New York Daily News*, no *Chicago Tribune* e no *Los Angeles Times*.

### AO LONGO DOS PRÓXIMOS DOZE MESES

O submarino nuclear americano *Scorpion* se perderá no mar no final de maio.

Uma enorme tragédia vai abalar a campanha presidencial americana em junho.

O assassino de Martin Luther King Jr. será preso fora dos Estados Unidos.

O presidente da Suprema Corte americana, Earl Warren, vai renunciar em 26 de junho e será sucedido pelo juiz Abe Fortas.

A União Soviética vai liderar uma invasão do Pacto de Varsóvia à Tchecoslováquia em 21 de agosto.

Quinze mil pessoas morrerão em um terremoto no Irã no dia 1º de setembro.

Uma nave não tripulada soviética orbitará a Lua e depois cairá no Oceano Índico em 22 de setembro, onde será encontrada.

Em outubro, haverá golpes militares no Peru e no Panamá.

Richard Nixon vencerá Hubert Humphrey por uma margem muito pequena na eleição para a Presidência.

Três astronautas norte-americanos vão orbitar a Lua e voltarão sãos e salvos à Terra na semana do Natal.

Em janeiro de 1969, haverá uma tentativa frustrada de assassinato do líder soviético Leonid Brezhnev.

Um derramamento de petróleo vai contaminar as praias do sul da Califórnia em fevereiro.

O presidente francês Charles de Gaulle renunciará no fim do próximo mês de abril.

Não temos nada mais a declarar a respeito dessas afirmações até o dia 1º de maio de 1969, quando nos encontraremos com membros da imprensa em local a ser anunciado daqui a um ano.

Jeff Winston & Pamela Phillips  
Nova York, NY – 19 de abril de 1968

Todos os assentos no espaçoso auditório que eles tinham alugado no Hilton de Nova York estavam tomados. Aqueles que não conseguiram lugar se espremiavam impacientemente nas vias de passagem e nas laterais do salão, tentando manter os pés longe dos emaranhados de cabos de microfones e de equipamentos das redes de televisão.

Precisamente às três da tarde, Jeff e Pamela entraram na sala e se postaram juntos no púlpito. Ela sorria de nervoso enquanto as luzes cegantes das câmeras de TV se aproximavam, e Jeff então lhe tomou a mão e deu nela um leve aperto encorajador. Desde o momento em que entraram, o salão se transformou em uma gritaria, com as muitas perguntas sendo feitas ao mesmo tempo, todos os repórteres buscando a atenção dos dois. Jeff pediu silêncio diversas vezes e no fim conseguiu que o nível do barulho se reduzisse até um murmúrio generalizado.

– Nós queremos responder às suas perguntas – ele disse aos jornalistas reunidos –, mas vamos ter de estabelecer algum tipo de sistema para isso. Vamos ouvir os do fundo primeiro, uma pergunta por pessoa, da esquerda para a direita. Então, pulamos para a próxima fila na mesma ordem.

– E quanto aos que não conseguiram lugar? – gritou um homem na lateral do auditório.

– Quem chegou por último vai ficar por último; primeiro, o lado esquerdo da sala, do fundo para a frente – Jeff estabeleceu. E então apontou para o fundo. – A primeira pergunta será da senhora de vestido azul. Não é necessário se identificar; apenas perguntem o que vocês quiserem.

A mulher ficou de pé, caneta e bloco na mão.

– Primeiro, a mais óbvia: como vocês conseguiram fazer previsões tão acertadas em uma gama tão grande de eventos? Vocês alegam ter poderes paranormais?

Jeff respirou fundo e falou tão calmamente quanto possível.

– Só uma pergunta de cada vez, por favor, mas eu vou responder às duas juntas só desta vez. Não, nós não alegamos ser médiuns, pelo menos não da maneira como esse termo é compreendido pela maioria das pessoas. Tanto a senhorita Phillips quanto eu somos os beneficiários, ou vítimas, de um fenômeno recorrente no qual nós mesmos, a princípio, consideramos tão difícil de acreditar quanto vocês próprios vão considerar no dia de hoje. Em resumo, nós dois estamos revivendo nossas próprias vidas, ou uma parte delas. Nós dois morremos em outubro de 1988, e vamos morrer de

novo, retornamos à vida, e depois morremos de novo e voltamos. Isso já aconteceu algumas vezes.

O barulho de antes, de quando eles entraram na sala, mostrou-se nada se comparado ao pandemônio que se seguiu, e o tom de chacota em meio à cacofonia era inconfundível. Uma das equipes de televisão simplesmente apagou suas luzes e começou a recolher seu equipamento; muitos repórteres saíram aos bandos do auditório em um arroubo de ofensa, mas muitos outros estavam ávidos por tomar os lugares que ficaram vagos. Jeff fez sinal pedindo silêncio mais uma vez e apontou para que o jornalista seguinte fizesse sua pergunta.

– Esta também é óbvia – disse o homem corpulento com cara de poucos amigos. – Como diabos vocês esperam que nós acreditemos nessa besteirada toda?

Jeff manteve a compostura, sorriu para Pamela de modo tranquilizador e calmamente se voltou mais uma vez à multidão desdenhosa.

– Conforme eu avisei antes, o que nós temos a dizer não é algo fácil de se acreditar. Como prova, só posso apelar para a completa validade das supostas “previsões” que nós publicamos há um ano, o que, para nós, eram na verdade lembranças, e pedir a vocês que não nos condenem até ouvirem o que temos a dizer.

– Vocês vão fazer mais previsões hoje? – perguntou o jornalista seguinte.

– Vamos, sim – Jeff disse, e o clamor dos presentes ameaçou recomeçar. – Mas somente depois que nós tivermos respondido todas as suas perguntas e acharmos que já dissemos tudo o que tínhamos para dizer.

Eles levaram quase uma hora cobrindo apenas o básico, as linhas gerais de suas vidas: quem tinham sido originalmente, o que tinham feito de mais destaque em cada um dos *replays*, como eles vieram a se conhecer e o problema do desvio que se acelerava. Tinham acordado de antemão que deixariam de fora a maior parte de sua vida pessoal, assim como qualquer coisa que pudesse representar perigo ou fosse pouco inteligente revelar. Foi então que apareceu a pergunta que eles sabiam que viria, mas que ainda não tinham decidido como abordar.

– Vocês sabem de mais alguém passando por esses... *replays*, como vocês chamam? – perguntou uma voz cínica na terceira fila.

Pamela olhou para Jeff e então falou enfaticamente antes que ele tivesse chance de responder.

– Sim. Existe um homem chamado Stuart McCowan, de Seattle, Washington.

Houve uma pausa momentânea enquanto centenas de canetas rabiscavam aquele nome em centenas de blocos de papel. Jeff lançou a Pamela um olhar reprovador, mas ela o ignorou.

– Pelo que sabemos, ele é o único além de nós – continuou. – Nós passamos a maior parte do nosso *replay* anterior procurando por outros, e McCowan foi o único que localizamos com certeza. Mas tenho de deixar bem claro que ele tem determinadas ideias com relação a esse fenômeno das quais discordamos com veemência. É por isso que ele não está aqui conosco hoje. Talvez vocês considerem muito interessante entrevistá-lo e inclusive seguir seus passos, para ver como ele lida com essa situação na qual nós três estamos. É um homem bem fora do comum, para dizer o mínimo.

Ela olhou de volta para Jeff e ele a cumprimentou com um sorriso satisfeito. Ela não tinha dito nada difamatório ou incriminador sobre McCowan, mas se assegurara de que o passado do homem seria largamente investigado e que qualquer passo dele em público seria vigiado dali em diante. Ele não mataria mais, não desta vez.

– E o que você esperam conseguir com isso? – perguntou outro repórter. – Estão planejando algum esquema para ganhar dinheiro, ou então começar uma seita ou algo assim?

– Absolutamente não – Jeff disse com firmeza. – Nós podemos ganhar todo o dinheiro que quisermos ou precisarmos só usando os meios de investimento comuns. Aliás, eu gostaria muito que as matérias que vocês vão escrever, cada uma, diga bem claro que nós não queremos que ninguém nos mande dinheiro, em nenhuma quantidade e com nenhum propósito. Vamos devolver qualquer envio nesse sentido. A única coisa que nós estamos procurando é informação, uma possível explicação para esse

fenômeno pelo qual nós estamos passando e como isso vai acabar. Gostaríamos muito que a comunidade científica, em especial os físicos e cosmólogos, ficasse sabendo dessa realidade que nos afeta e entrasse em contato conosco diretamente, oferecendo quaisquer opiniões que tiverem. Essa é a nossa única intenção ao tornar pública esta situação. Nós nunca nos revelamos antes e nem nos revelaríamos agora, se não fosse por essas questões que expusemos agora.

Iniciou-se um “zum-zum-zum” carregado de ceticismo pela sala. Como Pamela tinha dito certa vez, parecia que todo mundo estava sempre interessado em vender algo; então, era difícil para aquele grupo de jornalistas tarimbados aceitar que Jeff e Pamela não estivessem aplicando nenhum golpe, mesmo que o casal aparentasse sinceridade e apresentasse evidências irrefutáveis de seu inacreditável conhecimento certo de fatos futuros.

– E depois, o que vocês pretendem fazer, se não capitalizar em cima dessas afirmações? – outra pessoa perguntou.

– Isso vai depender do retorno que nós tivermos, depois de nos revelarmos desta maneira – Jeff respondeu. – Por ora, só vamos esperar e ver o que acontece quando vocês tornarem nossa história conhecida pelas pessoas. Agora... ainda temos alguma pergunta? Se não, eu tenho aqui algumas cópias com mais um conjunto de... previsões, como vocês chamariam.

Houve um pequeno tumulto na frente do auditório, com uma infinidade de mãos tentando agarrar as folhas de papel, seguido de outra leva de novas perguntas.

– Vai haver uma guerra nuclear?

– Vamos chegar à Lua antes dos russos?

– Vamos encontrar uma cura para o câncer?

– Me desculpem – Jeff falou alto. – Eu não vou responder a nenhuma pergunta sobre o futuro. Tudo o que nós temos a dizer está nesse documento que entreguei.

– Só uma última pergunta – pediu um homem embasbacado que usava um chapéu sobre o qual alguém parecia ter sentado. – Quem vai ganhar o

Kentucky Derby sábado agora?

Jeff deu um sorriso e relaxou pela primeira vez desde o começo daquela coletiva tensa.

– Eu vou abrir uma exceção para este senhor – disse. – O Majestic Prince vai ganhar o Derby e o Preakness, mas o Arts and Letters vai tirar dele a Tríplice Coroa. E eu acho que inutilizei minha própria aposta ao te dizer isso.

Majestic Prince deixou seu portão com probabilidade de 1-10, pagando 2,10 dólares como vencedor, o retorno mínimo permitido pela legislação de apostas. Depois que a história de Jeff e Pamela chegou às redes e aos jornais, quase ninguém apostou nos outros cavalos no Derby. O Comitê Estadual de Corridas do Kentucky ordenou que fosse feita uma investigação maciça, e houve até mesmo boatos em Maryland e Nova York dizendo que o Preakness e o Belmont poderiam ser cancelados.

Os telefones no novo escritório no Edifício Pan Am começaram a tocar à seis da manhã da segunda-feira depois da corrida; ao meio-dia, eles já tinham contratado mais duas estagiárias do serviço Kelly Girls para atender telefones, receber telegramas e lidar com os curiosos que chegavam pela porta sem marcar horário.

– Tenho aqui a lista da última hora, senhor – disse uma jovem maravilhada em um minivestido com pregas, torcendo nervosamente seus longos colares.

– Pode resumir para mim, por favor? – Jeff perguntou cansado, deixando de lado um editorial do *New York Times* daquele dia, que clamava por “ceticismo racional em face aos pretensos Nostradamus modernos e sua manipulações de coincidências”.

– Sim, senhor. Tivemos quarenta e dois pedidos de consultas particulares, pessoas muito doentes, pais de crianças desaparecidas e assim por diante, e nove empresas corretoras de ações, oferecendo comissões reduzidas para aceitá-los como clientes. Também doze ligações e oito

telegramas de pessoas querendo investir dinheiro em diversos esquemas de apostas; onze ligações de outros médiuns querendo conv...

– Nós não somos médiuns, senhorita... Kendall, é isso?

– Sim, senhor. Ou Elaine, se preferir.

– Certo. Eu quero isso bem entendido, Elaine. Pamela e eu não alegamos em momento algum termos poderes mediúnicos, e qualquer um que fizer essa alegação deve ser informado da realidade. O que nós temos é uma coisa bem diferente, e, se você vai trabalhar aqui, tem de entender muito bem como nós queremos ser representados.

– Eu compreendo, senhor. É só que...

– Vai ser meio difícil para você aceitar a coisa como ela é, é claro. Eu nunca disse que você tem de acreditar em nós. Só se certifique de não distorcer o básico do que nós temos a dizer quando você tiver de falar com o público, é só isso. Agora, de volta à lista.

A mocinha ajeitou a blusa e recomeçou a ler seu bloco.

– Houve outras onze... podemos dizer, ligações raivosas, algumas delas cheias de obscenidades.

– Não, você não tem de tolerar isso. Diga às outras meninas que se sintam à vontade para desligar na cara de qualquer um que passe da conta. E pode chamar a polícia se algum deles insistir.

– Obrigada, senhor. Também tivemos muitas ligações de uma organização futurista da Califórnia. Querem que o senhor vá até lá e faça uma palestra para eles.

Jeff levantou a sobrancelha, interessado.

– A Corporação Rand?

Ela conferiu suas anotações.

– Não, senhor. É alguma coisa chamada “Grupo da Perspectiva”.

– Passe para o meu advogado. Peça a ele para puxar um histórico desse pessoal e ver se eles são sérios.

Elaine rabiscou as instruções no bloco e voltou à lista.

– Bem, senhor, já que vamos falar com o senhor Wade, preciso informá-lo de todas as companhias aéreas que estão ameaçando processar o senhor: Aeronaves de México, Linhas Aéreas Allegheny, Aerolinhas

Filipinas, Air France, Olympic Airways... E também as comissões de turismo dos estados de Mississippi e Ohio; os advogados das duas ligaram. Todo esse pessoal está muito bravo, senhor. Pensei que deveria avisá-lo.

Jeff assentiu, distraído.

– Só isso? – perguntou.

– Sim, senhor, exceto por mais algumas revistas, todas tentando conseguir uma entrevista exclusiva com o senhor ou a senhorita Phillips, ou os dois.

– Alguma publicação acadêmica entre elas?

Ela foi lendo e fazendo que não com a cabeça.

– *National Enquirer*, *Fate*... Acho que a que o senhor poderia considerar a mais séria seria a *Esquire*.

– Ainda nem uma palavra de nenhuma universidade? Nenhuma fundação de pesquisas, fora esse pessoal da Califórnia, seja lá quem eles forem?

– Não, senhor. Esta é a lista completa.

– Muito bem – Jeff suspirou. – Obrigado, Elaine. Por favor, me mantenha informado.

– Farei isso, senhor – ela disse, dobrando o bloco de papel, e então fez uma pausa. – Senhor Winston... Eu estava apenas... me perguntando se...

– Pois não?

– O senhor acha que eu deveria me casar? Digo, eu já venho pensando nisso, e meu namorado já me pediu duas vezes, mas eu queria saber... bem, se vai dar certo ou não.

Jeff sorriu buscando tolerância em si, ao ver nos olhos da jovem o desejo desesperado de um conselho do futuro.

– Eu gostaria de saber também – disse a ela. – Mas isso é algo que você vai ter de descobrir sozinha.

A Aeronaves de México retirou seu processo em 5 de junho, um dia depois que um de seus jatos bateu em uma montanha perto de Monterrey, exatamente como Jeff e Pamela tinham previsto. O líder político mexicano

Carlos Madrazo e o astro do tênis Rafael Osuna não estavam a bordo do avião onde já tinham morrido das cinco vezes anteriores; apenas onze pessoas acharam que seria prudente pegar o voo amaldiçoado desta vez, e não setenta e nove.

Depois disso, entre todas as companhias aéreas com desastres previstos, somente a Air Algerie e a Royal Nepal Airlines preferiram ignorar o aviso e mantiveram os voos em questão. Aquelas duas empresas tiveram os dois únicos desastres aéreos fatais em voos comerciais ocorridos no mundo todo durante o resto de 1969.

A Marinha americana se recusou a reconhecer como verdade o que o secretário de Defesa Laird considerou “superstição”, e então o destróier *Evans* continuou seu curso pelo mar do Sul da China. Mas o governo australiano secretamente ordenou que seu porta-aviões *Melbourne* desligasse os motores e baixasse âncora na primeira semana de junho, e assim a colisão que sempre partira o *Evans* ao meio nunca aconteceu.

O número de fatalidades nas inundações do lago Erie durante o feriado de Quatro de Julho, na porção norte de Ohio, caiu de quarenta e um para cinco, uma vez que os moradores acreditaram nos alertas largamente noticiados e procuraram terras mais altas antes de as tempestades chegarem. Uma situação semelhante se passou no Mississippi. As reservas de turistas para os *resorts* de Gulfport e Biloxi, na costa do Golfo, caíram para quase zero em meados de agosto, e a população local fugiu para o interior em um volume nunca antes conseguido somente com os apelos da Defesa Civil. O furacão Camille atingiu uma região costeira quase desértica, e cento e trinta e oito das cento e quarenta e nove vítimas de antes sobreviveram.

Vidas foram alteradas. Vidas seguiram em frente, onde antes tinham sido interrompidas. E o mundo foi percebendo.

– Quero uma medida cautelar agora mesmo, Mitchell! Ainda esta semana, se nós pudermos, mas no máximo até o meio da semana que vem.

O advogado estava concentrado em seus óculos, polindo as lentes grossas com uma precisão tal que caberia bem a um caro telescópio.

– Não sei, Jeff... – ele disse. – Não tenho certeza se será possível.

– Quando é que podemos conseguir isso então?

– Talvez nós não possamos – admitiu Wade.

– Você diz, de jeito nenhum? Essas pessoas saem por aí espalhando essas fantasias ridículas a nosso respeito e nós não podemos fazer nada?

O advogado encontrou outra mancha invisível em uma de suas lentes e a limpou delicadamente com um paninho.

– Pode ser que eles estejam agindo dentro de seus direitos expressos na Primeira Emenda.

– Eles estão nos explorando! – Jeff explodiu, sacudindo na mão o papel que tinha suscitado aquela reunião. Uma fotografia sua era mostrada de forma bem clara na capa do livreto, junto a uma foto um pouco menor de Pamela ao lado.

– Estão lucrando com nossos nomes e nossas declarações sem qualquer autorização nossa, e com isso ainda vão transformando em chacota tudo o que nós estamos tentando fazer.

– Eles são uma organização não lucrativa – Wade lembrou. – E até pediram registro como instituição religiosa isenta de impostos. É difícil lutar contra isso; demora anos, e as chances de a gente ganhar são bem poucas.

– E quanto às leis contra difamação? – insistiu Pamela.

– Bem, vocês se fizeram figuras públicas e isso os deixa sob pouca proteção. Eu nem sei se os comentários deles a seu respeito podem ser considerados difamação. Um júri, por exemplo, poderia ver o exato oposto disso. Essas pessoas os adoram, elas acreditam que vocês são a encarnação de Deus na Terra. Acho que vai ser melhor para vocês se os ignorarem. Tomar uma atitude do ponto de vista legal só vai dar a eles mais visibilidade.

Jeff soltou uma exclamação de desgosto sem palavras, amassou o panfleto com uma mão e o jogou do outro lado da sala.

– Esse é o tipo de coisa que nós queríamos evitar – disse, espumando de raiva. – Mesmo que nós os ignorarmos ou negarmos nosso envolvimento, é uma mancha que vai continuar associada a nós. Nenhuma organização científica de boa reputação vai querer nada conosco depois de ver uma coisa como essa.

O advogado pôs os óculos de volta no rosto e os ajustou com o dedo no dorso do nariz.

– Eu compreendo seu dilema – disse. – Mas não...

O intercomunicador na mesa de Jeff soou brevemente duas vezes, e então uma terceira mais longa, o sinal que ele tinha combinado com sua secretária para qualquer notificação de natureza urgente.

– Pois não, Elaine?

– Há um cavalheiro aqui querendo vê-lo, senhor. Ele diz que é do governo federal.

– De qual setor? Defesa Civil, Fundação Nacional da Ciência...?

– Do Departamento de Estado, senhor. Ele insiste em falar com o senhor pessoalmente, e também com a senhorita Phillips.

– Jeff? – Wade fez uma expressão de estranhamento. – Quer que eu acompanhe essa reunião?

– Talvez seja melhor – Jeff respondeu. – Vamos ver o que ele quer – e apertou o botão do intercomunicador. – Pode entrar com ele, Elaine.

O homem com quem Elaine chegou ao escritório já tinha seus quarenta e poucos anos, cabelos ralos, olhos azuis bem alertas e dedos manchados de nicotina. Analisou Jeff com uma olhada rápida mas penetrante, fez o mesmo com Pamela e depois com Mitchell Wade.

– Eu preferiria que nós pudéssemos conversar em particular – disse o homem.

Wade ficou de pé e se apresentou.

– Sou advogado do senhor Winston, e represento também a senhorita Phillips.

O homem puxou uma carteira fina com seu distintivo do bolso do paletó e entregou um cartão a Wade e outro a Jeff.

– Russell Hedges, Departamento de Estado dos Estados Unidos. Acredito que a natureza do que será discutido aqui é confidencial. O senhor se importaria em sair, senhor Wade?

– Sim, eu me importaria. Meus clientes têm o direito de...

– Não será necessário nenhum tipo de aconselhamento jurídico nesta situação – disse Hedges. – É uma questão de segurança nacional.

O advogado mais uma vez protestou, mas Jeff o interrompeu.

– Tudo bem, Mitchell. Eu quero ouvir o que ele tem a dizer. Pense bem naquilo que a gente estava conversando antes e me avise se você bolar alguma alternativa. Eu te ligo amanhã.

– Me ligue hoje mesmo se precisar – disse Wade, lançando um olhar de reprovação ao homem do governo. – Estarei no meu escritório até mais tarde, talvez seis ou seis e meia.

– Obrigado. Entraremos em contato, se for necessário.

– Importa-se se eu fumar? – perguntou Hedges, puxando um maço de Camel assim que o advogado deixou a sala.

– Vá em frente – disse Jeff, indicando uma cadeira próxima à sua mesa e empurrando um cinzeiro para perto dele.

Hedges tirou uma caixa de fósforos e acendeu o cigarro. Deixou o palito queimar lentamente até se transformar em um toco escuro, que ele jogou ainda aceso no grande cinzeiro de vidro.

– Nós estamos cientes da sua presença, é claro – Hedges começou a dizer. – Seria difícil não estarmos, com toda essa atenção da mídia sobre vocês nos últimos quatro meses. Devo admitir, entretanto, que a maior parte dos meus colegas tinha uma tendência a fazer pouco dos seus pronunciamentos como sendo truques de salão... até esta semana.

– A Líbia? – Jeff perguntou, já sabendo a resposta.

Hedges assentiu com a cabeça e deu uma longa tragada no cigarro.

– Todo mundo no Departamento de Assuntos do Oriente Médio ainda está completamente pasmo. Mesmo o nosso pessoal de inteligência mais confiável indicava que o rei Idris tinha um regime bastante estável. Você não apenas deu a data exata do golpe, mas ainda especificou que a

liderança viria do médio escalão do Exército líbio. Eu quero que você me diga como é que sabe disso.

– Eu já expliquei isso do modo mais claro que posso.

– Essa história de reviver sua vida... – e desviou seu olhar para Pamela.

– As vidas de vocês dois. Vocês não esperam que nós acreditemos nisso, não é mesmo?

– Você não tem escolha – Jeff disse com segurança. – E nós também não. É uma coisa que está acontecendo conosco e isso é tudo o que nós sabemos. A única razão pela qual nós fizemos tanta algazarra em torno de nós mesmos desta vez é justamente que queremos saber mais a respeito. Já deixei isso bem claro antes.

– Eu esperava que você fosse dizer isso.

Pamela se inclinou para a frente para tomar a palavra.

– Eu tenho certeza de que há pesquisadores do governo que poderiam investigar esse fenômeno e nos ajudar a encontrar as respostas que nós procuramos.

– Não é o meu departamento.

– Mas o senhor pode nos pôr em contato com eles e assegurá-los de que está considerando nosso caso muito a sério. Existem físicos que...

– Em troca de quê? – Hedges perguntou, batendo uma longa cinza do cigarro.

– O que o senhor quer dizer?

– Ora, você está falando de alocação de verbas e pessoal, de instalações para laboratórios... E o que nós ganhamos em troca?

Pamela apertou os lábios e olhou para Jeff.

– Informação – ela disse após um momento de pausa. – Conhecimento avançado de eventos que vão perturbar a economia do mundo e levar à morte de milhares de pessoas inocentes.

Hedges amassou a guimba do cigarro com seus olhos azuis fixos nela.

– Como, por exemplo...?

Ela olhou para Jeff de novo. Seu rosto estava sem expressão, não indicava aprovação nem repreensão.

– Essa história na Líbia – Pamela continuou – vai ter repercussões desastrosas e muito abrangentes. O homem à frente da junta, coronel Qaddafi, vai se intitular premiê no começo do ano que vem. Ele é um louco, certamente a figura mais maléfica a surgir nos próximos vinte anos. Vai transformar a Líbia em um campo de treinamento e em um paraíso para terroristas. Coisas horríveis e inimagináveis vão acontecer por causa dele.

Hedges deu de ombros.

– Isso é um bocado vago – disse. – Pode levar anos até que essas afirmações sejam comprovadas ou refutadas. Além disso, nós estamos mais preocupados com a situação no sudeste da Ásia, não nos altos e baixos desses países árabes.

Pamela balançou a cabeça, incrédula.

– Vocês estão muito errados quanto a isso. O Vietnã é uma causa perdida; é o Oriente Médio que será a região de maior importância durante as próximas duas décadas.

O homem olhou para ela pensativo e buscou outro cigarro no maço amassado.

– Sabe, tem uma minoria no Departamento de Estado que é exatamente dessa opinião – ele disse. – Mas, quando você diz que nossa posição no Vietnã é indefensável... E quanto à morte de Ho Chi Minh dois dias atrás? Isso não vai enfraquecer a motivação da FLN? Nossos analistas dizem que...

Jeff tomou a frente.

– Se é que isso teve algum efeito, foi o de reafirmar a determinação deles. Ho Chi Minh será praticamente canonizado e transformado em um mártir. Vão renomear Saigon com o nome dele em... quando retomarem a cidade.

– Espere aí, você estava prestes a dizer uma data – disse Hedges, apertando os olhos para ele em meio à fumaça.

– Eu acredito que devemos ser seletivos quanto ao que dizemos ao senhor – Jeff disse cuidadosamente, dando um olhar de aviso para Pamela.

– Nós não queremos aumentar os problemas do mundo, só evitar alguns infortúnios mais flagrantes.

– Não sei... Ainda existe um ou outro São Tomé no nosso departamento. Se tudo o que você vai oferecer são respostas evasivas e genéricas, então...

– Kosygin e Chou En-lai – Jeff soltou, como se pressionado. – Eles vão se encontrar em Pequim na semana que vem. E, no começo do próximo mês, a União Soviética e a China concordarão em iniciar negociações formais a respeito de suas disputas de fronteiras.

Hedges franziu o cenho em descrença.

– Kosygin jamais iria à China.

– Ah, mas ele vai – Jeff assegurou com um sorriso. – E, não demora muito, Richard Nixon também.

\* \* \*

Os ventos de março na baía de Chesapeake transformavam a leve chuva em uma névoa fina e gélida, congelavam as gotículas esparsas durante a queda e as arremessavam para lá e para cá, como em um microcosmo atmosférico das ondas que se quebravam na agitada costa da baía. O casaco e o capuz impermeáveis de Jeff reluziam sob a umidade enquanto o chuvisco límpido e gelado açoitava e refrescava seu rosto.

– E quanto ao Allende? – perguntou Hedges, tentando sem sucesso acender um Camel ensopado. – Ele tem alguma chance?

– Você diz, apesar de o seu pessoal ficar se metendo na política chilena?

Já tinha ficado óbvio para Jeff e Pamela que Russell Hedges só tinha uma ligação muito tênue com o Departamento de Estado. Não sabiam se ele era da CIA, da NSA ou de algum outro órgão totalmente diferente. Na verdade, nem importava; o resultado final era o mesmo.

Hedges deu um de seus ambíguos meios sorrisos e conseguiu fazer o cigarro acender.

– Você não precisa me dizer se ele vai ser eleito ou não, só se ele tem alguma chance razoável.

– E se eu disser que tem, o que acontece? Ele vai pelo mesmo caminho do Qaddafi?

– Este país não tem envolvimento nenhum com o assassinato de Qaddafi; já disse e repeti isso. Foi unicamente um assunto interno da Líbia. Você sabe como são essas disputas de poder em países do Terceiro Mundo.

Não havia sentido em discutir aquilo com o homem outra vez. Jeff sabia muito bem que Qaddafi tinha sido morto, antes mesmo de tomar posse, como resultado direto do que ele e Pamela tinham dito a Hedges a respeito das futuras ações e políticas do ditador. Não que Jeff lamentasse a morte de um maníaco sanguinário como aquele, mas criou-se uma forte suposição de que a CIA estava ligada ao assassinato, e tais rumores tinham levado ao surgimento de uma organização terrorista que nunca antes existira chamada Esquadrão Novembro, encabeçada pelo irmão mais novo de Qaddafi. O grupo jurou vingança eterna em nome de seu líder morto. Àquela altura, já havia inclusive um incêndio fora de controle em um poço de petróleo no sul desértico de Trípoli, onde três meses antes o Esquadrão tinha explodido instalações da Mobil Oil, matando onze americanos e vinte e três empregados líbios.

Allende, no Chile, não era nenhum Qaddafi. Era um homem decente e bem-intencionado, o primeiro presidente marxista eleito livremente na história. Ele morreria logo de qualquer forma, talvez até sob influência americana. Mas Jeff não tinha nenhuma intenção de acelerar a chegada daquele dia vergonhoso.

– Eu não tenho nada a dizer sobre Allende de jeito nenhum. Ele não é ameaça aos Estados Unidos. Vamos deixar isso assim.

Hedges tentou tragar o cigarro molhado, mas ele já tinha apagado de novo e o papel já tinha até começado a se desfazer. Desgostoso, ele o jogou fora do alto do cais na água revolta.

– Você não teve escrúpulos assim quando nos disse que Heath será eleito primeiro-ministro da Inglaterra no verão.

Jeff o olhou sardonicamente.

– Talvez eu só quisesse ter certeza de que vocês não inventariam de dar um tiro em Harold Wilson.

– Mas que diabos! – cuspiu Hedges. – Quem foi que falou que você é o árbitro moral da política externa norte-americana? O seu trabalho é nos dar informações avançadas, ponto final. São as pessoas no poder que vão decidir o que é importante, o que não é e como lidar com as coisas.

– Eu já vi o resultado dessas decisões antes – Jeff disse. – Prefiro continuar bem seletivo quanto ao que eu revelo a vocês. Além disso, era para ser uma troca justa. Como é que anda o seu lado do trato? Algum progresso?

Hedges tossiu e se virou de costas para o vento da baía.

– Por que nós não vamos lá pra dentro e tomamos alguma coisa quente?

– Eu gosto de aqui fora – Jeff disse em tom desafiador. – Faz eu me sentir vivo.

– Bem, daqui a pouco eu morro de pneumonia se nós continuarmos aqui por mais tempo. Vamos, vamos lá pra dentro e eu te conto o que os cientistas têm a dizer até o momento.

Jeff cedeu e eles começaram a andar para a velha casa do governo na costa oeste de Maryland, ao sul de Annapolis. Já estavam ali havia seis semanas, conversando sobre implicações de uma eventual independência da Rodésia e da derrubada, ainda por acontecer, do príncipe Sihanouk, do Camboja. No começo, ele e Pamela consideraram sua estada ali somente como uma espécie de período de férias, mas Jeff estava cada vez mais ciente dos questionamentos cada vez mais ferrenhos de Hedges, que aparentemente tinha sido designado como o contato permanente deles. Eles tinham sido cuidadosos em não dizer nada que achassem que poderia ser mal utilizado pelo governo de Nixon, mas ficava cada vez mais difícil estabelecer limites. Mesmo o silêncio, algo dúbio de Jeff com relação às vindouras eleições no Chile, poderia ser interpretado de forma correta por Hedges e seus superiores como uma indicação de que Allende seria, de fato, eleito presidente; e que tipo de ação secreta norte-americana essa suposição poderia provocar? Estavam andando em uma perigosa corda

bamba, e Jeff começava a se arrepender de um dia ter concordado em manter aqueles encontros.

– E então? – Jeff perguntou, enquanto eles se aproximavam da casa hermeticamente fechada com uma convidativa coluna de fumaça saindo pela chaminé de tijolos vermelhos. – Quais são os últimos relatos?

– Ainda não tem nada de definitivo de Bethesda – Hedges grunhiu das profundezas do colarinho virado para cima de sua capa de chuva. – Eles querem fazer mais exames.

– Nós já fizemos todos os exames médicos imagináveis – Jeff disse sem paciência. – E isso mesmo antes de o seu pessoal estar envolvido. Não é por aí que vão achar a raiz do problema; é algo além de nós, em escala cósmica ou subatômica. O que os físicos descobriram?

Hedges chegou à varanda de madeira e sacudiu as gotas congeladas do chapéu e do casaco como se fosse um cachorro tamanho gigante.

– Eles estão trabalhando nisso – disse a Jeff vagamente. – Berget e Campagna na Cal Tech acham que pode ter a ver com pulsares, alguma coisa com a formação de neutrinos maciços... Mas eles precisam de mais dados.

Pamela estava esperando na sala de vigas de carvalho, deitada no sofá em frente a um fogo aceso muito intenso.

– Cidra quente? – ela perguntou, levantando a caneca e inclinando a cabeça com ar questionador.

– Eu adoraria – Jeff disse e Hedges concordou.

– Pode deixar que eu trago, senhorita Phillips – disse um dos jovens de terno escuro que faziam a guarda permanente naquelas instalações reservadas. Pamela deu de ombros, puxou as mangas de seu volumoso suéter até cobrir as mãos e deu um gole na bebida fumegante.

– Russell diz que os físicos podem estar fazendo algum progresso – Jeff disse. Ela se iluminou, suas bochechas coradas pelo fogo radiantes em contraste com a lã azul da blusa e o brilhante amarelo-claro de seus cabelos.

– E quanto ao desvio? – ela perguntou. – Já dá para fazer alguma extrapolação?

Hedges retorceu a boca em torno de um novo cigarro, seco, desta vez, e baixou as pálpebras em um olhar dissimulado e algo cínico. Jeff reconheceu a expressão, sabendo muito bem que o homem dava pouco crédito à ideia de que eles já tinham vivido antes e viveriam de novo. Mas isso não importava. Hedges e os outros podiam pensar o que quisessem, desde que as verdadeiras mentes, as mentes científicas perspicazes e persistentes, continuassem a se debruçar sobre o fenômeno que Jeff sabia ser bem real.

– Segundo eles dizem, determinados dados não têm como ser tomados com precisão – Hedges disse. – O melhor que podem fazer até o momento é estabelecer um intervalo provável.

– E que intervalo é esse? – Pamela perguntou calmamente, com os dedos saltitando tensos em torno da caneca quente.

– Dois a cinco anos para Jeff, cinco a dez no seu caso. É improvável que seja menos que isso, pelo que me dizem, mas o limite superior pode ser maior do que esse se a curva do gráfico continuar a se acentuar.

– Quanto maior? – Jeff quis saber.

– Não há como prever.

Pamela deu um suspiro, inspirando e expirando como se estivesse seguindo os movimentos do vento lá fora.

– Isso é basicamente só um palpite – disse. – Nós mesmos poderíamos ter chegado a uma conclusão dessas.

– Talvez algum dos novos exames possa...

– Pro diabo com os novos exames! – Jeff esbravejou. – Vão ser tão inconclusivos quanto os outros, não vão?

O jovem taciturno de terno escuro retornou à sala com duas canecas pesadas. Jeff pegou a dele e a mexeu com raiva usando um bastão de canela.

– Eles querem mais amostras de tecidos em Bethesda – Hedges disse, depois de dar um gole vagaroso em sua cidra. – Uma das equipes acha que a estrutura celular pode...

– Nós não vamos voltar para Bethesda – Jeff disse, resolutivo. – Eles já têm o suficiente com que trabalhar.

– Não tem necessidade de vocês voltarem lá, ao hospital – Hedges explicou. – Eles só precisam de umas amostras de pele. Eles enviaram *kits* de extração; nós podemos fazer aqui mesmo.

– Vamos voltar para Nova York. Eu tenho um mês de mensagens acumuladas para ver. Pode ser que tenha alguma coisa de útil no meio delas. Você pode nos arrumar um voo da Base Andrews ainda hoje à noite?

– Sinto muito...

– Bem, se o governo não puder nos providenciar um transporte, nós pegamos um voo comercial. Pamela, ligue para a Eastern Airlines. Pergunte a que horas...

O homem que tinha trazido a cidra deu um passo à frente com uma das mãos pronta para abrir o paletó. Um segundo segurança entrou pela porta da frente como se tivesse sido silenciosamente instruído a fazê-lo e um terceiro apareceu na escada.

– Não foi isso o que eu quis dizer – Hedges disse com cautela. – Eu sinto muito... mas nós não podemos deixar vocês irem. De jeito nenhum.

## Dezessete

“...tentaram invadir a embaixada norte-americana em Teerã, mas foram impedidos por unidades da 82ª divisão aerotransportada, que vinham cercando o posto diplomático norte-americano desde fevereiro. Pelo menos 132 revolucionários iranianos podem ter sido mortos nos combates; as baixas norte-americanas contam-se em dezessete mortos e vinte e seis feridos. O presidente Reagan ordenou novos ataques aéreos contra as bases rebeldes nas montanhas a leste de Tabriz, onde se acredita que o aiatolá Khomeini esteja...”

– Desliga essa coisa maldita – Jeff disse a Russell Hedges.

“...o alto-comando revolucionário. Aqui, nos Estados Unidos, os mortos no atentado terrorista de semana passada ao Madison Square Garden já chegam a 682, e um comunicado do autointitulado Esquadrão Novembro prevê novos ataques em solo norte-americano até que as forças armadas dos Estados Unidos sejam retiradas do Oriente Médio. O ministro das Relações Exteriores soviético, Andrei Gromyko, expressou simpatia de seu país pelos

*‘defensores da liberdade da jihad islâmica’ e disse que a presença da força aérea norte-americana no mar da Arábia é ‘tão grave quanto’...*”

Jeff se inclinou para a frente e desligou a televisão com um tapa. Hedges deu de ombros, jogou uma balinha de hortelã na boca e pôs-se a brincar com um lápis, segurando-o do jeito como costumava fazer com os cigarros.

– E quanto ao crescimento soviético no Afeganistão? – Hedges perguntou. – Eles estão planejando entrar em confronto conosco no Irã?

– Eu não sei – Jeff disse de forma rude.

– Os seguidores de Khomeini são fortes? Devem ser levados a sério? Será que nós conseguiremos manter o xá no poder pelo menos até as próximas eleições?

– Eu não sei de porra nenhuma! – Jeff explodiu. – Como eu posso saber? Reagan nunca foi presidente nesta época, em 1979. Esse problema era do Jimmy Carter, para começo de conversa, e nós nunca mandamos tropas para o Irã. Tudo mudou. Eu não tenho a menor ideia do que vai acontecer agora.

– Com certeza, alguma ideia você deve ter com relação...

– Não, eu não tenho! Não tenho ideia nenhuma!

Ele olhou para Pamela, que estava sentada só olhando para Hedges. O rosto dela estava cansado e pálido. Naqueles poucos anos, suas feições tinham perdido a delicadeza feminina e se tornado tão angulares quanto as de Jeff. Ele pegou a mão dela e a puxou para ficar de pé.

– Nós vamos dar uma volta – disse a Hedges.

– Eu ainda tenho umas perguntas.

– Enfie suas perguntas! Eu não tenho mais resposta nenhuma.

Hedges chupou sua bala e mirou Jeff com os frios olhos azuis.

– Muito bem – ele disse. – Nós conversamos mais no jantar.

Jeff começou a dizer mais uma vez que não adiantaria nada, que o mundo já tinha tomado um rumo diferente, estranho e imprevisível, que ele e Pamela não sabiam mais como as coisas aconteceriam e não poderiam mais providenciar sua assessoria. Mas sabia que seus protestos seriam em vão. Hedges ainda acreditava que eles tinham algum tipo de

habilidade mediúnica, que podiam prever o futuro apenas com base nas circunstâncias do presente. Quando a presciência dos dois começou a falhar em face dos eventos alterados de forma drástica do novo mundo, o agente começou a acusá-los veladamente de sonegar informações. Mesmo o tiopentato de sódio e as sessões no polígrafo aos quais eles se submeteram trouxeram quase nada de resultados, e eles nem mesmo reclamaram quanto a se deixarem interrogar sob o efeito de drogas. Pensaram que, talvez, se o valor das informações fosse ficando cada vez menor, eles seriam deixados em paz; quem sabe até seriam liberados daquela condição de “custódia” em que se encontravam. Era uma esperança tênue, ambos sabiam disso, mas eles ainda se aferravam a ela. Era melhor do que pensar na alternativa: aceitar a verdade óbvia de que eles ficariam ali até morrerem de novo.

A água estava calma e muito azul naquele dia. Enquanto iam andando pelas dunas, eles podiam ver a ilha Poplar ao longe. Um punhado de barcos passava pelas boias de sinalização, prontos para explorar os campos de ostras da baía de Chesapeake. Jeff e Pamela tentavam aproveitar qualquer sensação de conforto que pudessem ter naquele cenário já familiar de serenidade enganadora, e faziam o possível para ignorar as duplas de homens vestindo terno escuro que os acompanhavam discretamente vinte metros atrás e adiante.

– Por que nós não mentimos para ele? – Pamela perguntou. – Podemos dizer que vai haver uma guerra se mantivermos nossa presença militar no Irã. Pelo que a gente sabe hoje, meu Deus do céu, é mesmo bem provável que haja uma.

Jeff se abaixou para pegar um galho fino de árvore trazido pela maré.

– Eles saberiam da verdade, ainda mais depois que nos pusessem no soro da verdade.

– Mas nós podíamos pelo menos tentar.

– Quem sabe o efeito que uma mentira dessas poderia ter? Reagan poderia inclusive decidir por um ataque preventivo. Nós começaríamos uma guerra que talvez pudesse ter sido evitada.

Pamela se desanimou.

– Stuart McCowan deve estar feliz onde quer que ele esteja... – disse, com amargura.

– Nós fizemos o que achávamos que seria o certo. Ninguém poderia ter previsto esse desfecho. E não foi de todo ruim, porque nós salvamos um monte de vidas.

– Você não pode colocar vidas humanas na balança desse jeito!

– Não, mas...

– E eles nem fazem mais nada com relação às tempestades e aos acidentes aéreos – ela disse com desgosto, chutando um montinho de areia. – Só querem que todo mundo pense, especialmente os soviéticos, que nós sumimos, e assim eles podem deixar todas essas pessoas morrerem... sem necessidade.

– Assim como elas sempre morreram antes.

Ela se virou de frente para ele com o rosto tomado por uma raiva que ele nunca vira nela.

– Isso não é nem um pouco aceitável, Jeff! Nós deveríamos estar fazendo do mundo um lugar melhor e mais seguro desta vez, mas a gente só se importou conosco, com essa coisa de saber quanto as nossas preciosas vidinhas iriam durar, e não conseguimos fazer nada de bom.

– Ainda é possível que os cientistas consigam uma explic...

– Que se dane! Quando eu vejo as notícias, as mortes todas que nós causamos pelo que dissemos ao Hedges, os ataques terroristas, as ações militares, talvez até uma guerra de grandes proporções chegando... Quando eu vejo tudo isso, eu só queria... queria que eu nunca tivesse feito aquele maldito filme, que você nunca tivesse ido a Los Angeles e me encontrado!

Jeff jogou o galho para longe e olhou para ela, magoado e descrente do que ouvira.

– Você não está falando sério – ele disse.

– Estou! Estou sim! Eu me arrependo de tê-lo conhecido um dia!

– Pamela, por favor...

As mãos dela tremiam, seu rosto estava vermelho de raiva.

– Eu não falo mais com o Hedges. Também não quero mais falar com você. Vou me mudar para um dos quartos no terceiro andar. Você pode falar para eles a merda que quiser. Vai em frente, nos meta em uma guerra, exploda o planeta inteiro!

Ela se virou, começou a correr, derrapou desajeitadamente na areia, ficou de pé de novo e voltou para a casa que era sua prisão. Uma das duplas de segurança a seguiu, a outra se aproximou de Jeff. Ele ficou assistindo enquanto ela ia embora e os homens a escoltavam para dentro da casa. Hedges estava na porta e Jeff pôde ouvi-la gritar algo para ele, mas uma lufada de brisa do verão carregou as palavras e encobriu o significado dos gritos.

Ele acordou com uma corrente de ar frio e um cheiro sintético. Raios de sol finos e muito claros passavam pelas semicerradas venezianas na janela ao lado, iluminando o quarto parcamente mobiliado. Um aparelho de som portátil estava no chão, desligado, em frente à cama, e um velho gravador e um microfone com o logotipo da WIOD estavam sobre uma pilha de roupas na cômoda.

Jeff ouviu um trinado distante por cima do ruído contínuo do ar-condicionado e o reconheceu como sendo a campainha. Quem quer que fosse iria embora se ele simplesmente o ignorasse. Deu uma olhada no livro que ainda estava em sua mão: *The Algiers Motel Incident*, de John Hersey. Jogou-o de lado, balançou as pernas para fora da cama e foi até a janela. Levantou uma das tiras brancas da cortina, deu uma espiada lá fora e viu a fileira alta de palmeiras. Além delas, não havia nada a não ser mato baixo até o horizonte.

A campainha tocou novamente, e ele então ouviu o barulho de um jato se aproximando e depois passando baixo algumas centenas de metros depois das palmeiras. Iria pousar em Fort Lauderdale, no Aeroporto Internacional de Hollywood, ele pensou. Aquele era seu apartamento em Dania, a um quilômetro e meio da praia e perto demais do aeroporto, o primeiro lugar que ele podia chamar de seu, sua primeira residência oficial

como adulto. Ele vinha trabalhando em seu primeiro emprego em tempo integral, em Miami, no começo da carreira.

Deu uma longa inspirada no ar parado e frio e se sentou de novo na cama desfeita. Ele tinha morrido segundo o previsto, seis minutos depois da uma da tarde em 18 de outubro de 1988. Não tinha havido nenhuma guerra geral, pelo menos não até aquele momento, ainda que o mundo estivesse...

E a campainha soou de novo, um toque mais longo desta vez, mais insistente. Mas que diabos, por que não deixavam para lá? Parou, e então imediatamente tocou uma quarta vez. Jeff vestiu uma camiseta e um short jeans que pegou na pilha da cômoda e cambaleou com raiva para fora do quarto, pronto para se livrar de quem estivesse à porta. Quando passou pela sala, uma massa de ar pesado, quente e úmido o atingiu. O ar-condicionado ali devia estar com algum problema, e talvez fosse por isso que ele estava no quarto no meio do dia. A samambaia de folhas largas no canto estava murcha, incapaz de suportar o poder daquele calor claustrofóbico. Jeff abriu a porta assim que a campainha começou seu chamado urgente mais uma vez.

Ali estava Linda, sorrindo, os veios dourados em seus cabelos castanhos realçados pelo sol atrás dela. Sua esposa, ou esposa-que-um-dia-fora, ou esposa-que-um-dia-seria; Linda, resplandecendo com a extravagância indisfarçada do recém-florescido amor por ele; em suas mãos estendidas, um punhado de margaridas – todas as margaridas do mundo, parecia –, e naquele belo rosto inesquecível brilhavam a insistente felicidade e a generosidade da juventude.

Jeff sentiu as lágrimas querendo inundar seus olhos, mas não conseguiu desviar o olhar da imagem à sua frente. Nem mesmo conseguia piscar por medo de perder algum precioso instante daquela visão que vivera em sua memória por tantas décadas e ali se encontrava, recriada em toda a sua amorosa grandiosidade. Tanto tempo, tinha sido tanto, tanto tempo antes...

– Você não vai me convidar para entrar? – ela perguntou, sua voz juvenil ao mesmo tempo tímida e convidativa.

– Aahh... eu... claro. Me desculpa, por favor, entre. Isso... é maravilhoso. As flores são lindas. Muito obrigado. Eu não estava esperando por isso.

– Você tem alguma coisa onde colocá-las? Meu Deus, está mais quente aqui do que lá fora!

– O ar-condicionado está quebrado e eu... Só um minuto, vou ver se eu acho alguma coisa para as flores – e olhou distraidamente pela sala, tentando se lembrar se tinha algum vaso.

– Talvez na cozinha? – Linda disse, prestativa.

– É, boa ideia, deixa eu ver lá. Aceita uma cerveja ou uma Coca?

– Água gelada está ótimo pra mim.

Ela o seguiu até a pequena cozinha e arrumou um vaso para as margaridas, enquanto ele lhe servia um copo alto com água de uma jarra que encontrou na geladeira.

– Obrigada – ela disse, abanando-se com a outra mão enquanto Jeff ajeitava as flores. – Será que a gente poderia abrir umas janelas ou coisa assim?

– Bom, o ar-condicionado está funcionando no meu quarto. Nós podemos ir para lá.

– Tudo bem. E é melhor colocar as flores lá também. Elas vão murchar neste calor.

No quarto, ele pôs as flores no criado-mudo e ficou assistindo enquanto ela dava piruetas em meio ao vento frio que vinha do ar-condicionado, suas costas nuas no vestido de frente única brilhando com gotículas que pareciam pequenas pérolas de transpiração.

– Aah, que delícia! – ela disse, levantando os braços sobre a cabeça, o que fazia seus pequenos e firmes seios se erguerem sob o pano fino.

Eles dois já tinham feito exatamente aquilo antes, conforme Jeff se lembrava: encontraram o vaso para as flores, foram ao quarto para se refrescarem, ela girou e fez poses daquele mesmo jeito e... fazia quanto tempo que isso tinha acontecido? Vidas inteiras atrás, mundos inteiros.

Os grandes olhos castanhos dela, a genuína afeição neles ao olhar para Jeff... Deus, ninguém o olhava daquele jeito havia anos. Pamela tinha se

enfurnado no andar de cima daquela residência governamental em Maryland exatamente como jurara que faria, e distanciava-se, evitava cruzar olhares com ele nas raras ocasiões em que jantava junto com os outros. Os únicos olhos dos quais Jeff se lembrava bem nos últimos nove anos eram apenas os azuis e perigosos de Russell Hedges, encarando-o com intenções cada vez mais sinistras, enquanto o mundo se atolava em um pântano infernal de ataques terroristas, disputas de fronteiras e confrontações entre americanos e soviéticos sobre as quais Jeff nada sabia e não podia fazer previsão nenhuma.

Ele se perguntou o que seria daquele mundo tão alterado agora, se sua linha temporal divergente continuasse de fato e seguisse o curso que ele e Pamela tinham inadvertidamente traçado, mesmo com todas as melhores intenções. Os Estados Unidos já estavam sob lei marcial havia três anos, depois da destruição da ponte Golden Gate pelo Esquadrão Novembro e do massacre no prédio das Nações Unidas. As eleições presidenciais de 1988 tinham sido adiadas por tempo indefinido devido às então novas restrições ao direito de reunião, e os comandos das três principais agências de inteligência é que estavam efetivamente no controle do país – “enquanto durasse o estado de emergência”, segundo se alegou.

Tudo indicava que um estado fascista norte-americano estava em formação, o que, claro, era o objetivo do submundo terrorista internacional desde o início. Seus membros desejavam apenas criar um regime opressivo de verdade nos Estados Unidos, de tal forma que os cidadãos comuns começassem a considerar pegar em armas e partir para uma revolução. A não ser, é claro, que a trindade fervorosamente anticomunista formada por CIA, NSA e FBI, que comandava o governo interino, decidisse antes iniciar o conflito nuclear de proporções mundiais que já vinha ameaçando eclodir desde o final dos anos 1970.

Linda estava lá de pé, com suas costas sedosas e desnudas sob a ventilação fria, os olhos fechados e uma das mãos segurando o cabelo no alto da cabeça de modo a expor o pescoço esguio ao refrescante fluxo de ar. Os facho de luz que vinham pelas venezianas revelavam relances de suas pernas de dançarina através do vestido branco translúcido.

Jeff pensou, angustiado, que Pamela tivera razão em se virar contra ele. Estava certa em acusar ambos pelo que eles tinham iniciado naquele mundo, ainda que sem intenções maldosas e com propósitos até altruístas. Ao se revelarem publicamente e se disporem a negociar com o governo em troca das informações escassas que acabaram por receber, eles tinham plantado as sementes de terríveis furacões que agora outro mundo colheria. Era ainda uma questão em aberto se ela – ou qualquer um dos dois, a bem da verdade – se perdoaria pela violência brutal em escala global que eles tinham desencadeado em nome da benevolência e do entendimento. E levaria anos, uma década ou mais, até que ele tivesse a oportunidade de falar com ela outra vez e buscasse uma reconciliação pelo menos em termos pessoais, além de aceitar o trágico fracasso em sua tentativa de melhorar a humanidade. Aquele mundo estava perdido, assim como Pamela também estava perdida para ele agora e pelos anos que viriam, talvez até para sempre.

– Me faça cócegas – Linda disse em sua voz doce e clara, e Jeff por um momento ficou sem saber o que ela queria dizer. Então, ele se lembrou do delicado toque que ela tanto adorava, do rastejar vagaroso e suave de seus dedos pela pele dela, de um jeito tão sutil que nem mesmo parecia um toque. Ele pegou uma margarida entre as que ela tinha lhe dado e usou uma pétala macia para traçar uma linha imaginária desde a orelha, passando pelo pescoço e pelo ombro, descendo pelo braço direito e então subindo de novo pelo esquerdo.

– Ai, isso é tão gostoso – ela sussurrou. – Aqui, faz aqui.

Ela então soltou a fina tira do vestido e a deixou cair abaixo dos seios jovens. Jeff a acariciou com a flor e se inclinou para beijar cada um dos mamilos que iam ficando eretos.

– Ah, eu adoro isso – Linda suspirou. – Eu te amo!

Naquele dia perfeito vivido duas vezes, ele encontrou um desejado abrigo na paixão irrestrita e na afeição daquela mulher a quem seus sentimentos havia tanto tempo tinham sido negados. No amor dela por ele, na redescoberta daquele amor, ele viveu mais uma vez.

\* \* \*

As luzes nos cabelos de Linda clarearam até um amarelo pálido durante aqueles dias sob o sol marroquino, dando a impressão de que as mechas refletiam uma luz imaginária emanada pela grande tapeçaria dourada que ficava atrás do bar. Ela se segurou na borda do balcão, rindo muito, enquanto o navio trafegava gentilmente pelas águas do Atlântico Norte. Seu copo de gim e tônica começou a deslizar pela superfície inclinada de madeira, e ela o agarrou com um movimento ágil, o gelo da bebida tilintando junto às risadas.

– *Encore, madame?* – o balconista perguntou.

Linda se virou para Jeff.

– Quer outra bebida?

Ele fez que não com a cabeça e terminou seu Jack Daniel's com soda.

– Por que nós não damos uma volta no deque? A noite está quente e eu quero dar uma boa olhada no oceano.

Ele então assinou a notinha do bar, escrevendo o número da cabine, e a devolveu ao balconista.

– *Merci, Raymond; à demain.*

– *À demain, monsieur; merci.*

Jeff deu o braço a Linda e ambos andaram pelo vai e vem do Bar Riviera até o deque de observação que ficava do lado de fora. As imponentes chaminés pretas e vermelhas do S.S. *France* se erguiam acima deles contra o céu noturno, suas delgadas barbatanas horizontais como rabos de duas baleias gigantes paradas no ar, em meio a um salto. O grande navio se levantou com uma massa de água um pouco maior que se aproximou e então mergulhou suavemente no vale formado pelas imensas e contínuas ondas. As estrelas no céu estavam bem visíveis, sem obstáculos que as ocultassem, mas o horizonte mais ao sul se iluminava ocasionalmente por uma linha de nuvens que prenunciava uma tempestade ao longe, com rajadas de raios. Parecia estar vindo na direção do navio, mas, a uma velocidade de trinta nós, eles estariam longe da

tormenta antes que os ventos violentos e a chuva chegassem àquela parte do oceano.

Jeff pensou que Heyerdahl não poderia se dar ao luxo de escapar daquela fúria ocasional. Ele veria a vindoura tempestade com olhos diferentes, muito atento e preocupado ao timão de seu pequeno barco, feito de hastes de papiro, tão longe assim da terra firme. Justamente uma tempestade como aquela o tinha impedido de seguir adiante no ano anterior e o forçado a abandonar sua embarcação avariada em mar aberto, a quase mil quilômetros de seu destino.

– Você acha que ele vai conseguir desta vez? – Linda perguntou, olhando para as luzes irregulares nas nuvens a distância. Ela estava pensando a mesma coisa que ele, perguntando-se a respeito do afável norueguês barbudo com quem eles dividiram as tarefas e conquistas das últimas três semanas no antigo porto de Safi, onde ele tinha construído, e lançado ao mar, na semana anterior, seu histórico barquinho, feito propositalmente à moda primitiva.

– Ah, ele vai conseguir – Jeff disse com segurança.

O fino vestido de Linda se revolia ao vento da tempestade que se aproximava, e ela se agarrava firmemente ao gradil do navio.

– Por que ele te fascina tanto? – ela quis saber.

– Pela mesma razão que Michael Collins e Richard Gordon me fascinam – ele disse. E poderia ter adicionado Roosa, Worden, Mattingly e Evans, além dos prisioneiros de guerra que começariam a retornar dali a três anos, em 1973. – O isolamento, o distanciamento extremo do resto da humanidade...

– Mas o Heyerdahl pelo menos tem uma tripulação de sete que vai com ele – ela observou. – Collins e Gordon estavam completamente sozinhos em suas cápsulas, pelo menos durante um tempo.

– Às vezes, o isolamento pode ser compartilhado – Jeff disse, olhando para o mar agitado. O cheiro quente trazido pela tempestade tropical que se aproximava o remeteu ao Mediterrâneo, a um dia em que aquele mesmo aroma tinha entrado pela janela aberta da *villa* em Maiorca: o sabor levemente picante da *paella*, a melancolia cortante do violão de

Laurindo Almeida, a mistura de alegria e pesar nos olhos de Pamela, olhos moribundos.

Linda viu a sombra que se abateu sobre o rosto de Jeff e aproximou sua mão da dele, apertando-a tão firmemente como quando ela se agarrava ao gradil do navio.

– Eu me preocupo com você às vezes – ela disse. – Essa conversa de solidão e isolamento... Não sei se esse projeto é uma boa ideia. Parece que está te deixando muito deprimido.

Ele a puxou para perto dele e a beijou no alto da cabeça.

– Não – ele assegurou com um sorriso afetuosos. – Deprimido não. Só me deixa pensativo, só isso.

Mas não era inteiramente verdade, e ele sabia disso. Seu estado meditativo é que primeiro tinha originado o empreendimento ao qual ele se dedicava no momento, e não o contrário. A presença de Linda, seu amor aberto e declarado, tinham acalmado suas emoções combalidas desde aquele dia em agosto de 1968, quando ele tinha retornado àquela vida justo no momento de encontrá-la à porta com os braços cheios de margaridas recém-colhidas. Mas nem mesmo o renascimento inesperado de tudo aquilo que eles haviam partilhado tanto tempo antes tinha sido suficiente para fazê-lo se esquecer dos tormentos que ele infligira ao mundo indiretamente, por meio de Russell Hedges, em sua vida anterior, e do abismo que tinha se formado entre ele e Pamela. A culpa e o remorso se mostravam inescapáveis; ambos formavam uma corrente que parecia fluir de maneira persistente sob seus pés, constantemente minando as fundações do redescoberto amor pela mulher com quem ele um dia tinha se casado. E aquela contínua sensação de derrota levava a um novo remorso, uma culpa no tempo presente que era piorada por sua convicção de que ele deveria ser capaz de controlar seus sentimentos, de deixar o passado para trás e se entregar a Linda tanto quanto ela se entregava a ele.

Ele tinha imediatamente pedido demissão de seu emprego de repórter na WIOD, em Miami, porque não conseguia mais digerir o trabalho diário de pesquisar, observar e descrever a tragédia humana, não depois de se julgar responsável por tudo aquilo que tinha acontecido naqueles anos

mortos nas instalações do governo em Maryland. Naquele outubro, Jeff esperou até que Detroit estivesse atrás por três jogos a um; então, pegou todas as suas economias e apostou que os Tigers ganhariam os últimos três jogos da World Series. Mickey Lolich garantiria o resultado para ele, Jeff sabia disso.

Os ganhos lhe permitiram comprar um novo apartamento à beira da praia em Pompano Beach, mais perto da faculdade onde Linda estudava e de onde ela vivia com seus pais. Ele a encontrava todas as tardes depois das aulas, nadava com ela no mar calmo ou então só ficava sentado ao seu lado na piscina do condomínio enquanto ela estudava. Ela tinha ido morar com ele durante a primavera, dizendo aos pais que estava “procurando seu próprio canto”. Eles concordaram com a mentirinha, nunca visitaram o apartamento no décimo andar que ambos agora dividiam e continuaram a recebê-lo bem em sua casa para o jantar de domingo todas as semanas.

Naquele verão de 1969, ele tinha elaborado o projeto que ora o consumia. O pai de Linda é quem tinha plantado a semente em sua cabeça na noite de um domingo, enquanto tomavam café depois do jantar. Jeff tinha desenvolvido o hábito de ignorar as notícias e se colocar, de maneira educada, à parte de qualquer discussão de eventos nacionais ou mundiais. Mas, naquela semana, seu ex-e-futuro-sogro tinha cismado com um tópico específico e não queria se desvencilhar dele: a viagem recém-abortada de Thor Heyerdahl e a quixotesca tentativa daquele norueguês de provar que exploradores muito antigos, navegando com embarcações feitas com hastes de papiro, teriam introduzido a cultura egípcia nas Américas mais de três mil anos antes de Colombo.

O pai de Linda estava, na verdade, fazendo pouco daquela história, considerando o quase sucesso de Heyerdahl como um fracasso retumbante, e Jeff naturalmente tinha ficado calado, sabendo que o aventureiro e antropólogo triunfaria em sua segunda expedição um ano depois. O caso é que aquela conversa o tinha deixado pensativo, e naquela noite ele ficou acordado até o amanhecer, ouvindo o quebrar das ondas que vinha das janelas do apartamento e se imaginando à deriva no mar escuro, em uma embarcação frágil feita de próprio punho, um barquinho quebradiço que

poderia sucumbir às tempestades daquele ano, mas que voltaria e conquistaria o oceano que um dia o reclamara.

Naquele mesmo mês, ele e Linda foram até o Cabo Canaveral, como já tinham feito antes, para presenciar a fúria controlada do gigantesco foguete Saturno V que levaria a Apollo 11 à Lua. Depois do lançamento, ao enfrentar o trânsito da já congestionada Gold Coast junto a dezenas de milhares de outros carros cheios de espectadores, a mente de Jeff ficou cheia de pensamentos de insularidade, de afastamento dos assuntos do dia a dia da humanidade. Não era o tipo de reclusão que ele buscava quando fora para o córrego Montgomery, mas uma viagem rumo ao isolamento, uma jornada épica de solidão rumo a um objetivo ainda não comprovado.

Heyerdahl conhecia aquela sensação, Jeff tinha certeza, assim como a conheciam os tripulantes daquela missão que eles tinham acabado de ver partir, e nenhum deles ficaria mais familiarizado com ela do que Michael Collins. Armstrong e, em menor grau, Aldrin receberiam as glórias, dariam aqueles históricos primeiros passos, diriam as atrapalhadas primeiras palavras e fincariam a bandeira em solo lunar. Mas, durante as dramáticas horas em que seus colegas estivessem na superfície da Lua, Michael Collins estaria mais sozinho do que qualquer ser humano algum dia estivera: a mais de quatrocentos mil quilômetros da Terra, em órbita de um mundo alienígena, com os humanos mais próximos em algum lugar abaixo dele naquele planetaide hostil. Quando seu módulo de comando o levasse até o outro lado da Lua, Collins nem mesmo teria contato por rádio com seus semelhantes e estaria até impossibilitado de ver a bolinha azul e branca onde nascera. Ele só poderia encarar a infinita desolação do espaço em uma solidão e um silêncio absolutamente profundos que apenas outros cinco seres humanos experimentariam na história.

Jeff entendeu então, sentado em meio ao congestionamento de cinquenta quilômetros da rodovia 1 perto de Melbourne, que ele deveria encontrar aqueles homens e conhecê-los. Talvez, dessa forma, ele tivesse um entendimento melhor de si mesmo e da viagem solitária pelo tempo em que ele e Pamela tinham sido lançados.

Na semana seguinte, começou a primeira de muitas viagens que ele faria a Houston. Na esteira da entrevista com Earl Warren que conseguira no ano anterior, Jeff persuadiu a NBC a obter para ele credenciais de imprensa para cobrir a NASA como jornalista freelancer. Assim, entrevistou e até ficou amigo de Stuart Roosa; por meio dele, conheceu também Richard Gordon, Alfred Worden e outros. Até mesmo Michael Collins se mostrou relativamente acessível; afinal, as atenções do mundo se focavam nos homens que de fato puseram os pés na Lua, não naquele que ficou para trás, como outros ficariam, na órbita lunar.

O que tinha começado como uma busca pessoal por compreensão de sua própria mente logo se expandiu para além disso. Pela primeira vez em muitos anos, Jeff estava usando seus talentos como jornalista, mergulhando com habilidade nos pensamentos e nas lembranças de seus entrevistados e conseguindo os melhores momentos das entrevistas justamente quando eles deixavam de pensar naquelas conversas como sendo entrevistas, quando baixavam a guarda diante do interesse genuíno que ele demonstrava e começavam a falar com ele em um nível muito mais profundamente humano. Identificação, humor, raiva, medo; Jeff de alguma forma conseguia extrair daqueles homens toda a gama de emoções que os astronautas nunca antes haviam revelado. E ele sabia que a visão muito particular que eles tinham do universo não era algo que ele podia manter só para si mesmo, e sim tinha de partilhar com o mundo.

Tinha escrito para Heyerdahl naquele outono e combinado o primeiro de muitos encontros com o explorador na Noruega e depois em Marrocos. À medida que o impulso inicial que tinha levado Jeff a procurar aqueles indivíduos especiais se expandia em sua mente, e à medida que as imagens e sensações que ele conseguia deles ganhavam uma força muito própria, ele acabou por perceber o que estava criando, de forma inconsciente, porém com determinação: um livro sobre si mesmo, usando a metáfora daqueles viajantes solitários, tomados um a um, como um meio para capturar sua própria experiência única, para explicar a intrincada tapeçaria de seus ganhos e perdas acumulados e de seus arrependimentos.

Uma nova rajada de relâmpagos iluminou as nuvens de tempestade ao longe, com seu fraco reflexo esbranquiçado realçando os contornos do rosto angelical de Linda.

“E também de suas alegrias”, ele pensou, correndo as pontas dos dedos levemente pelas maçãs do rosto dela enquanto ela sorria. Ele também deveria explicar as alegrias.

O quarto de escrever de Jeff, como a maioria dos outros quartos na casa de Hillsboro Beach, ao sul de Boca Raton, tinha vista para o oceano. Ele estava confiando na constância daquela vista e no som irrefreável do mar batendo da mesma forma como um dia ficara tão embevecido com a visão do pico nevado do monte Shasta visto de sua cabana no córrego Montgomery. Aquilo o acalmava, o ancorava na realidade, exceto nas noites em que a lua nascia por detrás do mar e o lembrava de certo filme que nunca fora realizado naquele mundo, e de um tempo que era melhor esquecer.

Ele apertou o pedal da máquina de ditar da Sony e o som profundo daquela voz com forte sotaque russo na fita ficou evidente, mesmo vindo do alto-falante distorcido do aparelho. Jeff estava bem no meio da transcrição daquela entrevista, e, a cada vez que ouvia a voz, ele podia visualizar a surpreendentemente modesta casa do homem em Zurique, os pratos de *blini* e caviar, a gelada garrafa de vodca na mesa entre eles; e também as palavras, o despejar da eloquente tristeza intercalada com inesperadas pérolas de humor e mesmo algumas risadas do corpulento indivíduo com sua inconfundível barba avermelhada. Muitas vezes durante aquela semana de sabedoria expressa com tanta intensidade na Suíça, Jeff se sentiu tentado a dizer ao homem quanto ele partilhava profundamente de seu luto, quanto ele entendia a sensação de raiva e impotência em relação àquilo que não tem volta. Mas ele não tinha chegado a tanto, claro. Nem podia fazer isso. Segurara sua língua e fizera o papel do ingênuo porém astuto entrevistador, e, assim, apenas gravara os pensamentos do

grande homem. Depois o deixara sozinho com sua dor, tal como Jeff ficara com a sua.

Ouviu-se uma meia batida na porta e Linda o chamou.

– Querido, quer fazer uma pausa?

– Claro – ele disse, desligando a máquina de escrever e o toca-fitas. – Entre.

Ela abriu a porta e veio equilibrando uma bandeja com duas fatias de torta de limão e duas xícaras de café Jamaica Blue Mountain.

– É só para te manter em pé – ela disse, sorrindo.

– Mmmm – Jeff inalou o aroma forte do café e o cheiro gelado e ligeiramente ácido da torta. – Ah, é bem mais do que isso. Infinitamente mais.

– Como está saindo o material do Solzhenitsyn? – ela perguntou, cruzando as pernas ao se sentar na imensa otomana perto da escrivaninha com a bandeja no colo.

– Excelente. Já tenho muito com o que trabalhar aqui, e é tudo tão bom que eu nem sei por onde começar a editar e parafrasear.

– É melhor ainda que o material do Thieu?

– Bem melhor – ele disse entre uma mordida e outra da torta inacreditavelmente deliciosa. – Tem citações ótimas no material do Thieu, o suficiente para valer a pena a inclusão, mas é isso aqui que vai formar o esqueleto do livro. Estou bem animado.

E com boas razões, Jeff sabia. O novo projeto vinha se formando em sua cabeça desde que ele começara a escrever o livro anterior, aquele sobre Heyerdahl e os astronautas que ficaram em órbita. Tinha sido um sucesso moderado de público e crítica ao ser publicado, dois anos antes, em 1973. Ele tinha certeza de que esse de agora, para o qual a pesquisa já estava quase completa, superaria mesmo as melhores partes do trabalho anterior.

Desta vez, ele escreveria a respeito do exílio autoimposto, do banimento de casa, da terra natal e mesmo da companhia dos outros homens. Com esse tópico, ele sentia que podia encontrar e alcançar uma empatia universal, uma centelha de compreensão vinda do exílio metafórico a que todos estamos sujeitos e que Jeff entendia mais do que

qualquer um antes dele: nossa expulsão inerente e inevitável dos anos que já vivemos e que foram deixados para trás, das pessoas que um dia fomos e conhecemos e que perdemos para sempre.

As longas tergiversações que Jeff conseguira de Alexander Solzhenitsyn – sobre seu exílio, não sobre o tempo no *gulag* – eram, como ele dissera a Linda, indubitavelmente as mais profundas observações que ele tinha gravado até aquele momento. O livro também incluiria material de sua correspondência com o príncipe cambojano deposto Sihanouk e suas entrevistas, tanto em Madri quanto em Buenos Aires, com Juan Perón, assim como reflexões que tinha colhido com Nguyen Van Thieu depois da queda de Saigon. Jeff havia conversado até com o aiatolá Khomeini em seu santuário nos arredores de Paris. Para garantir que o livro tivesse um caráter democrático, ele havia conseguido depoimentos de dezenas de refugiados políticos comuns, homens e mulheres que tinham fugido de regimes ditatoriais tanto de esquerda quanto de direita.

As anotações e os comentários em áudio que ele tinha juntado transbordavam com narrativas e sentimentos poderosos e profundamente comoventes. A tarefa que Jeff agora enfrentava era a de destilar a essência daquelas milhões de palavras ditas de maneira tão sincera, maximizar o poder delas ao enxugar os excessos, manter o âmago e então combiná-las de modo a formar o mais eficiente contexto. Ele planejava chamá-lo de *As harpas nos salgueiros*, tendo como inspiração o *Salmo 137*:

Junto aos rios da Babilônia,  
nós nos sentamos e choramos,  
lembrando-nos com saudade de Sião.  
Ali, nos salgueiros,  
penduramos as nossas harpas...  
Como poderíamos cantar  
as canções do Senhor em terra estrangeira?

Jeff terminou sua torta de limão, colocou o prato de lado e bebericou a espuma rica do recém-coado café jamaicano.

– Quanto tempo você acha...? – Linda começou a perguntar, mas foi interrompida pelo agudo toque do telefone na mesa dele.

– Alô? – ele respondeu.

– Olá, Jeff – disse a voz que ele já conhecera durante três vidas.

Ele não sabia o que dizer. Tinha pensado naquele momento muitas vezes ao longo dos últimos oito anos, já o tinha temido, ansioso por ele, até chegado a acreditar, não por completo, que ele nunca chegaria. Agora que ele estava ali, Jeff se viu temporariamente sem palavras, todo o seu discurso de abertura ensaiado com cuidado fugindo de seu pensamento como jorros de fumaça sumindo no vento.

– Você pode falar? – Pamela perguntou.

– Na verdade, não – Jeff disse, olhando com desconforto para Linda. Ela percebera a mudança em sua expressão e o estava observando com curiosidade, mas sem desconfiança.

– Eu entendo – Pamela disse. – É melhor se eu te ligar mais tarde ou se nós nos encontrarmos em algum lugar?

– É, é melhor.

– Qual dos dois? Ligar mais tarde?

– Não, não. Acho que poderíamos nos encontrar em breve.

– Você pode vir a Nova York? – ela perguntou.

– Posso. A qualquer hora. Onde e quando seria melhor?

– Esta quinta, pode ser?

– Sem problema – ele respondeu.

– Quinta à tarde, então... no Pierre? No bar de lá?

– Acho que está bom assim. Às duas horas?

– Às três seria melhor para mim – Pamela disse. – Eu tenho um compromisso no West Side à uma.

– Tudo bem. A... A gente se vê na quinta.

Jeff desligou e pôde sentir quanto tinha ficado sem ação e abalado com a ligação.

– Era... Era um colega meu da faculdade, Martin Bailey – ele mentiu, odiando-se por fazer isso.

– Ah, sim, seu colega de quarto. Tem alguma coisa errada? – ela perguntou com uma preocupação genuína na voz e no rosto.

– Ele e a mulher estão tendo uns problemas bem graves no casamento. Parece que vão se divorciar. Ele está bastante chateado com isso, precisa conversar com alguém. Eu vou para Atlanta por uns dias para ver se posso fazer alguma coisa para ajudar.

Linda sorriu inocentemente, demonstrando simpatia, mas Jeff não sentiu alívio algum no fato de que ela acreditara tão prontamente na mentira improvisada. Só conseguia sentir culpa em pontadas nítidas, quase físicas. E, por cima disso, intensificando a culpa, uma inegável sensação de entusiasmo por saber que estava para ver Pamela de novo dali a apenas três dias.

## Dezoito

Jeff saiu de seu quarto no Pierre e pegou o elevador às duas e vinte; virou à esquerda e passou pelo mármore italiano cinza com arremates em metal que marcava a entrada do Café Pierre. Encontrou uma mesa em um local calmo próximo ao fundo do bar comprido e estreito, pediu uma bebida e ficou esperando nervoso, com os olhos fixos na porta. Tantas lembranças ele tinha daquele hotel; ele e Sharla tinham assistido à maior parte daquela World Series crucial de 1963 em um quarto ali, bem no começo de seu primeiro *replay*, e ele já ficara lá também em muitas outras ocasiões nas décadas anteriores, costumeiramente com Pamela.

Ela entrou faltando cinco minutos para as três. O cabelo louro liso estava da forma como ele se lembrava; os olhos também eram os mesmos. Os lábios carnudos tinham uma expressão familiar de seriedade, mas sem a amargura e a clara insatisfação que ele vira naqueles últimos anos em Maryland. Ela usava delicados brincos de esmeralda que combinavam com seus olhos, uma estola de raposa branca e... um vestido de gestante largo,

cinza-claro, feito especialmente para acomodar a barriga que apontava. Pamela estava grávida de cinco meses, talvez seis.

Ela chegou à mesa, tomou a mão de Jeff e a segurou por um longo tempo, em silêncio. Ele olhou para baixo e viu a aliança de casamento de ouro puro.

– Bem-vinda de volta – ele disse, enquanto ela se sentava do outro lado da mesa. – Você... está linda.

– Obrigada – ela disse com certa cautela, os olhos fixos na mesa. Um garçom se aproximou e ela pediu uma taça de vinho branco. O silêncio se manteve até que o vinho chegasse. Ela o levou aos lábios e deu um pequeno gole, depois começou a esfregar o guardanapo de papel entre os dedos.

Jeff sorriu, lembrando-se do tique.

– Você vai fatiar esse aí também? – perguntou com delicadeza.

Pamela olhou para ele e retribuiu o sorriso.

– Talvez.

– Quando é que...? – ele começou, mas resolveu interromper a pergunta.

– Quando o quê? Quando começou meu *replay* desta vez ou quando eu vou ter o bebê?

– As duas coisas, eu acho. Como você preferir começar.

– Eu voltei há dois meses, Jeff.

– Ah, sim... – ele respondeu, e então foi sua vez de desviar o olhar, encarando um candeeiro dourado próximo à cortina de cetim.

Pamela estendeu a mão pela mesa e tocou o braço dele.

– Eu não tive como ligar antes, você entende? Não só pelas diferenças que a gente teve da última vez como também por causa... disso. Foi um choque emocional gigantesco para mim.

Ele amoleceu e voltou a olhar nos olhos dela.

– Me desculpe – ele disse. – Eu entendo que deve ter sido mesmo.

– Eu estava em uma loja de roupas de bebê em New Rochelle. Comprando roupas de bebê! E o meu primeiro, Christopher, que já tem três anos, estava comigo. Então, senti o tamanho da minha barriga e

percebi o que estava acontecendo e... desmoronei de imediato. Comecei a chorar incontrolavelmente e, claro, aquilo assustou Christopher. Ele também começou a chorar e dizer “Mamãe, mamãe”.

A voz de Pamela falhou e ela levou o guardanapo aos olhos. Jeff pegou a mão dela, acariciando até que ela se recompusesse.

– Esta que eu estou carregando agora é a Kimberly – ela finalmente disse, com mais calma. – Minha filhinha. Ela vai nascer em março. Dezoito de março de 1976. Vai ser um dia lindo, mais parecido com um final de abril ou começo de maio. O nome dela significa “aquela que vem do prado real”, e eu sempre dizia que ela chegou trazendo a primavera.

– Pamela...

– Eu nunca pensei que eu os veria de novo. Você não pode imaginar... Não, nem mesmo você consegue imaginar como isso é para mim, como ainda é e como será pelos próximos onze, quase doze anos. Porque eu os amo mais do que nunca e, desta vez, eu sei que vou perdê-los.

Ela começou a chorar baixinho de novo e Jeff percebeu que não havia nada que ele pudesse dizer para melhorar a situação. Pensou em como seria poder abraçar sua filha Gretchen mais uma vez, ficar assistindo enquanto ela brincava no jardim da casa no Condado de Dutchess, sabendo o tempo todo o dia e a hora exatos em que ela desapareceria para sempre de sua vida mais uma vez. Uma felicidade impossível, um desgosto incalculável e nenhuma possibilidade de separar uma coisa da outra. Pamela tinha razão; o embate constante e insustentável entre aquelas duas emoções entrelaçadas era algo que estava além até mesmo da capacidade de empatia dele, já tão bem desenvolvida.

Depois de certo tempo, ela pediu licença e se levantou da mesa para lidar com as lágrimas sozinha. Quando voltou, seu rosto estava limpo, com a maquiagem leve retocada e impecável. Jeff tinha pedido outra taça de vinho para ela e outra bebida para ele.

– E você? – ela perguntou mais casualmente. – Quando foi que você voltou desta vez?

Ele hesitou e limpou a garganta antes de responder.

– Eu estava em Miami, em 1968.

Pamela pensou naquilo por um momento e fez um olhar de quem tinha compreendido.

– Com a Linda – ela disse.

– Isso.

– E agora, está como?

– Nós ainda estamos juntos. Não estamos casados, ainda não, mas... morando juntos.

Ela abriu um sorriso sincero de quem entendia bem a situação e correu os dedos pela borda da taça.

– E você está feliz.

– Eu estou, sim – ele admitiu. – Nós dois estamos.

– Então, fico feliz por você – disse Pamela. – De verdade.

– Tem sido bem diferente desta vez – ele continuou. – Eu fiz uma vasectomia, então ela nunca vai ter de passar por aquela dificuldade com a gravidez. Talvez nós venhamos a adotar uma criança. Eu consigo lidar bem com essa parte, já tive de fazer isso antes, quando eu era casado com Judy, e não era a mesma coisa de... Bem, você sabe o que eu quero dizer. – Jeff parou por um instante, arrependendo-se de ter trazido à tona o assunto dos filhos mais uma vez, e então tentou emendar apressadamente. – A segurança financeira ajudou bastante nossa relação de agora – ele disse. – Eu não me preocupei desta vez em pegar pesado nos investimentos, como antes, mas nós vivemos de maneira bem confortável. Temos uma casa muito boa à beira-mar, viajamos bastante... E eu estou escrevendo agora, fazendo um trabalho que para mim é bastante compensador. Tem sido uma espécie de processo de recuperação para mim, mais ainda do que a época em que eu passei sozinho no córrego Montgomery.

– Eu sei – ela disse. – Eu li seu livro. Foi bastante tocante. Ele me ajudou a deixar para lá muito do que deu errado entre a gente da última vez, aquela amargura toda.

– Você... Ah, é verdade. Eu estava me esquecendo de que você já voltou faz dois meses. Bem, obrigado, eu fico feliz que você tenha gostado dele. O livro em que estou trabalhando agora é sobre exílio. Já entrevistei

Solzhenitsyn, Perón... Eu te mando um dos primeiros exemplares quando ele estiver pronto.

Ela abaixou o olhar e levou uma mão ao queixo.

– Eu acho que não seria uma boa ideia.

Jeff levou um segundo até perceber do que ela estava falando.

– Seu marido?

Pamela assentiu.

– Não é que ele seja um homem especialmente ciumento, mas é que...

Ah, Deus, como eu posso dizer isso? É que precisaria de explicações demais se eu e você mantivéssemos contato e começássemos a escrever e telefonar um para o outro e a nos encontrar. Você percebe como isso seria desconfortável?

– Você o ama? – Jeff perguntou, engolindo em seco.

– Não do jeito que você obviamente ama Linda – ela disse com a voz firme, mas calma. – Steve é um sujeito muito decente e gosta de mim do jeito dele. Mas o principal são as crianças, é nisso que eu estou pensando. O Christopher só tem três anos, a Kimberly nem nasceu ainda. Eu não poderia afastá-los do pai deles sem nem dar a chance de eles o conhecerem... – e ela então deixou transparecer um estranho ar de raiva nos olhos, mas logo se conteve. – Mesmo que você me pedisse isso.

– Pamela...

– Eu não posso me ressentir dos seus sentimentos pela Linda – ela disse. – Nós já nos distanciamos por tempo demais para eu de repente dar uma de possessiva, e eu entendo quanto deve ser bom para você ver isso dando certo, depois dos problemas que vocês tiveram lá na primeira vez.

– Isso não muda em nada o que eu sinto por você.

– Eu sei – ela disse gentilmente. – Não tem nada a ver conosco, mas é uma realidade, e no momento é a sua prioridade. Da mesma forma, desta vez eu preciso do meu tempo com meus filhos e minha família. Eu preciso demais disso.

– Você não continua com raiva por...?

– Tudo o que aconteceu da última vez, com o Russell Hedges e tudo mais? Não, de jeito nenhum, nenhuma raiva de você. Nós dois fomos

responsáveis por fazer aquilo acontecer do jeito como aconteceu, e fizemos porque acreditamos que era o melhor a fazer. Teve tantas vezes, especialmente durante os últimos meses, que eu quis conversar com você e pedir desculpas por ter te culpado... mas eu era teimosa demais para fazer isso. Não estava lidando bem com a culpa que eu sentia. Eu tinha de jogar aquilo em cima de alguém para resguardar minha própria sanidade, mas deveria ter sido no Hedges, não em você. Me desculpe mesmo.

– Eu entendo – ele disse. – E entendi na época também, mas foi mais difícil.

Toda a vontade nos olhos dela e o profundo remorso refletiam as emoções dele próprio.

– Vai ser bem mais difícil agora – ela disse, cobrindo as mãos dele com as dela. – Vai precisar de muita compreensão da parte de nós dois.

A galeria ficava na rua Chambers, em TriBeCa, região que devia seu nome ao fato de ser um triângulo situado depois da rua Canal, um local que substituíra o Soho como o principal enclave de artistas em Manhattan. Entretanto, a partir de meados dos anos 1980, o mesmo processo que havia levado ao êxodo do Soho começara a acontecer também em TriBeCa: bares e restaurantes da moda pipocavam nas ruas adjacentes à Hudson e à Varick, os preços nas lojas e nas galerias começaram a refletir o poder de compra dos clientes de alto padrão, e os aluguéis dos lofts foram às alturas. Em breve, os jovens pintores, escultores e artistas performáticos cuja presença tinha, em primeiro lugar, criado toda uma nova movimentação naquele canto da cidade, antes desolado, seriam removidos para algum outro setor boêmio e indesejado – e, portanto, mais barato – da congestionada Ilha de Manhattan.

Jeff avistou a discretíssima placa de latão que identificava a Galeria Hawthorne e conduziu Linda pela porta do prédio, agora reformado, que um dia fora um cortiço próximo a um galpão industrial. Ao entrar, chegaram a uma recepção elegantemente ampla e limpa, com paredes e teto brancos e um sofá preto bem baixo, que ficava defronte a uma

mesinha curva também preta. A única decoração era uma surpreendente peça de artesanato em ferro pendurada, com suas longas bordas cheias de voltas lembrando uma continuação mais bem-acabada das intrincadas filigranas típicas de portões e grades da antiga Nova Orleans.

– Posso ajudá-los? – perguntou a mocinha atrás da mesa, magra como um galgo.

– Viemos para a abertura da exposição – Jeff disse, mostrando o convite com escritos em relevo.

– Ah, certamente – ela respondeu, consultando uma lista impressa e riscando os dois nomes. – Por favor, sigam em frente.

Jeff e Linda passaram pela mesinha e entraram no salão principal da galeria. As paredes eram do mesmo branco fulminante, mas carregavam o que parecia ser uma confusão de imagens cujo posicionamento não parecia ter sido muito cuidadosamente planejado. O grande galpão tinha sido dividido aqui e ali em alcovas menores, mais apropriadas à observação detida das obras contemplativas que continham, enquanto, do outro lado, toda a grandiosidade das obras maiores encontrava lugar nas áreas mais vastas onde eram exibidas.

A atenção da galeria se voltava para uma tela de seis metros, mostrando uma vista submarina que só poderia existir na imaginação da artista: o sereno topo de uma montanha bem abaixo das ondas, com uma inconfundível simetria muito distinta e a neve cobrindo o pico, intocado pelas águas que o cercavam. Golfinhos em grande quantidade nadavam pelas fendas mais próximas ao sopé do monte. Olhando mais atentamente, Jeff pôde perceber que dois dos golfinhos tinham olhos claramente humanos que pareciam não ter uma idade definida.

– É... É espetacular! – disse Linda. – E olha aquela ali!

Jeff se virou para ver o que ela estava apontando. A pintura menor era tão impactante quanto a grande imagem da montanha submersa. Essa de agora mostrava a vista a partir de um planador, mas esticada como se fosse enfocada por uma grande-angular, de modo a abranger um ângulo de 180 graus. Em primeiro plano, parte do painel e do manche do avião era mostrada; pelos vidros da frente, outro planador podia ser visto não muito

longe, e ambos voavam suavemente, não pelo céu azul, mas pelo infinito do espaço, em órbita de um planeta cor de ferrugem rodeado por um anel.

– Fico feliz que vocês tenham vindo – disse uma voz atrás de Jeff.

Os anos tinham sido gentis com ela desta vez. Não havia nada daquele vazio angustiante e do ar cansado que uma vez assombraram suas feições em Maryland, e mesmo em Nova York, depois que eles tiveram seu encontro com Stuart McCowan. Ainda que ela, sem dúvida, aparentasse ser uma mulher com seus trinta e tantos anos, seu rosto agora brilhava com uma clara luz de contentamento.

– Linda, quero que conheça Pamela Phillips. Pamela, esta é minha esposa, Linda.

– É um prazer tão grande te conhecer – Pamela disse, tomando a mão de Linda. – Você é ainda mais bonita do que Jeff tinha falado.

– Obrigada. Olha, nem consigo dizer quanto estou impressionada com seu trabalho. É absolutamente magnífico.

Pamela sorriu graciosamente.

– Sempre é bom ouvir uma coisa assim. Você deveria ver as menores também. Elas são menos imponentes ou austeras. Algumas têm até um toque de humor, eu diria.

– Eu quero muito ver toda a exposição – Linda disse, afoita. – Foi muito gentil de sua parte nos convidar.

– Eu fico muito feliz que vocês puderam vir lá da Flórida. Sou uma admiradora dos livros de seu marido há anos, mesmo antes de nós nos encontrarmos no mês passado. Eu imaginei que você e ele gostariam de dar uma olhada em algumas dessas coisas em que eu vinha trabalhando.

Pamela então se virou na direção de um grupo de pessoas que estavam por perto, bebendo suas taças de vinho e provando dos pequenos pratos de salada de macarrão com pinhão e molho pesto.

– Steve – ela chamou. – Steve, venha aqui. Quero que você conheça umas pessoas.

Um homem de aparência muito amigável, usando óculos e um blazer cinza, se separou do grupo e se aproximou deles.

– Este é meu marido, Steve Robison – Pamela disse. – Eu uso meu nome de solteira, Phillips, para assinar meu trabalho, mas Robison para todo o resto. Steve, estes são Jeff Winston e a mulher dele, Linda.

– É um prazer – o homem deu um largo sorriso ao apertar a mão de Jeff. – É um grande prazer. Eu acho que *As harpas nos salgueiros* é uma das melhores coisas que já li na vida. Ganhou o Pulitzer, não foi?

– É verdade – Jeff disse. – Fico muito contente de ver que ele falou tanto a tanta gente.

– É um grande livro – Robison continuou. – E o seu último, sobre as pessoas voltando aos lugares onde elas cresceram, fica para mim em um segundo lugar bem perto do primeiro. Tanto Pamela como eu somos grandes fãs seus já há bastante tempo. Acho inclusive que alguns dos seus pensamentos influenciaram o trabalho dela. Eu mal pude acreditar quando ela disse que tinha te conhecido no avião vindo de Boston algumas semanas atrás. Que coincidência maravilhosa!

– Você deve ter muito orgulho dela – Jeff disse, saindo de fininho da pequena história que ele e Pamela tinham inventado para explicar como eles se conheciam. Ela tinha escrito a ele no começo do verão, quisera encontrá-lo brevemente e convidá-lo para a exposição. Jeff nem mesmo tinha ido a Boston naquele ano. Pamela foi para lá e voltou sozinha, para dar veracidade à história, enquanto Jeff passava uma semana em Atlanta, passeando pelo *campus* da Emory e pensando em tudo o que já tinha acontecido a ele desde aquela primeira manhã quando ele acordara em seu quarto no alojamento.

– Eu tenho muito, muito orgulho dela – disse Steve Robison, estendendo o braço pelas costas da esposa. – Ela odeia que eu fale assim, diz que eu falo de um jeito que fica parecendo que ela nem está na sala. Mas eu não consigo evitar meu contentamento quando penso em tudo o que ela já fez em tão pouco tempo e com duas crianças por perto.

– Falando nisso... – Pamela disse, sorrindo. – Ali estão os dois perto da escultura da fênix. Se comportando muito bem, eu espero.

Jeff olhou pela galeria e lá estavam as duas crianças. O garoto, Christopher, era um simpático e desajeitado rapazinho de quatorze anos

prestes a se tornar um adulto; e Kimberly, de onze, já era uma cópia bem mais jovem da própria Pamela. Onze anos. Só dois a menos que Gretchen quando ela...

– Jeff – Pamela chamou. – Tem uma obra em especial que eu quero que você veja. Steve, por que você não pega um pouco de salada e um vinho para a senhora Winston?

Linda seguiu Steve para a mesa do bufê e o bar, enquanto Pamela levava Jeff para um apertado aposento em formato cilíndrico, como se fosse um pequeno quarto dentro de outro, bem no centro da galeria. Um grupo de pessoas esperava para entrar no cubículo, fora do qual um aviso em um cartão dizia para não entrarem mais de quatro pessoas de cada vez. Pamela virou o cartão, e a parte de trás continha os dizeres “Fechado temporariamente para reformas”. Pediu desculpas para aqueles que estavam na fila e avisou que precisava fazer alguns ajustes no equipamento. Eles concordaram gentilmente e se dispersaram para os outros ambientes da exposição. Depois de alguns instantes, um quarteto emergiu da cabine e Pamela levou Jeff lá para dentro, fechando a porta.

A obra em questão era em vídeo, com uma dúzia de monitores coloridos de variados tamanhos arrumados nas paredes internas do grande cilindro sem luz, com um assento de couro no centro. As telas piscavam de todas as direções, sempre à distância de um braço de onde estivesse o espectador. Os olhos de Jeff iam se movendo de um para o outro aleatoriamente, tentando focar aqui, ajustar-se ali. E ele então começou a entender melhor o que estava vendo.

Era o passado. O passado deles dois, de Jeff e Pamela. A primeira coisa que ele notou foram os trechos de notícias: o Vietnã, os assassinatos dos Kennedys, a Apollo 11... Daí, percebeu também que havia trechos de diversos filmes, programas de televisão e vídeos musicais. E, subitamente, pôde distinguir uma imagem de sua cabana no córrego Montgomery em um dos monitores, e em outro uma foto de Judy Gordon em seu anuário da faculdade, seguida de uma breve filmagem dela adulta, acenando para a câmera junto ao filho, Sean, o garoto que tinha se voltado para o estudo de golfinhos em outra vida, depois de assistir ao *Starsea*.

Os olhos de Jeff agora corriam rapidamente de uma tela à outra, tentando capturar tudo e não perder nenhum momento: Chateaugay vencendo o Kentucky Derby de 1963, a casa dos pais dele em Orlando, o clube de jazz em Paris onde a clarineta de Sidney Bechet tinha tocado a alma dele, o bar de faculdade onde ele vira Pamela começar um *replay*, as próprias vizinhanças da casa dele... E havia um monitor com uma tomada mais longa de um vilarejo em uma encosta de Maiorca; a câmera se aproximava devagar da *villa* onde Pamela havia morrido, então cortava para um vídeo caseiro fora de foco dela própria aos quatorze anos, com o pai e a mãe na casa de Westport.

– Meu Deus – ele disse, transfixado pela sucessão de imagens naquela grande montagem de todos os *replays* de ambos. – Onde você conseguiu tudo isso?

– Algumas coisas foram mais fáceis – ela disse. – As imagens dos noticiários estão disponíveis para todo mundo. Quanto ao resto, eu mesma filmei a maior parte em Paris, na Califórnia, em Atlanta... – explicou com um sorriso, seu rosto iluminado pelas telas que piscavam. – Eu viajei bastante para conseguir fazer isso. Tanto para alguns lugares que me eram familiares quanto para outros que eu só sabia que existiam porque você me contou.

Uma das telas agora mostrava os corredores e as alas de um hospital, com todos os leitos ocupados por crianças. Jeff presumiu que aquela era a clínica em Chicago em que ela tinha sido médica no seu primeiro retorno. Outro monitor trazia o barco que eles alugaram em Key West, ancorado na mesma prainha deserta onde eles decidiram ir atrás de outras pessoas que poderiam estar passando por *replays*. E as imagens continuavam se acumulando mais e mais, uma incessante colagem cinemática de suas muitas vidas, tanto juntos quanto separados.

– É incrível – ele sussurrou. – Eu nem posso te dizer quanto eu agradeço pela oportunidade de ver tudo isso.

– Fiz isso para você. Para nós. Mais ninguém no mundo poderia entender. Você iria se divertir com as interpretações que alguns críticos deram para isso.

Ele desviou os olhos das telas e conseguiu olhar para ela.

– Tudo isso... a exposição toda...

Pamela assentiu, olhando bem para ele.

– Você achou que eu tinha simplesmente esquecido tudo? Ou que nada disso me importava mais?

– É que já faz tanto tempo...

– Tempo demais. E, daqui a um mês, nós começamos tudo de novo.

– A próxima vez... A próxima vez é para nós, se você quiser que seja.

Ela olhou de volta para um dos monitores, que agora mostrava cenas do restaurante à beira-mar onde eles conversaram longamente pela primeira vez e tiveram sua primeira desavença com relação ao filme que ela planejava fazer para convencer o mundo sobre a natureza cíclica da realidade.

– Pode ser a minha última – ela disse em tom baixo. – O desvio foi de quase oito anos para mim desta vez; na próxima, eu só vou voltar em algum ponto já nos anos 1980. Você esperaria por mim? Você...

Ele a puxou para perto e silenciou as palavras temerosas com seus lábios e suas mãos, com muito carinho e segurança. Eles se abraçaram dentro do silencioso cubículo, iluminados apenas pelo brilho refletido de todas as vidas que eles tinham vivido e acalentados pela limitada promessa da única e breve vida que restava a eles compartilhar.

– Ei, qual é o problema? Você não conseguiu me ouvir? Abaixa essa maldita televisão. Desde quando você liga para patinação no gelo, afinal?

Era a voz de Linda, mas não aquela à qual ele tinha se acostumado. Não, era uma voz de muito tempo antes, tingida por cobranças e pelo sarcasmo.

Ela entrou na sala como um furacão e abaixou o volume da televisão. Na tela muda, Dorothy Hamill saltava e rodopiava graciosamente sobre o gelo, com seu cabelo curto sem se mover um fio fora do lugar a cada manobra que ela completava.

– Eu disse que o jantar está pronto. Se você quiser, venha comer. Eu posso ser a cozinheira da casa, mas não sou escrava de ninguém.

– Tudo bem, tudo bem... – Jeff disse, pelejando para se situar, tentando identificar onde estava desta vez. – É que eu não estou com muita fome, não.

Linda lançou para ele um olhar de reprovação.

– O que você quer dizer é que não quer comer o que eu fiz. Talvez prefira uma lagosta, não? Com aspargos frescos? Champanhe?

Dorothy Hamill fez um último giro rápido, sua curta saia vermelha de patinadora formando apenas um borrão sobre as pernas. Quando terminou sua coreografia, ela sorriu e piscou para a câmera. A rede de TV repetiu a cena em *slow motion*: uma doce sensação de satisfação, o sorriso lentamente se abrindo como um nascer do sol, a piscadela desacelerada se tornando ao mesmo tempo uma expressão de modéstia e sensualidade. Naquele momento “esticado” pelo replay, a garota se transformava no próprio símbolo do frescor e da vitalidade da juventude.

– Só me diga, vai – Linda se exaltou. – Me diga que tipo de refeição refinada o senhor vai querer amanhã, em vez de bolo de carne. E também diga como é que a gente vai pagar por isso. Você pode me informar?

O sorriso congelado de Dorothy Hamill deu lugar a um fundo preto e depois a uma visão geral de Innsbruck, na Áustria. Eram as Olimpíadas de Inverno de 1976. Ele e Linda estariam, então, em Filadélfia... Não, em Camden, New Jersey. Era ali que eles moravam quando ele estava trabalhando na WCAU, do outro lado do rio.

– Então...? – ela perguntou. – Você tem alguma sugestão brilhante de como a gente vai pagar alguma coisa melhor do que carne moída ou frango na semana que vem? – Linda, por favor... Não vamos fazer isso.

– Não vamos fazer o quê, Jeffrey?

Ela sabia como ele odiava ser chamado pelo seu nome completo. Sempre que ela o usava, estava claramente querendo briga.

– Não vamos discutir – ele disse de maneira apaziguadora. – Não tem razão nenhuma para a gente discutir. Tudo... é diferente agora.

– Ah, é mesmo? Assim, de uma hora para a outra? – ela falou pondo as mãos nos quadris e fazendo um círculo vagaroso, como que exagerando uma inspeção no apartamento entulhado e na mobília alugada. – Eu não vejo nada de diferente. A não ser que você venha me dizer agora que arrumou um emprego que paga melhor depois desse tempo todo.

– Esquece o emprego. É irrelevante. Nós não vamos mais nos preocupar com dinheiro.

– E o que você quer dizer com isso? Ganhou na loteria, por acaso?

Jeff deu um suspiro, pegou o controle remoto e desligou a televisão que o distraía.

– Não importa – ele disse. – Não vai haver mais problema financeiro, é só isso. Por ora, você vai ter de acreditar em mim.

– Ah, mas falar é fácil. Você tem mesmo muita facilidade para isso, não tem? Desde aquela época em que falava bonito de “meios de comunicação de massa”, de como você seria um grande jornalista, um verdadeiro Edward R. Murrow moderno. Meu Deus, você conseguiu mesmo me iludir com aquela bobagem toda! E onde nós estamos hoje? Uma estaçãozinha de rádio atrás da outra e o tempo todo mudando de cidade pelo país inteiro, sempre morando em muquifos vagabundos feito este aqui. Eu acho que você tem medo de se dar bem, senhor Jeffrey L. Winston. Você tem medo de trabalhar na televisão ou então de encarar o lado corporativo do jornalismo, porque no fundo você morre de medo de não ter a competência necessária para ir por esse lado. E eu estou começando a achar que não tem mesmo.

– Pare com isso, Linda, pare agora! Ficar falando isso não nos traz benefício nenhum, nem faz sentido.

– Certo, eu vou parar. Vou parar de vez.

Ela então entrou de volta na cozinha pisando duro. Ele podia ouvi-la furiosamente preparando o jantar só para si mesma, servindo a mesa com muito alarde e batendo a porta do forno. Ficaria agora um tempo “de mau” com ele. Ela tinha começado com aquele hábito mais ou menos naquela época mesmo, com cada vez mais frequência, e a duração do silêncio só ia aumentando com o passar dos anos. As discussões eram quase sempre por

causa de dinheiro, mas aquela era somente a mais óbvia das dificuldades que eles enfrentavam. Os problemas reais tinham raízes mais profundas e só fizeram se agravar; vinham da incapacidade de ambos de se comunicarem a respeito do que os perturbava, como a gravidez ectópica. Ela tinha acontecido no ano anterior, e eles nunca conversaram abertamente sobre o desgosto que aquilo trouxera para um e para o outro, sobre como lidariam com a situação e seguiriam em frente com suas vidas.

Jeff olhou o interior da cozinha e viu Linda encurvada sobre seu prato com um ar frustrado, comendo com raiva; nem se importou em olhar para ele. Ele fechou os olhos e se lembrou dela chegando à porta com um buquê de margaridas, e também sob a brisa quente do mar a bordo do *S.S. France*. Mas percebeu que aquela tinha sido uma pessoa diferente, alguém com quem ele tinha partilhado seus sentimentos mais íntimos desde o começo, à exceção dos detalhes de suas inúmeras vidas. Agora, o silêncio se transformara na regra; nenhum dinheiro do mundo ajudaria naquele ponto, não se eles não conversassem um com o outro a respeito do que era importante.

Ele encontrou um sobretudo no minúsculo *closet* que ficava na sala, vestiu-o e saiu do apartamento. Não trocaram nenhuma palavra enquanto ele saía.

Lá fora, a neve estava suja, cheia de manchas, tão diferente da branca que a televisão mostrava em Innsbruck quanto a mulher na cozinha era daquela Linda que ele amara nos dezenove anos anteriores.

Ele decidiu que levantaria o dinheiro rápido desta vez e que daria um jeito de deixá-la confortável para o resto da vida, mas que não havia nenhuma possibilidade de ele continuar ali, não daquele jeito. A única questão agora era saber o que ele faria até que Pamela reaparecesse, sabe-se lá quando.

## Dezenove

O gaio-azul, voando apressado do lado de fora da janela da cozinha enquanto construía seu ninho no olmo do quintal, foi a primeira coisa que Pamela viu. Ela ficou assistindo ao colorido balé aéreo do pássaro por alguns momentos, então respirou profundamente diversas vezes para se acalmar antes de olhar melhor à sua volta e sair do lugar.

Estava bem no meio do processo de fazer uma xícara de café, prestes a colocar o filtro na máquina. A cozinha era acolhedora e familiar. Tinha uma aparência diferente da que tivera da última vez, mas ela se lembrava bem de como eram as coisas em sua primeira vida, antes de os *replays* começarem. Da última vez, ela não tinha passado muito tempo ali, já que estava sempre muito ocupada em seu estúdio, pintando e esculpindo; o aposento tinha ficado mais com a cara da empregada que eles tinham contratado. No entanto, esta cozinha de agora trazia marcas da sua própria personalidade, ou pelo menos da personalidade que ela tinha em sua primeira vida.

Um romance de Barbara Cartland estava aberto sobre a mesa, ao lado de um exemplar de *Better Homes and Gardens*. Vários recortes e anotações estavam presos à porta da geladeira com pequenos ímãs no formato de espigas de milho ou talos de aipo. Um desenho que ela fizera das crianças – muito bem executado, mas sem os requintes de luz e composição que ela tinha desenvolvido com os anos de prática nas vidas anteriores – estava atado com fita adesiva a um dos armários. Um grande calendário, próprio de cozinha, pendia em cima da mesa. Estava aberto em março de 1984, e os dias tinham sido ordeiramente riscados até quase o fim do mês. Pamela tinha trinta e quatro anos. Sua filha Kimberly acabara de fazer oito, e Christopher estaria com onze.

Ela deixou o filtro de café de lado e começou a sair da cozinha, mas então parou e sorriu ao se lembrar de uma coisa. Abriu uma das gavetas de baixo no balcão, pôs a mão atrás das caixas de farinha e arroz e... lá estava, bem onde ela sempre escondera: um saquinho de plástico contendo uns vinte e cinco gramas de erva e um embrulhinho ao lado com papéis de seda. Era seu vício solitário daqueles dias, sua única válvula de escape verdadeira do tédio dos afazeres domésticos e do enfadonho “trabalho” de ser mãe.

Pamela pôs a maconha de volta onde a tinha encontrado e se dirigiu à sala. As fotos da família estavam lá penduradas, ao lado de duas pinturas da época de faculdade. O potencial que elas deixavam transparecer nunca fora desenvolvido nesta vida. Por que ela desperdiçara tanto talento e não fizera nada?

Ouviu música abafada vindo do andar de cima. Era a voz cartunesca e contagiante de Cindy Lauper cantando “Girls just want to have fun”. Kimberly já devia estar de volta da escola; e Christopher estaria em seu quarto mexendo com o computador Apple II que eles tinham lhe dado no Natal.

Ela sentou-se em uma cadeira no *foyer*, pegou um lápis e um bloco de papel que estavam próximos à bancada do telefone e ligou para o auxílio à lista de Nova York. Não havia nenhum número registrado em nome de Jeff ou Jeffrey Winston em Manhattan ou no Queens. Também não havia

nenhuma Linda ou L. Winston. Era só um tiro no escuro, mesmo. Não havia razão para pensar que ele estaria em Nova York. Pamela ligou para a telefonista novamente, mas desta vez em Orlando. Os pais dele estavam no catálogo. Ela discou o número deles e a mãe de Jeff atendeu.

– Alô. Meu nome é Pamela Phillips e eu...

– Ah, meu Deus! Jeff avisou que você ligaria para ele, mas, gente do céu, isso foi há um tempão. Três anos atrás, eu acho, talvez quatro.

A voz da mulher ficou mais baixa quando ela aparentemente começou a falar longe do bocal do telefone, chamando alguém que estava por perto.

– Querido! É aquela moça Phillips que o Jeff disse que ia ligar, lembra? Pega para mim, por favor, o envelope que ele mandou? – e então voltou a falar no telefone. – Pamela? Só um minutinho, por favor, minha querida. Tem uma mensagem do Jeff para você. Meu marido foi buscar.

– Certo, obrigada. Enquanto isso, a senhora poderia me dizer, por favor, onde é que o Jeff está morando agora?

– Ele está na Califórnia, em uma cidadezinha... na verdade, perto de uma cidadezinha, como ele disse, chamada córrego Montgomery, já para os lados do Oregon.

– Ah, sim – Pamela disse. – Eu sei onde fica.

– Ele disse mesmo que você saberia. Sabe, ele não tem nem telefone lá, dá para imaginar? Isso me deixa preocupadíssima, pensando no que poderia acontecer a ele no caso de uma emergência, mas ele diz que tem um rádio de ondas curtas para o caso de acontecer alguma coisa. Eu só não sei o que deu nele, um homem crescido largar o emprego assim, deixar a esposa e... Oh, me desculpe, acho que eu estou falando demais e...

– Não, não. Está tudo bem, senhora Winston. De verdade.

– É que foi uma coisa tão estranha, sabe? A gente esperaria um rapaz de faculdade fazer uma besteira dessas, mas um homem daquela idade... Daqui a pouco ele faz quarenta anos e... Ah, obrigada, querido. Pamela? Estou com o envelope que ele nos enviou para quando você ligasse. Disse que era só para abrir e ler para você. Você quer pegar uma caneta ou coisa assim?

– Pode falar, já estou com tudo aqui.

– Tudo bem, então, vamos ver... Hmm... Era de se imaginar que, depois desse tempo todo e de tanto mistério, teria mais do que isso.

– O que ele diz?

– É só uma linha: “Se você vier, não deixe de trazer as crianças. Eu te amo. Jeff”. É só isso que está aqui. Anotou tudo? Quer que eu repita?

– Não, não, obrigada – disse Pamela com um largo sorriso em seu rosto que ficou corado. – Muito obrigada mesmo, eu entendi perfeitamente.

Ela desligou o telefone e olhou bem para a escada. Christopher e Kimberly já tinham idade suficiente àquela altura. A princípio, não gostariam muito da ideia de mudar de casa, mas ela tinha certeza de que eles logo se acostuariam a córrego Montgomery e a Jeff.

Além disso, Pamela pensou mordendo o lábio, não seria por muito tempo. Os dois logo estariam de volta a New Rochelle com o pai antes de entrarem no ensino médio.

Eram só mais três anos e meio. Seu último *replay*, os últimos meses e dias de sua vida excepcionalmente prolongada.

E ela tinha planos de aproveitá-los ao máximo.

Era uma daquelas chavinhas chatas que não caem de vez nem param de cair, só continuam com uma insistência tediosa.

Os quatro já estavam presos dentro da cabana havia dois dias. O ar estava ficando rançoso e úmido com o cheiro de mofo que vinha do colete de couro que Christopher deixara pendurado na varanda durante a noite e trouxera de volta para dentro de manhã para secar junto ao fogão.

– Kimberly! – Pamela disse com incredulidade e irritação. – Dá para parar de tocar bateria no prato?

– Ela não está te ouvindo – Christopher disse, e então se inclinou sobre a mesa para tirar o pequeno fone do ouvido esquerdo da irmã. – A mamãe falou para parar – ele disse alto, em meio aos sons estridentes de “Like a virgin”, de Madonna.

– Na verdade, só desliga isso – Pamela disse. – É muita falta de educação ficar ouvindo música sozinha quando nós estamos almoçando

todos juntos.

A menina fez uma careta de quem estava profundamente ofendida, armou um bico, tirou os fones de ouvido e pôs o Walkman de lado.

– Quero outro copo de leite – disse, em tom petulante.

– O leite acabou – Jeff a lembrou. – Eu vou à cidade amanhã de manhã e trago mais. Você pode ir comigo se quiser. É provável que já tenha parado de chover e a gente pode caminhar pelas cachoeiras.

– Eu já vi as cachoeiras – Kimberly reclamou. – Agora, eu quero ver é MTV.

Jeff sorriu tolerantemente.

– Aí não vai ser possível, mocinha – ele disse. – Podemos ouvir as ondas curtas, se você quiser, e saber o que está acontecendo na China ou na África.

– Eu não ligo nem um pouco para a China ou a África! Que tédio!

– Por que a gente não conversa, então? – Pamela sugeriu. – Era o que as pessoas costumavam fazer, sabe.

– Ah, certo – Christopher murmurou. – E do que elas tanto falavam?

– Às vezes, contavam histórias uns para os outros – Jeff interveio.

– É uma boa ideia – Pamela disse, tentando alegrar o ambiente. – Vocês gostariam que eu contasse uma história?

– Ah, pelo amor de Deus, mãe! – Christopher protestou. – Você acha que nós estamos no jardim de infância, por acaso?

– Eu não sei... – Kimberly disse, pensativa. – Talvez fosse legal ouvir uma história. Nós não fazemos isso há muito tempo.

– Quer pelo menos tentar? – Pamela perguntou ao garoto. Ele deu de ombros e não respondeu.

– Bem, então... – ela começou. – Milhares e milhares de anos atrás, havia um golfinho chamado Cetacea. Um dia, um novo e estranho pensamento apareceu de repente em sua cabeça, como se tivesse vindo dos céus sobre o oceano, ou talvez de mais longe. Isso era nos tempos em que os golfinhos e as pessoas às vezes ainda conversavam uns com os outros, mas...

E então, com aquela suave chuva de verão como pano de fundo, ela contou a história de *Starsea*, do laço comum de amor e esperança que unia as criaturas inteligentes da terra, dos mares e do espaço, e da catastrófica perda que levou a humanidade ao triste momento do primeiro contato real com seus irmãos do oceano.

As crianças se mostraram um pouco desinteressadas no começo, mas, à medida que a história avançava, ouviram cada vez mais fascinadas enquanto sua mãe recontava o filme que em certo momento tinha conquistado aclamação mundial e a aproximara de Jeff. Quando ela terminou, Kimberly estava chorando abertamente, mas com um brilho de êxtase como que sobrenatural em seus jovens olhos. Christopher tinha virado o rosto para a janela e ficou muito tempo sem dizer nada.

Logo antes do anoitecer, um único raio de sol passou pelo céu encoberto, e Jeff e Pamela foram para a varanda para vê-lo desaparecer lentamente. As crianças preferiram ficar dentro da casa. Kimberly pegara emprestada a aquarela de Pamela e estava pintando figuras de estrelas e golfinhos, enquanto Christopher ficou absorto em um dos livros de John Lilly.

A luz evanescente criou muitas paisagens sobre o prado encharcado, refletindo-se nos bilhões de gotículas sobre a grama recém-cortada como se fossem joias de outro mundo em um campo de fogo verde. Jeff ficou quieto atrás de Pamela, seus braços na cintura dela, o cabelo dela no rosto dele. Logo antes de o sol se esconder de vez, ele sussurrou algo no ouvido dela, um poema de Blake.

– “Ver um mundo em um grão de areia” – ele murmurou –, “E um céu numa flor silvestre”.

Ela apertou as mãos junto às dele e completou a citação.

– “Ter o Infinito na palma da sua mão” – disse –, “E a Eternidade em uma hora.”

O pequeno avião rebocador taxiou até assumir sua posição. Quando parou, com o motor ainda ligado, o auxiliar de pista correu para anexar o

cabo de náilon de sessenta metros do planador ao gancho na cauda do Cessna parado à sua frente.

– Christopher, confere os controles para mim, por favor? – Jeff disse ao garoto sentado no assento de aprendiz, na parte da frente.

– Com certeza – respondeu o filho de Pamela, em um tom sério de quem tinha orgulho de fazer parte dos preparativos e não estava lá apenas para dar uma volta. O rapaz moveu a alavanca para a direita e para a esquerda, e os ailerons responderam em suas respectivas asas; depois, moveu-a para a frente e para trás e Jeff olhou para a cauda para ver os profundores subirem e descerem. Em seguida, o leme se agitou para os lados quando Christopher pressionou os pedais. Todos os controles pareciam estar em boas condições e Jeff deu um sorriso de aprovação.

O rebocador avançou lentamente, aos poucos endireitando a corda. Abanando o leme, o piloto fez a pergunta de “Tudo pronto?”, ao que Jeff respondeu agitando para a direita e a esquerda o leme do planador. O Cessna então começou a correr pela pista de decolagem, puxando o planador atrás dele. O auxiliar corria ao lado, mantendo a aeronave nivelada e apontada na direção do vento. Jeff firmou os olhos no rebocador, avaliando a posição de suas asas com a linha do horizonte à frente. Tomaram velocidade, o auxiliar ficou para trás e Jeff soltou suavemente a alavanca; estavam no ar.

Com o canto do olho, Jeff percebeu pequenos redemoinhos de nuvens brancas próximos à base da montanha à frente. Era um bom sinal; significava que o ar úmido instável se misturava a uma corrente de ar quente que começava a se formar. Mas não havia tempo para assistir. Ele só mantinha os olhos no rebocador e na corda rigidamente tensa, e seguiu a curva suave quando o Cessna virou também.

Ganharam altitude, mais de novecentos metros acima do sopé da montanha. Jeff puxou a alavanca de liberar a corda e aguardou para ver o cabo de reboque se soltar e pular como um elástico. Fez, então, uma curva ascendente para a direita, enquanto o rebocador se afastava e virava para a esquerda. O Cessna retornava ao pequeno aeroporto e seu motor já mal podia ser ouvido; logo, não havia som algum, a não ser o suave deslize do

ar pela cobertura de acrílico do *cockpit*. Estavam em pleno voo sem propulsão.

– Meu Deus, Jeff! Isso é legal demais!

Jeff sorriu e assentiu com a cabeça quando Christopher se virou em seu assento para olhar para ele, com os olhos escancarados e brilhando. Jeff manteve o planador em uma longa curva, usando a energia deixada pelo rebocador para ganhar mais e mais altitude. O inacreditável pico branco do monte Shasta passava à sua esquerda e, então, apareceu bem à frente como um farol refletindo o sol e clamando que eles fossem mais alto ainda.

Jeff olhou na direção sudoeste, onde a cidadezinha batizada com o nome da montanha ficava abrigada pela floresta de pinheiros ponderosa. Um segundo Cessna monomotor rebocando outro planador azul e branco vinha se aproximando. Jeff fez um círculo preguiçoso, sua velocidade baixando para mais perto do normal de cruzeiro, entre 65 e 80 km/h, enquanto eles esperavam a outra aeronave se juntar a eles.

Quando estava a um quilômetro e meio de distância, o segundo planador se soltou de seu cordão umbilical e subiu para longe do avião, em uma manobra exatamente igual à que Jeff tinha acabado de fazer. Christopher apertou o rosto contra a cobertura transparente para ver o recém-chegado que se aproximava e que começou a acompanhá-los silenciosamente a uma distância segura.

Pamela sorriu e ergueu o polegar em aprovação, sentada no banco traseiro do outro planador, enquanto na frente Kimberly estava extasiada, acenando para seu irmão e Jeff.

Jeff gentilmente tocou o pedal esquerdo do leme enquanto inclinava as asas para o mesmo lado com a alavanca de comando, desfazendo a curva e se virando para o colosso simétrico da montanha adiante. Pamela fez o mesmo, logo atrás e à direita dele.

Os topos nevados das árvores na encosta da montanha pareciam querer alcançá-los à medida que eles se aproximavam e que o ângulo da encosta se acentuava. Um cervo sozinho se aventurou a olhar para cima, tremeu assustado e, então, ficou estático olhando as grandes aves silenciosas que passavam não muito acima dele. Mais longe, a um quarto da montanha de

distância, Christopher apontou para um urso-negro que parecia completamente alheio às estranhas criaturas de metal que faziam rasantes no céu.

Encontraram uma parte mais íngreme do pico que estava desviando uma coluna de vento ascendente, logo à frente e acima das bordas de um penhasco que ficava na parte mais acidentada da montanha. Jeff e Pamela pairaram sobre esse pico por muitos minutos, indo e voltando, apenas observando a neve silenciosa e intocada que parecia estar tão perto que eles poderiam estender os braços para fora e pegar uma mão cheia daquela poeira branca. Jeff então avistou uma nuvem fina que se formava contra o céu azul um pouco mais a leste da montanha. Rapidamente, saiu da formação anterior e se dirigiu ao pequeno bolsão de condensação que nascia ali.

Quando chegou lá, sua asa direita se levantou levemente e ele imediatamente seguiu naquela direção. Quando fez isso, toda a aeronave começou a subir e ele diminuiu a velocidade para fazer uma curva mais fechada e bem controlada. O planador se elevou dramaticamente e continuou subindo.

Lá embaixo, Pamela entendeu o que ele tinha encontrado. Ela então se distanciou abruptamente das suaves correntes ascendentes ao lado do penhasco e foi na direção da outra aeronave. Seu planador parecia ficar cada vez menor a cada segundo em que Jeff e Christopher cavalgavam a massa de ar mais e mais para cima, travados em uma posição bastante inclinada de modo a continuar explorando os limites estreitos da coluna quente que subia.

Pamela voava em círculos bem abaixo dele, procurando. Por fim, ela conseguiu pegar a corrente aquecida e diminuiu a distância entre eles, até que seu planador chegou rápida e silenciosamente perto do dele e ambos, asa com asa, pairaram juntos nos céus límpidos sobre o cume enigmático e milenar do monte Shasta.

Kimberly tinha parado de chorar e estava lá fora colhendo flores silvestres de setembro para levar em sua viagem de volta ao leste. Christopher estava tentando ser mais maduro diante da questão. Afinal de contas, ele já tinha quinze anos e já fazia tempo que começara a copiar as atitudes de Jeff tanto com relação a aceitação em face da adversidade quanto a se entregar plenamente às alegrias quando elas se fizessem presentes, como tinha sido o caso por tantas vezes naqueles últimos anos.

– Minhas botas de escalada não cabem na mala, mãe.

– Você não vai mesmo precisar delas em New Rochelle, querido – Pamela disse.

– É, eu acho que não. A não ser que o papai resolva levar a gente para acampar nos Berkshires, como ele disse que faria. Aí, eu poderia usá-las.

– Que tal então se eu mandá-las para você depois?

– Bom... Acho que você nem precisa fazer isso. Fica tudo bem. Nós vamos voltar antes do Natal e aí eu teria de enviá-las de volta para cá mesmo.

Pamela assentiu, mas virou o rosto de modo que o filho não visse seus olhos.

– Eu sei que você gostaria de estar com elas o tempo todo – Jeff interveio. – Então, por que a gente não as manda para lá e... compra outro par para você manter aqui? Aliás, podemos fazer isso com tudo o que você tem, se você quiser.

– Ei, isso seria bem legal! – Christopher exclamou com um sorriso.

– Faz sentido – disse Jeff.

– Faz mesmo, se eu for passar metade do ano lá com meu pai e a outra metade aqui com você e a mamãe. Tem certeza de que dá pra fazer isso? Mãe, fica tudo bem pra você?

– Acho que é uma ótima ideia – Pamela disse, forçando um sorriso. – Por que você não faz uma lista de todas as coisas que você quer que a gente envie?

– Tudo bem – Christopher disse, indo para o anexo de dois quartos que Jeff tinha construído para o rapaz e sua irmã. Então parou e se virou. –

Posso falar para a Kimberly fazer o mesmo? Aposto que tem um monte de coisas que ela vai querer ter lá do outro lado também.

– Claro – Pamela respondeu. – Mas não tomem muito tempo com isso. Nós temos de sair para Redding daqui a uma hora, senão vocês perdem o voo.

– Vamos fazer rápido, mãe – ele disse, correndo para fora para chamar a irmã.

Pamela se virou para Jeff e deixou rolares as lágrimas que ela vinha segurando.

– Eu não quero que eles vão embora, Jeff. Ainda falta um mês antes de... antes de...

Ele passou os braços ao redor dela e acariciou seus cabelos.

– Nós já passamos por tudo isso antes – ele disse gentilmente. – É melhor que eles tenham umas semanas para se ajustar ao fato de estarem com o pai de novo, para fazer novos amigos... Isso vai ajudá-los um pouco a absorver o choque.

– Jeff... – ela disse. – Eu estou apavorada! Eu não quero morrer! Não quero... morrer para sempre desta vez e...

Ele deu um abraço mais apertado, a embalou nos braços e começou a sentir suas próprias lágrimas caírem pelo rosto.

– Só pense em como nós vivemos nossas vidas. Pense em tudo o que nós fizemos, vamos nos sentir gratos por tudo isso.

– Mas nós podíamos ter feito tantas coisas mais. Nós podíamos...

– Sshh... – ele sussurrou. – Nós fizemos tudo o que podíamos. Muito mais do que nós sonhamos fazer quando estávamos no começo.

Ela se inclinou para trás e buscou os olhos dele como se os estivesse vendo pela primeira vez, ou a última.

– Eu sei – ela suspirou. – É só que... Eu me acostumei com as possibilidades infinitas, com todo esse tempo que... nunca era limitado pelos nossos erros, com o fato de nós podermos voltar atrás, mudar as coisas e deixá-las melhor. Mas nós nem fizemos isso, fizemos? Só deixamos tudo diferente.

Uma voz ressoava insistentemente nos recônditos sombrios da consciência de Jeff. Não importava de quem era aquela voz nem o que ela dizia.

Pamela estava morta e jamais retornaria. Saber disso varria sua alma como a água do mar invadindo uma ferida aberta e enchia sua mente de um luto insuportável que ele não sentia desde que perdera sua filha Gretchen. Ele apertou as mãos e abaixou a cabeça em meio ao peso da verdade inegável e intolerável... e ainda assim a voz continuava tagarelado suas palavras sem sentido.

– ...ver se o Charlie consegue alguma declaração do prefeito Koch a respeito da viagem de Reagan a Bitburg. Parece que essa pode mesmo virar uma tempestade. Já temos a American Legion caindo na pele dele por causa disso e o Congresso começando a se manifestar. É o que... Ei, Jeff? Tudo bem?

– Tudo – ele disse olhando brevemente para cima. – Tudo bem, pode continuar.

Aquela era a sala de reuniões da WFYI em Nova York, a rádio noticiosa onde ele tinha sido diretor de jornalismo em sua primeira vida. Estava sentado na ponta de uma longa mesa oval; os editores da manhã e da tarde estavam sentados um de cada lado dele e os demais repórteres ocupavam as outras cadeiras. Ele não via aquele pessoal havia décadas, mas conseguiu reconhecer o local e a situação de imediato. Tinha tido reuniões como aquela todas as manhãs de todos os dias de semana durante anos; era a reunião diária de pauta, na qual definiam tão bem quanto era possível a estrutura da cobertura de notícias para o dia. Gene Collins, editor da tarde, olhava para ele com estranheza.

– Tem certeza de que você está bem? Nós podemos encerrar agora, não tem muito mais a ser discutido.

– Não, Gene, pode continuar. Eu vou ficar bem.

– Bom... tudo bem. Então, é isso com relação à cobertura de cidades e às matérias locais. No plano nacional, nós temos o ônibus espacial decolando agora de manhã e...

– Qual deles? – Jeff perguntou com a voz embargada.

– O quê? – perguntou Gene, confuso.

– Qual ônibus espacial?

– O Discovery. Sabe, aquele em que o senador vai viajar.

Ele deu graças a Deus por aquilo. Logo depois de passar pela última morte de Pamela, Jeff não sabia se aguentaria repetir o caos e o sentimento de depressão que tomara conta da redação no dia do acidente com a Challenger. Entretanto, ele já deveria saber do que estavam falando, de qualquer modo. Afinal, Reagan tinha ido a Bitburg na primavera de 1985. Isso o situava em algum dia de abril daquele ano, ainda nove ou dez meses antes que o outro ônibus espacial explodisse.

Todos na mesa olharam para ele com expressões de estranhamento, perguntando-se por que ele estaria tão perturbado e desorientado. Para o inferno com eles! Eles que pensassem o que quisessem.

– Vamos encerrar, tudo bem, Gene?

O editor concordou e começou a juntar os papéis espalhados que tinha levado à reunião.

– A única outra história boa que está se desenvolvendo agora é a da retirada da acusação de estupro em Illinois. Dotson está voltando para a cadeia hoje e os advogados dele vão apelar da decisão. É só isso. Alguma pergunta?

– A reunião do conselho estudantil deve se alongar bastante agora de manhã – disse um dos repórteres. – Então, não sei se eu chego a tempo dessa premiação dos bombeiros às duas horas da tarde. Vocês preferem que eu saia mais cedo da reunião do conselho ou que outra pessoa cubra a premiação?

– Jeff? – perguntou Collins, estendendo a pergunta a ele.

– Não me importa. Vocês decidam.

Gene franziu o cenho novamente, começou a dizer algo, mas não foi adiante. Voltou-se para os repórteres, que tinham começando a murmurar coisas entre eles.

– Bill, fique na reunião do conselho o tempo que você precisar. Charlie, você vai para a cerimônia dos bombeiros depois de falar com o prefeito. À uma da tarde, você dá um retorno com a declaração de Koch

sobre Bitburg, aí você pode voltar à redação só depois que a premiação acabar. Ah, e Jim, o carro 4 está na oficina; você vai pegar o carro 7.

A reunião se encerrou calmamente depois disso, sem as piadinhas e risadas de costume. Os repórteres e o editor da manhã, que já estava de saída, deixaram a sala de reuniões lançando olhares disfarçados para Jeff. Gene Collins ficou para trás, empilhando e reempilhando sua papelada.

– Quer conversar sobre isso? – finalmente disse.

Jeff balançou a cabeça.

– Não tem nada para conversar. Eu te disse, eu vou ficar bem.

– Olha, se é problema com a Linda... Digo, eu entendo. Você sabe que eu e a Carol tivemos um período complicado uns anos atrás. Você me ajudou muito naquela época. Só Deus sabe como eu aluguei seu ouvido. Então, se você precisar sentar e tomar uma cerveja, é só me dizer.

– Obrigado, Gene. Eu agradeço a preocupação, de verdade. Mas é uma coisa que eu mesmo preciso resolver.

Collins deu de ombros e se levantou da mesa.

– Bom, aí é com você – disse. – Mas se você sentir que tem de dar uma aliviada na cabeça, fica à vontade para jogar uns problemas pro meu lado. Eu estou te devendo essa.

Jeff assentiu brevemente, e então Collins deixou a sala e ele ficou sozinho de novo.

## Vinte

Jeff largou o emprego e fez muitas apostas e alguns investimentos com retorno em curto prazo, de modo a deixar Linda em boa situação durante os três anos seguintes. Não havia tempo para construir uma herança de monta para ela; ele apenas aumentou seu seguro de vida em dez vezes e deixou as coisas assim.

Mudou-se para um apartamento pequeno no Upper West Side e começou a passar seus dias perambulando pelas ruas de Manhattan, tentando ver tudo o que havia para ser visto e capturar os cheiros e sons que a humanidade produzia e dos quais ele havia tanto tempo se isolado. Os idosos o fascinavam em particular, com seus olhos repletos de lembranças dos velhos tempos e de esperanças perdidas, com seus corpos aguardando com ansiedade o fim dos tempos.

Agora que Pamela se fora para sempre, os medos e arrependimentos que ela manifestara estavam voltando para assombrá-lo de maneira tão contundente quanto a tinham perturbado no fim de sua vida. Ele tinha

feito o que podia para dar a ela alguma segurança, para amenizar o luto e o terror que ela sentira em seus últimos dias, mas o fato é que ela tinha razão. Depois de todos os esforços que eles tinham despendido, de tudo o que tinham conseguido realizar, o resultado final ainda era nulo. Mesmo a felicidade que eles encontraram juntos havia sido breve demais, com alguns anos roubados aqui e ali e momentos passageiros de amor e alegria que desapareciam como montes de espuma de ondas em um mar de separação sem sentido.

Chegaram a acreditar que teriam todo o sempre, uma infinidade de escolhas e segundas chances. Gastaram boa parte do tempo precioso que lhes fora dado em amargura, culpa e buscas fúteis por respostas impossíveis de alcançar, quando, na verdade, o amor que sentiam um pelo outro é que deveria ter sido a única resposta de que ambos sempre necessitaram. Agora, era negada a ele mesmo a simples oportunidade de dizer isso, de tê-la nos braços e fazê-la entender quanto ele a tinha adorado. Pamela estava morta; dali a três anos, ele próprio também morreria sem nunca saber por que vivera.

Ele vagava pelas ruas da cidade assistindo a tudo e ouvindo tudo: grupos de punks com expressões de desafio; homens e mulheres em trajes executivos, sempre apressados para atingir quaisquer objetivos que tivessem proposto para si mesmos; montes de crianças sorridentes demonstrando a exuberância de sua nova vida. Jeff invejava a todos, desejava ter toda aquela inocência, ignorância e expectativas na vida.

Muitas semanas depois de ter largado seu emprego na WFYI, ele recebeu um telefonema de uma das redatoras que lá trabalhavam, uma mulher – uma moça, na verdade – chamada Lydia Randall. Todos na rádio estavam preocupados com ele, segundo ela disse, e ficaram chocados quando ele se demitiu, ainda mais depois de saberem que seu casamento tinha acabado. Jeff disse a ela, como tinha dito a Gene Collins, que estava tudo bem. No entanto, ela não aceitou a resposta e insistiu em que eles se encontrassem para tomar alguma coisa e ela pudesse conversar com ele pessoalmente.

Encontraram-se na tarde seguinte no Sign of the Dove, na esquina de Terceira Avenida com rua 65, ela escolheu uma mesa ao lado da janela, que estava aberta, e contemplava o glorioso sol de Nova York em junho. Lydia usava um vestido branco de algodão com alças nos ombros e um chapéu de aba larga contornado por uma tira rosa que pendia. Era uma jovem excepcionalmente bonita, com fartos cabelos louros ondulados e grandes olhos de um verde intenso.

Jeff se limitou a recitar a história que tinha criado para explicar sua súbita aposentadoria, o conto-padrão do jornalista que está estressado demais misturado a algumas meias verdades sobre a sorte que tivera recentemente em seus investimentos. Lydia assentiu compreensiva e pareceu aceitar bem aquelas explicações. Quanto ao casamento, ele disse que já havia acabado muito tempo antes; não havia nenhum problema específico digno de discussão, apenas o caso de duas pessoas que se distanciaram.

Lydia foi ouvindo de maneira solícita. Pediu outra bebida e então começou a falar sobre sua própria vida. Tinha vinte e três anos, fora para Nova York logo depois de se formar na Universidade de Illinois e estava morando com o namorado que conhecera na faculdade. O nome dele era Matthew e ele estava louco para se casar, mas ela já não tinha tanta certeza. Sentia-se “presa” e “precisava de espaço”, segundo dizia; queria fazer novos amigos e passar por todas as experiências que não tivera por ter crescido em uma cidadezinha do interior do Meio-Oeste. Ela e Matthew não eram mais as pessoas que um dia tinham sido, também de acordo com Lydia; ela sentia que o tinha deixado para trás.

Jeff a deixou desabafar todas as tristezas e aspirações que eram tão comuns a qualquer jovem, coisas que para ela eram recém-descobertas e tinham tomado uma importância grande demais. Ela não tinha o distanciamento necessário para perceber quanto suas preocupações eram incrivelmente ordinárias, embora talvez tivesse um mínimo de percepção disso, já que, pelo menos, expressava um desejo urgente de se ver livre do clichê que sua vida tinha se tornado.

Em comisseração, ele conversou com ela por mais de uma hora sobre a vida, o amor e a independência, disse que ela deveria tomar suas próprias decisões e que tinha de aprender a correr riscos; na verdade, disse todas as coisas óbvias e necessárias que alguém deve dizer a alguém que está passando por uma das crises universalmente humanas pela primeira vez na vida.

Uma brisa mais forte vinda da janela aberta mexeu com os cabelos dela e pousou a fita rosa do chapéu em seu rosto. Lydia a jogou de lado, e naquele momento Jeff viu algo tocante no gesto, no modo feminino como a mão dela se moveu, ele não conseguia explicar. Em seu jovial e animado rosto, ele subitamente viu um reflexo de Judy Gordon, e mesmo de Linda no dia em que ela aparecera na porta com as margaridas; viu uma reluzente promessa de vida e sonhos que nasciam ainda sem forma definida.

Eles terminaram suas bebidas e ele a acompanhou até um táxi. Assim que ela entrou no carro, olhou para ele e disse, com todo o otimismo e a presumida infinitude da juventude:

– Eu acho que vai ficar tudo bem. Quero dizer, nós temos bastante tempo para fazer as coisas darem certo. Temos todo o tempo do mundo.

Jeff conhecia bem demais aquela ilusão. Deu um meio sorriso para a mocinha, apertou sua mão e ficou assistindo enquanto ela ia embora em direção à vida, com sua fita rosa voando livre.

\* \* \*

O metrô executivo norte chegou precisamente no horário, conforme Jeff percebeu de seu ponto de observação trinta metros depois da plataforma. Àquela hora do dia, ele pensou, nem fazia muito sentido chamá-lo de “metrô executivo”; afinal, quase nenhum executivo pegava o trem às onze da manhã rumo ao centro.

Jeff começou a andar a passos acelerados pela rampa rumo ao terminal, como se tivesse acabado de sair de outra linha qualquer. Segurou um

pouco o ritmo ao passar pelo trem que vinha de New Rochelle e viu que estava certo; como previra, havia mesmo muitas mulheres especialmente prontas para fazer compras na cidade, e mais um ou outro estudante universitário, mas ninguém trajando terno e carregando maleta entre os passageiros.

Ela foi uma das últimas a sair do trem. Por causa disso, ele quase não a viu, e chegou mesmo a desconfiar de que a informação que obtivera não era segura. Ela estava muito bem-vestida, mas sem a fanática atenção aos detalhes que distinguiu as mulheres que se dirigiam à Bendel's ou à Bergdorf's. Seus saltos baixos eram próprios para caminhar, e o vestido de linho azul-claro e um leve suéter de lã por cima tinham um ar de praticidade muito mais interessante.

Jeff passou a segui-la a vinte ou trinta passos atrás assim que ela pegou a rampa para o saguão principal da Estação Central. Ele temia perdê-la de vista em meio à multidão, mas a altura e o cabelo liso louro a destacavam e o ajudaram a mantê-la em foco mesmo quando eles percorreram caminhos distintos em meio ao aglomerado de pessoas.

Ela então tomou a larga escadaria que levava ao Edifício Pan Am, e Jeff ficou propositalmente um pouco mais para trás ao segui-la pelo lobby menos movimentado e até a rua 45 Leste. Ela passeou pela avenida Park, passando em frente ao Hotel Roosevelt e atravessando a Madison com a Quinta, onde rumou para o norte. As vitrines da Saks e da Cartier só causaram uma pausa mínima, durante a qual Jeff também desacelerou e fingiu estar interessado em um pacote turístico da Korean Airlines e nos conjuntos de malas da Mark Cross.

Ela virou para oeste novamente na rua 53 e entrou no Museu de Arte Moderna. A agência de detetives que Jeff contratara seis semanas antes estava certa, pelo menos no que dizia respeito àquele dia: a cada duas semanas, às quintas-feiras, segundo lhe disseram, Pamela Phillips Robison pegava o metrô para Manhattan e passava a tarde visitando galerias e museus.

Ele pagou a entrada e percebeu, ao passar pela catraca, que as palmas de suas mãos estavam úmidas de suor. E ele a tinha perdido de vista por

um momento.

Jeff ainda não tinha certeza de por que estava se esforçando tanto para vê-la, mesmo que só a distância; ele estava perfeitamente ciente de que aquela não era a mesma Pamela que ele conhecera e amara, e nunca mais seria. Os *replays* dela tinham terminado. Ele não deveria ficar à espera daquele olhar de quem acabou de acordar, da súbita tomada de consciência que ele vira no rosto dela naquela noite no bar universitário, quando ela dera por si e percebera quem era, e quem ele era e quem eles tinham sido juntos por tantas décadas.

Não, esta versão de Pamela permaneceria para sempre alheia a tudo aquilo; ainda assim, ele ansiava por olhar mais uma vez nos olhos dela, talvez até brevemente ouvir sua voz. A tentação tinha finalmente se comprovado irresistível, e ele então não sentiu vergonha alguma de corresponder àquele desejo, nem culpa ao segui-la daquela maneira.

Jeff primeiro procurou-a na lojinha do museu, na remota possibilidade de que ela tivesse parado para comprar um livro ou um pôster, mas Pamela não estava entre os fregueses. Passou então pelo *lobby*, pelo Garden Hall com suas paredes de vidro e pelas galerias do primeiro andar, antes de pegar as escadas rolantes para os pisos superiores. Havia duas exposições principais, além da exibição do acervo permanente. A primeira era uma comemoração do centenário de Mies van der Rohe, e a outra era uma retrospectiva do escultor Richard Serra. Jeff quase não prestou atenção às exposições; estava mais preocupado em encontrar e rever Pamela.

No quarto andar, ele viu algo que o fez sorrir apesar de sua crescente impaciência. Como parte da exposição de van der Rohe, o museu estava exibindo diversos exemplos dos *designs* de móveis do arquiteto, incluindo uma cadeira Barcelona exatamente como aquela que Frank Maddock tinha escolhido para ele no escritório da Future tanto tempo antes.

Ainda não havia nem sinal de Pamela. Talvez ele tivesse de esperar duas semanas até que ela viesse à cidade de novo, e aí segui-la até outro museu ou então, quem sabe, bolar algum tipo de encontro aparentemente acidental na própria estação de metrô, só o suficiente para que ele visse o

rosto dela mais uma vez e talvez a ouvisse dizer “Com licença” ou então “São vinte para o meio-dia”.

No terceiro nível do Garden Hall, Jeff parou para descansar um pouco e se apoiou no corrimão. Estava admirando a grande parede de vidro quando viu, no Jardim de Esculturas logo abaixo, o redondo penteado louro e o linho azul-claro do vestido.

Ela ainda estava do lado de fora quando ele chegou ao jardim. Estava parada com os braços cruzados observando uma escultura de Serra. Jeff parou a uns três metros dela, sentindo mil emoções conflituosas dentro de si e lembranças passarem por sua cabeça. Então, Pamela inesperadamente se virou para ele e perguntou:

– O que você acha dessa obra?

Ele não tinha se preparado para o caso de ela iniciar a conversa, nem mesmo tinha pensado além do momento em que encontraria, mesmo que brevemente, aqueles olhos verdes penetrantes que ele conhecia tão bem... “Não”, ele se lembrou com esforço. Ele não conhecia nada daqueles olhos que guardavam uma alma eternamente fora de seu alcance. A mulher no jardim só teria um único tempo de vida – que estava prestes a terminar e sem direito a replay – no qual ele não tinha participação alguma.

– Ei, eu perguntei o que você acha desse Serra.

Direta como sempre. Era parte da natureza dela, ele pensou, e não algo instilado pela experiência dos replays.

– Um pouco forte demais pro meu gosto – ele finalmente respondeu, com os pensamentos em tudo, menos na obra do artista.

Ela assentiu pensativa.

– Eu diria que parece sempre haver alguma coisa ameaçadora na maioria dos trabalhos dele – disse. – Como naquela obra *Delineator II*. Sabe, aquela com a enorme placa de aço no chão e a outra presa no teto logo acima? Eu só conseguia pensar no que aconteceria se a de cima se desprendesse e caísse. Se alguém estivesse parado embaixo, seria esmagado e morreria.

Ele não tinha como ficar parado ali, conversando coisas de museu com ela. Sua mente estava pulando de uma imagem a outra, rememorando suas

vidas juntos: ela sorrindo na cabine do planador ao lado, na cozinha em Maiorca, nas muitas camas que dividiram ao longo dos anos... Era como se, somente em sua cabeça, ele tivesse criado uma réplica daquela exibição em vídeo que ela um dia apresentara em uma galeria, em sua própria exposição.

– E tem aquela outra – ela continuou –, chamada *Circuit II*. Eu sei que o efeito deveria ser o de uma interessante divisão no espaço da sala, mas aqueles retângulos afiados de metal saindo dos cantos me fizeram sentir como se eu estivesse rodeada por guilhotinas – e deu uma risadinha boba de si mesma. – Ou talvez eu só tenha uma imaginação muito mórbida, não sei.

– Não – Jeff disse, refazendo sua compostura. – Eu entendo o que você quer dizer. Eu sinto o mesmo. Ele tem um estilo bastante agressivo.

– Demais até, eu acho. E isso interfere na minha capacidade de apreciar as formas de um jeito objetivo.

– Esta aqui parece que poderia tombar a qualquer momento – Jeff disse.

– Exato. E deste ângulo também.

Ele riu apesar de seu embaraço e sentiu inundá-lo a mesma sensação de autoconfiança que ele sempre tivera quando estava com ela como... E então interrompeu seus pensamentos mais uma vez. Não lhe faria bem nenhum ficar se lembrando das outras vezes, do tempo que ele passara com outra mulher a qual esta somente se assemelhava. E ainda assim... ainda assim... Ela tinha a mesma ironia cáustica, a mesma aura de afabilidade sob toda aquela sensibilidade tão calculadamente analítica. Era um prazer falar com ela, mesmo que ela nunca fosse ter nenhuma recordação de que eles algum dia tivessem ficado juntos.

– Olha só – ele disse. – Você não gostaria de sair de perto dessa coisa antes que ela caia e talvez ir almoçar em algum lugar?

Eles comeram ali mesmo no café que dava vista para o Jardim de Esculturas, riram um pouco mais da óbvia natureza ameaçadora das obras

de Serra e lamentaram a crescente relutância do museu em apresentar novos artistas. Ele a ajudou a vestir o suéter quando a sombra do enorme condomínio que ficava ao lado do museu recaiu sobre o jardim. Sua mão tocou o cabelo dela enquanto ele ajudava, e foi difícil ele se segurar e não acariciar aquele rosto tão familiar e perdido para ele há tanto tempo.

Ela falou de sua carreira abandonada nas artes, falou das frustrações e alegrias de ter uma família. Ele podia ver a inquietude nos olhos dela, a persistente sensação de uma vida não vivida plenamente – uma vida, como bem sabia Jeff, que se encerraria em breve. Ele sofreu para não contar a ela tudo o que ela já tinha conquistado em outras vidas.

Então, chegou o momento em que o almoço terminou e a conversa fez uma pausa embaraçosa.

– Então... – ele disse, querendo prolongar o encontro, mas sem saber como. – Isso foi muito agradável.

– Foi mesmo – ela disse, mexendo desconfortavelmente sua colherinha de café.

– Você vem à cidade com frequência?

– Umas duas vezes por mês.

– Talvez nós pudéssemos... – sua voz falhou. Afinal, ele não tinha noção do que estava propondo, e tinha menos certeza ainda de que deveria propor qualquer coisa que fosse entre eles.

– Pudéssemos o quê? – ela perguntou em meio ao silêncio dele.

– Não sei. Talvez ir a outro museu. Ou almoçar outra vez.

Ela continuou mexendo a colher.

– Eu sou casada, sabe...

– Eu sei.

– É que eu não... Quer dizer, eu não...

Ele sorriu e estendeu a ela um guardanapo de papel.

– Para que é isso? – ela perguntou, meio que assustada.

– Para você rasgar em mil tirinhas.

Pamela então começou a rir abruptamente e olhou para ele com uma expressão questionadora.

– Como você sabia que eu...? – e balançou a cabeça de um lado para o outro. – Às vezes eu acho que você pode ler a minha mente. Como quando perguntou se eu já pinteí golfinhos. Eu não tinha te falado que eu adoro baleias e golfinhos.

– Eu só pensei que você talvez gostasse.

Ela rasgou o guardanapo no meio de maneira propositalmente exagerada e olhou para ele com olhos travessos e um ar subitamente resoluto.

– Tem uma exposição do Jack Youngerman no Guggenheim – ela disse. – Talvez eu volte para vê-la na semana que vem.

O odor quente e selvagem do sexo ficou impregnado nele e permeava o quarto inteiro com seu aromático catálogo de lembranças. Aquela essência docemente pungente trouxe de volta vívidas recordações das noites sob os cobertores grossos na cabana do córrego Montgomery, dos dias ensolarados no deque do iate em Florida Keys, de manhãs de domingo envoltas em lençóis na suíte dos dois no Pierre... e finalmente das tardes, um ano de tardes roubadas ali mesmo naquele apartamento.

Jeff olhou para o rosto dela em seu peito, os olhos fechados e os lábios levemente separados como os de uma criança que dorme. Em sua mente, vieram de forma espontânea as linhas do *Bhagavad-Gita* que ela um dia tinha declamado com tanta intensidade, naquela noite havia tempos em sua casa no Cânion Topanga:

*Tanto você como eu, Arjuna, já vivemos muitas vidas  
Posso lembrar-me de todas; você, no entanto, não pode.*

Pamela se espreguiçou nos braços dele e fez um som sem palavras expressando contentamento ao se esticar, com o corpo roçando no dele como se fosse um gato buscando agrado.

– Que horas são? – ela perguntou, bocejando.

– Seis e vinte.

– Ah, diabos... – ela disse, sentando-se na cama. – Eu tenho de ir rápido.

– Você vai vir de novo na terça?

– Minha aula foi cancelada, mas... eu não falei nada lá em casa. Aí a gente pode passar o dia todo juntos.

Jeff sorriu, tentando parecer satisfeito. Terça que vem. O dia todo juntos. Ecos vagos e agrídoces daquilo que um dia já tinha sido; mas claro que ela não tinha como saber.

– Talvez então eu possa terminar a pintura – ela disse, saindo da cama e recolhendo suas roupas espalhadas.

– Quando é que eu vou poder ver?

– Só quando estiver pronta. Você prometeu não olhar.

Ele assentiu, sentindo-se um pouco culpado por ter dado uma espiada na tela coberta no dia anterior. O talento dela tinha progredido bastante naquele ano, desde que ela voltara a pintar com regularidade e começara a ter aulas de composição avançada no curso de graduação da NYU. Mas ela nunca teria novamente toda aquela habilidade, os lampejos de imaginação e brilhantismo que demonstrara em outras vidas condenadas a não ser lembradas.

A pintura que ela já estava quase acabando era um estudo dos dois nus, de mãos dadas, rindo e correndo por um túnel ensolarado cheio de luz branca e treliças cobertas de videiras. Jeff ficou comovido com a simplicidade, com a ingenuidade dos espíritos livres e alegres ali retratados. Era uma pintura de uma artista que só recentemente começara a amar e que ainda não tivera a chance de testar os limites daquele amor e da própria vida.

O tempo que eles passavam juntos desde aquele primeiro encontro não planejado no museu era sempre inescapavelmente restrito: uma tarde ou duas por semana ali no apartamento dele, um raro pernoite quando ela dizia ao marido que queria ficar na cidade para ver um show ou uma peça, e uma única vez, só uma, em que eles puderam passar o fim de semana inteiro juntos em Cape Cod. Ela disse à família que estava em Boston, visitando uma amiga da faculdade.

A possibilidade de divórcio foi aventada uma vez, de forma bem breve, mas Jeff sabia que ela não estava pronta para dar um passo tão drástico.

Havia mais limitações ao que lhes era permitido partilhar do que ela poderia imaginar, uma clara linha que demarcava o que um sabia do outro. Pamela parecia perceber isso às vezes, vagamente, fosse em um olhar de Jeff ou em uma conversa pausada de repente.

Ele a amava, amava de verdade pelo que ela era naquele momento, e não meramente como um reflexo daquelas outras Pamelas das outras existências. Mas, ainda assim, os olhos incautos dela representavam um lembrete constante de tudo o que já havia acontecido entre eles, e isso maculava tudo o que estavam passando com uma persistente melancolia.

Ela acabara de se vestir e estava tirando fiapos de tecido de seus cabelos lisos e finos. Quantas vezes ele já a havia visto fazer aquilo em tantos e tantos espelhos? Mais vezes do que ela poderia imaginar, ou do que ele teria se preocupado em lembrar.

– Te vejo na semana que vem – Pamela disse, inclinando-se para dar nele um beijo enquanto pegava a bolsa no criado-mudo. – Vou tentar pegar o metrô mais cedo.

Ele retribuiu o beijo e segurou o rosto brilhante dela entre as mãos por um longo momento, pensando nos anos, nas décadas, nas esperanças e nos planos que tinham tido em suas vidas, tudo aquilo que fora realizado e tudo o que fora impedido de se realizar.

Mas, na semana que vem, eles teriam o dia todo juntos, um dia de afeição no começo da primavera. Era algo a almejar.

O primeiro sopro do inverno veio pelos lados do lago, fazendo tremer as folhas vermelhas e amarelas das árvores em Cherry Hill. A fonte no canteiro central borbulhava com suas águas gélidas quando Jeff e Pamela passaram por ela rumo às graciosas curvas da ponte Bow, no Central Park.

Do outro lado da ponte, vagaram para o norte seguindo a plataforma de madeira do Ramble e margeando o lago à sua esquerda. Pássaros que se contavam às centenas gorjeavam animados à sua volta, preparando-se para sua longa jornada rumo ao sul.

– Não seria ótimo se a gente pudesse ir junto com eles? – disse Pamela, abraçando Jeff enquanto eles andavam. – Voar para alguma ilha ou para a América do Sul...

Ele não respondeu, apenas a puxou para mais junto dele, com um braço em torno da cintura dela, de maneira protetora. O problema é que ele sabia, com amarga certeza, que não poderia oferecer a proteção necessária com relação àquilo que logo aconteceria a ambos.

Na margem norte do lago, pararam sobre a ponte Balcony e se puseram a observar o bosque que ficava abaixo, com a água refletindo as torres de Manhattan que circundavam o parque.

– Adivinha...? – Pamela sussurrou com o rosto colado ao dele.

– O quê? – ele respondeu.

– Eu disse para o Steve que vou visitar minha amiga da faculdade em Boston de novo na semana que vem. De sexta até segunda. Então, nós podemos mesmo ir para algum lugar mais longe, se você quiser.

– Isso é... é ótimo.

Não havia mais nada que ele pudesse dizer; seria o cúmulo da crueldade contar a ela o que ele sabia: que aquele era o último dia em que eles se veriam na vida. Na terça-feira seguinte, dali a cinco dias, o mundo de ambos deixaria de existir para sempre.

– Você não parece muito animado com a ideia – ela disse com um muxoxo.

Jeff tentou armar um sorriso que mascarasse a dor e o medo. Só poderia deixar que ela acreditasse inocentemente que ainda havia anos a ser vividos; ali, perto do fim de tudo, o maior presente que ele podia dar a ela era uma mentira.

– Não, é maravilhoso – ele disse com falso entusiasmo. – Só fiquei surpreso, só isso. Nós podemos ir para qualquer lugar que você quiser. Qualquer um. Barbados, Acapulco, Bahamas... É só falar.

– Eu não me importo para onde – ela disse, aninhando-se junto dele –, desde que seja quente, tranquilo e que eu esteja com você.

Se ele falasse mais qualquer coisa, sabia que sua voz entregaria a verdade sem querer. Em vez disso, ele a beijou, tentando transformar toda

a tristeza que lhe abatia o coração em uma expressão derradeira de tudo o que ele sentira por ela em todo aquele tempo, tudo o que eles...

Foi então que ela deu um gemido inesperado e seu corpo subitamente amoleceu junto ao dele. Ele a segurou pelos ombros, evitando que ela caísse no chão.

– Pamela? Deus, não. O que...?

Ela se recompôs rapidamente, a cor voltando ao rosto. Olhou para ele, chocada.

– Jeff? Ah, meu Deus, Jeff!

Estava tudo lá de volta naqueles olhos arregalados, toda a compreensão, a consciência e as lembranças. O conhecimento e a angústia acumulados em oito vidas se mostraram no rosto dela e fizeram-na arquear os lábios confusa.

Ela olhou em volta, viu o parque e os contornos de Nova York. Seus olhos se encheram de lágrimas e voltaram a fixar os de Jeff.

– Eu não ia... Era para isso ter acabado!

– Pamela...?

– Em que ano nós estamos? Quanto tempo nós temos?

Ele não tinha como esconder; ela tinha de saber.

– Já é 1988.

Ela olhou para as árvores, as folhas alaranjadas em torno deles.

– Nós já estamos no outono!

Ele ajeitou os cabelos dela, que se desarrumavam com o vento, desejando que pudesse mudar a verdade por um momento; mas o fato é que não tinha como ele negar.

– É outubro – disse gentilmente. – Dia 13.

– São só... São só mais cinco dias!

– Isso.

– Mas não é justo! – ela lamentou. – Eu me preparei tanto da última vez. Quase consegui aceitar que... – e então interrompeu o que estava falando e olhou para ele com assombro. – O que nós estamos fazendo aqui juntos? – perguntou. – Por que eu não estou na minha casa?

– Eu... Eu tinha de ver você.

– Você estava me beijando – ela disse em tom acusatório. – Você estava beijando ela, a pessoa que eu era antes!

– Pamela, eu pensei que...

– Não me importa o que você pensou – ela disse ríspidamente, empurrando-o para longe. – Você sabia que não era eu de verdade! Como você pôde fazer uma coisa tão... perversa assim?

– Mas era você – ele insistiu. – Não tinha todas as lembranças, claro, mas ainda era você e nós ainda...

– Eu não acredito que você está dizendo isso! Há quanto tempo isso estava acontecendo, quando é que você começou isso?

– Já faz quase dois anos.

– Dois anos! Você estava... me usando, como se eu fosse um objeto qualquer, como se eu fosse...

– Não, não tinha nada disso, não era nem um pouco assim! A gente se amava de verdade, e você começou a pintar de novo e voltou a ir à faculdade...

– Não me importa o que eu fiz! Você me seduziu e me afastou da minha família, e me enganou... e sabia exatamente o que estava fazendo e o que dizer pra me influenciar e... controlar a minha vida!

– Pamela, por favor... – ele tentou tocar o braço dela para acalmá-la e fazê-la entender. – Você está distorcendo tudo, você não...

– Não encosta em mim! – ela gritou, saindo da ponte onde eles se abraçavam minutos antes. – Só me deixe em paz e me deixe morrer! Deixe nós dois morrermos e acabarmos de vez com isso!

Jeff tentou pará-la enquanto ela corria para longe, mas ela sumiu. A última esperança que ele tinha em sua última vida tinha ido embora, perdida no caminho para a rua 77 em meio à cidade anônima que a todos consome... rumo à morte, a uma morte inescapável e imutável.

## Vinte e um

Jeff Winston morreu sozinho; mas ainda assim sua morte não era definitiva. Ele acordou em sua sala na WFYI, justo onde a primeira de suas muitas vidas tinha se encerrado abruptamente. Os horários dos repórteres estavam pregados na parede, uma foto de Linda em cima da mesa, o peso de papel de vidro que rachara quando sentiu o aperto no peito e deixou cair o telefone tantos e tantos anos antes. Olhou para o relógio digital na prateleira:

12:57 PM – 18 OUT 88

Nove minutos de vida. Não havia tempo para contemplar nenhuma outra coisa que não fosse a dor lancinante e o nada.

Suas mãos começaram a tremer, lágrimas lhe tomaram os olhos.

– Ei, Jeff, a respeito dessa nova campanha... – o diretor de promoções, Ron Sweeney, subitamente apareceu na porta aberta da sala, olhando para

ele. – Jesus, você está mais branco que um papel! Tem alguma coisa errada?

Jeff olhou de novo para o relógio.

1:02 PM – 18 OUT 88

– Saia daqui, Ron.

– Você quer que eu pegue um Alka-Seltzer ou alguma outra coisa? Quer que eu chame um médico?

– Sai já daqui!

– Ei, me desculpa, eu só estava... – Sweeney saiu se desculpando e fechou a porta.

Os tremores nas mãos de Jeff chegaram aos ombros e depois às costas. Ele fechou os olhos, mordeu o lábio e sentiu gosto de sangue.

O telefone tocou. Ele atendeu com a mão trêmula, completando o vasto ciclo que tinha começado tantas vidas atrás.

– Jeff – Linda disse do outro lado. – Nós precisamos...

O martelo invisível então golpeou seu peito, matando-o novamente.

E ele acordou de novo e olhou em pânico para os dígitos vermelhos brilhando do outro lado da sala.

1:05 PM – 18 OUT 88

Ele jogou o peso de papel no relógio, destruindo a frente retangular de plástico. O telefone tocou e continuou tocando. Jeff abafou o som com um grito, um uivo animalesco sem palavras, e então morreu, e aí acordou novamente com o telefone já na mão, e ouviu Linda falando e morreu de novo, e de novo, e de novo; acordava e morria, a consciência e o vazio se alternando quase mais rápido do que ele conseguia perceber, sempre se centrando no momento daquela primeira dor excruciante em seu peito.

A mente torturada de Jeff clamava por alívio, mas não conseguia nada; tentava escapar, fosse por meio da loucura ou do esquecimento eterno, nem importava. Mas ele ainda via tudo, e ouvia e sentia, e estava ciente de

todo o tormento, suspenso sem trégua na terrível escuridão da não morte e da não vida, no eterno e paralisante instante de sua morte.

– Nós precisamos... – ele ouviu Linda dizer – ...conversar.

Havia uma dor em algum lugar. Ele levou um momento para identificar onde era: sua mão, que estava rígida em uma garra que segurava o telefone. Jeff relaxou a pegada e a dor na mão suada passou.

– Jeff? Você ouviu o que eu disse?

Ele tentou falar, mas não saiu nada, a não ser um som gutural meio parecido com um lamento ou um grunhido.

– Eu disse que nós precisamos conversar – Linda repetiu. – Nós precisamos sentar os dois e ter uma discussão honesta a respeito do nosso casamento. Não sei se dá para resgatar alguma coisa nesse ponto em que está, mas acho que vale a pena tentar.

Jeff abriu os olhos e olhou para o relógio na prateleira.

1:07 PM – 18 OUT 88

– Você vai responder alguma coisa? Você entende como isso é importante para nós?

Os números no relógio mudaram silenciosamente, pulando para uma e oito.

– Sim – ele disse, esforçando-se para formar as palavras. – Eu entendo. Nós vamos conversar.

Ela deu um longo e vagaroso suspiro.

– Já deveríamos ter feito isso, mas acho que ainda é tempo.

– Vamos ver.

– Você acha que consegue chegar mais cedo em casa hoje?

– Eu vou tentar – Jeff disse, com a garganta fechada e seca.

– Então a gente se vê quando você chegar – Linda disse. – Nós temos muito para conversar.

Jeff desligou o telefone, ainda encarando o relógio, que então mudou para uma e nove.

Ele pôs a mão no peito e sentiu as batidas do coração. Vivo. Ele estava vivo, e o tempo tinha voltado a correr normalmente.

E ele alguma vez tinha mesmo parado? Talvez ele tivesse sofrido um ataque cardíaco leve, apenas forte o suficiente para jogá-lo em uma alucinação. Não era algo de todo desconhecido; ele mesmo já tinha feito a analogia de um homem se afogando que vê os eventos de sua vida sendo reprisados à sua frente, e de certa forma esperava que algo assim fosse acontecer quando a dor o atingiu. O cérebro era capaz de coisas prodigiosas envolvendo fantasia e a compressão ou expansão do tempo, especialmente em um momento de aparente crise de vida ou morte.

“Mas é claro”, ele pensou, e enxugou as sobrancelhas suadas com alívio. Fazia todo o sentido do mundo, muito mais do que acreditar que ele tivesse mesmo passado por todas aquelas vidas e experimentado todo aquele...

Jeff olhou de novo para o telefone. Só havia um jeito de saber com certeza. Sentindo-se meio bobo, ligou para o auxílio à lista do condado de Westchester.

– Qual cidade, por favor? – perguntou a telefonista.

– New Rochelle. Deve estar em nome de... Robison, Steve ou Steven Robison.

Fez-se uma pausa e ouviu-se um estalo na linha, e então uma voz gerada eletronicamente falou o número em tom monótono.

Talvez ele já tivesse ouvido o nome daquele homem em algum lugar, pensou, talvez em alguma notícia de pouca importância. Teria ficado guardado lá em sua cabeça e se misturado sutilmente à sua alucinação semanas ou meses depois.

Ele discou o número que o computador lhe dera. Atendeu a voz de uma menina, fanha pela congestão nasal.

– A sua... hã, mãe está? – Jeff perguntou a ela.

– Só um minuto. Mamãe! Telefone!

A voz de uma mulher apareceu do outro lado, abafada e distorcida, como que sem fôlego.

– Alô? – ela disse.

Era difícil dizer o que se passava. Ela estava respirando curta e rapidamente.

– Quem fala é... Pamela Robison? Pamela Phillips?

Silêncio. Até a respiração parou.

– Kimberly – disse a mulher. – Pode desligar aí. Está na hora de você tomar outro remédio para gripe e xarope.

– Pamela? – Jeff disse quando a menina pôs o telefone no gancho.

– Aqui é...

– Eu sei. Olá, Jeff.

Ele fechou os olhos, inspirou bem fundo, enchendo os pulmões, e então soltou o ar vagorosamente.

– Aquilo tudo... aconteceu, então? Tudo aquilo? O *Starsea*, e córrego Montgomery e o Russel Hedges? Você sabe do que eu estou falando?

– Sei. Eu mesma não tinha certeza se era tudo verdade até ouvir a sua voz agora. Meu Deus, Jeff, eu comecei a morrer diversas vezes seguidas e foi tão rápido e...

– Eu sei. A mesma coisa aconteceu comigo. Mas, antes disso, você se lembra mesmo de todas as coisas que nós passamos juntos, de todas aquelas vidas?

– De cada uma delas. Eu fui médica e depois artista... E você escreveu livros... E nós...

– Nós voamos.

– Isso também – ele a ouviu dizer em meio a um suspiro, um som comprido que parecia tomado de arrependimento, cansaço e outras coisas.

– Sobre aquele último dia, no Central Park...

– Eu pensei que seria minha última vez. Pensei que você tinha... acabado. Para sempre. E eu tinha de estar com você no fim, mesmo que fosse só... uma parte de você que não me conhecia de verdade.

Ela não disse nada e, depois de alguns segundos, o silêncio se interpôs entre eles da mesma forma como todos aqueles anos tinham feito.

– O que nós fazemos agora? – Pamela finalmente perguntou.

– Eu não sei – disse Jeff. – Eu ainda não estou conseguindo pensar direito. Você está?

– Não – ela admitiu. – Eu não sei o que seria melhor para nós dois no momento – e então fez uma pausa hesitante. – Sabe, Kimberly ficou em casa hoje de cama e não foi à aula. É por isso que ela atendeu o telefone. Mas não é só porque ela está gripada. Hoje é o dia seguinte à primeira menstruação dela. Eu morri justamente quando ela estava se tornando uma mulher. E agora...

– Eu entendo – ele disse.

– Eu nunca a vi crescer. O pai dela também não. E Christopher está para começar o ensino médio... Estes anos são tão importantes para eles.

– É cedo demais para qualquer um de nós traçar planos definitivos – Jeff disse. – Tem coisa demais que a gente precisa absorver e resolver dentro da cabeça.

– Eu só fico feliz de saber que... eu não imaginei aquilo tudo.

– Pamela... – ele lutou para encontrar as palavras com as quais pudesse expressar o que sentia. – Se ao menos você soubesse quanto...

– Eu sei. Você não precisa mais me dizer.

Ele desligou o telefone calmamente e ficou olhando para ele por um bom tempo. Era possível que eles já tivessem passado por coisas demais juntos, já tivessem visto e sabido de muito mais do que podiam entender do mundo. Ganharam e perderam, tiveram nas mãos e deixaram ir embora...

Pamela uma vez dissera que eles só tinham feito as coisas serem diferentes, mas nunca melhores. Não era inteiramente verdade. Algumas vezes, as ações deles tinham tido efeitos positivos tanto para eles próprios quanto para o resto do mundo; algumas vezes, também negativos, mas, na maior parte, nem uma coisa nem outra. Cada vida daquelas tinha sido diferente, assim como cada escolha sempre cria diferenças, com resultados ou efeitos imprevisíveis. E, ainda assim, essas escolhas precisam ser feitas, Jeff pensou. Ele tinha aprendido a aceitar as potenciais perdas, na esperança de que estas fossem sobrepujadas pelos eventuais ganhos. O único fracasso certo, pelo que ele sabia, e o mais grave, seria nunca tentar nada.

Jeff olhou para cima de novo e viu seu próprio reflexo no vidro fumê das prateleiras: mechas cinzentas nos cabelos, bolsas de cansaço sob os

olhos, vincos finos começando a se formar em sua testa. Nada daquilo jamais voltaria atrás, nenhuma daquelas marcas da idade; elas só iriam se aprofundar e se espalhar mais, como novos hieróglifos da juventude perdida escritos inexoravelmente em sua face e em seu corpo a cada ano que passava.

Mesmo assim, ele observou, os anos seriam todos novos em folha, seriam uma mutante coleção de eventos e sensações imprevisíveis que tinham sido negados a ele até aquele momento. Novos filmes, novas peças, novos desenvolvimentos tecnológicos, novas canções – Deus, como ele desejava ouvir uma música, qualquer música, que nunca tivesse ouvido antes!

O ciclo incompreensível no qual ele e Pamela tinham sido jogados se mostrara na verdade uma forma de confinamento, não de libertação. Eles tinham se deixado levar pelo enganador comodismo de só prestar atenção às opções futuras, assim como fez Lydia Randall, que, em sua esperança cega de pessoa jovem, presumiu que todas as escolhas da vida estariam eternamente à disposição dela. “Nós temos bastante tempo”, Jeff a ouviu dizer, e então suas próprias palavras para Pamela ecoaram em sua cabeça: “Da próxima vez... Da próxima vez...”

Agora, tudo era diferente. Não era mais “Da próxima vez...”, nem haveria mais nada daquilo; só existia esta vez, só este tempo limitado sobre cujas direções e consequências Jeff nada sabia. Ele não desperdiçaria nem desvalorizaria nenhum momento dele.

Jeff ficou de pé e caminhou para fora de sua sala até a movimentada redação. Havia uma grande mesa central em forma de U à qual Gene Collins, o editor da tarde, estava sentado, rodeado por terminais de computador que piscavam a todo momento com atualizações vindas da AP, da UPI e da Reuters, e também monitores de televisão ligados na CNN e nas três maiores redes, além de um console de comunicações para fazer contato com os repórteres da estação que estavam em campo e com os correspondentes em Los Angeles, Beirute, Tóquio...

Jeff sentiu aquilo passar pelo seu corpo, o frescor eletrizante de um mundo mais uma vez imprevisível ao redor de si. Um dos redatores passou

correndo para entregar um boletim urgente na cabine de locução. Alguma coisa importante tinha acontecido, talvez algo até desastroso ou uma descoberta maravilhosa que beneficiaria toda a humanidade. O que quer que fosse, Jeff sabia que seria novidade para ele assim como para todas as outras pessoas.

Ele conversaria com Linda aquela noite. Ainda que não tivesse certeza do que diria, ele devia pelo menos isso a ela e a ele mesmo. Na verdade, não tinha certeza de nada, e perceber isso o deixou ainda mais animado e ansioso. Ele poderia tentar de novo com Linda, poderia algum dia voltar a ver Pamela, poderia mudar de carreira. A única coisa que importava era que os vinte e cinco anos, mais ou menos, que ele ainda tinha pela frente seriam dedicados a uma vida totalmente sua, para viver da forma como ele escolhesse, de acordo com seus interesses. Nada era mais importante do que isso, nem o trabalho, nem as amizades nem qualquer relacionamento com mulheres. Aqueles eram todos componentes de sua vida, coisas que com certeza eram valiosas, mas que não definiriam nem controlariam os rumos que ele quisesse tomar. Isso ficaria a cargo dele e somente dele.

Jeff sabia que as possibilidades eram infinitas.

## Epílogo

Peter Skjøren acordou com a lembrança nítida de ter sofrido um choque e uma dor lancinante. Ele antes estava na República Bantu a trabalho, almoçando com o vice-ministro do comércio em Cidade Mandela quando... morreu. Caiu para a frente ali mesmo na mesa, derrubando sua bebida na calça do representante do governo – algo que ele notou imediatamente e pelo qual até teve tempo de se sentir envergonhado, ainda que tenha sentido aquela pressão esmagadora em seu peito e então... era só a escuridão com bordas vermelho-escuro, e mais nada.

Até agora. Na loja localizada na Karl Johansgate, em Oslo, sua cidade natal, onde ele descobriu suas habilidades mercantis e onde, pela primeira vez, exerceu sua vocação para o comércio.

Era a mesma loja que tinha sido demolida para a construção de um prédio de apartamentos vinte anos antes.

Peter abriu o livro contábil sobre sua mesa, viu a data, olhou para as mãos e as viu jovens e macias, sem aliança.

Nada havia acontecido ainda. Nem a avalanche na Suíça que tinha levado seu filho Edvard, nem as depressivas noites de melancolia que tinham jogado sua esposa Signe em uma espiral sem fim de alcoolismo. Não tinha mais filho nem esposa; tinha apenas um futuro brilhante cujos altos e baixos ele conhecia intimamente, podendo se aproveitar da situação conforme ela surgisse.

Aqueles anos, tão familiares e há muito idos, de 1988 a 2017, eram dele para ser vividos outra vez, já conhecendo de antemão todos os erros que cometera. Desta vez, Peter Skjøren jurou, ele faria tudo certo.